This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.

+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.

+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.

+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

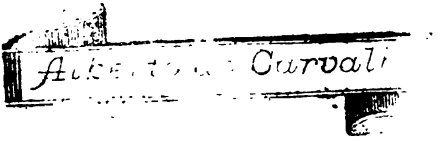
Port 4102.4

HARVARD
COLLEGE
LIBRARY

MEMORIAS

DE

LITTERATURA CONTEMPORANEA



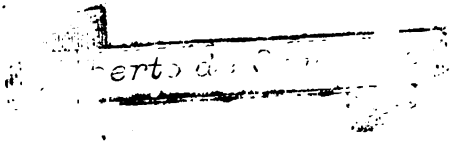
MEMORIAS

DE

LITTERATURA CONTEMPORANEA

POR

A. P. LOPES DE MENDONÇA



LISBOA

TYPOGRAPHIA DO PANORAMA

TRAVESSA DA VICTORIA, 52

1855

Port 4102.4

[illegible]
[illegible] OF SANTA [illegible]
[illegible]LLE[illegible]TION
[illegible]IFT OF
[illegible]N & STE SON, [illegible]
30 Aug., 1922

26.14
49.8
15

Aos seus amigos

D. Antonio de Menezes

e

D. João de Menezes,

Offerece

A. P. Lopes de Mendonça.

PROLOGO.

PODERIAMOS ter a vangloria de estampar na frente d'esta obra — 2.ª edição — se por ventura ella não fosse quasi inteiramente diversa da que publiquei sob o titulo de — *Ensaios de Critica e Litteratura.*

Esses capitulos soltos, escriptos para o folhetim de um jornal, de que ha muitos annos sou collaborador — *A Revolução de Setembro* — eram evidentemente um ensaio, e mal poderiam corresponder ás condições, que a critica hoje exige na litteratura moderna.

A edição esgotou-se entretanto com extrema rapidez. Nove mezes depois de impressa, já poucos exemplares restavam.

Este successo, não vulgar na nossa terra, obriga-me, independente de outras razões, a refundir o primeiro trabalho, augmentando-o, corrigindo-o, transformando-o, e pro-

curando pôl-o a par d'este genero de publicações nos outros paizes.

Tive de mudar-lhe milhares de allusões politicas, de proclamações mais ou menos enthusiasticas, que destoavam da idéa litteraria, que devia dirigil-o; accrescentei-lhe muitos capitulos novos, tentando dar-lhe a unidade de pensamento, de que evidentemente carecia.

Para que os leitores se compenetrem do espirito com que eu havia composto o primeiro livro, citarei parte do prologo:

«Este livro é o resultado das locubrações espontaneas e quasi improvisadas do jornalismo. Se é possivel que tenha algum merecimento, é apenas o de reflectir os estudos de um mancebo de vinte e um annos, que não duvida de si, nem do paiz que o viu nascer.

«Ninguem aprecia o que se consome de coragem e de esforço para resistir ás lutas que assaltam qualquer vocação litteraria. É um longo poema de soffrimento, que nem tem o merito da novidade. O mundo só se lembra das agonias do escriptor, quando ellas se terminam por uma sanguinolenta catastrophe. Desde Camões morrendo n'um hospital, até Garção encerrado dentro de uma masmorra, ha mais de um exemplo eloquente, para accusar a sociedade, madrasta que não acolhe o talento senão quando elle brilha com a sua propria gloria. Não fallo por mim: sou o minimo de toda essa geração intelligente, de que a nossa terra se ensoberbece: se a não igualo nos dons do entendimento, resta-me ao menos a triste consolação de a exceder nas amarguras do destino. O pouco que sou, devo-o á energia da minha vontade, e á estima de alguns raros amigos: mais

desgraçado do que Savage, nem mesmo achava ás vezes nas ruas o papel que devia receber as minhas inspirações. E que importa ao mundo como eu me creei, e se soffri? Nem quero que se importe: não lhe peço desculpa, porque tenho consciencia do que valho. Se lanço estas linhas á imprensa, é porque julgo que ellas têem uma tal ou qual valia: posso enganar-me, mas não é por falta de orgulho. Os protestos de modestia tenho-os ha muito como documentos de hypocrisia. Eu não me faria escriptor, se não acreditasse como André Chénier no: « *J'ai quelque chose là!* » .....

.....

Nada faltava como vêem: desde a certidão de idade, que ninguem me pedia, até ao grito orgulhoso contra a sociedade, que é o *bode expiatorio* de todos os rancores litterarios.

Depois, reproduzia, pela centesima vez, a minha profissão de fé politica, avivada de todas as esperanças, que então tão promettedoras raiavam no horisonte da democracia.

Se omitto hoje tudo isto, não o attribuam a uma modificação de principios. Creio e sinto o mesmo ainda: contemplo é verdade com menos enthusiasmo os homens e os acontecimentos, calculo com mais reflexão e frieza os movimentos que agitam a sociedade moderna; mas se vejo mais affastado o dia da grande conversão politica e social, nem por isso acredito menos no poder das idéas regeneradoras, e na influencia das doutrinas humanitarias.

Mas uma cousa é comprehender a dupla e inevitavel acção dos dogmas politicos sobre as revoluções litterarias, e das revoluções litterarias sobre os dogmas politicos, outra

cousa é misturar assumptos tão diversos sem um certo tacto e prudencia, passando indistinctamente da critica para a declamação, e baralhando as opiniões litterarias com as coleras e vehemencias da satyra politica.

Fui severo agora comigo mesmo. Sem deixar de fazer antever o quanto a litteratura predomina nos destinos sociaes, o quanto ella se modifica e se engrandece com o expectaculo das crises politicas, omitti todas as considerações parasitas, que por assim dizer, incommodavam o texto.

A dedicatoria, que nos *Ensaios de Critica e Litteratura*, inseri, como homenagem de amisade sincera, e de intimo reconhecimento, com mais razão renovo agora, depois de quatro annos de uma convivencia não interrompida, que firmou mais, se é possivel, o sentimento que me obrigou a «estampar na frente d'este livro dous nomes, irmãos no sangue, e irmãos na profunda affeição que lhe consagrâmos.»

Não penso, como disse então, que se devam negar ao publico «as aspirações que nos aproximam da arte pelos mysterios do coração»: nada ha mais doce, ao contrario, na vida litteraria do que associar á pouca ou muita gloria que possa ter um livro, os nomes de pessoas queridas, que em tempos de duvida e de asperas provas, deram affecto e conforto, conselhos e esperança, ao que apenas debilmente denunciava a sua vocação futura.

9 de Agosto de 1853.

LOPES DE MENDONÇA.

INTRODUCÇÃO.

A POESIA E O SECULO.

Cartas ao doutor Thomaz de Carvalho.

I.

Não crêmos sinceramente que a poesia actual seja menos rica e fecunda do que a poesia de outras épocas, e que a historia moderna se preste menos a inspirar a imaginação dos que se sentem irresistivelmente attrahidos para as letras.

Não pensâmos que a poesia se despenhe no abysmo, e que a litteratura degenere em *litteratura piegas e choramingas*, como por ahi vimos escrever, com mais espirito, do que imparcialidade critica.

A avaliarmos o estado da nossa civilisação, o atrazo em todos os ramos de administração e de governo, contemplando os mil embaraços que suspendem o talento no exercicio da sua propria vocação, é admiravel, ao contrario, o expectaculo do nosso movimento litterario, que vae insensivelmente transformando a sociedade portugueza.

É em nome da situação excepcional, em que vivem as letras n'um paiz, que mal acorda aos gosos moraes que a litteratura produz, que a critica não póde ser austera sob pena de se tornar absurda.

Mas, em todo o caso, quem póde obrigar o poeta a deixar de percorrer o circulo fatal da sua vocação? Quem o póde julgar definitivamente antes de o ouvir tanger, uma

após outra, as cordas da sua lyra? Quem ha de condemnal-o quando elle obedece ás tendencias do seu seculo, e procura cantar e comprehender as idéas que aspira na atmosphera, que prestigiosamente o rodeia?

Meu caro, Werther, René, não são um capricho da imaginação individual: são um grito eloquente do genio da humanidade: se Goethe e Chateaubriand se não houvessem pintado senão a si mesmos, se aquelles soffrimentos não existissem disseminados por muitos corações, se aquelles sonhos não agitassem muitas outras cabeças, não teriam rapidamente conquistado essa popularidade, nem produzido esse enthusiasmo, que os engrandece, aos olhos da historia litteraria.

A felicidade d'elles é haverem sido opportunos: é haverem engastado n'um monumento a idéa, que labios menos eloquentes balbuciavam nas horas mortas da noute, que confiavam ao murmurio da corrente, aos gemidos da floresta agitada pelo vento, ás desoladas campinas crestadas pelo inverno: a Providencia entrega a esses talentos predestinados o verbo intimo da humanidade, como ás mãos audaciosas do homem politico superior o sceptro omnipotente que deve conduzir as populações, durante as crises de uma transformação social.

Expirou por acaso essa idéa? O desgosto da vida, a funebre e angustiosa amargura que devora certas organisações, não apparecerá de novo no peito d'estas gerações que despontam agora? Os poetas, traduzindo bem ou mal essas impressões pungentes, bebendo mesmo n'essas fontes o segredo do seu padecer, intentarão apenas *o trabalho inglorio da imitação romanesca, da banalidade sentimental, da litteratura reflexo?*

Litteratura reflexo! Pois a unidade, a força expansiva da civilisação europea, não torna as litteraturas reflexos umas das outras? Não é esse o phenomeno irremissivel das nossas eras?

Antes dos caminhos de ferro, da imprensa, dos vapores, dos telegraphos electricos, já Corneille e Molière se

tornavam *reflexos* da litteratura hespanhola: Marini creava o gongorismo em Hespanha, e, pelo contagio, em Portugal, e inspirava as nauseantes reuniões do Hotel Rambouillet, e do seu *fleuve-du-tendre:* a Inglaterra, a nação original, a patria de Milton e Shakespeare, com Dryden, Addisson, Pope e outros, não se tornava o *reflexo* de litteraturas estranhas?

Chateaubriand, como sabes, só concede a seis escriptores o foro de genios dominadores (1).

« Homero, diz elle, fecundou a antiguidade: Eschylo, Sophocles, Euripides, Aristophanes, Horacio, Virgilio, são seus filhos. Dante concebeu a Italia moderna, desde Petrarca até Tasso. Rabellais creou as letras francezas; Montaigne, Lafontaine, Molière, procedem da sua descendencia. A Inglaterra é toda Shakespeare, e até, n'estes ultimos tempos, prestou a sua lingua a Byron, o seu dialogo a Walter Scott. »

Pois bem! Ha duas tendencias invenciveis na litteratura, em todas as litteraturas; a primeira é de enriquecer-se, em certas origens; a segunda, e é essa do nosso tempo, é de se apropriar rapidamente do espirito, da substancia que as outras nações periodicamente elaboram.

Queres atacar este vicio? Lança aos livros parte do facho, de que Omar se serviu para reduzir a cinzas a bibliotheca de Alexandria: diz que o vapor, que os caminhos de ferro, que os telegraphos, que a imprensa desappareçam, para que cada nação cultive o seu proprio espirito, isolado das outras. Meu querido, essas appellações para a nacionalidade litteraria são estereis, e não passam de um *logar commum;* poderia proval-o com o proprio *Romanceiro,* que o sr. Almeida Garrett ainda recentemente publicou.

É tão evidente que o influxo das litteraturas actua perpetua e reciprocamente sobre o talento individual, que eu farei duas perguntas.

---

(1) Essai sur la litterature anglaise.

Escreveria o sr. Almeida Garrett o seu precioso *Camões*, como o escreveu, se não tivesse lido o *Corsario*, e o *Child Harold* de Byron? Teria o sr. Alexandre Herculano concebido o seu *Monge de Cister*, com aquella magestosa e imponente fabrica, se Walter Scott não nos houvesse dado o modelo do romance historico?

Dous dos maiores poetas modernos — Byron e Lamartine — não se lhes conhece o parentesco com os escriptores do seculo passado?

Não ressumbra nos cantos de *D. Juan* o espirito sarcastico e acerbo do *Candido* de Voltaire? Não ha um perfume da Julia d'Étange na *Nova Heloisa* de Rousseau, de *Paulo* e *Virginia* de Bernardin de S. Pierre, no amante immortal da *Elvira* das *Meditações*, da *Graziella* das *Confidencias?*

Quando as accusações se tornam tão geraes, quando nascem, não só da insufficiencia individual, mas do espirito da época, é melhor omittil-as. A pedra sáe da funda, e vem ferir, não os humildes, mas os poderosos.

Para apreciar a poesia, e os poetas, é força considerar o tempo em que elles vivem, as idéas a que elles inevitavelmente hão de prestar homenagem, as difficuldades que elles não podem repudiar, pela mera energia da sua vontade.

A poesia blasphema, porque se vê incomprehendida. A poesia geme, porque soffre: a poesia entrega-se a um *egotismo* monotono, porque vê entre si e o mundo um abysmo, que não póde galgar, sem renegar das suas esperanças, sem desfolhar todas as suas illusões.

Poderá ella tornar-se épica, e cantar as evoluções das minorias e maiorias, os assoprados discursos dos oradores parlamentares, as farças mais ou menos corruptas do governo representativo? Poderá ella pedir inspirações á industria, descrever a respiração ruidosa das machinas de vapor, extasiar-se perante o tecido dos estofos, o transparente dos crystaes, o pulido das rodas dentadas?

Ha de tambem, n'uma sociedade materialista, e cubi-

çosa extasiar-se, aspirando o perfume das candidas corôas de virgem, e revelar ao mundo o mysterio de poeticos amores, quando o casamento é um contrato commercial, um dos aspectos da avidez humana?

E Lamartine, e Beranger, e Victor Hugo, e Alfred de Vigny, e Alfred de Mussett, me dirás tu?

Eu escolherei d'entre todos estes nomes, um nome, por quem professo a mais sincera e cordeal admiração: nome illustre, que apezar dos seus erros politicos, eu saudo como uma das glorias do nosso seculo: Alphonse de Lamartine.

Esse tambem veiu a tempo como Chateaubriand. A data das *Meditações* é dos ultimos annos da restauração. A França, depois de haver esgotado os nectares da liberdade na taça tormentosa da revolução, depois de se haver banhado de gloria e de sangue á sombra da espada omnipotente de Napoleão, repousava nas frouxas e dormentes saudades da legitimidade.

Chateaubriand com o *Genio do Christianismo*, como que resuscitára as crenças desfallecidas, e aproximára os espiritos abatidos das espheras infinitas do céu: o terror, o jugo inflexivel dos *thermidoriens*, a guerra exterior, haviam feito muitas victimas: todos anciavam orar sobre aquelles recentes tumulos, e conceber a immaculada esperança de tornarem a ver tantas sombras queridas!

Só quem não viu de repente finar-se um amigo ou um parente, é que deixa de comprehender esta necessidade irresistivel da alma. Era um genio predestinado, que abria ás gerações afflictas as perspectivas encantadas da immortalidade...

Lamartine aproximava a poesia das inspirações do coração.

J. Jacques Rousseau, Bernardin de S. Pierre eram os seus predecessores, é verdade; mas de que melancolia, de que pudor inviolavel animou elle os suspiros e os desejos do seu coração?

O poeta sentíra, pensára muito: em cada uma d'aquellas strophes gemebundas, plangentes, conhecia-se que a sua

dor era real como as lagrimas, que havia vertido sobre a meza do trabalho.

Estranho quasi ás idéas politicas, ás scenas tormentosas do seu seculo, adivinhava-se o poeta como elle depois se descreveu no *Raphael* e nas *Confidencias:* acariciado nos braços de sua mãe, aprendendo com ella a soletrar os livros santos: umas vezes doudejando nas campinas e nas florestas do seu paiz natal: outras vezes, indo esconder-se n'uma pobre casa de pescadores, nas voluptuosas ribas de Napoles; filho da natureza, embalado ao suave concerto dos beijos e orações maternas, fervido christão n'um seculo de impiedade; corrigindo as impetuosas explosões da sua organisação apaixonada, pela fé angelica na infinita omnipotencia do Creador.

E sabes porque elle desde logo adquiriu uma tão universal estima? É que nas sociedades cultas são as mulheres que coroam ós poetas; é que apezar das cartas de S. Preux, dos gemidos de Paulo, o canto do seu amor era um hymno inesperado, repassado de desejos e ao mesmo tempo casto; finito, real como a imagem de uma mulher; infinito, ideal como as aspirações immortaes do sentimento. As mulheres que rejeitavam com horror o *Sophá* de Crebillon; que não podiam supportar a litteratura pretenciosa do imperio; que não sabiam comprehender a poesia dos affectos nem nas *Liaisons Dangereuses*, nem nas pinturas lascivas do seculo XVIII, saudaram esse successor de René, mas que fitava com esperança os olhos no céu, e sabia, melhor do que o outro, traduzir as mysteriosas affinidades que ligam a alma humana ao expectaculo magestoso d'esses mil mundos suspensos sobre as nossas cabeças, e que se movem ao aceno da Providencia.

O que fez Lamartine nas *Harmonias?* Cantou a Deus, orou, em magnificas e sublimes elegias. O que representa *Jocelyn?* A luta entre o amor humano e o amor divino: são as *Meditações*, e as *Harmonias* n'uma luta pungente; a religião, e o dever debaixo das fórmas austeras de um padre martyr: o amor e a adoração, a paixão e os desejos

concentrados na figura infantil, docemente angelica de uma mulher sublime.

Com *Jocelyn* completou Lamartine o primeiro cyclo da sua existencia poetica: e passaram muitos annos antes que enxugassemos o pranto vertido sobre o rosto da infeliz *Laurence*, e viessemos beijar os negros cabellos da *Graziella*, desenrolados ao vento perfumado e voluptuoso, que sopra na bahia de Napoles.

A parte, meu caro doutor, o genio do poeta, não foi elle favorecido pelas circumstancias? Não é elle o resumo, o symbolo da epocha em que nasceu? De mais a mais, não é verdade que o podemos julgar, porque a sua obra é completa, porque deixámos ao tempo o cuidado de lhe desenhar inteira e decisivamente o vulto litterario?

Queres applicar a mancebos, que ainda mal balbuciam a lingua, as prescripções severas que se applicam a talentos feitos? Queres esmagar os embriões fecundos, e não esperas que as vocações plenamente desabrochem? A nossa litteratura é uma esperança; podemos nós condemnal-a antes de a vêr crescer e vigorar?

Applicar uma analyse severa ás primeiras manifestações do talento, não é de certo o meio mais efficaz de constituirmos as letras, e de as salvarmos das invasões da mediocridade.

Se Almeida Garrett, por exemplo; tivesse apenas escripto o *Catão*, em muitas partes imitado do *Catão* de Addisson, se não houvesse produzido depois o *Camões*, a *D. Branca*, o *Frei Luiz de Sousa*, tantas outras perolas de sentimento e de estylo, poderiamos conceitual-o um talento dominador, um dos creadores da nossa poesia moderna?

Não sabemos que ninguem se lembre do *Portugal na Balança da Europa*, livro inconsistente, e sem grandes vistas politicas, e apezar d'isso o mesmo homem proferiu discursos na tribuna, que podem ser comparados aos de Canning e de Israeli, aos de Brougham e Stanley, aos de Lamartine e Guisot.

Acreditâmos tambem que muitos escriptores, que mes-

mo o publico hoje sauda com admiração, serão dentro em annos totalmente esquecidos.

A causa essencial d'estas differenças não provém, a nosso ver, nem do espirito de imitação, nem de se procurar o reflexo de litteraturas estranhas, mas da maior ou menor affinidade que cada escriptor possue com o seculo em que vive.

Esta é a verdadeira pedra de toque de uma critica imparcial e justa.

II.

As nações não expiram, quando o genio não morre. E quando ellas, no seio da desgraça e do abatimento, fallam pela voz do seus poetas, testemunham ao mundo que existem pela energia do seu engenho, é que a sua rehabilitação politica não existe muito afastada do horisonte dos seus destinos.

É impossivel que a vida que palpita no coração de uma mocidade, cheia de nobres brios e de ardentes esperanças, não signifique o despontar de uma nova era para o paiz, que abriu á Europa moderna as dilatadas regiões do novo mundo.

As litteraturas, quando se baptisam nas tradições, quando tumultuam energicamente na mortalha que lhes lançaram os desvarios de dous seculos, quando as suas inspirações não possuem só o vigor da saudade, mas a arrojada aspiração da esperança, é que não entoam o canto do cysne sobre as ruinas de uma civilisação que expira resignada, revelam ao contrario os symptomas decisivos de um grande movimento regenerador.

E tanto isto é assim, que a poesia moderna portugueza se tem apresentado, e se apresenta ainda, sob as formas da ode, do poema lyrico. Esta tendencia consubstancia ao mes-

mo tempo dous grandes factos: a juventude dos cantores, e o verdor das idéas, que elles tentam fazer predominar no espirito da sociedade.

O lyrismo é a forma inevitavel das civilisações infantes. Orphêo, Moysés, os Eddas Scandinavos, as ladainhas christãs, o poema do Cid, os rimances e xacaras da Peninsula são prova evidente d'esta verdade.

A poesia lyrica é a fé, o enthusiasmo, a energia das convicções revelando-se nos cantos do coração. Quando o talento não enxerga na sociedade, que o rodêa, nem os caracteres da grandeza, nem o frescor e viço de um culto esperançoso, quando se não pode inspirar de uma vida frouxa e inerte, inventa, idealisa um outro mundo, abraça outros principios mais fecundos, e tenta apontar, como o Gama aos seus contemporaneos, *mares nunca d'antes navegados.*

Em quanto os espiritos positivos hesitam, apalpam tremendo o caminho que os deve conduzir, a poesia, mais aventurosa, adivinha, prophetisa a nova formula social, e como que lança o futuro, de um só jacto, no molde phantastico, que a sua imaginação antevê e anceia. Não cruza os braços, melancolica e triste, no seio da lucta, como os sombrios heroes de Byron, sente-se tocada pela paixão, pelo enthusiasmo da verdade.

Será esta situação, meu caro doutor, que tu accusas com tão acerba ironia? Não comprehenderás que a poesia, incorrecta e extravagante como ás vezes é, exprime menos o estado da sociedade, do que as suas delirantes e caprichosas tendencias? Não se explicará, por esta inevitavel desconcordancia, o quanto está proxima uma crise para as velhas instituições, que ainda sobreviveram aos golpes audaciosos da revolução liberal?

Respeitâmos mais do que ninguem as tradições, que engrandecem as nacionalidades, e lhes concedem a sacrosanta legitimidade do tempo; mas acreditâmos que a poesia, emancipando-se do passado, obedeceu a uma infallivel lei historica, á lei do progresso.

Não haveria voz tão auctorisada e poderosa, que pudesse

resuscitar esse grandioso cadaver do tumulo, e fazer-lhe partir a lousa, como o Lazaro. O passado é, não pode deixar de ser, uma saudade apenas. Que o estudem, que o analysem, que o revelem pela historia, pelo romance, pelas memorias, por esse genero litterario particular aos inglezes e que elles dominaram *essaysm*, nada de mais justo: que o reproduzam, que o imitem nas formas essenciaes de cada epocha, não serei eu que o aconselhe.

A nossa decadencia litteraria retrata-se com a mais severa exactidão nos factos da nossa historia politica.

Em quanto a Europa existia agitada n'essas guerras religiosas, que imprimiram á sociedade moderna um abalo tão salutar ao seu desenvolvimento civilisador, erguiamos nós o templo dos Jeronymos, e visitava Camões, o nosso mais poderoso genio, o vasto theatro das nossas glorias.

Ao monumento de pedra seguia-se o monumento de letras: ao templo, o poema; aos Jeronymos, os *Lusiadas*.

Parece que o nosso supremo esforço litterario, é como o testamento magestoso da nossa grandeza e heroismo.

Ao absolutismo grandioso de D. Manuel succede o fanatismo de D. João III; e quando mais ridentes esperanças se podiam conceber do joven rei D. Sebastião, o desastre de Alcacer-Quibir vem esmorecer o espirito publico, e tornar frageis e incertos os destinos da nossa nacionalidade.

Haviam-se reproduzido, em maior escala, e em mais curto praso, os exemplos de Roma. A civilisação filha da conquista, aniquila-se pedaço a pedaço, quando as idéas de conquista deixam de engrandecer o horisonte das nossas aspirações. A's gerações heroicas, que partiam para a Africa e para a Asia, não possuindo mais de seu do que a espada, succederam outras afeminadas pelas delicias e afagos da riqueza, e pelos esplendores do luxo. Então defendemos o que haviamos adquirido, não completámos, com conquistas novas, e mais arrojados commettimentos, os pensamentos gigantescos dos Almeidas, sobre tudo dos Affonsos d'Albuquerque.

É que em Alcacer-Quibir não havia morrido só um rei,

não se tinha aniquilado apenas um exercito, não se haviam meramente consumido importantes e valiosos recursos. Tudo isso se poderia remediar, porque se não esgotára de todo o sangue nas veias da patria, nem os thesouros com que se alimenta a guerra. Fôra maior o desastre, fôra mais tremenda a catastrophe: era a propria idéa, que robustecêra a nossa nacionalidade, a idéa de converter ao gremio christão as populações mouriscas e gentias, que havia baixado tambem ao tumulo com o cadaver do aventuroso mancebo.

As letras acompanham este eclipse nacional, e decaem rapidamente até ás insupportaveis gerigonças do seiscentismo, e á prosa chata e bastarda dos bacamartes theologicos, e das homilias ao divino.

E quando o espirito nacional resuscita do abatimento, para se emancipar do jugo hespanhol, temos assomos do nosso antigo esforço, mas não podemos rehaver a idéa perdida.

Os Braganças são victimas da esterilidade dos tempos. Independente dos erros politicos que commetteram, era-lhes impossivel luctar contra a propria indole do paiz sobre que reinavam. Só um genio excepcional é que poderia ter mudado a espada em outante, os guerreiros em navegadores e commerciantes; e chamando a actividade nacional para a industria, converter a nação exhausta ao espirito da sociedade moderna, que acordava outra depois das guerras da reforma.

Esse longo periodo quasi de dous seculos assemelha-se, ainda com as heroicas faiscás de Monte-Claros e Elvas, a uma larga hybernação politica. E mesmo depois da vigorosa administração do marquez dó Pombal, a luz litteraria mal se antevê tremula e incerta no horisonte dos nossos destinos.

A apparição de um ou outro talento solitario, em vez de desmentir, confirma os dados d'esta situação. Prova é que só um grande pensamento, largamente abraçado pelas classes populares, é que pode dar incremento e prestigio a uma litteratura.

Raros dias de gloria luziram no reinado de D. João IV.

A nação, um momento engrandecida pelo pensamento da sua independencia nacional, e da sua emancipação politica, caiu outra vez n'um desalento, pouco digno das suas gloriosas tradições.

Seria só a conveniencia politica que levou D. João IV a dar sua filha D. Catharina a Carlos II de Inglaterra? Teria um rei direito de desmembrar a monarchia de vastas e opulentas possessões ultramarinas, que haviam custado tanto sangue, e tantos prodigios de heroico esforço, para obter a alliança conjugal do monarcha inglez?

E data d'ahi sobre tudo o resfriamento para as emprezas de navegação e de colonias, que deveriam ser o perpetuo theatro da nossa actividade, separados como existiamos da Hespanha.

Este erro fatal ainda se repercute com influencia terrivel na nossa epocha. Nação de terceira ordem pelo territorio e população, a nossa importancia não podia fundamentar-se senão cultivando o nosso genio indigena, que é o genio maritimo. Se este pensamento existisse continuamente presente á imaginação dos nossos homens d'estado, teriamos precedido a Inglaterra nos seus vastos estabelecimentos coloniaes, e com uma poderosa armada, alimentada pelo movimento commercial do nosso immenso imperio ultramarino, teriamos conquistado na Europa uma posição relativamente eminente, e offereceriamos á civilisação universal um valioso contingente, propagando-a e desenvolvendo-a pela Africa, pela Asia e pela America.

O nosso predominio na Asia quasi que expira durante o reinado de D. João IV. O vasto e grandioso plano de Affonso de Albuquerque desfaz-se como por encanto. O aventuroso capitão, cujo nome ainda enche de terror e de assombro os povos asiaticos, havia de estremecer no tumulo, vendo vendida a sua herança, a troco de um consorcio, que satisfazia apenas a ambição de uma familia real.

O que é Affonso VI, essa sombra que passa na historia, para desapparecer ignorada n'um longo martyrio? Felizmente possuimos hoje um precioso trabalho, não só avalia-

do pelo lado da arte, como pelo aspecto da erudição, e do estudo, *Um Anno na Côrte*, pelo nosso amigo João d'Andrade Corvo, que lança uma grande luz sobre aquelle reinado, e sobre o caracter dos personagens do tempo. Se o eminente talento do conde de Castello-Melhor tivesse sabido achar apoio moral no monarcha, de quem era ministro, crêmos firmemente que mais esperançosos destinos teriam luzido para a nossa terra. Que poderia tentar o povo, obscurantemente dominado por uma côrte avida de intrigas e de escandalos? Que scenas ha comparaveis áquellas em que se vê o principe, metade por ambição, metade por um amor incestuoso, atraiçoar a confiança do rei, e derribal-o do throno por uma conjuração audaciosa?

D. Pedro II não aproveitou melhor o acaso que lhe déra a regencia dos destinos da nação. Em vez de alevantar da decadencia a nossa marinha, e de empenhar-se no fomento das nossas possessões d'além-mar, empenha-se na guerra contra Filippe V e a casa d'Anjou, offerecendo por assim dizer o seu proprio territorio para theatro d'aquella temerosa luta. Depois, assigna o fatal tratado de *Methuen*, que nos entrega de pés e mãos atados á crescente industria da Inglaterra. Quaesquer que sejam hoje as idéas dos economistas sobre a liberdade do commercio, não é menos evidente que o tratado supprimiu um dos ramos importantes do trabalho nacional. Creava-se no meio da nossa decadencia um *deficit* industrial, que o nosso desenvolvimento agricola não podia facil e rapidamente compensar. O que ha de mais aggravante n'esta humiliante negociação, é que o ouro inglez corrompeu visivelmente os ministros d'estado! Uma nota do marquez de Pombal accusa de um modo positivo e peremptorio Roque Monteiro Paim de se haver deixado seduzir pelo negociador inglez Sir John Methuen, que deu o nome ao tratado.

O reinado de D. João V está finamente descripto n'almas cartas de Alexandre de Gusmão. Esse mixto de devassidão, e de beaterio, de orgulho monarchico, e de desleixo administrativo, não poderia de certo salvar-nos do

abatimento, e inspirar o nosso genio litterario. Poetas, academias, institutos scientificos, tudo foi creado de estufa, á imagem e similhança do grande rei, que elle tentou plagiar imprudentemente. Bem tenaz será a paciencia que se dedique a devassar as producções d'aquelle seculo. Gongora ainda preside á construcção d'aquelle estylo alambicado e tortuoso, e alguns trabalhos importantes de erudição mal compensam a saraivada de confeitos poeticos, que se atiravam das janellas dos conventos, nos adocicados e pertenciosos *outeiros*, que occupavam os ocios da côrte.

O reinado está expressivamente retratado na anecdota do espirituoso secretario de embaixada, que foi encontrar o ministro alporcando cravos, e o rei perguntando ao sachristão quanto rendêra a bandeija das almas. Mafra, a *Versailles* portugueza, é um convento, e o carrilhão dobrando em volumosas badaladas, traduzia a magnificencia esteril d'este rei vaidosamente pomposo.

Provar, meu amigo, que a litteratura não poderia haver rebentado viçosa sob a administração do marquez de Pombal, é um thema facil de discutir em poucas paginas. A actividade intellectual empenhou-se nos assumptos de administração, e de governo; e o *personalismo* cioso do intelligente ministro revela-se n'aquelles bem pensados relatorios, que acordavam o paiz do lethargo, e convidavam o espirito publico para o espectaculo das reformas de civilisação.

Mas aconteceu o que sempre é de esperar, quando uma vontade energica se pretende substituir aos movimentos de uma nação: a sociedade obedeceu aos impulsos do poder, quasi sem os comprehender, odiando-os ao contrario, mais de uma vez, com um desatinado furor. Enriqueceram-se porventura os dominios da imaginação? A arte devassou novos e mais largos horisontes?

As litteraturas não vivem pelos esforços do governo, nem se intima ao talento que produza, com decretos imperiosos.

Abrem-se estradas, levantam-se fabricas, construem-se

navios, edificam-se cidades, mas não se improvisam vocações artisticas, pelo mero influxo de um ministro. omnipotente.

O marquez de Pombal quiz crear uma classe, a classe-média, em despeito das suas proprias repugnancias: a aristocracia cedeu o campo perante a sua cruel energia: o povo, explorado pelo clero, e dominado por superstições ridiculas, assistiu como espectador indifferente ás suas tentativas audaciosas: qual d'estas classes possuia entretanto elementos para traduzir as suas aspirações no mundo da arte? Uma ignorava-se a si mesma: a outra reconheceu-se vencida, depois de uma conspiração domestica, e sem nenhum elevado pensamento politico; a classe popular existia nos vagos limbos de uma existencia preguiçosa e indolente.

O absolutismo, embora seja o mais illustrado e intelligente, é sempre esteril para inspirar a imaginação. É no espectaculo, desolador muitas vezes, das crises sociaes, que se produzem as vocações soberanas. *A Divina Comedia* é escripta com os odios politicos, que se conservam indomaveis nas amarguras do desterro. O *Paraizo Perdido* é o grito de ameaça do republicano cego e errante, que exhala as coleras da sua dôr nas magnificas apostrophes de Satanaz vencido, mas não aniquilado pela omnipotencia divina.

Nunca acreditámos nas influencias monarchicas sobre os destinos das letras, senão no sentido completamente inverso ao que asseguram os calculados panegyristas das tutellas reaes.

Para justificar esta aventurosa asserção appella-se sempre para o seculo de Augusto, para o seculo de Luiz XIV, e mesmo para o seculo XVI em Italia, epocha de certo em que as bellas-artes attingiram o mais elevado grau de esplendor. Não podemos deixar de analysar historicamente a verdade d'estas invocações, que se tornaram um ambicioso logar commum, e que passam em julgado, mesmo entre homens instruidos, e que deveriam ser mais circumspectos em acceitar estes vagos clamores.

Com isto não queremos attenuar a idéa de que os governos devem proteger as letras, protegel-as sobre tudo, facilitando a sua circulação, e tornando-as accessiveis ao povo, pelos progressos e desenvolvimentos da instrucção publica.

A liberdade, a liberdade ampla e completa, eis o ambiente precioso em que se desenvolvem as vocações, e se criam as litteraturas.

III.

Mr. Eugenio Despois, n'um artigo da *Revista dos Dous Mundos*, de que extrahimos bastantes noções historicas, attribue sobre tudo ao livro de Voltaire — *Siècle de Louis XIV*, que o distincto escriptor escreveu durante a sua emigração em Berlim, a falsa idéa de incluir no reinado do grande rei todas as cousas notaveis e todos os homens eminentes que appareceram em França, em artes e letras.

Luiz XIV começou a reinar em pessoa no anno de 1661, e expirou em 1715. Voltaire, por exemplo, apresenta como contemporaneos de Luiz XIV os dous grandes pintores francezes Lesueur e Poussin, quando o primeiro morreu seis annos antes de 1661, e o segundo quatro annos depois em Roma, aonde vivia quasi em exilio. O mesmo acontece com outros escriptores de primeira ordem, e que mais contribuiram para fundar a litteratura do seculo XVII, que marca o apogêo da arte em França. Descartes, morto na Suecia onze annos antes da ascenção de Luiz XIV ao throno, nada tem que ver com aquelle reinado: Corneille já escrevêra todas as suas obras primas, quando o amante de M.me de Maintenon chegou á maioridade: Pascal morreu em 1662, de modo que estes tres espiritos superiores nada devem á influencia do faustoso monarcha.

A lingua do mesmo modo estava feita, e energicamente feita, com os trabalhos de Rollin, Voltaire, Vaugelas, com as tragedias de Corneille, com as immortaes *Provinciaes* de Pascal, muito antes que o faustoso despotismo do monarcha francez se attribuisse a missão de crear as letras. Os cinco escriptores que mais illustraram este reinado — Molière, Lafontaine, Bossuet, Boileau, Racine, seriam superiores em despeito do tal ou qual favor que o monarcha lhes concedeu. Os tres primeiros tinham de idade de trinta e cinco a quarenta annos, e essa idade marca a maior madureza e vigor intellectual para qualquer vocação litteraria.

O cardeal de Retz, La Rochefoucault, M.me de Sévigné crearam-se durante a quadra agitada e tumultuosa da Fronda.

Os escriptores que propriamente floresceram no tempo de Luiz XIV foram em primeira linha Racine e Fénélon, em segunda La Bruyère e Boileau.

Poderiamos discutir até que ponto Fénélon, por exemplo, existiu divorciado com as idéas dominantes e predilectas da politica de Luiz XIV; e não seria tambem difficil de provar que a lingua, apezar da superioridade e excellencia das tragedias de Racine, e das obras de Fénélon, parece afeminar-se, e perder aquella energia, tão justamente admirada em Corneille, em Pascal, em Bossuet, os poderosos genios que illuminam o seculo XVII.

Quaes são os talentos, que despontam entre 1661 e 1715, e que poderão justamente considerar-se filhos do movimento intellectual, que devia caracterisar essa epocha, que todos declaram fecundissima para as letras? Fontenelle, e J. B. Rousseau: um prosador engenhoso, e um poeta facil; mas ambos marcando a rapida decadencia que nos aproxima de Campistron, e *tutti quanti*, e servindo de ponto intermédio entre os grandes escriptores que os precedem, e as nullidades despresiveis que os substituem.

Nos ultimos annos do reinado de Luiz XIV, quando uma devoção sombria habita nos palacios, outr'ora destinados aos mais agradaveis prazeres do espirito; quando a etiqueta é

apenas a ultima homenagem tributada aos esplendores apagados do seu governo, é que apparecem dous talentos eminentes; mas que ninguem dirá influenciados pelo espirito da côrte: Regnard e Lesage. Sobre o funebre occaso, que sepulta o astro decadente da realeza, apparece a imagem da comedia, não profunda e philosophica como a de Molière, mas despreoccupada, folgasã e licenciosa. Quando a França se vê a um tempo dizimada pela fome, invadida pela guerra, e succumbindo a uma miseria gerada pelos desperdicios dos annos anteriores, é que Lesage escreve *Turcaret*. Aonde se verá aqui o genio do monarcha alimentando o espirito da litteratura, e determinando as suas evoluções intellectuaes?

O seculo de Augusto não merece do mesmo modo ser considerado como a epocha dourada da litteratura latina. Antes d'elle é que appareceram Plauto, Terencio, Lucrecio, Catullo, Cicero, Sallustio, Cesar: no tempo d'elle é verdade que Tibullo, Virgilio e Horacio escrevem as suas obras primas; mas a sua educação litteraria estava já completa, e a haverem-se inspirado, era menos no espectaculo d'aquella sociedade, que se resignava no despotismo, do que do genio grego, que se creou nas agitações da liberdade, dos escriptores que os precederam, que deviam os rasgos mais brilhantes do seu talento ás grandiosas luctas que haviam acompanhado a quéda da republica romana.

No seculo XVIII é outra a influencia que sollicitam os escriptores: são outros os Mecenas, que applaudem os seus esforços, e inspiram o seu talento. Intervem o publico; é a opinião que tem de decidir, em ultima analyse, dos destinos do mundo intellectual.

Ganharam ou não ganharam as letras com esta immensa revolução, produzida pelos progressos da razão humana? Teremos nós motivo para condemnar esta admiravel situação, que todos os dias se engrandece, e se completa pelo desenvolvimento da civilisação?

Os grandes escriptores, os talentos eminentes nunca hão de ser creados pela influencia das vontades individuaes. Napoleão achou tudo, recolhendo a magnifica herança que lhe

deixára a revolução; generaes, homens d'estado, jurisconsultos, diplomatas, e não poude nunca, apezar das suas faustosas pensões, produzir uma d'aquellas vocações omnipotentes, que elle ambicionava para o esplendor do seu throno. Os dous maiores talentos da sua epocha, M.me de Stael e Châteaubriand, eram seus inimigos pessoaes: e é porventura ao sentimento de odio que alimentavam contra o aventuroso soldado, que elles devem uma parte das suas mais superiores concepções litterarias.

Que admira entretanto que no nosso seculo, e no nosso paiz, se contemple um como adormecimento na poesia e nas letras? Para que o talento ardentemente se inspire, precisam-se de commoções grandiosas, d'esses abalos que transtornam o mundo, imprimindo á intelligencia uma decidida energia.

No meado d'este seculo vimos surgir uma revolução immensa. Nunca se apresentou na humanidade uma crise com tão magnificos auspicios. Illuminada de paixões generosas, baptisada por idéas grandiosas e justas, parecia infallivel a sua victoria, e breve o espaço que a teria de aproximar da terra da promissão. O enthusiasmo acordou no seio das gerações indifferentes. Hymnos esperançosos rebentaram dos labios mais scepticos. A revolução, engrandecida apenas pelo seu grito de triumpho, derramou-se como por encanto, ainda nas nações mais desalentadas pela oppressão. O povo entregou-se paciente e confiado aos homens que promettiam allivio á sua miseria, e asseguravam melhores destinos ao seu tenebroso futuro. Durante alguns mezes resuscitaram essas epochas de crença e de fé, que exaltam a natureza humana, e realisam verdadeiros prodigios de heroismo, e de fervor moral. Havia n'este candido alvorecer de uma doutrina, tão rapida nas suas promessas, uma sublime poesia em acção.

Porque é que succumbido o movimento, nem mesmo surgiram os epitaphios que assignalam estas tremendas catastrophes? Porque nos parecem impotentes as coleras dos vencidos, e os gritos do seu desespero não possuem a ma-

gestosa eloquencia, que vinga as grandes causas da derrota?

É que a revolução expirou menos pela força dos que a contrariavam, do que pela fatalidade inexoravel dos erros que commetteu. Embuçou-se como Cesar na toga, offerecendo-se indefeza e inerte ao punhal dos assassinos. Faltou-lhe a fé, a fé viva e ardente na excellencia do seu proprio principio. Estremeceu perante a alteza das suas inspirações, e o ardor exaltado dos que a acreditavam capaz de resolver os grandes problemas da civilisação moderna. Não tratâmos agora de indagar as causas, que promoveram esta solução inesperada, e que calaram no espirito publico um funebre desalento. Não procuremos saber se o que aconteceu dimanou da insufficiencia dos homens, ou da pouca madureza das idéas proclamadas. A verdade é que esta situação moral, proxima da indifferença, explica ao mesmo tempo a facilidade com que atrevidas usurpações ultrajaram os direitos e o pundonor populares, e a pouca vitalidade litteraria, que se observa nas numerosas producções que alimentam as necessidades intellectuaes da Europa moderna.

Não admira então que Portugal e a sua litteratura se resentissem d'este grande golpe, que decepou tão viçosas esperanças, e tão generosas illusões. É esta uma prova ainda da solidariedade que liga todos os paizes ao mesmo systema de civilisação, e da influencia inevitavel que as litteraturas exercem reciprocamente umas sobre as outras.

A decadencia da poesia lyrica era um facto que tarde ou cedo se devia realisar. As *situações*, para usarmos da expressão de Hegel, que provocam o estro lyrico, ou nascem dos acontecimentos exteriores, ou nutrem-se das intimas impressões do poeta. Que acontecimento notavel inspiraria a imaginação dos poetas, n'esta quadra adormecida, em que as idéas do futuro existem como suffocadas, e em que a actividade social se empenha toda em questões de progresso material, e de desenvolvimento civilisador?

Os poetas, além d'isso, não podem cantar com o mesmo ardor, quando a experiencia da vida, e o abalo das catastrophes sociaes lhes enfraquecem o enthusiasmo, e lhes fa-

rem desfallecer a fé. O individuo envelhece com o mundo exterior: e alguns annos de existir moderno, tão tumultuoso e agitado, roubam em breve ao coração essas aspirações sublimes, que fecundam o engenho, e abrasam a imaginação.

Em 1830, o pensamento litterario, se se exagerou em composições exaltadas e vertiginosas, nem por isso as letras alcançaram menos uma grande energia, um vivo esplendor. Revolução incompleta, e que hesitou no seu grito, os problemas que deixava pendentes, as esperanças que fazia nascer ás opiniões extremas, avivavam o movimento intellectual; e offereciam ás paixões um vasto horisonte. Em 1848, a revolução, ambiciosa no seu programma, foi timida nas suas resoluções politicas. É o que explica este cansaço de espirito, e esta ausencia de iniciativa nas regiões da litteratura.

Este seculo, depois d'aquella tentativa omnipotente, tornou-se um *bourgeois*, avido e cuidadoso do seu negocio, descansando das suas fadigas, no seio de uma esposa temente aos deveres conjugaes, nada exaltada com a theoria da *emancipação da mulher*, e tratando de educar com o cathecismo alguns innocentes fructos de um amor restricta e exclusivamente legal.

E tanto isto é verdade, que nem mesmo os esforços da propaganda religiosa têem encontrado auxilio, nem na devoção das classes superiores, nem no fanatismo das classes populares. A propria reacção triumphante, e que pretende segurar a sua victoria, dando diversa direcção aos espiritos, afadiga-se inutilmente em avivar paixões extinctas, e em resuscitar idéas pelo menos desfallecidas e dormentes. O catholicismo debalde se empenha em dar vigor ao dogma da auctoridade. O materialismo dos interesses é superior ás influencias moraes do culto. É esse que sustenta os poderes publicos, e que os afasta das crises, que podem subverter o edificio social.

Digam-me qual é o Bossuet austero que flagella os vicios do seculo, e offerece batalha á impiedade, á indifferença, ás ironias da duvida, e aos accessos funebres do sce-

pticismo? Essa Igreja, que pretende outra vez assumir a si a direcção dos destinos sociaes, que quer encaminhar o povo á terra da promissão, que nos mostre os seus apostolos e os seus martyres, que nos deslumbre com os prodigios da sua eloquencia, e com os milagres da sua dedicação.

Na Peninsula, sobretudo, a luta intenta-se não pelas armas do raciocinio, mas pelos manejos subterraneos, e pelas conspirações occultas. O clero peninsular tem horror ás armas quasi philosophicas, com que o clero nos outros paizes pretende combater os inimigos da sua doutrina, e os adversarios da sua influencia.

Não tomâmos demasiadamente a serio estas tentativas de restauração monacal. A vida moral das nações não póde rebentar d'essas fontes estagnadas, e que as chuvas do céu não alimentam. Não é a ambição temporal, é a fé religiosa que poderia converter ao seu gremio os rebanhos rebeldes e errantes.

Longo foi o sacrificio que a Peninsula fez ao clero omnipotente. O protestantismo, a sciencia, a philosophia, a liberdade de consciencia, nada penetrou no espirito das populações. A sociedade agitou-se n'um vacuo immenso, que ella poude apenas conhecer, quando se apagaram as fogueiras dos *autos-de-fé*, e se calaram as vozes que oravam nos templos, e que infundiam no coração não as esperanças risonhas do céu, mas os terrores funebres do inferno.

A verdade é que a sociedade está mais proxima da religião de Christo do que n'essas eras desoladas, em que vivia poderoso e ardente o enthusiasmo religioso. O christianismo penetrou nas instituições, e inspirou o direito social. A intelligencia substituiu-se á espada; o dogma da igualdade civil dissipou os restos de uma escravidão aviltante: o principio de liberdade individual triumpha na sociedade moderna, e as classes aproximam-se umas das outras, pela communhão de idéas, pela ligação de interesses, pelo progressivo movimento de illustração, que tende a nivelal-as.

Estas conquistas da philosophia incarnaram por assim dizer o christianismo nos costumes, e consubstanciaram-n'o

na vida social. Não é porventura absurda a missão d'aquelles que em nome da religião tentariam destruir os resultados moraes e politicos que se derivam do seu proprio dogma? A vida da humanidade não existe sellada n'um sepulchro: deve nascer, como um novo Messias, para regenerar as gerações e remil-as da agonia do seu soffrimento.

O que podemos concluir de tudo, meu caro doutor? É que a litteratura estaciona, do mesmo modo que as idéas que têem de emancipar a humanidade. E esta situação não se dá n'este ou n'aquelle paiz, estende-se a todos.

Na Allemanha, o herdeiro de Goëthe e Schiller, o poeta *humorista*, o critico espirituoso e sarcastico, o sceptico cheio de imaginação, e de enthusiasmo artistico, Henrique Heyne, agonisa n'um leito, e quasi que com elle tem de expirar a virente poesia do norte. Victor Hugo no exilio já não tem voz, senão para as coleras de uma indignação omnipotente. Lamartine dedica-se a escrever a chronica pittoresca e imaginosa da restauração: Béranger, nos ultimos dias da vida, mal pode entoar as antigas canções, em que exaltava as tres paixões constantes da sua França: o amor, a liberdade, e a gloria!

É a hora do crepusculo. As antigas crenças affundam-se nas linhas caprichosas do horisonte. As novas mal despontam indistinctas no outro hemispherio. Mas a poesia não morre, não pode morrer nunca, porque segundo diz o poeta:

> ..... la nature est là, que t'invite et qui t'aime
> Plonge-toi dans son sein qu'elle t'ouvre toujours!
> Quand tout change pour toi, la nature est la même,
> Et le même soleil se lève sur tes jours.

APPENDICE.

Não reproduzimos n'este logar as rapidas analyses, que fizemos de dous dramas, que obtiveram voga, porque os supponhamos realmente obras litterarias, que tenham de sobreviver ao seu proprio successo. Outra idéa nos inspira. É que elles caracterisam fielmente o espirito da epocha, e as tendencias da poesia. São o echo involuntario das angustias moraes d'este seculo, que tenta desprender-se do passado, sem encontrar ainda a formula social, que repare as injustiças que deplora, e os males a que tenta dar remedio.

Quando a litteratura, instinctivamente ou de sciencia certa, abandona o culto das tradições, para se entregar ao exame d'estas tremendas questões moraes, que aterram até as mais despreoccupadas intelligencias, é que a sociedade inevitavelmente se revolve nas crises de uma futura transformação.

Os *Mysterios de Paris*, e o *Judeu Errante* de Eugenio Sue, e n'outra mais elevada esphera, a *Historia dos Girondinos* de A. de Lamartine, precedem a revolução de feve-

reiro de 1848. As concepções litterarias assemelham-se n'este caso a essas detonações subterraneas, que annunciam a aproximação de algum cataclysmo vulcanico.

Não é necessario ser grande propheta para derivar d'esta agitação intellectual, que se observa no mundo moderno, os symptomas de uma renovação social. Este combate intentado á luz do dia contra as idéas e as pretenções, contra as instituições e doutrinas, que fundamentam a ordem social, tal qual existe, não manifesta, nem exprime senão uma d'essas evoluções politicas, que têem de modificar a *Poesia e o Seculo.*

Julho de 1854.

LES FILLES DE MARBRE.

APPARECERAM finalmente *Les Filles de Marbre* no theatro francez. A sala estava cheia, e dos camarotes surgia um grande numero de physionomias, em que se via pintado o sentimento que perdeu a nossa mãe Eva, e deixou engasgado o nosso primeiro pae Adão — a curiosidade!

Justifica o drama esta desvelada attenção? mães, filhas, irmãs, esposas, noivas terão razão de applaudir a reprovação solemne que fulmina esse genero de mulheres, que se arrendam ao vicio opulento, como uma granja, ou uma quinta aos braços e capitaes d'um agricultor zeloso?

Eu desconfio sempre das idéas absolutas, em materia de pintura social, e tenho como verdade incontroversa, que o coração gasta-se quasi tanto nas orgias das *lorettas*, como nos bailes sumptuosos das mulheres da moda. E depois, digam-me com a mão na consciencia; uma donzella de quinze annos que se casa com um velho, porque o velho tem um titulo, e uma fortuna, é moralmente menos culpada do que a *loretta*, quando sacrifica a sua formosura e os seus encantos ás doudices do luxo e da ostentação?

E' possivel, não o nego, que a civilisação consinta que essas mulheres demonios, vestidas de veludo e cobertas de diamantes, salpiquem no galope vertiginoso de dous cavallos

impacientes a mulher honesta que modestamente caminha fortalecida pela religião do dever, e nobilitada pelas aspirações da sua dignidade. Mas não applaudaes com phreneticas palmas o dito que vos engrandece: porque a vossa virtude existe entre as rendas e as perolas, perfumada pelo aroma das flores; porque nem a miseria bateu á vossa porta, nem o vento frio do inverno vos gelou nas faces as lagrimas de agonia!.... Viveis no seio da admiração, e coroadas pelo vosso proprio sacrificio, sois impiedosas ás vezes para com essas creaturas, que a riqueza fascinou, que a miseria corrompeu, que o vicio veiu tentar, quando não tinham uma pedra aonde repousar a cabeça, nem um pedaço de pão para matar a fome insaciavel.

O drama *Les Filles de Marbre* deve ser por conseguinte avaliado como obra d'arte, e como pensamento philosophico. Deve-se perguntar se se derivam d'elle austeros ensinos, e se contenta as exigencias da imaginação publica.

Tornar-se-ha exclusivamente uma mulher *Fille de Marbre* quando se entrega a todos os delirios e desvarios do vicio opulento? Será impossivel que no seio d'aquelle inferno lhe não palpite o coração com um sentimento mais terno, e não possa aspirar ás doçuras poeticas que o affecto realisa para certas almas?

Exagerar até estas proporções exclusivas os dados da questão, seria a um tempo quebrar as tradições da historia e da arte. Não! Aquella mulher que ajoelha aos pés do Christo, e cujos cabellos se desatam em bastas madeixas lambendo o oleo que o ungiu, é a Magdalena, é a barregan que expia as culpas de uma longa sensualidade, cujo amor, purificado pela oração, busca outras regiões mais vastas, e mais sublimes.

Est'outra é Manon Lescaut; que sorri ao amante entre as lagrimas da vergonha, entre os baldões do desprezo, entre as agonias da abjecção. As noutes vendidas aos desejos não esgotaram a sensibilidade da sua alma. Quasi a expirar, ainda os seus olhos o procuram, ainda os seus labios se abrem para lhe repetir um terno e derradeiro adeos!

Debaixo d'este ponto de vista *Les Filles de Marbre* provam tanto como *La Dame aux Camélias*. O sentimento que cabe em sorte a certas organisações predestinadas resiste a todas as circumstancias exteriores da vida. Aspasia dá a Alcibiades o annel de Gorgias, e resgata com o affecto espontaneo a venalidade abjecta com que põe em almoeda a sua belleza peregrina.

Ha n'essas regiões superiores, que pareciam dever ser inaccessiveis aos calculos infames, que mancham a consciencia, um typo tão indignamente desprezivel, e tão moralmente corrupto e devasso, e que nem por isso merece menos a consideração official que o mundo dedica a tudo quanto se eleva e se engrandece: é o da *coquette*, a moderna *Dalila*, desenhada em traços inimitaveis pela penna de Octave Feuillet.

Fille de Marbre sobre tudo é esse ente que nem o coração nem os sentidos desculpam, que accende paixões violentas, para contentar as ambições da sua immensa vaidade, que se compraz no espectaculo dos soffrimentos que produz em torno de si, que ajusta descuidosa as rendas de um vestido, no momento terrivel em que fulminou com uma palavra todo o fervor de um sentimento dedicado e sincero.

E quantas variedades se encontram d'esta especie! Quantas commettem por amor proprio o que a meretriz faz por avidez e por cubiça; quantas se fingem fortes, para esconder a sua propria fragilidade; quantas erguem altivamente a cabeça diante do mundo, acabando de se ajoelhar humildes e contrictas aos pés de um homem; quantas escondem o seu terror continuo em temerarias ostentações, e suprem pela audacia a sua covardia....

Com todas estas considerações podemos chegar a uma conclusão: não são só as Aspasias, as Lais e as Phryné que merecem o tremendo epitheto de *Filles de Marbre*: não é só a corrupção do dinheiro, que é immunda e abjecta aos olhos da consciencia: ha corrupções d'outro genero, que não devem fazer recuar com menos horror as almas que prestam culto ao dogma da dignidade humana.

Não nos parece que as obras dramaticas, por mais bem

elaboradas, possam ter a pretenção de elevar-se até ao ponto de constituirem uma regra geral, uma synthese. O drama *La Dame aux Camélias* de Alexandre Dumas filho, pode e é talvez tão verdadeiro nas suas affirmações, como *Les Filles de Marbre.*

A acção do drama é simples e cada um dos personagens representa, menos um caracter individual, do que os elementos da these moral, que os auctores escolheram.

E' um artista, abandonando os doces affectos da familia, os effluvios de um amor puro e sacrificado, a sua santa e calorosa vocação artistica, para se entregar ás devoradoras commoções, á paixão delirante, que lhe inspira uma mulher, uma *Fille de Marbre*, um d'esses entes marcados com o stigma da reprovação social, e que como as aves agoureiras elevam os seus cantos no seio das ruinas.

Esse homem, em cuja fronte fulgura o talento inspirado do artista, esse coração ingenuo, tão aberto aos sentimentos affectuosos como ao culto grandioso da arte, é a longa victima de um d'esses caprichos insaciaveis, que extenuam o espirito, e suicidam moralmente as mais robustas e superiores faculdades.

Mas agora cumpre perguntar: haveria muitas mulheres no mundo que pudessem cingir com o fervor do affecto, e o enthusiasmo da admiração, esse pintor-poeta, que aspira continuamente ao ideal, como os ramos da palmeira ao sol deslumbrante que luz no deserto?

Graças ás maravilhosas convenções, e ás inauferiveis *conveniencias* da sociedade moderna, olha-se para um grande talento com a mesma descuidosa frivolidade com que se observa um adereço de diamantes, um vaso de porcelana, um cavallo de raça, ou uma carruagem, que assenta sobre flexiveis e lustrosas molas.

Quantos corações ha ahi que ardentemente sympathisem com os soffrimentos e as vigilias que produziram essas vocações superiores?

Ou eu me engano, ou Raphael encontraria uma Marco mais ou menos modificada nos numerosos exemplares femi-

ninos, que não comprehenderiam a sua sede de commoções generosas e de enthusiasmo inquieto. Quando essas almas excepcionaes são surprehendidas em flagrante delicto de poesia, raras vezes escapam aos conselhos parvos dos homens positivos, e aos desdenhosos sorrisos das numerosas sylphides que esvoaçam em polkas e valsas pelos salões de um baile.

E' pungente, e talvez horrivel de verdade, a scena do quarto acto, em que o ingenuo artista desce ás humiliações da supplica, em que supporta todos os desdens da saciedade, contempla todas as infamias da preferencia, escuta todos os sarcasmos da indifferença, e esgota todas as fezes da abjecção.

Mas transportemo-nos para outra scena: substitui o homem que compra ao homem que casa: arrancae as grinaldas phantasticas da orgia da fronte dos convidados; entremos no mundo *comme il faut*, seria menor a agonia, e menos horrivel o padecimento? Differe por acaso muito a *Marco lorette* das *Marcos* que a consideração social mantem nas regiões superiores? Serão menos ferozes os seus caprichos, menos ferina a sua insensibilidade, menos frias as palavras com que destroem as illusões e a felicidade d'aquelle que se prostra aos seus pés, e quiz beber nos seus olhos o amor que lhe pulsava energico e violento no peito?

Esta scena é d'aquellas de que se póde dizer o que Molière dizia dos tolos: *L'esprit des sots est une pilule qu'on peut avaler, mais non pas sans faire la grimace.* » E' realmente deploravel ver a candura, o sentimento e o talento prostrados perante a infamia, a cubiça e a devassidão torpe e sem véu.

Poder-se-ha perguntar: A cegueira da paixão chegará até ao esquecimento total de toda a dignidade, e de todo o orgulho? Uma fronte altiva, coroada com o diadema da intelligencia, poderá rojar-se no pó e não recuar nem mesmo perante a indignação de uma testemunha?

Esta questão é de certo puramente individual. E' possi-

vel que todos engulam a pilula, mas é mui provavel que a dose tenha de variar conforme os estomagos.

Que o talento de Raphael houvesse morrido n'esta lucta horrivel e suprema; que o seu pincel não pudesse obedecer aos impulsos da sua vontade; que a inspiração, esse dom querido, tivesse voado nas agonias do seu malogrado affecto, que admira tudo isso?

N'essas provas omnipotentes, ou as almas se fundem em bronze, ou se dissipam em fumo: ou como a de André del Sarto expiram pelo suicidio, ou como a de Miguel Angelo se engrandecem pelas acerbas amarguras. Admirariamos nós as figuras do *Juizo Final*, sem a impetuosa paixão que levou o grande artista a admirar a magestosa formosura de Victoria Colonna?

Os auctores fizeram-nos assistir á agonia do infeliz artista. Vemol-o morrer, devorado pela imagem dos seus insaciaveis amores; vemol-o morrer tambem, porque o artista sente que o culto da arte expirou no seu coração, e que, mais formosa do que as *madonas* de Guido, mais energica do que as baccantes de Ticiano, lhe apparece a mulher que dissipára, n'um futil e frivolo capricho, todos os thesouros da sua alma apaixonada.

Perguntaremos nós agora: para alimentar aquella imaginação febril de artista bastaria apenas a doçura e candidez de um amor pacifico e ingenuo? A poesia, que certas almas sollicitam, poderá dar-se dentro do circulo limitado e restricto do lar domestico, rodeada dos cuidados mais ou menos vulgares da vida positiva e real? O talento, que não resistiu ás decepções de uma paixão caprichosa, poderia desabrochar dentro das finitas e triviaes commoções de uma felicidade tranquilla e monotona?

Não é a um drama que compete, não digo resolver, mas ao menos illustrar estes mysterios de intima psychologia. Quando elle faz reflectir maduramente os espiritos despreoccupados, e aponta a alguns animos inexpertos o abysmo que se abre aos que se entregam a affectos inconsiderados, já conseguiu plenamente o seu fim. Um drama não é, nem

pode ser, um tratado de philosophia, nem uma longa e pretenciosa allegoria de metaphysica sentimental.

---

* Quando lemos a scintillante carta que nos foi dirigida no *Portuguez* a proposito do drama *Les Filles de Marbre*, bradámos um *Eureka*! tão omnipotente como o que Archimédes devia proferir quando achou não sei que verdade scientifica, tomando um regalado banho em Syracusa (1).

Entrei n'um mundo symbolico, n'uma especie de olympo espiritualista, aonde as mais peccaminosas filhas de Eva, absolvidas pela imaginação ardente do folhetinista, se transformavam em candidas açucenas, em brancas nenuphares, victimas apenas da corrente impetuosa, que desvaira ás vezes os mais limpidos e bonançosos rios...

Quem exagerar a analyse do drama *Les Filles de Marbre* até ao ponto de lhe subtrahir todo o elemento real e humano, quem transformar esta sentida e espirituosa composição dramatica n'uma especie de poema phantastico, em que os personagens sejam apenas idéas moraes em lucta, commette pelo menos um delicto flagrante contra as intenções litterarias do auctor ou auctores.

O que se quer provar no prologo, cuja acção é transportada para as éras da decadencia grega? Uma verdade trivial e simples: é que a meretriz é a mesma em todas as epochas: é que a corrupção moral identifica os homens de todos os tempos, e produz para o individuo a mesma influencia torpe e deleteria: é que as vocações generosas e santas, as que se sacrificam por uma idéa, as que se abrasam

---

(1) Este artigo era uma resposta a uma carta dirigida ao auctor, em que se contrariavam espirituosa e eloquentemente as suas opiniões. A carta era da elegante penna do sr. José Horta, professor da Escola Polytechnica.

pelo culto do ideal, ou morrem para a vida, ou se sentem no fim marcadas tambem com o stigma fatal de um vicio abjecto...

Quem nos diz que o pintor não sentia no seu coração alentos para transformar moralmente aquella mulher vendida a todos os desvarios do luxo e da sensualidade? Quem nos diz que Pigmaleão, pedindo ao céu a chamma da vida para animar a estatua saída do seu immortal cinzel, não é o mytho d'essas ambições gigantes, que tentam regenerar pelo amor as existencias condemnadas?

Inutil, esteril tentativa quasi sempre! Não ha balito puro e ingenuo que possa fazer reverdecer a flor murcha e desmaiada! As imaginações que perseveram na senda das paixões torpes ou falsas, não se enthusiasmam, não revivem senão perante o espectaculo da corrupção audaciosa.

Serão «os homens os grandes culpados da terra»? Será a sociedade a grande auctora d'esta immensa desolação moral que invade as organisações mais perfeitas, e endurece os corações mais ternos e expansivos?

No mundo moral é absurdo querer formular theoremas infalliveis. Aqui tem uma opportuna applicação o proverbio italiano: «*Il mondo va da se.*»

Louco seria o escriptor que quizesse nas suas creações artisticas não acceitar os factos consummados, os individuos como as circumstancias os produziram, mas interpretar todos os accidentes que lentamente, conduziram a creatura humana aos abysmos da devassidão ou aos extremos do heroismo. A arte concebida por esse modo reduzir-se-ía a uma abstrusa autopse, aonde o erro andaria perpetuamente de par com a verdade.

Como é que Marco se tornou a heroina d'aquella sinistra canção, em que todas as commoções poeticas são abafadas pelo tinir de uma bolsa? Como é que ella nem mesmo se digna dissimular o fastio de um affecto, que lhe atormenta o espirito? Como é que o seu rosto não cora diante da affronta, e os seus labios sorriem aos sarcasmos do desprezo? Como é que a mulher, emancipada pelo christianis-

mo, se encontra com a mulher antiga, apenas contemplada pelos acasos da formosura, e pela poesia das formas exteriores?

Para responder a estas interrogações, seria necessario submetter a sociedade moderna a uma vasta decomposição critica. O artista não póde, nem deve intentar tão grandiosa e immensa tarefa.

Digâmos a verdade, o drama *Les Filles de Marbre* vive d'uma situação, e é com ella que poude concentrar sobre si a attenção, e o interesse das platéas. E' a situação do 3.° acto; é quando o vicio não póde comprehender a poesia; é quando o capricho rejeita os effluvios do affecto; é quando a sensualidade banal, a excitação torpe dos sentidos, a energia do temperamento, cedem ao fastio de um amor mais nobre e elevado; é quando a meretriz se sente abafada na atmosphera de uma paixão, que vive a um tempo pelo culto do ideal, pelos prodigios da adoração, e pela embriaguez desordenada de voluptuosas caricias.

E aqui não confundâmos o sentimento com o individuo, a idéa com a forma. Não é Marco que representa as *vigilias do artista*, e as *insomnias do poeta*; desperta-as, é verdade, mas não as consubstancia, nem as exprime: essas ferventes aspirações, essas sublimes harmonias existiam no coração do poeta, e anceavam a vida, como os entes criados pela mão de Prometheu a chamma divina, que animasse os seus membros gelados e inertes!

A questão é saber quantas mulheres haveria dignas de fazerem palpitar aquella alma de artista: é perguntar ás classes elevadas, corrompidas pela vaidade, e sujeitas á influencia da riqueza, se as suas *mulheres de marmore* não teriam tambem calcado aos pés o affecto ingenuo do infeliz pintor. A questão é saber se Tasso, amando Leonor, princeza, foi mais feliz do que o divino Raphael d'Urbino, expirando nos braços da Fornarina, depois de a tornar immortal nos prodigios do seu pincel assombroso!

A differença é que Raphael, em vez de ser despedido com a brutalidade d'um cinismo ignobil, seria posto á porta

com mil ternas mesuras, por qualquer *coquette* do *beau monde*.

E' o contraste entre a princeza Falconieri de Octavio Feuillet, e a Marco, que se vende ao ouro, como a outra aos momentaneos caprichos da sua imaginação desordenada e abjecta.

Byron diz algures no seu *D. Juan*: « O que me apraz nas mulheres é que, não querendo ou não podendo fazer outra cousa senão mentir, conseguem-n'o tão bem, que a propria verdade não é senão mentira comparada com as suas palavras. »

Eu dessinto da opinião do illustre e grande poeta: acho na cruel franqueza de Marco mais desculpa do que nos artificios ignobeis d'essas creaturas, que dançam a polka, e que não possuem a coragem da sua propria degradação. Caída a mascara d'aquella cabeça de Medusa, seria possivel que a paixão do artista, desilludida das finitas e prosaicas ligações, que o mundo offerece, se volvesse de novo para a adoração das madonas, que sorriem nos quadros de Guido e Dominiquino, e que a sua cabeça pudesse de novo curvar-se com respeito perante as magestosas figuras do *Juizo Final* no Vaticano, e os bustos sublimes da ceia em *Sancta Maria d'elle Grazie!*

E quem nos diz que essas vocações sublimes, morrendo no esplendor das suas illusões artisticas, na magnificente aureola das suas virentes esperanças não são mais felizes do que vendo desfolhadas umas após outras as flores da sua coroa? O epitaphio de Byron é *D. Juan*, livro sinistro: e Chateaubriand nos ultimos annos da vida retratou a aridez da sua alma n'estas desoladoras palavras: « Tout me lasse: je remorque avec peine mon ennuy avec mes jours, et je vais partout baillant ma vie! » Receio muito, meu caro R***, que não seja essa a perspectiva do teu espiritualismo delirante, e a não negares como Berkley a existencia da materia, has de perder cedo o culto de tantas generosas chimeras, que como aquellas eternas rosas de Malherbe, desabrocham n'uma manhã, e já a tarde as encontra resequidas e desfolhadas.

Pesa-me, meu bom K.*** que nem mesmo partilhe o teu enthusiasmo pelo personagem do jornalista. Não é um typo, é uma individualidade. Nem todos os jornalistas são assim. Os Diogenes sujeitam-se de mais ás *conveniencias*, para não terem o incommodo de ladrar no ambito *desconfortavel* de uma pipa.

Consumir a força que Deus nos deú para dominar os acontecimentos, e fazer triumphar as idéas, n'um assalto esteril com um mundo surdo e cégo, é um martyrio inglorio, que uma intelligencia seria e convicta não pode acceitar. Emilio de Girardin, affirmando que mais vale uma hora de poder do que dez annos de jornalismo, pinta bem qual deve ser a tendencia dos que se dedicam a illustrar e dirigir a sociedade. Se a acção intellectual se não incarna n'uma audaciosa tentativa, pode muitas vezes perder-se, ou pelo menos adiar-se, no centro das diversas correntes que dominam e suspendem o espirito publico. O jornalista, que é a *reflexão*, nem preveniu a catastrophe, nem castigou a infamia. Inutil Cassandra! vê expirar o amigo, e já nem lagrimas possue nos olhos para prantear o seu acerbo destino.

A final o que podemos affirmar é que o drama — *Les Filles de Marbre* tornou-se um acontecimento. Muitas creaturas, de ambos os sexos, que não sabiam ainda bem se tinham vindo a este mundo para pensar, dignaram-se discutil-o em fervorosas conversações. *En hora buena!* O maior de todos os milagres da Biblia, segundo eu creio, é quando a modesta conductora do propheta Balaam trava um dialogo com o anjo invisivel que lhe suspende o passo.

LA DAME AUX CAMÉLIAS.

Para quem observa o mundo, e a arte, sem odio nem amor a nenhuma idéa exclusiva, *La Dame aux Camélias* não apparece como uma audaciosa tentativa litteraria, nem como uma excentrica hypothese moral. Os cortezãos da sociedade official, os que admiram mesmo as miserias e pequenezas d'aquelles a quem o acaso ou a fortuna collocaram em posições eminentes, talvez não consintam que o amor possa habitar energico e ardente, impetuoso e indomavel no coração d'essas infelizes creaturas, que, depois de uma vida tormentosa, morrem obscuras e ignoradas, na infamia, no abandono e na miseria.

Sei quanto é perigoso apresentar a imaginações inexpertas o quadro das elegancias e corrupções do vicio: sei que todo aquelle luxo, e toda aquella devassidão, attrahe e amedronta, repelle e encanta ao mesmo tempo. Passar da existencia febril dos salões, para o remanso poetico do campo; apagar dos labios os beijos mercenarios para os offerecer a um amor sincero e delirante; guardar intacto o coração dos cataclysmos de uma vida abjecta, como Herculanum e Pompeia dás lavas impetuosas de uma erupção vul-

canica, é realisar, no meio da prosa monotona da existencia moderna, um poema digno das exaltadas esperanças de algum caracter excentrico.

E' tão triste e resumido o espectaculo das diversões de uma certa sociedade! E' tão difficil encontrar, entre uma polka e uma contrádança, uma paixão que satisfaça as ambições do espirito, e as aspirações do coração! Seccam tão breve as flores do sentimento, bafejadas pelas conveniencias, e esmagadas pelos calculos de um interesse hypocrita!...

Essa mulher, ao menos, deshonrada e infame, passando de mão em mão, como uma mercadoria cubiçada, é feliz um momento, e resgata, por alguns dias de ventura, os tormentos de uma vida inteira.

Loucos são aquelles que acreditam que ha almas nascidas para o vicio, assim como organisações fadadas ao culto da virtude... Entre os instinctos e a vida, entre as aspirações do coração, e os phenomenos da existencia social, ha uma potencia tremenda, uma fatalidade medonha que decide da sorte das creaturas, que arranca as illusões da fronte das mulheres que nasceram puras, que estanca na sua alma os sentimentos generosos, que as degrada, que as infama, que as arremessa para o inferno d'um vicio sem grandeza e sem poesia: umas vezes é a miseria, outras a decepção d'um amor trahido, e quantas o orgulho de affrontar a opinião, e de esmagar com desdem o proprio desprezo!

- Explicar d'um modo uniforme o mysterio d'essas existencias femininas, que se venderam aos caprichos e vaidades da opulencia, seria ultrajar a natureza humana, e elevar uma paixão abjecta á altura d'um dogma social... O mal é que para essas mulheres o arrependimento é impossivel, e que as mais orgulhosas hão de coroar-se com a infamia, e vingarem-se pelo escandalo do sentimento da sua irremissivel degradação.

E porque é que o arrependimento as não pode salvar? Que direito ha n'uma sociedade, corrupta e infame, para não abrir o seu seio ao vicio commettido nas regiões infe-

riores? Porque é que essas donzellas, que se venderam ao amor de um velho, por um contrato legal e licito, que essas esposas que trahiram os seus deveres em nome d'um momentaneo capricho, que esses homens politicos, que mercadejam com o talento, que toda essa crapula moral que se agita insolente, e que domina arrogante, foge espavorida diante do stigma que mancha aquellas frontes?

A quantas não poderiam dizer essas *lorettes:* Porque fugis de nós, vós que alimentaes dentro d'alma tantos e tão grandes erros como os que nos perderam? Porque recebestes tambem a opulencia de mãos indignas, e vos vendestes á influencia, á vaidade, ao desejo de serdes admiradas, traficando com a vossa posição e a vossa formosura?...

Não julgâmos entre tanto util que certas scenas intimas se produzam no palco. Sem nos presarmos de austeros moralistas, suppomos que as idéas e impressões que o romance admitte, offendem a dignidade, apresentadas no theatro. Para que descortinar essas fraquezas condemnaveis, e patentear esses deploraveis caprichos? Qual foi o pensamento do auctor? Demonstrar-nos que o coração reage contra as circumstancias, que as necessidades do sentimento são muitas vezes superiores aos prestigios da opulencia, do prazer e da frivolidade, e que a *Manon Lescaut*, o typo immortal do seculo XVIII, pode transformar-se em *Margarida Gauthier?*

Raros homens ha no mundo que não tenham observado, em esphera mais obscura, como o amor nobilita existencias despreziveis, e como os mais sublimes sacrificios são gostosamente cumpridos, em nome de um affecto, tanto mais exclusivo, quanto é a unica luz que illumina almas privadas de todo o carinho e abandonadas de toda a esperança!

O drama, entretanto, salva uma ou outra inverosimilhança, está escripto com fogo, com energia, e pinta-nos o caracter, em traços expressivos, e a situação, em lineamentos decisivos e correctos.

A situação, sobre tudo, é dolorosa e tragica. E' a

mulher, que tenta apagar a mancha que a deshonra, e que, como a nodoa de sangue de Macbeth, reapparece de continuo, e não pode ser lavada com toda a agua do oceano.

E' que essa mulher não pode ser absolvida nunca. A voz do pae de Armand, é a voz impiedosa do mundo. Não ha mascara que possa esconder a infamia do seu nome; nem rehabilital-a, nem restituil-a a essa segunda innocencia, que o sentimento tantas vezes realisa para as almas apaixonadas.

Ser arrancada dos braços do seu amante, para o salvar da propria cegueira do seu amor, não é acaso attingir o heroismo do affecto, despil-o de todo o egoismo, para o tornar puro e immaculado como o amor de mãe?

Mas os desejos do pae de Armand, mas a devoção sublime de Margarida foram imprevidentes, não contando com a resistencia invencivel do mancebo, que concentrára n'aquelle amor todas as potencias da sua alma. Ha paixões que se não arrancam do coração, nem mesmo em nome do orgulho, e da dignidade offendidos. São como a tunica de Nessus, levando pedaço a pedaço as carnes dilaceradas de Hercules. O 4.° acto é logico e dramatico, porque colloca, perante o amor ideal, a paixão louca, delirante e insaciavel. O sacrificio de Margarida não podia ser comprehendido, se porventura Armand se resignasse a perdel-a sem lucta, a esquecel-a sem combate. E' uma paixão, que se transforma como o apparente procedimento da *lorette*. Rejeita as perspectivas candidas, que a tornavam pura e encantada, como as flores da campina, como as delicias da primavera, para se abysmar no desespero, na raiva, no desejo phrenetico e irritante.

Armand quer possuil-a infame, já que não pode abraçal-a no poetico abandono de um affecto ingenuo. Anceia os seus beijos, embora aquelles labios estejam vendidos; quer apertar ao coração aquella fronte, embora ainda os vincos dos diamantes de outro lhe alterem a limpidez: a Magdalena tornou-se Manon Lescaut, e ainda assim o desprezo não affogou a paixão!

Se a arte admitte excepções ás vezes mais repugnantes,

como ha de repellir a analyse de uma situação tão frequente na vida?

E' certo que nem os alentos poderosos do orgulho, nem as inspirações da dignidade, podem suffocar certos sentimentos. Quantos se sentem Jobs moraes, devorados de lepra, e que não possuem a coragem de se horrorisar de si mesmos!

A morte de Margarida, d'essa existencia miseravel a quem Deus manda na agonia um raio de amor ineffavel, é uma solução tão natural, que nem mesmo o espirito pode acceitar outra hypothese de desenlace.

Essa mulher minou a sua existencia, menos pelos prazeres e pelo devassidão, menos pelas vigilias da orgia e dos bailes, do que pela fatal aspiração dos seus instinctos apaixonados... A falta do amor era para ella a morte, e a necessidade de amar era a unica ambição da sua alma... Amou um instante e viveu... Deu todo o affecto que possuia no coração, foi admiravel de confiança, de generosidade, de loucura... Nobre e poderosa organisação moral, que o mundo esmaga, porque o mundo raras vezes consente e comprehende as altas superioridades da intelligencia e do sentimento!

Deus me livre de condemnar as liberdadades do pensamento e da imaginação, mesmo quando se desvairam em concepções desordenadas. Mas poderá alguem negar que o desgosto, que a saciedade que devoram as mais viçosas intelligencias, e os mais generosos caracteres, não provêm d'este furor de analyse, que submette classes e homens, paixões e sentimentos, illusões e affectos, prestigios e esperanças a um impiedoso estudo?

A poesia moderna, depois de orar e de abençoar nas meditações de Lamartine, desce como o Dante ao inferno da duvida nas *Novissima verba!* A liberdade, depois de se erguer enthusiastica e impetuosa, proscrevendo a pena de morte, e resuscitando as nacionalidades abatidas, adormece acalentada pelas tradições d'uma gloria desvanecida! O amor, que a imaginação se comprazia em pintar nas candi-

das faces d'uma virgem, já o vemos illuminando os olhos d'uma meretriz...

Tudo pode ser, e tudo é talvez assim. Mas se o bello moral vae abandonando pouco e pouco as regiões da vida positiva, se os corações estão vasios, se todo o culto estremece nos altares sociaes, seja o pincel e os versos, a prosa e o cinzel, sejam as almas dos artistas que o não abandonem á vaga invasora das paixões e interesses, que absorvem a civilisação moderna.

A ULTIMA ARCADIA.

BOCAGE — JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO — PHILINTO ELYSIO.

I.

Eis o que escreviamos de Bocage, nos *Ensaios de Critica e Litteratura:*

«E quem era Bocage, para perturbar o somno dos altos possuidores das regalias monarchicas? Era um pobre louco, um improvisador admiravel, que procurava — quem sabe? — affogar os generosos impulsos de um grande coração nas deploraveis diversões de uma devassidão ruidosa.»

«Nós acreditâmos firmemente que a morte de Bocage foi um suicidio, um d'esses suicidios, que se procuram ás vezes nas lentas agonias do vicio. Ha nas composições do poeta uma tal expansão de sentimento, uma tão grande irradiação de sensibilidade, uma presciencia tão vehemente de uma outra escola, que se percebe que aquella poderosa intelligencia está desterrada da sua epocha, que se manifestam salientemente as luctas de uma vocação incomprehendida com as miseraveis exigencias de uma sociedade, digâmolo sem reticencia, beatamente grosseira, e hypocritamente severa.»

«E ainda que o poeta quizesse estender os olhos ao largo e ir aspirar as primeiras interjeições de liberdade n'essa poetica França, o que era então a litteratura?»

«O que Lamartine conceituou admiravelmente nas *Des-*

tinées de la Poésie, era uma equação algebrica, reproduzia toda a aridez das formulas mathematicas. Ali era mister ouvir os Mirabeauds, os Barnaves, os S. Just, os Robespierres, os Dantons, ou olhar a carreta que levava o poeta do *Jeu de Paume*, o que batia na cabeça dizendo: *Et pourtant j'avais quelque chose là.*»

«O que ganhou elle nas impressões exteriores, que fermentavam incoherentes no volcão d'essa heroica crise? A negar a propria poesia, a discutir n'uma philosophia superficial os mais augustos mysterios da natureza humana, a escrever a *Pavorosa illusão da Eternidade!*»

«O que lhe pedia essa sociedade cadaver, dentro da qual se agitava o novo Encelado? As decimas, os sonetos eroticos, que appareciam recendendo de ponche e de aguardente, ou os ridiculos concèitos de bastardo sentimentalismo, que pouco mais valiam para respeitar o culto perdido da arte, da poesia.»

«Bocage é para nós mais do que uma individualidade poetica cheia de vigor e de energia, é o typo dos destinos d'essas existencias ignoradas, victimas da epocha em que nasceram, victimas da sociedade que lhes serviu de algoz, victimas do proprio talento que as abrasava! Chatterton morreu de fome, porque essa opulenta aristocracia ingleza achava que era bastante, para que o genio vivesse, applaudir o genio. Bocage recebia uma esmola por um soneto, e vendo-se isolado, deixou-se morrer!»

Este juizo, talvez exacto no fundo, era sufficientemente exagerado na fórma. Bocage, dotado de poderosas e energicas faculdades, vivia certamente acanhado n'uma sociedade estacionaria; mas parte das suas desgraças nasceram da irritabilidade do seu caracter, e da selvatica independencia do seu orgulho.

Não lhe faltaram protecções sinceras, nem mãos amigas que apertassem cordealmente a sua. Mas como poderia elle alimentar a mais energica e activa de todas as paixões, n'uma organisação superior, como era seguramente a do fogoso vate — a ambição?

Avido de gloria, sedento de louvores, insaciavel de applausos, a sociedade dos *outeiros*, as sucias dos cafés, e os *chás* dos grandes da côrte, eram um theatro demasiadamente estreito para a actividade do seu espirito. Para apagar essa melancholia vaga, esse fastio mortal, que se apoderam dos que nasceram marcados pelo dedo da Providencia com o cunho de uma vasta intelligencia, é que talvez se desse aos excessos da devassidão, que lhe cavaram um tumulo prematuro.

E todavia a sua existencia fôra agitada e tormentosa, e ella explica de um certo modo a superioridade da sua vocação, e a fecundidade com que a sua imaginação, enriquecida pelo espectaculo das bellezas de remotos climas, produziu esses improvisos, mais de uma vez dignos de sobreviverem aos applausos enthusiasticos do momento.

Segundo o Sr. Castilho (José) Bocage devêra ter nascido em Setubal aos 15 de setembro de 1765: os outros biographos são concordes em affirmar que nascêra em Setubal aos 17 de setembro de 1766.

Assentou primeiro praça de cadete no regimento de Setubal, depois regimento n.° 7, entrando em seguida para a armada, d'ahi a dous annos, na qualidade de guarda-marinha. Em 1785, tendo de idade dezenove para vinte annos, vêmol-o tenente de infanteria, nas vesperas de partida para os Estados da India.

Que vivas impressões não despontariam no seu espirito, visitando os antigos logares das nossas glorias militares e maritimas? Que profundo contraste não conheceria elle, contemplando os monumentos d'aquella audaz conquista, e vendo em torno de si os netos degenerados dos valorosos aventureiros, que haviam enchido o mundo com a gloria do seu nome, alargando os seus limites, e sujeitando-os ao dominio do pequeno reino das noventa leguas, sumido nos confins do occidente?

Tudo era novo para um poeta, tudo lhe devia exaltar a mente, e engrandecer o espirito. O mar, nas meiguices da bonança, ou nos furores da tempestade; a natureza lu-

xuriante e encantada da Asia, com os primores da sua vegetação, e os caprichos phantasticos do seu clima; as tradições, que rebentavam prestigiosas em cada pedra ainda tinta de sangue, em cada muro de fortaleza, ainda rasgado dos pelouros e machinas de guerra.

Devia ser forçosamente profunda e decisiva a influencia d'esta viagem no coração do poeta. E se os tempos fossem outros, se Bocage não tivesse de desperdiçar as faculdades na tumultuosa agitação de uma vida incerta e atravessada de prazeres frivolos, crêmos que um monumento litterario havia de conceder ao seu nome uma gloria mais solida do que a que alcançou com os rasgos caprichosos da sua musa aventurosa e ligeira.

Era que elle visitára tambem os logares aonde Camões chorára com lagrimas de sangue as saudades do seu amor, e as agonias de um desterro, que o afastára das margens de Portugal! Bocage, tendo irritado o capitão-general da India D. Frederico Guilherme de Sousa, publicando contra a sua amante a satyra obscena que tem por titulo *Manteigui*, fôra para Macau, em fins de 1788 e principios de 1789, e demorára-se ali até ao anno de 1790, em que voltou para Portugal, demittido do seu posto, e sem nenhuns meios de fortuna.

Não duvidâmos que o caracter acerbo do poeta pudesse até certo ponto justificar este rigor excessivo: mas este facto, como outros muitos, não exprime mais do que essa guerra contínua que a mediocridade intenta contra os talentos que a assombram, e as vocações que a deslumbram.

O gosto das letras não havia fallecido de todo em Portugal. A' primeira Arcadia, que contára entre os seus membros poetas tão distinctos como Garção, Quita e Diniz, succedia a segunda, em que Bocage e José Agostinho de Macedo deviam tomar um logar importante, e dar principio a uma lucta de amor-proprio, que, para gloria de ambos, deveria ter sido apagada da historia litteraria do tempo.

Nós crêmos firmemente que não são as academias, nem as sociedades litterarias que podem fazer despontar esperan-

çosos talentos, sobre tudo na poesia. E se ha cousa em que se manifeste melhor o poder da individualidade humana, é nos assumptos litterarios. As Arcadias eram menos templos, do que hospitaes das letras. Os talentos mediocres pouco ganhavam com aquella convivencia, e os talentos superiores de certo perdiam. A inspiração não se ordena ao espirito, e querer reduzir as letras a uma especie de officina, com obras de encommenda, era o mais repugnante dos absurdos.

Bocage despendia na guerra contra os seus proprios socios a veia, que poderia empregar em composições dignas do seu elevado engenho. E não seremos nós que louvemos demasiado o seu espirito, quando elle se exaltava em sonetos satyricos como este com que fulminou os seus inimigos e emulos litterarios:

Contra Elmano Sadino urrando avança
O esteril Corydon (1), o vão Belmiro (2),
Bernardo (3), o Nenias, lugubre vampiro,
Que do extincto Miguel possue a herança:
O curto Quintanilha (4), o torpe França (5),
O tonsurado, retumbante Elmiro (6),
Vibram tiros ao vate, e é cada tiro
Mais frouxo, que pedrada de creança:
. . . . . .
Mas se inda a corja renovar o ataque,
Bocage que fará? Pôr-se de escudo,
Perder doze vintens n'um Almanach (7).

Foi por causa d'estas rivalidades litterarias, e d'estas

---

(1) Joaquim Francisco de Araujo — Corydon Neptunino.
(2) Belchior Curvo Semedo — Belmiro Transtagano.
(3) O doutor Manuel Bernardo de Sousa e Mello.
(4) O doutor José Thomaz Quintanilha — Euzindo.
(5) O doutor Luiz Corrêa de França Amaral — Melysêo Cilenio.
(6) O padre José Agostinho de Macedo — Elmiro.
(7) Este Almanach era o *Almanach das Musas*, de que saíram quatro folhetos offerecidos ao *Genio Portuguez*.

rixas poeticas, que Bocage se abandonou a todo o fogo do improviso, e dispersou as faculdades em assumptos de occasião, em vez de as reunir para obras de mais vulto e valia. Era necessario, para deslumbrar os vates, que contavam resistir á sua dictadura intellectual, que o poeta se entregasse aos delirios da improvisação, e com os nervos excitados por abundantes libações, com a voz tremula, o rosto em suor, os olhos esgaseados, compozesse os sonetos lubricos, as decimas satyricas, as quadras impias, que lhe valeram uma reputação popular, e os applausos unanimes dos entendedores.

Glorias fugitivas são sempre as que se alcançam nos fogosos artificios do repentista. A poesia vive sobre tudo da inspiração, mas não pode existir desacompanhada da reflexão e do estudo. N'uma ou n'outra occasião seria possivel que o soneto, que a decima, que o epigramma pudessem merecer os louvores de uma critica imparcial; depois a imaginação exhausta, havia de caír forçosamente na vulgaridade, e abandonar as tradições da arte.

Este é o grande perigo dos que se empenham em produzir, sem medirem as suas forças, sem escutarem a voz da verdadeira inspiração, sem robustecerem o espirito pelo estudo dos monumentos d'arte. Repetem-se as imagens, empregam-se identicas formulas e estylos em todas as composições, reduzem-se ao *mecanismo* assoprado e campanudo, symptoma de decadencia nos mais altos engenhos, e nas mais opulentas litteraturas.

A epocha em que viveu Bocage não condemnou menos a sua existencia aos favores da dependencia, do que o seu talento aos vicios de uma escola, sem gosto e sem alcance.

O poeta tinha de descer forçosamente, nas suas luctas, ao nivel dos que offendiam o seu amor-proprio, e queriam usurpar-lhe louros, que elle, na sua immensa vaidade, julgava deverem-lhe ser exclusivamente dedicados.

D'ahi tambem nasceu o infeccionar-se das pequenas paixões, que geralmente reinam nos corrilhos litterarios de um certo genero.

A primeira edição das suas obras, impressa em 1791 na officina de Simão Thadeu Ferreira, debaixo do titulo de *Rhythmas*, havia-lhe alcançado, não só a boa opinião dos doutos, mas uma certa aura popular, que é mais ainda. Coroado de repente poeta, pela admiração unanime, o seu orgulho tocou limites extremos. Em 1792 é que começou a contenda entre os poetas da Arcadia, e os primeiros aggressores foram o abbade de Almoster, Belchior Curvo Semedo, e o doutor França.

Se as questões versassem sobre critica litteraria, sobre historia, sobre alguma these moral ou philosophica, é fora de duvida que poderiam engrandecer os horisontes da litteratura, e occupar dignamente homens, que em diversa escala possuiam instrucção e engenho. Mas era a satyra nua, descabellada, insolente; era a injuria avivada pela hyperbole, e como affogada em aventurosas metaphoras. Desceram ás ultimas consequencias da mais deploravel animosidade. Esgotaram o diccionario dos insultos plebeus, e invadiram os dominios, que devem sempre existir vedados aos que prezam a decencia e a civilidade. Termos obscenos, termos asquerosos, tudo foi empregado n'essas pugnas de inqualificavel torpeza. Bocage não soube responder com o silencio da dignidade ás affrontas do cynismo e da inveja.

O seu talento, que se rebaixava n'estas discussões sem alcance, mereceu as honras da perseguição, e como se temperou nas duras provas da desgraça. Em 1797 foi prezo no Limoeiro, e posto em rigoroso segredo, por suspeita de ser auctor de papeis *impios, sediciosos e criticos.*

Seria verdadeira a accusação? É fora de duvida que sim. Bocage lêra os philosophos do seculo XVIII, e adivinhára as modificações que a sociedade moderna tinha de soffrer, em nome dos novos principios proclamados pela revolução franceza. Afastado do theatro d'aquelles acontecimentos, ouvia apenas os brados da victoria, os gritos do enthusiasmo, e a explosão das verdades humanitarias, sem sentir horror pelas scenas sanguinolentas, que vieram manchar os altares da liberdade.

Bocage expiou até ao anno de 1798 a sua exaltação politica, e a sua impiedade religiosa, sentimentos então gemeos, e que caracterisavam *os espiritos fortes* do liberalismo.

A sua soltura foi sobre tudo devida aos esforços dos marquezes de Ponte de Lima, Abrantes e Pombal, e tambem á protecção do ministro d'estado José de Seabra e Silva, homem illustrado, e que no intimo da sua consciencia perdoava a um esperançoso talento as liberdades que o pensamento procurava conquistar, em despeito dos obstaculos creados por um absolutismo desconfiado e obscurante.

Bocage então dedicou-se a uma vida mais activa e laboriosa, e, com o ordenado de vinte e quatro mil réis mensaes, tornou-se revisor de provas da *officina chalcographica*, obrigando-se tambem a verter para portuguez bons auctores, e a compor um certo numero de obras originaes.

A este contrato devemos nós a traducção dos *Jardins* de Delille, das *Plantas* de Castel, do *Consorcio das Flores* de Lacroix, etc.

Em 1802 esteve todavia em risco de ser lançado nos carceres do Santo Officio, por haver sido denunciado *francmaçon*; mas felizmente não procedeu a accusação, e o tribunal, já então mais decadente no espirito publico, deixou em paz a musa irritavel do poeta.

Bocage parece que teve o presentimento da sua morte prematura. Pouco tempo antes de caír doente, havendo-lhe morrido uma sobrinha de cinco annos, e tendo expirado no mesmo predio um homem de sessenta annos, e uma donzella de dezoito, o sceptico, o indifferente, sentiu os terrores da morte, e n'um bello soneto denunciou as amarguras que a alma sente, em presença de um tão medonho espectaculo. Depois, illuminada a phantasia por um raio de fé, exclama :

Ah! porque tremes, louco? Ah! porque pênas?
Sonhas n'um ermo, e surgirás do sonho
Em climas d'ouro, em regiões amenas.
. . . . . .
. . . . . .

O fervor religioso accordou-lhe n'alma durante a sua doença. Nos *Novos Improvisos* encontra-se por exemplo este soneto, em que elle parece que adivinha todos os extasis de viva crença, que deviam tornar tão celebre depois a musa de Lamartine:

Comtigo, alma suave, alma formosa,
Celeste imagem, de que o céu me priva,
Que eu vivesse não quiz, não quer que eu viva
Lei (sendo ethérea) ao coração penosa:
Vendo sumir-me por morada umbrosa,
Ah! Não desmaies, a constancia aviva,
E por artes de amor, de amor oh diva,
Do não gosado amante os manes gosa:
Mais doce orvalho de teus olhos desça,
A' linda (como tu) melhor das flores,
Que em torno á campa se abotoe e cresça;
Passeia entre os meninos voadores,
Une a mãe aos filhinhos, e pareça
Da morte a solidão jardim de amores.
. . . . . .
. . . . . .

Quando a chamma de um sentimento puro animava o coração do poeta, a sua imaginação como que adivinhava a escola moderna no que ella possue de mais terno, melancolico e encantado.

Quem o diria? Ha sonetos de Bocage que reproduzem todo o espiritualismo plangente, que depois admiramos nas *Meditações* de Lamartine, e n'algumas odes de Victor Hugo. A inspiração do poeta era superior ás duvidas amargas do philosopho e do sceptico. E quando a sua alma se sentia tocada de mysteriosa e intima adoração, quando a blasphemia lhe morria nos labios, afastada pelas supplicas e gemidos do amor, quando se esquecia das repugnantes orgias aonde procurava esquecer os pezares do coração, a sua musa podia tornar-se irmã das que mais tarde vieram consolar a

sociedade moderna das amarguras e tristezas em que a revolução e o imperio haviam sepultado o mundo.

O unico elogio que pode fazer-se a Bocage é dizer que elle appareceu mais tarde, ou nasceu mais cedo do que deveria para a sua propria gloria. Faltou-lhe a atmosphera moral, aonde a sua grande alma pudesse respirar á vontade. Teve de affinar o talento no tom pretencioso, e nas *descabelladas* pugnas litterarias, em que se revolviam os poestastros que tentavam uns ser seus rivaes, outros seus imitadores.

É raro ver, ainda os mais austeros caracteres e os mais rudes orgulhos, resistirem ás offensas de amor-proprio. Para essa turba de insulsos rimadores, que procuravam ultrajar o distincto poeta, não haveria senão o fulminante verso de Dante: « *Non ragionare da loro, ma guarda e passa!* » Mas Bocage adoecia da molestia commum, e descendo á arena, nivelou-se moralmente com os corrilhos, que passavam o tempo, fazendo *versos anões a anãs Nerinas*.

Até que ponto influe Bocage na poesia do nosso seculo?

Seria difficil responder á pergunta discutindo-a minuciosamente. Bocage dulcificou, se é licito o termo, as formas da poesia, mas não creou um monumento, que pudesse inspirar energicamente o genio litterario do futuro.

É incontestavel entretanto que elle e Filinto Elysio legaram muito á geração que lhes succedeu: *A Primavera* do sr. Castilho, a *D. Branca* do sr. Garret, manifestam, em differente escola, a proxima acção dos dous poetas, que em vida se saudaram, e puderam comprehender-se.

JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO.

II.

De Bocage a Macedo a transição não é facil. Um nasceu poeta, outro sem merecer realmente esse nome, deixou de si creações litterarias, que testemunham um poderoso, ainda que incorrecto engenho.

Para nos não afastarmos do methodo que procuramos seguir n'este trabalho, citaremos as palavras que escrevemos a respeito de José Agostinho de Macedo nos *Ensaios de Critica e Litteratura.*

« Quem falla hoje de José Agostinho de Macedo — do immundo plagiario e detractor de *Camões*, do atroz calumniador dos seus collegas nos *Burros* — d'esse homem, hesitando entre o salario vergonhoso do poder, e a voz da consciencia, que o chamava para o campo das novas idéas?

« Cantou a religião — elle o hypocrita, o atheu moral: cantou a monarchia, elle, o rhapsodista das paginas da Encyclopedia, o sacrificador da maçonaria, o renegado da liber-

dade!... Olhae bem! esse homem escreveu muito, teve a ambição da universalidade, tentou ser um Voltaire, na ordem de idéas que havia escolhido: e foi um histrião dos seus contemporaneos, dispersou as suas faculdades em polemicas miseraveis, e não deixou uma obra, um documento perfeito do seu talento!

« Assim como o viajante, de que falla a ballada allemã, vendeu a sombra ao demonio; o seu quinhão glorioso do futuro — o seu nome saudado na posteridade, tudo sacrificou aos reaes da policia secreta!... Antes morresse de fome... Se não prostituisse o talento, era, não duvidâmos affirmal-o, uma das mais robustas reputações das nossas eras. Serviu os interesses da sua pessoa, desprezando a gloria do seu nome: demorando a acção das novas idéas, atraiçoou a sua propria causa.

« José Agostinho de Macedo é um typo tambem, o typo da intelligencia corrupta; e não ha coração, por menos orgulhoso que seja, que se atreva a envejar-lhe o destino. Ahi o têem: rabiscou resmas de papel, foi um verdadeiro polygrapho, e nem pode ser classificado em genero, na escala dos nossos auctores.... Poeta lyrico, poeta heroi-comico, poeta epico, poeta didactico, libellista, prégador; e não ha uma ode, um poema, um libello, um sermão, que possam passar como modêlo!... Apontâmol-o á geração presente, como a prophecia de todo o talento, que atraiçoar a sua vocação, e prostituir o seu culto. Essa cabeça de Medusa fará recuar a imaginação menos timida, e a consciencia mais calada aos toques da moralidade. »

O que acabâmos de citar, constituia menos um juizo critico, do que uma insolente e embravecida *verrina*. Pensâmos entretanto que tinhamos razão no fundo, e a leitura que fizemos das obras de José Agostinho de Macedo justifica, até certo ponto, o que dissemos a respeito da inconsistencia litteraria das suas numerosas tentativas poeticas.

José Agostinho de Macedo é um versificador monotono: é brilhante sem ser magestoso, é assoprado sem ser eloquente, e debalde procurareis nos seus versos o prestigio e

encanto das imagens, o atticismo gracioso de um pincel ameno e facil. Sente-se que elle não copia do vivo, que o seu talento se inspira do estudo e convivencia de outros poetas, que não traduz as suas impressões, que não sente com o seu proprio coração, nem as maravilhas da natureza, nem as suaves emoções dos affectos. A José Agostinho de Macedo pode-se applicar, proporções guardadas, o que Victor Hugo affirma de Voltaire: «Excepto na tragedia, que lhe é propria, ao seu talento falta franqueza e ternura. Sente-se que tudo aquillo é o resultado d'uma organisação, e não o effeito de uma inspiração: e quando um medico nos vier dizer que Voltaire inteiro existe nos seus nervos e tendões, receiaes que elle não tenha razão.»

Ha certas apreciações, que o espirito comprehende, e que a palavra é impotente para revelar. Apparecem de certo nos diversos poemas de José Agostinho de Macedo, na *Meditação*, e na *Viagem Extatica*, por exemplo, trechos de um grande vigor, e de uma incontestavel belleza: e porque é, que apesar de tudo, nada d'isso nos commove, e nos enthusiasma? Qual será o motivo, por que um soneto de Bocage nos deixa pensativo e entregue a uma languida tristeza, e que os versos imponentes do cantor do *Oriente* nos fascinam um momento, e não deixam comtudo nenhuma impressão vehemente na imaginação?

Além de tudo, José Agostinho de Macedo, que é deploravel como poeta lyrico, que está abaixo da critica como compositor dramatico, entregou-se quasi exclusivamente ao genero didactico. Hégel, no seu *Curso de Esthetica*, parece-nos haver caracterisado expressivamente a *poesia didactica* quando diz:

«Fallando rigorosamente a poesia didactica não deve ser contada entre as fórmas proprias da arte. Com effeito, o fundo e a fórma são aqui completamente isolados. As idéas são comprehendidas em si mesmas, ou na natureza prosaica e abstracta. De outro lado, a fórma artistica não pode ser ligada ao fundo senão por uma relação puramente exterior, porque a idéa já está impressa no espirito com o

seu caracter, abstracto: porém o animo se dirige, antes de tudo, á razão e á reflexão, e sendo o seu fim introduzir na intelligencia uma verdade geral, a sua condição essencial é a clareza.»

A citação dispensa-nos de longos raciocinios para provar que o ardor com que José Agostinho de Macedo se dedicou ao *genero didactico*, exprime eloquentemente que não era um verdadeiro poeta, e que a extravagancia dos seus juizos, a imperturbavel audacia com que fulminou muitas obras primas do espirito humano, *A Illiada de Homero*, e *Os Lusiadas* de *Camões*, por exemplo, indicam plenamente a inferioridade da sua vocação poetica, e a ausencia notavel que possuia de bom senso artistico.

José Agostinho de Macedo era um critico, e um jornalista em verso, e quando no *Motim Litterario* caracterisou pittorescamente a *Henriada* de *Voltaire* de *Gazetal poema*, mal sabia elle que proferia uma sentença sobre o seu proprio merito litterario. Alguns poemas, que elle pomposamente engrandecia nas explosões de uma gigantesca vaidade, não passam de artigos de superficial sciencia, postos em verso campanudo e bombastico.

Quanto a nós, a acção litteraria de José Agostinho de Macedo, o que caracterisa melhor o seu talento, e prova os fecundos recursos do seu espirito, verifica-se sobre tudo no pamphleto, na satyra, no opusculo fugitivo, nas dissertações *humoristicas*, que elle, no genero politico ou litterario, improvisava com a actividade febril, de que só ha exemplo na moderna imprensa periodica.

José Agostinho de Macedo é o precursor do jornalismo, e é elle proprio um jornalista inventivo e espirituoso, talhado para as lutas acerbas da imprensa, infatigavel e imaginoso, prompto na replica, e mais de uma vez feliz no sarcasmo, e na invectiva.

O *Motim Litterario*, as *Pateadas*, as *Cartas a Manuel Mendes Fogaça*, revelam-n'o plenamente como escriptor e como estylista. A sua prosa limpida e clara, ao mesmo tempo desprovida de imaginação, e mais de uma vez

rasteira, prestava-se maravilhosamente a essa especie de assalto de espada preta, em que o jogador deve ter o pulso rijo e o florete perpetuamente em riste.

A julgarmos os seus escriptos pelas conveniencias que hoje dominam nas regiões litterarias, ficaremos deveras indignados do cynismo, da obscenidade, das expressões villans, dos epithetos degradantes, com que elle matisava tudo quanto saía da sua penna. Ha obras suas, cujo titulo mesmo nem pode ser pronunciado, nem escripto, e todavia vendiam-se publicamente, e não sei se os cegos as apregoavam pelas ruas. O proprio Arétino teria pejo de estampar o seu nome na frente de tão escandalosas composições.

O segredo d'este personalismo insolente, d'esta raiva com que não só atacava os seus contemporaneos, mas tentava ferir reputações já reconhecidas e consagradas pelo juizo da posteridade, consistia u'um facto, que facilmente se realisa nas quadras de transição. José Agostinho de Macedo, dictador litterario depois da morte de Bocage, era mui fraco para dominar a epocha em que vivia, era bastante forte, para lhe não querer obedecer. D'ahi as suas diatribes contra Rousseau, o empenho ridiculo com que collocava Estacio, poeta da decadencia romana, superior a Virgilio, a Horacio, aos mais eminentes poetas da pura latinidade!

O *Motim Litterario* exprime todas as angustias d'esta luta, que lhe seria fatal de certo, em tempos mais illustrados, e com mais esclarecidos contentadores. O *Motim Litterario* é um dos livros que retrata mais expressivamente as opiniões, e as tendencias de José Agostinho de Macedo. Escripto em fórma de soliloquio, é uma divagação perenne em que elle accumula com desassombro os trechos da sua vasta reminiscencia, e os caprichos da sua veia *chula* e sarcastica. Fallando de Pope, por exemplo, manifesta a sua predilecção pelos poemas didacticos, e justifica o seu pouco senso artistico quando diz:

«Em grande preço foi sempre tido e havido o poeta Pope: a poucos escriptores dei tamanha attenção. Nenhum dos poetas modernos foi por mim mais séria e profunda-

mente estudado. Senti sempre por elle uma especie de sympathia desde que tive lume no olho. Sempre desejei ser casamenteiro da Philosophia com a Poesia, e vi que elle procurava congraçar estas duas cousas por tantos seculos divorciadas. Não ha entre as obras de Pope uma só por pequena que seja que eu profundamente não estudasse, desde a ode á solidão, até á traducção de Homero.»

É notavel, ao mesmo tempo, que José Agostinho de Macedo no seu odio contra os francezes, e a litteratura franceza, caracterisasse, fallando d'elles, a sua propria versificação, sonora, retumbante, mas em que se conhece a falta de espontaneidade e de colorido.

«Não ha uma alma por paciente que seja, que leve de fio a pavio um poema francez, ainda que seja, segundo elles dizem, tão bem versificado como a *Henriada*, ou como qualquer das traducções de Delille: é um choto tão uniforme e contínuo, que o mesmo solavanco que dá a cabeça no primeiro verso, é que ha de dar no ultimo, além da contínua enfiada dos echos: porque se o verso de cima acaba dizendo *zum*, o verso debaixo, que já o está esperando de alcatéa, tambem acaba dizendo *zum*. . . . . .

. . . . . .

. . . . . .

«Nenhuma versificação, por perfeita e acabada que seja, pode sustentar o parallelo com a magestade da eloquencia, que tem uma intrinseca e mais difficultosa harmonia, sempre varia até ao infinito, onde nunca o ouvido cansa, e sempre a alma sente nova satisfação.»

O *Motim Litterario* tem a pretenção de ser o juizo final das reputações litterarias. Nunca a vaidade attingiu mais superiores limites: José Agostinho de Macedo decapita as glorias consagradas, e profere com entono os mais inqualificaveis disparates. Citaremos ao acaso trechos da sua critica, que fere expedita e concisamente, como a guilhotina, que elle fulminava, e que fez rolar tantas illustres cabeças, durante os tenebrosos dias do Terror.

Tratando de caracterisar o seu livro, concede-lhe gra-

tuitamente estas qualidades: « Elegancia de linguagem portugueza; erudição; jocosidade. » E accrescenta outras tres: « 1.ª Respeito á Religião. 2.ª Respeito ao throno. 3.ª Respeito á sociedade. » Veremos como elle justifica estas pretenções, tão desaffogadamente expressas.

No primeiro soliloquio o escriptor, o philosopho, o erudito apresenta logo a idéa de que « os homens seriam mais felizes, se não houvesse papel! » E desenvolvendo esta proposição paradoxal, exclama: « A peste, a fome, a guerra não tem causado tantos males e tantos damnos como o papel. » Não admira então que elle, em outro soliloquio mais distante, se exprima por este modo: « Os homens não se governam por philosophia. Leis e força: eis-aqui o verdadeiro e profundo Cornelio Tacito. »

E' na verdade digno de lastima ver um engenho, aliás poderoso, desvairado n'um longo e interminavel pezadello intellectual; e plagiario de João Jacques Rousseau, que elle tão vigorosamente fulmina, excedel-o no seu horror á civilisação, sem o desculpar ao menos a nobre paixão da independencia, e o ardente amor da liberdade primitiva, que inspirava o eloquente philosopho de Genebra.

Na esphera litteraria cresce ainda mais a má fé, e a pouca reflexão dos seus juizos. Citaremos a esmo, e quasi sem commentarios, algumas das proposições que se encontram no *Motim Litterario*.

« Ora por este homem (fallando de Petrarca, e da poesia depois da meia idade) veiu a peste de novo ao mundo: verdade seja que antes d'elle um tal Guido d'Arezo, e um tal Dante já tinham papagueado muito; mas este Dante é tão tenebroso, que não faz muito damno; e poucos espectadores aturam a tal chamada *Divina Comedia* em tres actos, o primeiro no inferno, o segundo no purgatorio, o terceiro no paraizo. »

José Agostinho de Macedo, como se vê, não havia lido o Dante, porque suppunha representavel a *Divina Comedia*, e nem ao menos por tradição comprehendêra que é elle o

grande creador da lingua italiana, e o primeiro genio da renascença.

« Não ha um homem no mundo mais esterilmente fertil do que Lope de Vega, » diz elle n'outra parte.

« O verdadeiro emprego da poesia é o quadro do Universo e a pintura da Natureza; tirado d'aqui é deitar perolas a porcos. »

Affirmar isto, elevando ás nuvens Pope e Thompson, não é por acaso ignorar completamente a indole e fins da poesia moderna?

« As arengas de Demosthenes, os arrazoados do Cicero, apesar de todo o estudado torneio de seus periodos, nada avultam se os comparo com as producções dos oradores dos primeiros tres seculos do christianismo.

« Bourdaloue é melhor que Cicero, » diz elle n'outro trecho, « e prostra tudo debaixo do pezo da verdade e da evidencia. » E mais abaixo: « Depois do seculo dos padres, entrando em o numero d'estes S. Zeno, bispo de Verona, Santo Esnheiro, bispo de Leão, e Eusebio Eminaro, o maior de todos os prégadores antigos e modernos... é... quem será? E' o abbade Poule. »

. . . . . .

. . . . . .

« Este Poule excede Demosthenes na vehemencia, e o vôo sublime que toma, é sempre sustentado com a mesma igualdade. »

O abbade Poule é de certo um orador digno de attenção, mas nem mesmo em França é citado a par dos grandes oradores da Igreja.

Fallando do historiador de Thou, o reverendo escreve o seguinte:

« Não sei se este é aquelle, a quem por compaixão do genero humano o cardeal de Richelieu mandou cortar a cabeça; se não morre tinhamos historia eterna, e até seria capaz de compor a historia do futuro. . . . . .

. . . . . »

Cicero é mais de uma vez aggredido, como vimos, e feroz-

mente no seguinte trecho: « Se ao palavrosissimo Cicero lhe tivessem cortado a lingua por lhe chamar mestra da vida, mais que por invectivar contra o borrachão de Marco Antonio, não lhe teriam feito grande injuria. »

Contentar-nos-hemos com o que havemos extractado, para não darmos demasiadas dimensões ao nosso trabalho.

O *Motim Litterario* define a um tempo o talento, o caracter, e as aspirações de José Agostinho de Macedo. Absolutista por orgulho vão, amante do paradoxo por scetipcismo de espirito, absurdo nas suas asserções para fundamentar a sua ambição de dictador intellectual; iconoclasta dos idolos, que a opinião havia consagrado durante o curso de muitos seculos, por um certo desejo de excentricidade, e tambem por lhe faltarem certas qualidades de artista, José Agostinho de Macedo está longe de merecer o logar eminente que os contemporaneos lhe concederam, sobre tudo na cruenta guerra que moveram contra elle.

José Agostinho de Macedo era um escriptor, e um erudito, mas não era realmente um artista. Declamou contra a musica, contra a pintura, contra a poesia que não era philosophica, e mais de uma vez com a eloquencia da convicção.

Seriamos injustos entretanto se lhe negassemos, não só a sua parte de influencia no desenvolvimento litterario dos nossos tempos, mas tambem os dotes intrinsecos de prosador facil e jocoso.

Pena é que absorvido no estudo e convivencia dos escriptores italianos e hespanhoes, da quadra da decadencia, exagerasse o epigramma até á obscenidade, o sarcasmo até ao insulto, e o gracejo até á imagem *chula* e pretenciosamente extravagante.

Esse superior attributo, que os modernos denominam *atticismo*, esse raro condão de ter espirito, dentro dos limites de cordura, que a boa sociedade impõe aos que a frequentam, não o possuiu elle, e ignorava mesmo o seu valor litterario e moral. D'ahi provém a sua indignação contra os francezes, e o pouco caso que fazia de certos escri-

ptores, que sabiam ser espirituosos e amenos, sem se tornarem chocarreiros e impudentes na linguagem.

Citaremos em apoio do que dissemos uma caricatura desenhada ao correr da penna, jocosa de certo, mas em que sobresaem os seus inevitaveis defeitos.

«Conheci uma fidalgona, que era uma phantasma, uma copia de Canidia bruxa de Horacio, com dous olhos, que eram ermitões velhos, cada um em sua casa, bem retirados do mundo; um nariz que parecia uma pyramide, inclinada como frade em *Gloria Patri*; uma bôca em guerra civil com ambas as orelhas, ameaçando-as pela proximidade de uma dentada a cada uma; com duas mãos, que pareciam rosetas de esporas antigas; e apesar de todas estas regulares e symetricas feições, eu lhe ouvi chamar deusa a um de seus adoradores.»

José Agostinho deixou escola, e durante muitos annos vimos reproduzidos os principaes escandalos do seu estylo, sem acontecer o mesmo ao seu talento incontestavel de escriptor. José Agostinho pode ser classificado como um *humorista* erudito, sem gravidade, e sem finura, e como um jornalista, cheio de veia fogosa e repentina, e de audaciosa e escandecida virulencia.

Homem de partido, não crêmos que o fanatismo das suas convicções attenuasse ao menos a ferocidade dos seus conselhos politicos. Mercenario, pagavam-lhe o que escrevia, sem o considerarem, de nenhum modo, como homem publico. José Agostinho de Macedo expirou poucos mezes antes que o estandarte bicolor tremulasse em Lisboa. Expirou a tempo! A sua missão litteraria findára realmente. Sobre a sua campa lia-se o epitaphio d'essas luctas estereis que encommodavam as letras, sem lhes determinarem um progresso definitivo.

FILINTO ELYSIO.

A INFLUÊNCIA e a indole litteraria de Filinto Elysio estão lucida e penetrantemente expostas n'uma nota da *Primavera* do sr. Antonio Feliciano de Castilho. Eis como o illustre poeta caracterisa o talento, e a escola poetica do traductor dos *Martyres* e do *Oberon*:

«Se é ou não *creador*, já vi ser renhida questão entre ociosos: para mim tenho que similhante titulo mal lhe póde caber. O frequente verter ha pouco disse eu que denunciava esterilidade: e pudera accrescentar uma sentença ainda mais desabrida, que ha muito encontrei, cuido que nas lições litterarias do doutor inglez Blair, e que muito me quadra: a saber que o costume de traduzir, bem que olhado pela rama pareça dever ser fructifero, sempre ao cabo vem a desgastar-nos a faculdade inventiva. Comparal-o-hei com o linho, que, apesar de tão preciso no mundo e de tão agradavel aos lavradores depois de colhido, por isto só desgosta a muitos d'elles, que a terra onde se cria fica magra, e como elles dizem queimada para outras novidades.

Muito mais de metade dos versos de Filinto trazem no titulo os nomes de auctores estranhos, devendo-se ainda lançar a este rol por boa restituição bastantes obras, que, talvez por descuido, imprimiu sem nenhuma menção de serem, como eram, vertidas. As imitações são no merito e inconvenientes meias traducções, e as do nosso poeta são numerosissimas, disfarçadas umas, outras manhosamente dissimuladas. No resto, que é de sua lavra, apenas se nos depara cousa que abone talento original e productivo: são os chamados logares communs de poesia philosophica, que já por safados custam a passar. . . . . .

. . . . . .

« Em *affectos* porém sobreleva a Bocage, e não abunda. A espaços lhe vislumbram assomos d'aquella scismadora melancolia, que mais ou menos respira em todos os bons poetas. As amarguras e saudades, que em tão larga vida e desterro lhe não faltaram, alguma, e não rara vez, lhe soprara m versos amoraveis e deliciosos de tristeza. É este de todos os dotes do poeta o mais caramente comprado; sendo assim que Deus sabe quantas vezes em applaudir um verso que nos toca, batemos porventura palmas a calados infortunios de quem nol-o escreveu. Nos assumptos ditos *sentimentaes* não se conhece tanto o verdadeiro sentimento, como nos de indole mais fria e isenta: porque, se n'estes sentimos apparecer inesperadamente uma palavra maviosa, n'uma flor de festa uma nodoa de lagrima a descuido, ahi vem o infallivel documento de ternura e suavidade: e d'estas sombras de lagrimas, d'estas palavras maviosas achamol-as em Filinto. »

A respeito de linguagem firma o sr. Antonio Feliciano de Castilho o seu juizo no seguinte trecho.

« Não decidirei se houve ou não bom fundamento para o allegaram por auctor e texto, como o fizeram na quarta edição do Diccionario de Moraes: nem ousaria eu pôr mão no fogo pela infallibilidade de sua pureza, porque (mas a medo e remisso vae o dito, que por dito e não sentença merece vénia) aqui ou acolá se me figura enxergar por suas

paginas algumas nodoas d'aquella mesma côr a que nunca perdoou odio. Mas se as ha, são manchas, ao passo que o geral de sua escriptura é recheado de muitas preciosidades para quem pozer peito a bem escrever esta lingua. Por toda a parte lhe estão pullulando lusitanismos em vocabulos, phrases, collocações, inversões, geito e feições de periodos, que se houver gosto em quem lê para os joeirar e limpar de alguma mistura chocha ou sediça, farão muito bom sustento para poetas e prosadores. Se houver gosto, puz eu, e muito que o puz de industria, porque os que d'elle carecerem formado, e se metterem por esses onze ou mais volumes sem bom e constante mentor, não sei se em linguagem e em poesia virão nunca a dar fructo que bem saiba e se abençôe.

«Em summa, Francisco Manuel do Nascimento foi um martyr da religião da nossa lingua: para lhe lançar mais gloria cerceou a sua propria: com o excessivo das joias com que a arreou, deixou-a affectada, e menos matrona grave do que bailarina de corda; sim habilidosa e leve, mas dengosa e presumida: mostrou-lhe o como e por onde devia subir á perfeição, a que por outros porém tarde e mui tarde será levada: foi, por tudo digo, um destemperado despertador, que nos poz a pé para o dia das letras.» . . . . . .

. . . . . .

. . . . . .

A harmonia metrica de Filinto é tambem cabalmente considerada pelo auctor dos *Ciumes do Bardo* e da *Noute do Castello.*

«Em nenhuma das quatro ou cinco partes do globo, e em nenhuma era se metrificou jámais tão dura, desleixada e insolentemente. Se alguma vez sae com dous ou tres versos bons, logo se vinga com duas ou tres duzias, que se os reduzissem a linhas iguaes, não seriam mais nem menos que desaceiada prosa. E ainda é para agradecer quando só lhe falta melodia, porque algumas vezes nos dispara versos, em que as pausas vem todas desconjuntadas, e outros, em que subejam syllabas, por mais que a maço procuremos entalar

e embéber umas por outras. A sua rima é por via de regra desnatural e pobre: os seus sonetos e toda a sua lyrica de consoantes, enxabimentos ou arripios. Bem se alcança como eram arrufos de maltratado as injurias, que em muitas partes vomitou contra a rima, e não como as de Boileau, vozes só de um juizo rigoroso, que de dentro das letras as media. . . . . .

. . . . . .

« Do muito que só deixo apontado se deduz a idéa que para mim tenho do seu *gosto:* melhor será do que só deixal-a deduzir, declaral-a. Parece-me pois ser o seu gosto pouco e mau; e n'isto estribo o parecer: 1.° que para suas obras originaes costumava escolher fracos sujeitos; — 2.° que as pejava de taes invenções, que já em tempo de romanos o não eram; — 3.° que por vida se repete, e por costume redunda; — 4.° que na ordem desordenadissima em que seus escriptos teve, anda o peior tão travado com o melhor, e as puerilidades vergonhosas com as odes que lhe lucravam nome, que sem que o lustre do bom disfarce o mau, o exhalar e nojo d'este deturpa e estraga aquelle; — 5.° que se para traduzir elegeu ás vezes bons originaes, taes como o *Oberon* e os *Martyres*, outros os escolheu desenganadamente incapazes, taes como a triste historia em verso da guerra Punica: outras vezes, escolhendo originaes optimos, nem anteviu, nem pelo discurso do trabalho conheceu, nem sequer sentiu depois de findo (porque talvez se o sentisse nos houvera poupado a ler a versão), que havia n'essas obras exclusivos e essencialidades, quer da lingua em que estavam feitas, quer do engenho que as fizera: baja vista ás tão preciosas e admiraveis fabulas de Lafontaine, que em Filinto parecem tanto as mesmas como a estampa de Bertoldo se pudéra julgar retrato do Apollo de Belvedere, etc. etc. etc. . . . . .

. . . . . .»

Raros poderão ser mais competentes do que o illustre poeta para ajuizar do merito de Filinto. Suppomos entretanto o seu voto um pouco suspeito. Houve involuntaria

recordação dos combates em que, alistando-se na hoste dos *Bocagianos*, se insurreccionou contra a auctoridade do velho poeta.

Nós acreditâmos que Filinto foi um grande innovador de estylo, sobre tudo nos *Martyres* e no *Oberon*, e temos os seus serviços feitos á lingua, como os que melhor a salvaram de estrangeirismos desnecessarios e absurdos. Muitos que se prezam de a escrever bem, estudaram-na sobre tudo nos seus escriptos: e muitas elocuções, que apresentam um grande sabor de novidade, foram bebidas nas obras de Filinto.

Parece impossivel que um poeta, desterrado da patria, vivendo n'uma sociedade tão differente d'aquella em que primeiro abríra os olhos á razão, e ao estudo, tivesse uma tão superior influencia sobre a escola poetica moderna. Para que Filinto fosse um poeta completo, para que creasse uma escola de invenção, faltou-lhe só ser completamente da sua epocha; e em vez de procurar o matizado e o mimoso da musa Horaciana, embeber-se no estudo e convivencia da poesia, que se afastára das tradições mythologicas.

N'aquella imaginação ha scentelhas de puro e suave sentimento; relampagos de enthusiasmo, que se aproximam das mais bellas inspirações da musa moderna. Citarèmos, a esmo, trechos do *Oberon*:

Então lhe agita portentoso sonho
Os *seios da alma:* incognita vereda
Imagina ir trilhando: a qual serpêa
Margens d'uma torrente, entre campinas
De assombrada espessura; . . . . . .
. . . . . .
Não é dado pintar os que Hugo sente
Vivos affectos na alma, a vez primeira
Que Amor n'elle empenhou os seus poderes.
Sem alento, e affundado nas delicias,
Que tão meigas contempla, acode aos olhos
Todo o seu ser; toda a alma pousa e vive

Na embellezada vista. — Ausente é a dama
Que inda a alma crê que a vê: e quando este erro
Se esvae, morre da ausencia, e os olhos fecha
. . . . . .
. . . . . .

E no canto quarto quando o cavalleiro revela ao criado as impressões do seu sonho:

. . . . . Realçados
Os attractivos seus c'um magestoso
Ademan, que o desejo excita — e atalha:
A sombra ao menos tens da que eu adoro.
E quando brandamente a si me attrahem
Seus feiticeiros olhos, e que aperto
Tão formosa donzella peito a peito
(Donzella tanto aos anjos similhante),
Quando o seu peito sinto, que responde
Co'as pulsações ao meu..... Como é possivel
Que no extasi não morro! Chama-o sonho;
Que eu quanto chamei vida, foi frieza
Foi um viver sem alma, até ao prazo,
Que no sonho senti o que é ter vida.
. . . . . .
. . . . . .

E que felicidade de expressão na pintura dos affectos do amor; que versos tão formosos e languidos:

Leve aperto de mão, que o affecto accende,
Um suspiro, que o peito desafoga,
Roubado beijo, na vermelha face,
Humedecidos olhos voluptuosos
Quão poderosos são, quanto convencem!
Não ha tiro que no alvo dê mais certo,
Nem iman que mais rapido a alma abale

Nem as horas, mais grato, ao dia encurte.

. . . . . .

E no canto VII, no dialogo entre *Rosetta* e *Gangolpho*, que o poeta allemão de certo imitou d'um dos mais graciosos contos do *Decamerone* de Boccacio, estes quatro versos, cheios de perfume:

E que homem terno e brando o não perdêra
Vendo dous lindos olhos verter pranto?
E peitos de alabastro arfar suspiros?
Cede o velho aos abalos da ternura.

. . . . . .
. . . . . .

Havia no infeliz poeta elementos talvez para ser creador, e todavia elle passa na nossa historia litteraria como um talento de transição, que o passado illumina com as suas tradições, que se aproxima do futuro pelos vagos accentos da sua melancolia.

Era velho e pobre, vivia isolado e sósinho no centro dos prazeres, e da agitação de uma grande cidade. Sacerdote, a perseguição de um fanatismo torpe havia-lhe arrancado o estado: portuguez, haviam-lhe roubado a patria, que elle amava com tão acrisolado e extremoso amor.

A reacção fervorosa, a que se dedicou, para restaurar e enriquecer a lingua, era menos um impulso da sua vocação, do que uma homenagem ás saudades que o pungiam, desterrado para longe do seu berço, e perdendo a esperança de aportar de novo ás almejadas praias da sua terra natal.

Nas notas, que escrevia, sente-se todas as maguas, que o devoravam, e que elle procurava disfarçar no tom ligeiro e ironico do *philosophismo*, mais ou menos epicurista, que se herdára do seculo XVIII.

Na carta que começa: *Lembras-te amigo Brito, quando a pluma*, traz elle esta nota, que tão fielmente retrata

o desconforto da sua alma, e as amarguras da sua existencia:

« Podem-me accusar (e talvez com bem razão) de serem longas de sobejo, e de serem muito amontoadas as notas d'esta carta. Mas peço-lhes que me perdõem: e certo estou que o farão logo que considerem, que estou velho e pobre, e por conseguinte solitario e triste; que não tenho amigos que me divirtam, nem posses para ir a theatros ou jogar nas assembléas; que todo o tempo emprego em ler quatro alfarrabios, que comprei a vintem, e os mais caros a tostão; e se não leio escrevo: e só d'esse modo me posso forrar de enojos e enfadamentos da solidão. Um amigo unico que aqui tenho, A. M. de Carmieu, ri ás vezes d'estes meus destemperos poeticos, e essa é a unica consolação da minha mesquinha vida. Se lá pela afortunada Lysia ha algum desconsolado como eu, talvez que me desculpe e diga comigo— *solatium est miseris.*

« Far-vos-ía compaixão ver um velho de 65 annos, que algum dia viveu abastado, e estimado de seus conterraneos *(e conterraneas)* desvalido e só, vivendo em París, como n'um descampado, embrulhado no manto da pobreza, e diante d'elle e pelos lados os cuidados da vida, o tralego da casa, as lembranças do passado, e mais que tudo a sua melancolia. . . . . .

. . . . . »

Não admira então que o vate cedesse ao pezo de tanto infortunio, e não pudesse affinar a lyra em todas as melodias da escola moderna; não admira que escutasse, enlevado nos prestigios do passado, a voz do futuro, que lhe fallava pela bôca de Lamartine, quando nas *Meditações* escrevia aquelles tocantes versos ao: *poete exilé.*

Obedeceria o sr. Garrett apenas a um capricho de imaginação, quando por assim dizer dedicou a *D. Branca* á memoria de Filinto Elysio, escudando-a debaixo d'aquelle nome illustre?

Quanto a nós, aquelle rasgo revela a boa fé e ingenuidade do então joven poeta. Tinha aprendido muito com o

cantor do *Oberon*, tinha com elle e por elle conhecido as delicadezas da lingua, e uma certa meiguice de elocução, que a espaços se revela nos versos de Filinto. A reputação anciã do recentemente finado como que abençoou do tumulo a audacia do esperançoso cantor: e se pudesse ter voz teria de certo saudado aquelle que devia crear tão elegantes monumentos litterarios, e fundar com a sua fecunda iniciativa, uma nova era para as musas portuguezas.

J. B. D'ALMEIDA GARRETT.

—

CAMÕES

Nova Litteratura,

I.

Apresentamos antes de tudo o que haviamos escripto sobre o sr. Garrett nos *Ensaios de Critica e Litteratura.*

«O sr. Garrett, esse, sem se desligar inteiramente das affinidades litterarias do passado, herdeiro definitivo das conquistas de Filinto Elysio, na indole e na forma da linguagem é uma physionomia que pertence completamente é incontestavelmente o seu chefe, e o seu modélo.

«Raro presentimento do talento! No proprio *Catão*, o poeta apenas bafeja de perto a nova escóla: o seu *elmanismo* já se ostenta grave e civil em muitos trechos; o *Catão* morre invocando a philosophia, sem a casar absurdamente com as rançosas apostrophes da velha mythologia!

«Um folhetinista espirituoso disse do sr. Garrett que não era um litterato, era uma litteratura; nós diremos mais, não é um homem, é uma nacionalidade que resussita.

«A sua iniciativa litteraria parte de um grande pensa-

mento — elle, ou de instincto, ou de sciencia certa, abraça todos os generos para os retemperar nas aguas do moderno Jordão, para os baptisar nas verdades do novo dogma, sem os contrafazer na imitação servil do estrangeiro. Na *Adozinda* tenta o romance popular, e é um mimoso trovador: na *D. Branca*, e no *Camões*, inventa o poema da actualidade, dando-lhe um cunho, uma individualidade toda portugueza. No *Auto de Gil Vicente* abre as portas ao theatro nacional, e cria o drama, perfeitamente desligado de estranhas innovações. Até o assumpto parece denunciar todas as sympathias mysteriosas da sua missão poetica: face a face com a figura imponente de D. Manuel, levanta os dous representantes d'essa litteratura que expira, para dar logar á *renascença*; o jogral Gil Vicente, e o trovador Bernardim Ribeiro são os élos que prendem o passado ao seculo que viu resurgir o primeiro poeta da Peninsula — o grande Camões.

« O *Frei Luiz de Sousa* é de certo o mais bello florão da sua corôa litteraria. A tragedia moderna ha de inspirar-se d'essa magnifica obra, se quizer attingir á composição elementar dos caracteres, ás paixões normaes da natureza humana. Podem dizer-lhe que se aproxima do *classico*, mas da parte em que o *classico* sobresae evidentemente a toda a opulenta vitalidade do *romanticismo*. Um dos defeitos essenciaes do theatro francez era produzir caracteres de excepção, imprimir ás suas creações sentimentos e paixões filhos das condições essencialmente particulares da nossa civilisação, afastar-se finalmente d'essa escala *typica*, releve-se-nos a expressão, da alma humana, que se reproduz debaixo das mesmas formas, em despeito do espaço e do tempo.

« Foi um grande serviço este, serviço que, para bem da nossa gloria, já não é ignorado no resto da Europa. A sabia Allemanha acaba de traduzir o *Frei Luiz de Sousa*, e a nossa litteratura tem um echo poderoso n'esse vasto laboratorio de idéas, aonde se inspira todo o genio da civilisação moderna.

«O sr. Garrett cada vez mais se aproxima do ideal do poeta moderno. Nas suas obras elle combina ao mesmo tempo o elemento popular, e o elemento philosophico da humanidade — e o problema da arte reside talvez n'essa ligação espontanea: a mocidade gravita irresistivelmente n'esse feliz impulso que ha de fundamentar d'uma vez a poesia nacional.»

Julgâmos haver rapidamente denunciado a impressão que os escriptos do sr. Garrett produzem na parte illustrada do publico: e em vez de alterar o nosso juizo, vamos ratifical-o com mais forte analyse, e mais amplo desenvolvimento.

O poeta, todo o poeta, deve a sua gloria não menos ao feliz acaso que o dotou de engenho, do que aos acontecimentos que inspiraram o seu talento, e dirigiram a sua vocação. Sem a viagem que Camões fez á India, talvez não possuissemos os *Lusiadas*: sem as acerbas agonias do exilio, e os rancores sublimes de partidario vencido, é muito possivel que a *Divina Comedia* deixasse de saír da pena immortal do Dante, proscripto e errante, longe da patria e dos seus.

Explicar de que modo as circumstancias da vida influiram no genio do poeta, é manifestar plenamente que as brilhantes excepções do talento estão ainda assim sujeitas á grande lei da solidariedade social.

O *Camões* foi escripto n'umas aguas-furtadas, e a penna que retratava tão eloquentemente as desditas do grande poeta, empregava-se ao mesmo tempo em sommar as addições do *livro da rasão* de uma casa de commercio!

Paginas e cantos d'aquelles não se meditam nos salões dourados, ao som de magnificas orchestras, entre o ruido e o tumulto de vertiginosas danças. É a mão austera da desgraça, são as lagrimas da ausencia, e os espinhos da saudade, que inspiram o poeta, e lhe exaltam a imaginação.

O sr. Garrett viu despontar o seu talento na auspiciosa quadra da revolução de 1820. Idolo da academia, ainda se lembram de o ver, mal convalescido de uma doença, com o rosto pallido, e tremulo o gesto, entoar á liberdade nascente os harmoniosos vivas do seu enthusiasmo poetico.

O *Catão* nasceu á sombra d'esses juvenis sentimentos de fervor liberal. A musa balbuciante do poeta, reproduz a viril energia do antigo estoicismo romano, em versos melodiosos e languidos, que revelam toda a influencia que a escóla bocagiana exerceu sobre o seu estylo.

O *Catão* é realmente uma tragedia, que traduz plenamente a epocha. O fundo, são essas aspirações para a liberdade antiga, que desvairaram tambem os apostolos da revolução franceza; tradições generosas, que não poderiam ser moldadas senão pelas leis consagradas do *classico*, porque ninguem ousaria *calçar com mão tremula o cothurno*, sem invocar primeiro Apollo, e o cortejo das nove musas infalliveis. A forma era a que reinava então com despotico imperio no Parnaso portuguez: era o verso suave, cadenciado e monotono na sua mesma doçura, o verso bocagiano, que devia traduzir os furores impetuosos de Bruto, e as apostrophes austeras de *Catão* expirante.

Addison, que o poeta imitou, e de cuja tragedia reproduziu muitos versos, como depois confessou com nobre franqueza, salvou a obra do inevitavel *assucarado* d'aquella versificação, que mal se prestaria á rudeza de um tão tragico assumpto.

Apesar de tudo, o talento do poeta teria seguido o rasto dos seus ascendentes litterarios, sem desprender o vôo innovador, que nós admirâmos, se porventura inesperadas catastrophes, lhe não concedessem um vigor sublime.

De certo que o sr. Garrett com o *Lyceu das Damas*, com a *Merope*, e o *Catão*, com o *Retrato de Venus*, seria sempre classificado como um ameno, e superior engenho: mas sem a *D. Branca*, e o *Camões*, sem o *Auto de Gil Vicente*, e o *Frei Luiz de Sousa* não podia aspirar a ser um dos creadores da poesia e litteratura nacional.

Official de secretaria, o sr. Garrett foi obrigado a emigrar; em verdes annos teve de comer o pão amargurado do exilio, teve de se inspirar no espectaculo de uma civilisação mais perfeita, viu fecundado o seu engenho n'um mais vasto e superior theatro.

Antes da emigração, era o sr. Garrett, mais ou menos, o representante d'essa poesia artificial, que elle expressivamente caracterisa n'uma das notas do seu *Frei Luiz de Sousa*, quando diz:

« Os sonetos, as eglogas, as odes pindaricas, e os dithyrambos que, até o primeiro quarto d'este seculo, eram a gloria dos Arcades da segunda camada, os Jonios e os Josinos, os Elmiros e os Belmiros, teriam talvez — e creio que tinham — menos erros de linguagem, e menos faltas de estylo do que têem os romances e os dramas de tantos rapazes de muito e de pouco talento que por ahi se deitam hoje a escrever. Mas tambem não tinham um pensamento, uma idéa, quasi uma phrase que não fosse copiada, imitada servilmente. Quem cantava um assumpto nacional, quem recorria a outro maravilhoso que não fosse o do Olympo? . .

. . . . . »

Foi talvez durante os amargos annos do seu desterro, que o sr. Garrett possuiu maior e mais íntima convivencia com os escriptos de Filinto Elysio, poeta *regenerador* no estylo e na linguagem: foi ahi tambem que elle poude comprehender as maguas de Camões, e sentir essa melancolia sublime, que nos domina o espirito quando navegâmos.

Longe por esse azul dos vastos mares
Na solidão melancolica das aguas.

A apparição de *D. Branca* e de *Camões*, poemas meditados e escriptos em terra estranha, nas agonias da incerteza, entre as cruezas da ausencia, apenas consoladas pelo tenue clarão de uma vaga esperança, é que deram ao poeta a sua missão de creador litterario, e concederam á poesia novos e mais rasgados horisontes.

Era a paixão que o inspirava, que o engrandecia; a paixão insaciavel da patria e da liberdade: da patria com as suas tradições e glorias antigas; da liberdade, com os seus vagos prestigios, e as suas eloquentes promessas.

Quem era entretanto a *Natercia*, que a imaginação do poeta evocava do sepulchro, para tornar ainda mais negra e triste a sorte do immortal cantor? Que grinalda já sêcca e desbotada fazia reverdecer na sua memoria os cantos de um saudoso affecto, e os suspiros de um amor, quebrado pela morte?

Não se adivinham assim os mysterios da mais ardente e encantada das paixões humanas. E n'estes versos tão suaves, e tão vagamente expressivos e tristes,

Rosa d'amor, rosa purpurea e bella,
Quem entre os goivos te esfolhou da campa?

ha um poema inteiro de delirios e amarguras, de candidas e acerbas recordações affectuosas. O poeta completava-se pelo amor, e confundindo-se com o seu heroe, gemia com elle nos augustiados adeuses proferidos sobre o tumulo d'aquella que o inspirára nas soidões do oceano, e nos palmares verdejantes da India.

Cremos que os que comprehendem os mysterios intimos da arte, não hão de estranhar estas conjecturas nem attenuar o valor d'esta hypothese.

Para que o sentimento attinja toda a virente poesia que se admira no canto 5.° do Camões; para que o amor se inspire com accentos tão ternos, e saiba tornar por assim dizer cumplice a natureza das suas saudades e esperanças, é necessario que o coração se sinta apaixonado, ou se recorde com delicias dos momentos embriagantes em que se sentiu abrazado da etherea chamma do mais impetuoso e sublime dos affectos humanos.

Para compor este quadro de amargura, em que a alma do poeta se vê a sós com uma lembrança, triste e desalentado, quando a imagem que o inspirára nos mares e nas pelejas, entre o rugido da tempestade, e nos palmares onde ruge o tigre, lhe diz o adeus extremo da ausencia eterna, não basta só uma imaginação fecunda, um espirito cul-

te e familiar com os poetas, é necessario tambem sentir a alma extasiada por um sentimento proximo, ou por uma recordação fervida e omnipotente.

N'essa plangente elegia ha, a nosso ver, uma belleza suprema, que denuncia uma rara delicadeza, um sublime pudor, que nem todos podem haver comprehendido. Na arte antiga, a amante teria sido invocada mais de uma vez, em descripções minuciosas, e longamente sensuaes, no seu mesmo delirio. Teriamos ouvido a melodia da sua voz, admirado a chamma magnetica do seu olhar, sentido os seus cabellos escondendo-lhe como um véu o rosto formoso, ou caíndo como um manto assetinado sobre os seus seios nús, arfando nos suspiros anciosos da paixão. Mas o poeta desgraçado esconde aos homens os encantos, que embriagam os sentidos. Deixa á imaginação todos os seus vagos horisontes: no seu orgulho grandioso, pensa que não ha palavra que possa traduzir as perfeições da mulher, cuja imagem o acompanhou entre os perigos da guerra, nas solidões do mar, e nas horas tristes da sua orphandade moral. Tem ciume de que outros corações palpitem por ella, pintando em fogosos traços as seducções da sua belleza, e as inextinguiveis emoções que o seu aspecto provoca.

Esta dôr augusta e suprema do poeta, quando a mulher que preferia ao mundo inteiro, por quem penára e soffrêra, abandona a terra, está eloquentemente expressa, e de um modo comparavel a tudo quanto na litteratura antiga e moderna podemos admirar de mais perfeito e sentido.

Aquelle amor, por isso mesmo que é desgraçado, que não fartou os desejos, nem se incarnou nas delicias da posse, eleva a alma do poeta até á esperança da immortalidade. Aspiração ideal, chamma divina, que depois de haver consolado na miseria o cantor perseguido, o aproxima do céu, e lhe faz antever nas bordas do sepulchro a perspectiva da glorificação eterna.

O *Camões* é um poema que só um mancebo, privado da patria, e dos regalos da vida, estranho no meio da agitação de populações numerosas, pedindo ao trabalho o pão de

uma parca existencia, poderia haver sentido e escripto. Heroe e cantor estavam confundidos no mesmo soffrimento, e o sr. Garrett, traduzindo em plangentes elegias as acerbas amarguras do vate immortal, retratava tambem as agonias da sua alma, as recordações do seu coração, e as saudades da sua terra.

Não podemos concordar com alguns espiritos severos que accusam o poema de possuir uma demasiada simplicidade de acção. Julgâmos, ao contrario, que é esse um merito relevante, que realça a obra, e que prova um grande tacto litterario da parte do auctor.

Com effeito, se o *Camões* se propozesse a referir e a dramatisar todos os acontecimentos da vida do poeta, tornar-se-ía talvez uma biographia apaixonada, mas de certo perderia o perfume sentimental e *elegiaco*, que nos enternece e nos contrista. O Camões é sobretudo grande quando pela mão do Jáo implora a caridade dos seus concidadãos: o Camões é sobretudo sublime quando cinge ao coração a grinalda arrancada da fronte da sua amante moribunda, e a orvalha de lagrimas, e a cobre de ardentes beijos!

Se a acção do poema escolhesse um outro episodio da historia do poeta, se nos transportasse por exemplo ás primeiras scenas d'aquella paixão que o abrazou toda a vida, não cremos que fosse menor a inspiração do auctor, mas tornar-se-ía incompleto e defectivo o pensamento que o fez emprehender a sua obra.

Tem havido, ha ainda muitos homens, que sentem com delirio toda a embriaguez, toda a exaltação do amor; e quando a mão da desgraça os separa da mulher a quem dedicaram as ardentes aspirações da sua alma, comprehendem quanto é fragil a felicidade humana, e idealisam o seu affecto, confundindo-o com as esperanças ethereas de uma vida melhor.

Camões amando mesmo como elles não poderia representar-nos a sua individualidade, e erguer-se acima dos typos mais ou menos perfeitos que a arte moderna e antiga nos apresenta. Se na pintura do seu amor se desvairasse

para as regiões do sensualismo havia recordar-se de certo do *Cantico dos canticos* e talvez de Djamy e Hafiz. Se, timido e innocente, escutasse a voz da cotovia, que canta ao romper d'alva, nos tepidos e socegados climas do meio-dia, reproduziria a situação de *Romêo* no immortal drama de Shakespeare.

O sr. Garrett, concedendo ao poeta o amor, como uma recordação e como uma saudade, pintando-o no desconforto de toda a esperança terrena, e aspirando apenas á immortalidade intellectual, que os *Luziadas* lhe promettem, e á immortalidade christã, extrema consolação de quem se encontra só e desamparado no mundo, comprehendeu o mytho de Prometheu, mais grandioso devorado pelo abutre, nos rochedos do Caucaso, do que roubando ao céu a chamma da vida!

E depois, e é esta uma observação que deve desarmar todos os criticos, ha na concepção de certas obras inspiradas alguma cousa de fatal e necessario. A imaginação, violentamente exacerbada, não obedece senão aos seus proprios impulsos, e percorre a sua esphera de acção, sem se sujeitar ás considerações de regras e modelos consagrados.

Quem lendo o *Camões* duvidar de que é um fructo mimoso da inspiração poetica, commette o mais flagrante delicto litterario. A musa paira evidentemente por *mares nunca d'antes navegados*, e pousa apenas quando o poeta exhala o ultimo suspiro, e expira nobremente com a patria.

Poderiamos fortalecer esta opinião com uma miuda analyse, mas perferimos revelar as impressões que sentimos examinando mais uma vez este florão da corôa d'um poeta, que é tambem uma joia da litteratura moderna portugueza.

FREI LUIZ DE SOUSA.

II.

Do *Camões* a *Frei Luiz de Sousa* sente-se a mesma differença do que entre o alvorecer de uma manhã de primavera, e o radiante crepusculo de uma tarde de estio, quando o horisonte limpido e transparente se aviva de mil variadas e deslumbrantes côres.

A vocação do poeta não se enfraqueceu, completou-se. É o mesmo olhar fervido e penetrante, mas já temperado pela experiencia da vida, e dirigido pela reflexão do pensador e do philosopho. Ha menos inspiração, mais ha mais arte. O poeta não solta a voz com a mesma firmeza e suavidade de tymbre; mas ha mais sciencia no seu canto, e mais estudo em todas as combinações da harmonia.

Longe de nós o querer fazer comparações entre generos tão differentes, entre obras escriptas sob impressões tão diversas. Mas a aproximação revela um dos aspectos da intima psychologia do escriptor. O *Camões* é um monumento primoroso, mas não podia ser escripto senão na quadra fogosa da joventude. O *Frei Luiz de Souza*, mesmo para os

que existem menos affeitos á convivencia das letras, denuncía um talento mais maduro, uma mão mais firme, um poeta que melhor conhece os segredos e mysterios das paixões humanas.

Leonardo de Vinci executou um milagre artistico pintando *la Monna Lisa del Giocondo*; mas admirando o vigor de colorido, e o apaixonado de phantasia com que nos transmittiu os encantos da formosa milaneza, e passando a contemplar as cabeças da *Ceia*, quadro que existe no refeitorio de *Santa Maria delle Grazie* não se comprehende o espaço percorrido entre uma e outra composição? É o mesmo homem, é o mesmo estylo, é o mesmo assombroso e omnipotente pincel, mas a sciencia, e os prodigios da reflexão marcam o intervallo entre estas duas obras igualmente bellas, e que concitam o enthusiasmo de todo o mundo artistico.

O *Frei Luiz de Sousa* é quanto a nós a obra que põe eloquente remate á existencia litteraria do sr. Garrett. A inspiração, e a reflexão, existem ali por tal modo graduadas, os arrojos da imaginação obedecem tão flexiveis ás severas deduções do pensamento, que nos associâmos francamente ao justo orgulho, que o auctor manifesta no prologo.

Eu não pretendo demonstrar o que é de si evidente: *Frei Luiz de Sousa* não podia ser escripto senão depois das vicissitudes de uma existencia tumultuosa, e n'uma idade já madura, e arrefecida menos pelos annos do que pela experiencia da vida.

Composições assim não as improvisa o talento, nem mesmo o genio, antes de haver percorrido a senda fatal dos desenganos e decepções do mundo. Para arrancar do marmore o *Moysés*, e pintar nas paredes da Capella Sextina as scenas do Juizo Final, não basta só o engenho portentoso de Miguel Angelo, mas haver chorado com o Dante as miserias da patria, ter ajoelhado contricto perante a imagem formosa de Victoria Colonna, e buscado as asperezas da solidão para fugir ao orgulho das glorias humanas.

Para os espiritos vulgares, que não vêem nem nas figu-

ras, nem na acção o gigantesco e o exagerado das concepções modernas, talvez pareçam demasiadamente singelos os dados d'esta funebre tragedia, e todavia crêmos que a litteratura moderna não possue monumento de mais superior e acabado molde.

Nas fachadas dos templos gregos, os deuses mal se elevavam acima da estatura ordinaria dos homens: descidos do pedestal, comparados com elles, não perdiam comtudo o sello da divindade, e a magestosa idéa da sua immortal origem. É assim que o *Frei Luiz de Sousa* se conserva nas regiões do mais puro ideal, sem que os personagens se affastem das condições da vida real e humana.

Ao ver como estão deliciosamente dispostas as linhas do quadro, ao contemplar a serenidade com que os personagens se agitam, e pensam, podereis acaso dizer que o artista os não alagou de luz, nem lhes concedeu perspectivas afogueadas de colorido, por temer as demasias do seu proprio esforço? Era como se accusaseis a Venus de Milos, do inviolavel pudor com que se apresenta aos olhos apezar de nua e a desejasseis agitada no phrenesi de desejos voluptuosos e lascivos.

A superioridade do *Frei Luiz de Sousa* está contida na simplicidade maravilhosa, no atticismo de uma acção, cujo elemento tragico reside menos nas peripecias exteriores do drama, do que na pungente verdade com que se manifestam os sentimentos e as paixões.

Dous esposos de vinte annos revendo-se nas graças, na innocencia de uma filha fadada por Deus com esses milagrosos presentimentos, com essas involuntarias aspirações que denunciam uma organisação angelica: um frade velho temperando e consolando as austeridades do claustro, com o trato d'aquellas virtudes familiares, d'aquelles affectos tão puros na sua mesma exaltação: um escudeiro que já perto do tumulo, se sente reviver com o pasmoso imaginar, com as visões celestes de uma creança sublime, eis os personagens, em que se destribue o interesse, desde o principio.

Qual é o acontecimento exterior, que perturba o espiri-

to d'esta familia, fadada, á primeira vista, ao culto de todos os affectos, de todas as singelas virtudes domesticas?

Uma desconfiança indistincta, um presentimento cruel, um desejo vago que nem a ausencia, nem o tempo poderam desvanecer de todo. O primeiro marido de D. Magdalena de Vilhena fora um dos soldados de Alcacer-Quibir. Desapparecêra na voragem d'aquelle desastre nacional, sem que os documentos da sua morte podessem abrandar de todo os terrores delicados da sua esposa e destruir as esperanças, que vigoravam robustas no coração do seu velho escudeiro. É esse sentimento, que cada recordação familiar invoca, que apparece no seio dos acontecimentos mais simples, que eleva o drama aos mais tragicos effeitos, que podem enternecer e dilacerar a alma humana.

A gradação sublime, por que elle se desenvolve e cresce até rebentar na mais tremenda realidade, é quanto a nós, um milagre de inspiração, e de engenho. O espectador associa-se a todas as peripecias d'aquelle sentimento: experimenta a angustia vaga de um perigo ainda não manifesto ao seu espirito: vêndo a nuvem que se balouça indolente nos extremos do horisonte, advinha-se que os ventos da tempestada a arremessarão negra e medonha, para despedir do seu seio o terror e a morte, e todavia o céu limpido e sereno mal deixa presentir a catastrophe.

Durante o segundo acto espera-se ancioso e palpitante o golpe que deve devorar aquella familia. Tudo o annuncia, sem que nenhum acontecimento extraordinario intervenha para o desenlace. São os agouros quasi misticos que precedem as grandes dôres da vida. D. Magdalena de Vilhena sente-se desfallecer de susto dentro d'aquellas paredes, que foram testemunhas de outro amor, e de outros carinhos: Maria interroga Telmo, para saber quem é aquelle cavalleiro, cujo retrato lhe infunde n'alma um terror involuntario: Manuel de Sousa, e D. Magdalena recordam aquella resolução extraordinaria dos condes de Vimioso de se separarem ainda em vida, de se condemnarem a morrer longe um do outro — sós! — e todavia é menor por isso a im-

pressão que nos causa a apparição do perigrino, que vinte annos soffreu, e penou solitario nos logares santos? Não sentimos confrangido o peito, quando elle se denuncía, apontando para o seu proprio retrato com aquelle *ninguem*, que nos deixa absortos? Quando o vimos vergado pelo soffrimento, com as barbas brancas, e mal enxutas das lagrimas vertidas no desterro, não se dirá a imagem do velho Portugal, orphão das suas glorias, e desconhecido no meio de uma geração frivola e corrupta?

Não ha circumstancia que não avive o interesse d'esta intima tragedia. O elogio de D. João de Portugal na bôca de Manuel de Sousa; o louvor dado á nobre acção do portuguez austero nos labios do velho escudeiro, a ancia infantil da creança que se sente morrer devorada pelas agonias da sua propria intelligencia e profunda sensibilidade, tudo nos approxima pouco e pouco desse lance extremo, que rompe n'uma dôr augusta e resignada, tão idêal como a esperança christã de um mundo melhor.

O final, é quanto a nós, a apotheose poetica e philosophica do christianismo, quando mais omnipotente do que a idéa sinistra da morte, superior ás angustias do amor de pae e de mãe, resiste a esse desolador expectaculo da filha unica, expirante, pedindo uma préga de mortalha para esconder a sua vergonha!

Ainda não vimos no theatro scena comparavel áquella, e que mais eloquentemente manifeste a influencia do dogma christão. O esposo e a esposa ajoelhados para receberem o habito, que os desterra para sempre um do outro: e logo depois no meio das amarguras desta cruel despedida, apparece-lhe a sua filha unica — a adoração de toda a vida, o enlevo de todo o futuro, a cadeia que ainda os ligava perante o mundo, para vir finar-se pungida pelos tormentos da dôr moral, de uma dôr sublime!

E a voz solemne do sacerdote encommenda a Deus aquelle martyrio como uma expiação, e as cabeças vergadas por tão acerbo padecimento, reanimam-se na esperança, e como se

absorvem na contemplação do infinito, que os céus abrem ao seu desolado espirito.

Entre Camões e Frei Luiz de Sousa ha todo o espaço que separa a mocidade da madureza. Retratam-se pela comparação ao espirito estas duas estações de uma mesma existencia. Á viçosa confiança, á crença ardente, ao amor encantado, succede o sentimento profundo das miserias humanas, contempla-se a alma ferida perante o *nada* das vaidades e illusões do mundo. Já não se ouvem os suspiros do coração, mas o grito das entranhas, e as lagrimas em vez de correrem pelas faces, ou tremerem nas palpebras, affogam a voz que se despede dos prestigios da vida.

Sentimos prazer verdadeiro em saber que lá fóra teve echo esta recente gloria da nossa litteratura. A traducção de Frei Luiz de Sousa fez-se em Francfort com este titulo: — Luis de Sousa Von — J. B. de Almeida Garrett — ausdeu Pontugieasisben — im's Deutoche abertragen — Von — W. L. — Franchfurt a: M — Gedrucht bei, august osterricth. 1847. É uma bella edicção em oitavo grande, com caracteres latinos, e adornada do retrato do auctor.

A patria de Goëthe e Schiller podia dar direitos de cidade a esta graciosa e elegante tragedia, sem desmerecer das suas tradições. A simplicidade antiga resuscita n'aquellas paginas, e raras obras d'arte produziu o drama moderno que lhe possam ser comparaveis.

J. B. D'ALMEIDA GARRETT.

O Arco de Sant'Anna.

Chronica Portuense — 1.° e 2.° *Volume.*

I.

Não pensem que vamos chamar á auctoria o sr. visconde d'Almeida Garrett pelas suas opiniões e resentimentos quando escrevia o *Arco de Sant'Anna.* A critica de uma obra litteraria deve esquecer as contradicções politicas de um superior espirito. Desejaramos que os nomes illustres não descessem do pedestal, aonde os collocou o voto publico e o juiso desapaixonado d'esta nova geração, que é já para elles a posteridade: e se lamentâmos estas abdicações voluntarias, mais uma razão temos para não commentar os seus desvios e leviandades.

O 1.° volume do *Arco de Sant'Anna* era um pamphleto disfarçado contra as demasias reaccionarias, e a cruzada ultramontana, que ameaçava as conquistas do dogma liberal. Este pensamento nascido de um terrôr exagerado sobre a omnipotencia de uma seita, debilitada por continuos revezes, compromettia certamente a verosimilhança litteraria e historica do assumpto. As preoccupações do presente alteravam a simplicidade graciosa d'aquella legenda pittoresca da media edade. As divagações *humoristicas*, comparaveis mais de uma vez ás excentricidades de Sterne ou de Carlos Nodier, constituiam-se em fragrante anachronismo com

as scenas de um romance, cuja acção se passava em tempos tão remotos, e em circumstancias tão diversas de hoje.

O 2.º volume é que caracterisa realmente o romance, e o homem politico, mal ou bem inspirado, cedeu o logar ao artista, que desenvolveu o drama começado com tão palpitante interesse, avivando-o com as cores suaves e correctas de um assombroso estylo.

Não considerâmos entretanto o *Arco de Sant'Anna* um monumento, como em outros generos o poeta tinha creado escrevendo a *D. Branca*, o *Camões* e o *Frei Luiz de Sousa*. A obra revela as qualidades de um grande escriptor, mas não attinge as proporções architectonicas, perdoem-nos o termo, que graduam as eminentes concepções, que a critica solemnisa na historia litteraria moderna.

Não accusâmos no *Arco de Sant'Anna* nem a simplicidade da acção, nem os contornos vagos com que as figuras apparecem desenhadas. A profusão dos incidentes dramaticos, e a abundancia dos personagens não constituem nem classificam o merito de um romance.

Mas um homem da lição e talento do sr. visconde de Almeida Garrett, escolhendo uma epocha tão notavel da nossa historia, não devia ser tão parco, em a retratar, em a firmar na imaginação.

Seja-nos licita uma digressão, que aclara as nossas idéas. Haverá alguem que deixe de reconhecer a superioridade do *Cinq-Mars* de Alfred de Vigny sobre as composições volumosas de Soulié e Dumas?

E' que o *Cinq-Mars* a par da maravilhosa castidade de estylo, é um admiravel quadro historico, que idealisa poeticamente, sem os desfigurar, todos os personagens d'aquelle reinado, tão sanguinolentamente notavel nos annaes da monarchia absoluta.

Regeitâmos fundamentalmente essa theoria brutal, que applica as maximas da Economia Politica ás creações da arte.

A. Dumas, por exemplo, será mais apreciado narrando uma historia singela do coração, como no *Amaury*, e no

Capitão Paulo, do que accumulando em dez volumes, milhares de episodios, admiravelmente contados, mas que tão facilmente se apagam da memoria como os desenhos caprichosos traçados na areia, que as ondas lambem horas depois, quando cresce a maré.

Este engodo fatal não é propriedade exclusiva do nosso seculo. O abbade Prévost teve dezeseis annos suspensa a sociedade de París, quando escrevia *Marianna:* e o seu nome apezar da infinidade das suas composições, seria obscuro se não tivesse escripto um pequeno livro, que é uma obra prima a — *Manon Lescaut.*

Não quizeramos que o sr. visconde de Almeida Garrett fosse abundante, segundo as prescripções do romance de contrabando, do *romance-folhetim.* A litteratura, para homens da sua valia, é um culto, um sacerdocio, não póde, nem deve ser uma industria. Mas aproxima-nos o seu romance do seculo XIV, e do vulto austero e popular de D. Pedro o Cru? Illumina elle a obra com essa côr local que é o segredo dos grandes mestres do romance historico? Apoderou-se elle, pela imaginação, e pelo pensamento, d'esse mundo desvanecido, que se adivinha mais ainda do que se traduz, nas chronicas, nos monumentos, nos codices e manuscriptos, quasi apagados pelo tempo?

Se concluissemos pela affirmativa, não eramos de certo sinceros com o illustre escriptor. O espirito partidario é como a *mala aria* da campina romana, envenena as organisações mais robustas, e cresta a vegetação mais viçosa.

O *Arco de Sant'Anna* escripto com intenções reservadas de opposição violenta, não poude salvar-se dos vicios da sua origem. Tem capitulos admiraveis, mas não é uma obra perfeita, e completa. Assemelha-se, se quizerem, a um castello feudal, que a magnificencia d'um *parvenu* adornou de salas atapetadas, enriquecidas de moveis pulidos, e de espelhos dourados, com grave escandalo dos antiquarios.

A analyse rapida do enredo justificará de certo a opportunidade das nossas reflexões.

Um bispo mau escandalisa os burguezes e *arraia-miu-*

da do Porto, pela devassidão dos seus costumes, e não menos pelos vexames da sua administração financeira. Vasco, que é o filho estremecido do seu amor, ainda que occulte, a elle, e a todos, os laços estreitos que o ligam ao seu coração, levado pela generosidade das suas idéas, e tambem pelos olhos negros e feiticeiros d'uma certa Gertrudinhas, fructo encantador do matrimonio burguezmente legal de mestre Martim, membro do senado portucalense, torna-se o cabeça d'uma revolta popular, occultamente soprada por D. Pedro I, que a aristocracia denominou *cru*, e o povo justiceiro.

E como é que a poetica sylpha, a gentil borboleta, desentranhada da grosseira chrysalida de um par, burguez, de corpo e alma, se torna a nimpha Egeria d'estes rancores populares? E' que a torpe crapula do bispo tentára ennodoar uma das mais formosas cachopas do Porto, a bella Anninhas, recentemente casada com mestre Affonso, caldeireiro, e depositada nos carceres do aljube, no proprio momento em que o descontentamento publico buscava um motivo para se insurgir contra o bispo, e para vingar affrontas na quesilenta pessoa de Pero-Cão, seu almudeiro, o que é dizer que era ladrão: seu agente secreto, o que é encartal-o n'um certo officio, cujo nome a decencia me obriga a calar, e que o auctor mais franco, poz com todas as letras, na bôca das turbas irritadas, e sedentas de desaggravo. Ora a Anninhas, era intima amiga de Gertrudes, e a rua do Arco de Sant'Anna, escutára mais de uma vez as longas praticas de janella a janella, entre as duas visinhas, creadas na doce e despreoccupada famaliaridade do *tete-á-tete*.

Mas Vasco, no seio dos seus projectos, tivera ainda um mysterioso incentivo que lhe avivára a resolução, que lhe robustecera o espirito, que o engrandecera até ao ponto de se julgar o vingador tremendo e fatal de sua mãe, que crestára os annos e a belleza, victima de uma acção infame, em que o seu coração não fôra cumplice.

Era esta historia o remorso vivo e pungente do bispo, e que o auctor mais de uma vez soube evocar, com aquel-

le raro conhecimento do coração, que dá ao livro um tão subido valor philosophico.

Ferido e semi-morto, fôra encontrado o bispo, quando era ainda secular, e cavalleiro, n'um campo de batalha: conduzido a casa de um judeu rico, Abrahão-Zacuto, pelos proprios cuidados do santo velho, elle durante a convalescença, seduzira sua filha, a formosa Esther, raro typo d'essa belleza asiatica, que ainda reluz e deslumbra nas descendentes da captiva e desolada Sião.

Vasco era filho d'essa mulher, que jurára vingar-se e que durante muitos annos, acalentára no peito esse pensamento sinistro, para o entregar como horrivel herança ao filho arrancado dos seus braços, arrebatado ás suas maternaes caricias, medrando e crescendo longe dos seus beijos, e das suas lagrimas!

No centro d'este quadro apenas apparece o vulto indistincto do amigo do povo, de Pedro I, homem raro, em que o sentimento energico de justiça, quasi que se confunde com a satisfação pessoal de vingança: tão grande, tão poderoso era o empenho com que acceitava a austera missão de reger e dirigir os negocios do estado! O homem quasi que desapparecia perante os deveres solemnes de rei.

O bispo apezar de sentir vagamente, no seu espirito, avexado de desconsoladoras lembranças, um presentimento sinistro, um como rumor longinquo da revolta, que começa a rugir o seu hymno de vinganças, tenta cevar os embotados appetites na prisioneira, por quem arde em brutaes e criminosos desejos.

Este capitulo, não direi que é o melhor, mas como pintura, ao mesmo tempo fugitiva e correcta, raros temos visto nas litteraturas estrangeiras, que possam competir com elle. Quereis um retrato, que se vos figura na imaginação, apezar de esboçado em pinceladas rapidas, e com traços de côr formosa, e suavemente desmaiada? E' o de Anninhas.

« Quanto se pode imaginar de gracioso, de mollemente feminino e suave, tudo isso era Anninhas. As feições pouco pronunciadas do seu rosto, as formas arredondadas, mas de-

beis de seu corpo alto, fino, e dobradiço como uma vergontea de primavera, tudo n'ella caracterisava aquella debilidade quasi infantina, aquella dependencia, aquella fraqueza, que são a maior força de um sexo nascido para obedecer a ser guiado, mas que é elle quem manda e governa quando quer, quando sabe.... quando a mulher é verdadeira mulher e de seu proprio desvalimento tira o valor immenso que tem.»

«N'aquelle estado agora, no desalinho de seu trajo, no susto que a descora, na afflicção que a perturba. Anninhas está mais bella ainda. O genero de sua belleza é dos que se não transtornaram com estas ancias mortaes; antes n'ellas se apura, se afina a suave, e por assim dizer, lenta fascinação de seus encantos. O cabello castanho ondado caía-lhe desentrançado e longo pelas espaduas mal cubertas de uma tunica listada de branco e de roxo vivo, que era o seu unico vestido. Os olhos pardos, grandes, lustrosos, mas sem muita vivacidade, pareciam mais os de uma virgem consagrada ao altar. Ninguem pediria paixão áquelles olhos, elles não tinham senão piedade, indulgencia, uma expressão de bondade que vinha d'alma. Branca era, mas como é branca a prata fôsca: um branco puro sem brilho.»

Quando o bispo n'um accesso de voluptuosidade febril e delirante, pretende violentamente desvanecer a um tempo o grito d'alma que o accusa, e a resignação angelica e pudica de Anninhas que o subjuga, quando o tigre sedento tenta apagar o remorso, na satisfação de um vicio brutal e feroz, e lhe apparece de repente a figura grave pallida e severa de um respeitavel clerigo: quando Anninhas solta d'aquelle amplexo que lhe vexa, simultaneo, a innocencia d'alma, e o pudor quasi virginal da sua fé de esposa, se refugia no fundo do aposento, para se abraçar com um crucifixo, a scena tem um movimento tão dramatico, attinge um tal pathetico sobrio e reprimido, que só ella bastaria para dar ao romance a popularidade conscienciosa e sentida, que classifica e imprime uma obra d'arte na imaginação publica.

E' no momento em que o bispo, composto de partes boas e depravadas, como todo o ente real e humano, não exclusivamente virtuoso, como os delambidos heroes dos romances de Scudery, nem absurda e unicamente destestavel, como os incriveis Rodins e Lugartos de Eugenio Sue — se deixa vencer pelas supplicas evangelicas e christãs do arcediago Paio Gutterres, quando chora nos seus braços as faltas de um passado irreparavel, que a revolução se agita e tripudia, e vem debaixo dos seus paços, accender de novo o seu orgulho adormecido, e as suas paixões, um momento acalentadas pelas palavras brandas do bom prelado.

A transição é tambem admiravel de poesia e de verdade. Julga aquelle homem cumplice com os revoltosos, pensa que o virtuoso aviso não viera do amigo, e do sacerdote, mas do conspirador encuberto e hypocrita, e o demonio de seus torpes vicios, que lhe mora de continuo dentro d'alma, renasce furioso e indomavel. E' assim sempre: os caracteres corrompidos raras vezes se suspendem sobre o abysmo da perdição: a logica das catastrophes humanas impelle-os fatalmente a uma queda, que ás vezes é tragica e ensanguentada; e outras, vergonhosa e infame.

O romance como vem desligado de toda a pertenção historica, possue um grande interesse dramatico: mas será o bispo um typo da epocha, representarão mestre Martins Vaz, e Gileannes, sem resaibo moderno, os exemplares d'essa magistratura popular, que se engrandeceu no culto das liberdades e franquezas municipaes?

Acompanhando a narração até ao desenlace, ver-se-ha que o *Arco de Sant'Anna* é mais um quadro de phantasia, mimoso e suave, do que um baixo relevo, aonde se esculpa a phisionomia de um dado periodo historico, com a severidade e segurança da meditação e da sciencia.

II.

Se o *Arco de Sant'Anna* fosse unicamente uma obra d'arte, se quizesse apenas reproduzir com as côres da imaginação um episodio mais ou menos interessante do passado, não poderiamos ser porventura extremamente severos para com a sua ligeireza e inconsistencia historica: mas o auctor poz mais alto a mira, e elle proprio o denuncia significativamente no prologo:

«A reacção como ella se fez naturalmente nos corações, e nos animos, como a inspiraram os grandes poetas, grandes prophetas, e grandes missionarios do seculo — era salutar e benefica. Mas os myopes pygmeus da oligarchia, exagerando o elasterio verdadeiro, quizeram leval-a, aonde ella não pode ir, torcer-lhe a direcção e grangêal-a em sordido proveito de seus interesses.

«Eis aqui como os jesuitas quizeram obscurantisar a França á sombra de Châteaubriand, o immortal defensor da liberdade da imprensa; eis aqui como ali vinha a lei dos morgados, como ali veiu a lei do sacrilegio, e como ainda hoje, de novo, as pretenções clericaes, por lá e por cá, e por

toda a parte vão levantando uma cabeça que ninguem diria senão que esta gente vem dos antipodas — ou que são os «sete dormentes da Grecia», que accordaram agora e não sabem o que por cá foi, n'este ultimo seculo sobretudo.»

. . . . . .

«Quando ao cabo d'estas grandes considerações eu concluir que por isso vou publicar um romance, uma novella — que dirão os leves de cabeça, e mais leves de lingua! *Parturient montes.* Pois dizem uma sandice, uma necedade — em portuguez mais vulgar, mas não menos classico, uma tolice. . . . . .

Porque escolheu o sr. Garrett a epocha de Pedro I, de preferencia a qualquer outra epocha da nossa historia? Porque não foi estudar a influencia tremenda do clero no facto da desthronação de D. Sancho II, por exemplo, como thema eloquente da omnipotencia theocratica?

É licito de certo ao poeta talhar na historia, aonde lhe apraz, o quadro, que mais lhe accenda a inspiração, e ponha em actividade as faculdades do seu engenho. Mas n'este caso um principio superior devia determinar a escolha do assumpto: tratava-se de pintar á geração presente os horrores e desvarios da dominação ecclesiastica, de sustar a reacção religiosa, que ameaçava invadir as liberdades conquistadas pela philosophia, e pela revolução, e seria justo de certo que o romance penetrasse nos claustros, prescrutasse os conciliabulos monacaes, e nos creasse, os typos perigosos, que tantas vezes comprometteram as verdades evangelicas, allucinados pela ambição temporal.

É exactamente o que não acontece no *Arco de Sant' Anna.* Aquelle bispo apresenta-se-nos debaixo de um aspecto demasiadamente individual, devorado de paixões e recordações bem estranhas aos designios ambiciosos, para que nos possa fielmente representar o quadro das aspirações, e dos manejos clericaes. É um homem adormecido nas distracções voluptuarias e nos deleites do mundo, que sente ainda palpitar um coração de guerreiro debaixo das vestes episcopaes, que se preccupa mais dos gosos terrenos do que do

esplendor da Igreja, que invoca Roma e o poder dos papas, menos com o desejo de dilatar a auctoridade religiosa, do que com a ancia de conservar os proventos e benesses da sua posição clerical. O bispo do Porto, finalmente, é um sacerdote devasso, orgulhoso e vão, mas cujo pensamento mal se prende ás combinações de dominio theocratico, tentadas desde longos tempos pelo governo da Curia Romana.

Debaixo d'este ponto de vista, que tentou então o distincto poeta? Provar-nos que as soberbas ecclesiasticas podem ser castigadas pela mão severa de um rei justiceiro? Que a oligarchia, de qualquer genero que seja, é facilmente debellada pelo despotismo audaz de um só? Que o astro radiante da theocracia catholica ía pouco e pouco empallidecendo perante a iniciativa poderosa da realeza absoluta?

Que ensinos philosophicos se podem derivar, para o seculo em que estâmos, da anecdota historica sobre que versa *O Arco de Sant'Anna?* Que significa a organisação feudal do clero na idade media, em presença das instituições modernas, que lhe concedem uma grande supremacia moral, mas que o privaram do seu ascendente de poder material, de poder directamente politico?

Os romances podem, dentro da sua esphera, doutrinar o espirito das gerações, tornarem-se um elemento de propaganda intellectual; mas não acreditamos que o *Arco de Sant'Anna* conseguisse este fim, traçado na graciosa e elegante miniatura de um facto isolado.

A questão, que preoccupa a escola liberal, a escola revolucionaria, tomou um aspecto diverso do que no seculo XIV e XV. O clero ligou-se com a realeza: um representa o pensamento, o outro a força: a auctoridade politica procura engrandecer-se na sua alliança com a auctoridade religiosa: a obediencia das classes inferiores é emprehendida em favor do poder, pelo prestigio do culto, pelas aspirações da fé. A onda crescente da democracia, que vae transformando a sociedade, em nome, e pelo dogma da cruz, procuram desvial-a, e quebrar os seus impetos, apresentando-lhe o sym-

bolo da sua redempção, do seu progresso, da sua emancipação moral, como o marco extremo que deve suspender os seus esforços, e immobilisar os seus destinos. Temeraria empreza, em que a ambição e o interesse sophismam os principios do christianismo, e tentam desvairar e preverter a sua acção sublime no espirito das gerações modernas.

Não seremos por conseguinte injustos, nem demasiadamente severos, declarando que o *Arco de Sant'Anna*, salvas certas pungentes allusões, não traduz fielmente as idéas emittidas no prologo. Talvez seja tambem porque as convicções do auctor se modificassem no intervallo, que decorreu entre a apparição de um e outro volume; conjectura que da nossa parte não é maliciosa. Os perigos que o sr. Garrett anteviu, tornaram-se menos terriveis com o tempo, em Portugal pelo menos. As nuvens, que pezavam na atmosphera, desvaneceram-se no horisonte, e o romancista preoccupou-se então mais da formosura e encantos de Anninhas, do que do vozear das turbas, insurreccionadas contra a tyrannia do bispo do Porto.

A descripção da revolta está mesmo muito copiada das que no nosso seculo, mais de uma vez, se reproduzem, com grave escandalo da ordem e da legalidade. E quando os populares vão buscar o apoio moral do *Senatus Populusque portucalensis*, mostram aquelle mesmo espirito de hesitação, aquella mesma fascinação pelo principio da auctoridade, que, tambem na nossa epocha, têem servido apenas de refazer a teia de Penelope do despotismo governamental.

Os dous capitulos que se seguem não serão uma caricatura demasiadamente transparente dos costumes e praticas do systema representativo entre nós? O chiste, e a delicada ironia com que estão escriptos, salvam-nos porventura do desagradavel anachronismo litterario, que nos surprehende a attenção?

Os ultimos capitulos do romance indemnisam-nos largamente d'estas aproximações mais ou menos culculadas, com que o auctor entretece a sua obra, alterando a verdade historica e philosophica, que a deviam constantemente dominar.

Estâmos na Sé. Os populares e o bispo concordam em fazer uma convenção. O povo desarmado e contricto espalha-se pelas abobadas de igreja, e aguarda com esperança e commedimento o desenlace d'aquella magestosa scena. A voz do Paio Gutterres pretende reconciliar as pretenções populares, e os direitos e prerogativas do bispo, mas este havia meditado o que em linguagem moderna se denomina um golpe d'estado. A um signal dado pelo alcaide a milicia episcopal acommette o povo desprevinido: fa-se consummar a traição, se «um pobre homem d'entre os populares, envolto n'uma ruim capa, e de tão mesquinha e fraca figura que nem os soldados fizeram caso d'elle» não se erguesse no meio da scena pavorosa, não applacasse com um gesto aquellas coleras indomaveis, não desfizesse com uma palavra a onda das vinganças liberticidas. Era D. Pedro o-cru, era elrei de Portugal.

O capitulo *Intervenção* é realmente um quadro, cheio de movimento e de colorido, em que as figuras apparecem representadas com uma animação e vigor indisiveis. Desde o abalo repentino, que sacode ao bispo todo o seu orgulho, como á arvore imponente o vento impetuoso da tempestade arranca os cubiçados fructos, até á supplica fervente de Vasco, que ajoelhando aos pés do rei, intercede pelo homem a que o ligam os laços da gratidão, tudo se nos figura distincta e scintillantemente na imaginação, como se contemplassemos as animadas scenas que nos legou o pincel de Ticiano e Tintoreto.

A apparição das tres mulheres — da Gertrudes, da Anninhas, da judia — força é confessar que vem um pouco sobreposse: é menos uma surprehendente peripecia, do que uma invasão preparada para appressar a conclusão, e fechar o volume.

Mas este romance ha de viver no futuro, porque tem o mais seguro condão da immortalidade, um superior e bem trabalhado estylo. Que o espirito do auctor divague ou se contenha, que o seu pensamento improvise em febril inspiração, ou hesite nos preguiçosos rodeios da indolencia, o que

diz, e o que occulta, o que pinta em traços fugitivos, ou o que esculpe em desenho vigoroso, tudo vive e se anima no seu admiravel estylo. Ha o quer que seja de casto e provocador no desleixo estudado da sua phrase: dir-se-ha uma d'estas donzellas bellas e *coquettes*, que mostram todos os seus attractivos como por acaso, e com uma fingida negligencia, parecendo ser indifferentes á admiração que inspiram. Não vos deixeis illudir! Quando ella apalpa descuidosa o terreno com o pé, é porque sabe que o tem bonito; quando agita os cabellos é que não ignora que lhe caem em formosos anneis negros e lustrosos; quando olha, quando sorri, bem conhece que os olhos ferem, e que os dentes deslumbram pela alvura.

Talvez seja um engano nosso, mas esta comparação feminina é a que nos traduz ao espirito a impressão d'aquelle estylo, que assume todos os tons, que ensaia todas as melodias, sem nunca perder a individualidade, conservando sempre um aspecto nobre, desdenhoso e senhoril.

Já *As Viagens na minha terra* haviam desmonstrado a extrema flexibilidade de estylo que caracterisa o sr. visconde de Almeida Garrett. Subordinar uma lingua, quasi sempre dedicada a assumptos graves, á ligeiresa de phrase, ao rapido e conceituoso de elocução, que se admiram na lingua franceza, foi para o distincto poeta uma tarefa facil, e que elle concluiu em dous volumes sem vislumbre de longo e pensado esforço.

Das opiniões mais ou menos aventurosas, que em politica e sciencia social vimos produzidas no *Arco de Sant'Anna*, não trataremos nós agora aqui. São menos os conceitos de um homem politico, do que os desabafos de um espirito azedado com o espectaculo das cousas publicas. Talvez que mais tarde possâmos avaliar o distincto poeta, nos seus triumphos, que os teve, de tribuna, seguindo a evolução das suas idéas no centro dos acontecimentos contemporaneos.

ALEXANDRE HERCULANO.

LENDAS E NARRATIVAS — 1.° E 2.° VOLUME.

I.

Nos *Ensaios de critica e litteratura* apenas de leve caracterisavamos a influencia de um dos primeiros vultos das letras portuguezas.

« O sr. Herculano é o robusto creador do romance, essa forma essencial do pensamento, uma das mais difficeis da litteratura. Edgard Quinet, no prologo de *Napoleão*, conceituou admiravelmente o seu genio, e a sua influencia:

« A differença do romance, e da epopéa é a mesma que a do homem, e da humanidade. Estas duas formas estão marcadas na antiguidade pela Odissé e pela Illiada. Entre os modernos Bocacio não desthronou Dante. Richardson não excluiu Milton: Cervantes não destruiu Camões. »

« O sr. Herculano a estas horas está creando um monumento que ha de, no seu genero, competir em resultados com os *Lusiadas:* A *Historia de Portugal.* Antes havia dotado o paiz com o romance historico, e escripto a *Abobada* — *o Mestre Gil* — o *Monge de Cister*, e tantos outros primores de pensamento, de estylo, e de linguagem, que desafiam valiosamente tudo o que se tem tentado nos outros paizes. »

« O *Eurico* é um romance-poema, é um mixto dos dous generos; é ao mesmo tempo a historia de um homem, e

a narração d'um grande acontecimento, d'uma das situações mais pungentes da civilisação peninsular. O proprio *Eurico* é menos um homem, um individuo, do que o mytho d'uma das mais atrozes posições da humanidade: é o sacerdote, abrasado de amor, querendo domar as violentas recordações da paixão, nas amarguras da penitencia, e depois nas horriveis peripecias das batalhas. A batalha do *Chrysus* descripta como está, iguala Homero: é a opinião que ouvimos repetida por uma grande auctoridade em materias d'arte.

« Lamartine no seu *Jocelyn* não iguala a philosophia do personagem do *Eurico*, não traduz todas as condições do problema, pinta apenas uma aresta da questão, individualisa, acanha de mais a situação no homem, o exame humanitario na discussão pessoal. *Jocelyn* é uma creança, que apenas tinha soprado de longe o calor das paixões, que vulcanisam a imaginação, que devoram a alma, que embriagam os sentidos na improvisação artificiosa de todas as seducções materiaes: o seu sacrificio é quasi voluntario, não é a voz potente e solemne da religião, que lh'o torna irrevogavel e fatal. *Eurico* é homem, esgotou o calix dos prazeres até as fezes, absorveu no tumulto da vida um d'esses amores que, nos caracteres vasados em bronze, se tornam o unico pensamento da vida, a unica aspiração do coração, que decidem para sempre do destino, que se procuram apagar ou nas orgias do vicio, ou nas asperezas da penitencia.

« *Eurico* é um typo completo, é a epopéa grandiosa e harmonica da religião em luta com a humanidade, da paixão rebellando-se contra o sacerdocio: *Jocelyn* é a imagem lyrica d'um incidente poetico da vida: os labios abrem-se só para a queixa, e não para a blasphemia, o olhar levanta-se ao céu com a resignacção do martyr, e nunca com a colera da victima injustamente condemnada: *Jocelyn* é um hymno, partido de soluços e de lagrimas, de saudosos gemidos ás vezes. *Eurico* é um protesto lavrado com o sangue das veias, com as lagrimas do coração, com as agonias da dôr: ladainha primitiva, em que o genio do mal faz côro com as orações dirigidas ao supremo auctor de todo o bem. »

Ainda que o sr. Alexandre Herculano não tivesse escripto a *Historia de Portugal*, ninguem lhe poderia disputar a gloria de haver introduzido o romance historico em Portugal.

Desde que começou a redacção do *Panorama*, revelou immediatamente as tendencias do seu talento.

Poeta agreste e sublime na *Harpa do Crente*: pamphletista audaz e grandiosamente acerbo na *Voz do Propheta*, a sua alma como que se encontrou abafada dentro de tão cerrado horisonte. A religião, mesmo combatida, não provoca hoje as explosões phreneticas da consciencia: é mais um habito do que uma crença viva e ardente, sobretudo nas classes superiores. Os Apostolos poderiam ser escutados, menos pelo enthusiasmo da causa, de que se tornavam interpretes, do que pela eloquencia com que a defendiam e propagavam.

Mereciam tambem tanta colera e tão escandecida indignação, os alvorotos populares, que perturbaram a tranquillidade do paiz desde 1836 a 1838? Aos excessos das paixões politicas d'esse tempo poder-se-iam porventura applicar as severas invocações da *Voz do Propheta*? E' que o generoso escriptor era um artista, antes de ser um homem politico, um partidario: allucinado pelos esplendores da sua imaginação, via, apoz alguns tumultos, erguer-se a imagem sinistra dos cadafalsos da revolução franceza: e com a coragem de arrostar as demasias do povo, transportou-se pelo pensamento a tempos e acontecimentos, que nunca as revoluções em Portugal tentaram reproduzir.

O sr. Alexandre Herculano desterrou-se da vida publica em 1842, depois de haver sido um dos mais valentes soldados do Mindello, de haver combatido a revolução de Setembro, em quanto ella esteve triumphante, e a reacção ordeira e conservadora, quando ella quiz exagerar o protesto contra as aspirações e exigencias populares.

Nada havia mais logico do que esta resolução. Não era de certo no espectaculo languido, nas paixões pouco vigorosas dos partidos, que o seu pensamento podia encontrar um substancial e fecundo paste. O illustre escriptor foi pe-

dir inspirações ao passado: era uma predilecção irresistivel do seu espirito; predilecção, que manifestára mesmo nas obras, puramente litterarias e poeticas. A sua intelligencia, naturalmente synthetica, achava-se comprimida nos limites do romance, e da narrativa: e será porventura difficil de adivinhar no auctor das *Arrhas por fôro de Hespanha*, no que cinzelára o cyclo doloroso do pensamento individual no prologo do *Parocho da Aldeia*, o futuro historiador, robustecido pelo estudo, e amadurecido por longas e austeras meditações?

Usamos de proposito aqui da palavra *cinzelar*. E' que o estylo do sr. Alexandre Herculano não possue os toques maviosos, o colorido vaporoso e ligeiro, o traço elegante e fugitivo do pincel; grava-se e entranha-se na pedra; sente-se gemer, partindo em lascas, a superficie dura e rebelde do marmore, ou do granito; figura-se-nos o immutavel e poderosamente indistructivel da estatuaria e architectura: é como os *baixos relevos* dos edificios antigos, que adquirem a côr tisnada, que lhe imprime o tempo, sôpro dos seculos que entristece e ao mesmo tempo santifica a face dos monumentos.

Como nos quadros de Miguel Angelo Buonarotti, adivinha-se, sob as formas da pintura, a vocação soberana do estatuario: reis, guerreiros e artistas, apparecem nus, demostrando, em cada aventurosa attitude, todos os mysterios da sua anatomia, toda a expressão indelevel da sua physionomia moral.

Ha almas de uma certa tempera, que umas vezes reproduzem as feições de um proscripto, denominam-se Dante, e gemem a *Divina Comedia*; que outras vezes se incarnam no busto omnipotente de um artista, chamam-se Buonarotti, e atiram aos ares a cupula de S. Pedro; que não podem accommodar-se ao gentil e gracioso, mas ao mesmo tempo afeminado, da poesia facil, melodiosamente apaixonada e delirante.

O sr. Alexandre Herculano é um artista parecido com o immortal poeta, e com o grande estatuario florentino. As suas figuras, ou soltam sublimes blasphemias como no *Infer-*

no do pensador italiano, ou exprimem completamente os attributos energicos da paixão, como nos grupos do *Juizo final*, do sublime artista, rival de Raphael.

Para nós, a *Abobada*, por exemplo, não nos impressiona menos pelas superiores qualidades de concepção e narrativa, do que nos pinta as feições da sua intelligencia, e do seu estylo. Dir-se-ha que elle resumiu e indicou ali as tendencias do seu espirito, apresentando-nos o *substratum* da sua individualidade como escriptor e como poeta.

A scena de Mestre Ouguet, enlouquecendo pela quéda do capitulo; o dialogo entre o vencedor de Aljubarrota, e o grande artista, que traçára a magnifica fabrica da Batalha; a promessa do architecto cumprida até á morte, debaixo das arcadas do templo, são scenas cheias de relevo, que parecem desentranhadas do marmore pelos caprichos de um cinzel a um tempo imaginoso e energico.

Litterariamente a *Abobada* é um primor d'arte, que não possue de certo parallelo na moderna litteratura portugueza, que apenas póde ser comparavel ás mais bellas composições de Victor Hugo e A. de Vigny no romance historico.

Lendo este magestoso fragmento da epopéa nacional da nossa independencia, não parece que o escriptor confunde a sua individualidade com a de Affonso Domingues, e como transporta a sua existencia aos esplendidos episodios do seculo XIV?

E' que o sr. Alexandre Herculano, como Walter Scott, tem um prodigioso sentimento da realidade preterita: concebe, adivinha os acontecimentos; trata intimamente os caracteres; parece que os acompanhou ás batalhas, que folgou com elles nas orgias, que viveu a seu lado nos saraus.

Os allemães devem ter provavelmente inventado uma palavra que exprime esta delicada intuscepção do passado.

As Arrhas por fôro d'Hespanha é ainda um episodio, estudado na epocha, que merece por mais de um motivo a sympathia do illustre historiador. Fecunda e agitada é a quadra para a imaginação de um romancista. Basta tocar com

a vara para fazer surgir essas individualidades energicas, que se criam no seio das revoluções. Desde a rainha D. Leonor Telles, intelligencia superior, e estadista habil, apesar dos infamias da sua vida, até ao pobre alfaiate Fernão Vasques, idolo e cabeça da plebe, tudo aquillo é um mundo verdadeiramente vertiginoso, aonde os personagens apparecem desenhando-se moralmente, no meio do movimento e da acção.

E' esta suprema qualidade, que distingue o sr. Alexandre Herculano como romancista. E' no meio da actividade dramatica, que acompanha os acontecimentos, que nós tomâmos conhecimento com os homens, e com as cousas, e vimos desenvolvido o quadro historico, que a sua imaginação escolheu.

Não é difficil de presentir o futuro historiador no chronista que retrata, com tão exacta similhança, os caracteres, que narra com uma tal paixão, e com um espirito tão lucidamente observador os factos, que preparam e resumem as catastrophes sociaes e politicas.

Estes dous volumes, que encerram um grande numero dos trabalhos do illustre escriptor, publicados no *Panorama*, bastam para o classificar como stylista, para o denunciar como philosopho, e como erudito. O talento só por si não podia crear aquellas narrativas, com um tão profundo conhecimento dos costumes da epocha, e das instituições. E' a chrysalide forte e robustamente entretecida, d'onde havia de saír o auctor da *Historia de Portugal*, e o severo analysta da *Historia da Inquisição.*

Alguns fragmentos, escriptos com um sabor verdadeiramente portuguez, transportam-nos para as livres regiões da phantasia. Depois do *Alcaide de Santarem*, e da *Dama-Pé-de Cabra*, legenda extrahida do *Nobiliario* do Conde D. Pedro, chegâmos ao *Parocho da Aldeia*, bella e graciosa narração, comparavel a tudo quanto a escola genebreza tem escripto de mais puro e sentido.

O *Parocho da Aldeia* é só por si uma philosophia. Raras vezes temos visto traçado como no prologo, com tão fun-

da e potente analyse, o quadro intimo das lutas do homem, entre a sciencia e a fé.

Scenas ha ali de uma intimidade tão dramatica e tão expressiva, que recordam a eschola flamenga, tão abundante na representação dos typos populares. Desde o parocho, santo e veneravel velho, a quem nem as inclemencias do tempo, nem as fadigas, impedem nunca de exercer o seu ministerio, até ao avarento Bartholomeu da Ventosa, todas as figuras estão traçadas com uma verdade, com um *realismo*, se é licito o termo, tão perfeito e acabado, que diriamos que o romance é menos um capricho da phantasia, do que a traducção fiel de um facto historico, e de personagens que o escriptor viu e conheceu.

Aqui cabe-nos revelar o principal merito do sr. Alexandre Herculano como romancista. Ninguem liga melhor o movimento dramatico á analyse dos caracteres, e dos sentimentos humanos. Nas scenas que a sua imaginação nos representa, estuda-se a indole e affectos dos personagens, conduz-se o fio da acção sem quebra do interesse.

Era bastante para uma reputação litteraria a gloria de haver creado o romance historico, de haver applicado aos assumptos d'arte as investigações profundas e austeras da erudicção; mas o illustre poeta da *Harpa do Crente* ergueu mais alto o seu pensamento, e foi tomar logar a par dos Guisôts, dos Macaulays, e dos Savignys. *A Historia de Portugal*, que a Allemanha traduz n'este momento, conceituam o escriptor do *Monge de Cister* uma das mais serias e superiores vocações das letras europêas, firmando as glorias da nação portugueza. Emprezas de tal ordem, executadas com tal vigor de pensamento, com tão escrupulosa sciencia e consciencia, não merecem só a admiração dos homens illustrados, concitam o reconhecimento de todo um povo.

Baixas e ruins paixões, preconceitos absurdos, e melindres ignorantes, ousaram levantar-se contra o generoso escriptor, que isolando-se no seio da sociedade, concentrando-se na meditação e no estudo, cenobyta da sciencia, como outros o foram da religião, se abalançou a historiar os nossos

feitos, a traduzir o nosso passado, a fabricar a nossa individualidade nacional, perdida e desfigurada em narrações soltas, em phantasias sem authenticidade, e sem valor scientifico. Foram clamores felizmente, que expiraram sem echo, e que só cobriram de opprobrio aquelles que os soltaram, na louca allucinação do seu resentimento. Os escriptos do sr. Alexandre Herculano não manifestam só um grande artista, e um austero pensador, retratam tambem a independencia e virtudes de um caracter elevado, de um coração magnanimo. Se é verdade que o estylo seja o homem, como affirmou Montaigne, nas concepções do historiador aprende-se a admirar o philosopho, e o erudito, e a apreciar as qualidades eminentes, que nobilitam a alma do homem.

Não quizeramos entretanto vêr estabelecidas comparações, entre individuos, por diverso modo eminentes. As vocações não se excluem, completam a physionomia e as aspirações de cada periodo historico. A divisão do trabalho é um principio tão fecundo na esphera do trabalho, como nos dominios da intelligencia.

Châteaubriand pode existir ao lado de Guisôt, como Lamartine a par de Thierry, como Béranger e Victor Hugo em irmandade litteraria com Lammenais ou Proudhon.

O nosso seculo não rejeita as superioridades; mas o campo da investigação é vasto de mais para que surja um novo Aristoteles, e se supponha investido na dictadura scientifica e litteraria.

O cantor de *Camões* póde estender a mão ao historiador e ao romancista, sem que os criticos parvos tentem estabelecer preeminencias absurdas.

As realezas intellectuaes como as realezas representativas reinam, mas não governam despoticamente o mundo. No nosso seculo é que o dito de um escriptor francez se torna um axioma: *Il a quelqu'un qui a plus d'esprit que Voltaire: c'est tout le monde.*

L. A. REBELLO DA SILVA.

A Mocidade de D. João V.

I.

Uma das pennas mais auctorisadas de Portugal já prestou ao merecimento d'este romance uma d'aquellas homenagens, que bastam para contentamento da mais exigente ambição litteraria. O nosso amigo Alexandre Herculano, no prologo das suas *Lendas e Narrativas*, exprime-se assim a respeito da *Mocidade de D. João V*: «Romance de que já se imprimiram algumas paginas admiraveis; mas que na parte inedita, que é quasi tudo, nos promette um émulo de Walter Scott.»

Não citariamos as palavras do illustre historiador, se porventura não fosse identica a impressão que sentimos ao ler os quatro volumes que acabam de publicar-se.

Bem acendidas andam as contendas politicas, para que nos empenhemos todos, os que militâmos sob differentes bandeiras, em crear, longe das paixões e tumultos, um como *oasis* intellectual, aonde possâmos fazer inteira justiça aos poderosos talentos que enriquecem a litteratura.

Ministerios, parlamentos, partidos, influencias, corrilhos, tudo morre, e se desvanece na onda agitada dos acontecimentos. Sobrevivem as idéas justas, grandes e generosas, sobrevivem as creações d'aquelles, que, em despeito muitas ve-

zes da sua vontade, contribuem para os progressos do futuro, e firmam com robusta mão as feições indeleveis, que hão de transmittir a physionomia d'esta geração ás paginas da historia.

Como é que as mais cultas e superiores intelligencias, que nos revelam com tanto desassombro e imparcialidade as tradições do passado, se sentem desvairadas quando contemplam face a face os acontecimentos contemporaneos? Como é que a vista se lhe turva, que a mão lhe estremece, que o peito se lhe suffoca, que o sangue lhe palpita rapido e insoffrido nas veias?

Acceitemos resignados este decreto impreterivel da Providencia. Não queirâmos profundar o mysterio, que concedendo ao Dante tamanha sublimidade de inspiração e de genio, lhe deu em quinhão ao mesmo tempo o odio para os Donati, e outras familias de Florença, cujos nomes morreriam esquecidos, se porventura a paixão do poeta os não tornasse immortaes!

Entremos todos então no *forum* litterario, desarmados de preconceitos, e puros de pensamentos rancorosos. Seja ahi, que possâmos gosar da ineffavel perspectiva de um generoso e tranquillo accôrdo. Saibâmos comprehender que as formas são frageis e quebram-se, mas que as idéas são omnipotentes e duram: que os louros com que as paixões fugitivas cingem a fronte dos triumphadores, não valem de certo aquelles que se conquistam pela sciencia e pelo estudo.

E' *A Mocidade de D. João V* um romance historico? Julgo que ninguem deixará de dizer que sim: é historico, não porque narre factos incontroversos, porque refira acontecimentos mais ou menos verificados pelos documentos da epocha: avaliado debaixo d'esse aspecto, não merecia talvez esse nome: é historico porque nos descreve caracteres e costumes, porque nos faz penetrar na vida íntima d'um certo periodo da historia, porque ficâmos conhecendo melhor por elle D. Pedro II e D. João V, do que pelos trechos hombasticos e assoprados dos abacamacartados historiadores, subsidiados pela côrte.

O romance historico, tão preconisado na sua apparição, merecerá hoje o desdem da litteratura de contrabando, e ao mesmo tempo dos impertigados eruditos, que fabricam volumosas e indigestas memorias, recheiadas de textos e de notas abstrusas?

Um dos primeiros historiadoros da França, um dos mais laboriosos sabios da Europa, Augustin Thierry escrevendo a respeito do romance de *Ivanhoé* de Walter Scott exprime-se d'este modo: « Existem n'este romance outras cousas, que omittimos. Encontram-se n'elle scenas de jovialidade, de tal modo singelas, de tal modo palpitantes, que apesar da distancia dos tempos aonde o auctor se colloca, se podem representar ao espirito sem esforço. E' que no meio do mundo que não existe, Walter Scott tem cuidado de collocar o mundo que existe, e que existirá sempre, quero dizer, a humanidade, de que conhece todos os segredos. Tudo quanto ha de particular no tempo, e nos logares, o exterior dos homens, o aspecto do paiz, e das habitações, os costumes, os usos, estão descriptos com a verdade mais exacta: e *todavia a erudicção immensa, que fornece tantos pormenores, não se deixou perceber em parte alguma.* Walter Scott parece possuir para o passado o dom de *segunda vista*, que certos homens se attribuem para o futuro. Dizer que ha *historia* mais verdadeira nos seus romances sobre a Escocia e a Inglaterra do que nas compilações philosophicamente falsas que usurpam este grande nome, não é affirmar nada de novo aos que têem lido e comprehendido. *Os Puritanos, Waverley, Rob-Roy, o Official de fortuna, e a Prisão d'Edinburgo.*» . . . . . .

. . . . . .

A citação dispensa-nos de longos commentarios: e no paiz aonde Alexandre Herculano escreveu *O Monge de Cister*, Antonio d'Oliveira Marreca *O Conde Soberano de Castella*, não nos parece opportuno pôr em duvida a utilidade e serviços do romance historico.

Para os leitores vulgares *A Mocidade de D. João V* será um romance escripto com espirito e sentimento, cujo

enredo está habilmente traçado e artisticamente desenvolvido; mas os que lidam nas letras hão de applicar-lhe o trecho de Thierry *« e todavia a erudicção immensa, que fornece tantos pormenores, não se deixou perceber em parte alguma. »*

O auctor d'este romance, embora fosse diligente e cuidadoso prescrutar archivos, devassar memorias, ler milhares de opusculos do tempo, recebeu de Deus tambem o dom da *segunda vista*, a intuição maravilhosa com que o espirito concebe as eras desvanecidas, e os traços meios apagados da tradição.

Os personagens mais conhecidos da historia, mais minuciosamente descriptos pelos contemporaneos são-n'o n'uma certa e determinada quadra da vida. E' na virilidade, ou na velhice, no seio dos acontecimentos extremos que denunciam o caracter, e accusam a physionomia moral do homem, que o historiador os retrata, que pretende desenhal-os aos olhos do futuro. E' mais difficil a missão do romancista. Quando elle transporta para outras epochas a acção da sua obra, sem a intuição philosophica, unida a um grande poder reflexivo, é-lhe impossivel caracterisar o personagem.

Esta qualidade suprema de que deve ser dotado o romancista historico, possue-a o sr. Rebello da Silva em subido grau. Para conceber D. João V nos primeiros annos da mocidade, para nos revelar D. Pedro II, nos ultimos annos da existencia, já meio curvado para o tumulo, para architectar o busto austero e grave do padre Ventura, é necessario de certo uma grande energia intellectual. Não são homens estes que appareçam n'uma peripecia solta, n'um quadro fugitivo, n'uma scena destacada: vivem durante longas paginas, apparecem em posições diversas, denunciam-se animados de paixões differentes: não atraiçoar a individualidade moral do personagem, transportando-o a tão variadas situações é, quanto a nós, o maior esforço de imaginação e de estudo, que póde ennobrecer o talento do escriptor.

Quanto a mim, a obra prima do romance reside na concepção do jesuita padre Ventura. Não lhe faremos o ul-

deza nas scenas aonde é auctor, que vêmos engrandecido pouco e pouco o seu ideal, acreditando-o, apaixonando-nos quasi por elle.

O padre Ventura é uma creação humana, e uma crèação artistica. A vida real, com certas restricções, não o renegaria do seu seio: a arte eleva-lhe, sublima-lhe, idealisa-lhe o caracter.

A companhia de Jesus é nossa inimiga politica: negaremos entretanto a grandeza dos seus designios, a abnegação dos homens que a serviram, o patriotismo heroico dos instrumentos do seu poder, que se esqueciam de si, sacrificando-se unicamente ao esplendor da corporação, a que haviam votado a sua existencia?

Dominar o mundo pela intelligencia, fazer vergar sociedades e monarchias ao pensamento de uma associação vasta e estreitamente unida, imaginar no centro da civilisação moderna a reconstrucção de uma theocracia absoluta, e dominadora pelos dons do entendimento, monopolisar a educação, chamar a si todas as influencias moraes e politicas, era de certo uma das tentativas mais omnipotentes de audacia, que o espirito de uma sociedade poderia imaginar.

Comprehende-se então, como no auge da prosperidade, um caracter como o padre Ventura poderia haver sido possivel. Intelligencia verdadeiramente jesuitica, immensa como uma idéa minuciosamente analytica, como uma intriga habil e tenebrosamente urdida; vista longa e profunda, que antevê e presente os acontecimentos; memoria tenaz, que não desdenha meio algum de chegar aos seus fins. Umas vezes, como a aguia, atravessa as nuvens, e paira sobranceira aos abysmos, fitando o sol: outras vezes, como o reptil, vae prescrutar as mais immundas tocas, os mais devassos escaninhos, e prepara ali o veneno que tem de inocular ao viajante inexperto.

O padre Ventura, considerado debaixo de certo aspecto, não é um homem, é um symbolo: é o genio ao mesmo tempo elevado e tenebroso d'essa companhia, que, em identico periodo da historia, persegue o jansenismo em França, acutila e desterra os protestantes revogando o edicto de Nantes, funda numerosas colonias na America, agacha-se humil-

de e servil aos mandarins do Celeste Imperio, e penetra na sociedade civil pelo sacerdocio, no futuro pela educação, no interior das familias pela espionagem; genio multiplo e complexo que, como o de Alexandre, anceia mais mundos para conquistar; que como o de Tartufo move uma intriga baixa e vilã para empalmar a herança de um devoto parvo; mixto de abjecção e grandeza, que horrorisa a consciencia social, e que veiu provar ao mundo que os altos designios se não conseguem despidos dos poeticos arrojos, que glorificam a dignidade humana.

Mas não antecipemos a analyse; o padre Ventura conhecer-se-ha melhor, procedendo ao exame detido da acção e caracteres do romance.

II.

O ROMANCE historico quanto a nós deve afastar-se o mais possivel de querer provar uma idéa objectiva, de tentar formular um principio geral e absoluto. E' difficil conseguir este resultado, mesmo em obras exclusivamente philosophicas, e os romances intimos — *Obermann*, *René*, *Werther*, *Adolpho*, modelos eternos do genero, são antes magnificos retratos d'uma paixão, ou d'uma dolorosa situação moral, do que a apotheose de uma idéa absoluta.

A Mocidade de João V como romance historico existe contido dentro d'estas sensatas prescripções. Vemos ali o desenvolvimento subjectivo e pessoal dos caracteres, e não o triumpho ou a supremacia d'um pensamento social e politico, habilmente disfarçado nas peripecias e acontecimentos da acção dramatica.

Quererão ver alguns espiritos parciaes a rehabilitação da companhia de Jesus na pessoa do padre Ventura? Não pensâmos que este typo, de certo o mais bem acabado e definido de quantos o romance contém, fosse apresentado com similhante intenção.

A influencia jesuitica, na epocha de que se trata, não podia ser disfarçado, sob pena de absurdo historico. Descrever por que meios se exercia essa influencia, explicar de que modo o dogma da auctoridade ampla e irresponsavel se havia enthronisado na direcção politica da companhia, examinar até que ponto era justa e desinteressada essa immensa concentração de poder, eis o que o auctor tentou, conce-

dendo um logar eminente na acção ao padre Ventura, e apresentando a dupla face, por que o jesuitismo dominava: pela energia das idéas, e pela habil appropriação das paixões individuaes e das fragilidades humanas aos designios da sua instituição.

Quando *As Provinciaes* de Pascal e o *Tartufo* de Molière vinham ameaçar o poder moral do collosso, e como annunciar-lhe a queda, quando ja era nascido o papa, que devia condemnal-os, e o ministro que havia de rubricar o tremendo decreto, que os precipitou na proscripção, podiam apparecer os padres Venturas, como os Titos e os Marcos Aurelios despontam na decadencia e na dissolução do imperio romano.

A omnipotencia que chegou a conseguir a companhia de Jesus, não se explica, se porventura não acreditarmos que houve homens eminentes, pelo fervor religioso e pela energia intellectual, que a souberam elevar áquelle esplendor. A ambição, quando attinge proporções sobre-humanas, possue tambem o seu fanatismo; e se esse sentimento é cumplice de grandes crimes, gera tambem no espirito designios grandiosos, e rasgados commettimentos.

O padre Ventura é o jesuita idealisado. E' um homem feito idéa; é o piloto habil que se aproveita das tormentas, e dos ventos contrarios, para tornar mais rapida a viagem do navio que dirige. O que o absolve das intrigas e baixezas a que desce, é a fé que lhe alenta o coração, é o esquecimento de si proprio, absorvido como está no pensamento superior que o illumina. Uma faisca da mansidão evangelica, dá á sua voz a ternura affectuosa, com que consola as maguas alheias: aquelle coração calcinado pelo soffrimento, e como devorado pelas meditações da intelligencia, palpita ainda diante das amarguras das almas fortes, das lagrimas da innocencia, ou dos desesperos do amor. Mas é jesuita ainda mesmo n'estes momentos solemnes: se compadece todos esses padecimentos, se reanima pela esperança esses seres afflictos e tristes, é que os julga uteis, e tenta servir-se d'elles para ulteriores designios.

Caracteres assim podem ter como este verdade artistica, sem que possuam realmente a verdade humana. Estas paixões exclusivas não se comprehendem ainda nos caracteres mais completos da historia. Quantas vezes a ambição de Cesar não ajoelhou aos pés de uma mulher, e, n'esses rapidos e fugitivos momentos, não esqueceu os elevados intuitos que lhe abrasavam poderosamente a alma? O mesmo Pitt, que morreu no desespero de não poder abalar a omnipotencia de Napoleão, esse genio solitario e sombrio, que existiu no culto da sua ambição, que «teve por unica amante a sua propria patria», mais de uma vez se afastou das regiões serenas das idéas, para se allucinar no rancor inconsiderado que dedicava á nação franceza, e ao poderoso conquistador, que dirigia os seus destinos.

Esta observação, não menos se dirige ao padre Ventura, do que a quasi todos os personagens, que a arte cria nas espheras litterarias, no drama, e no romance. E' raro que os caracteres reaes conservem em todos os acontecimentos a mesma linha, que os define e os traduz ao espirito. Mil paixões, mil circumstancias, os transformam n'um momento dado. Quem dirá, por exemplo, que a coragem indomavel de Cesar, que a energia d'aquelle caracter, a um tempo calculado e aventuroso, se perturbassem no momento solemne da conjuração, e que o heroe das Gallias se offerecesse indefezo e inulto aos punhaes dos assassinos?

Se isto é verdade em relação aos homens, augmenta de exactidão tratando das mulheres. Tres encantadas apparições, *tres graças*, como as intitula um dos capitulos do romance, vem poeticamente esmaltar-se n'esta narração, mais de uma vez distrahida para questões de uma grande elevação philosophica e historica: Thereza, Cecilia, e D. Catharina de Athayde.

Perdôe-me o distincto escriptor, apesar da exuberante poesia com que as descreve, apesar da eloquente paixão com que exprimem os sentimentos da sua alma, são todas tres caracteres de excepção; e são tão rigorosamente deduzidos os affectos, que lhes palpitam no peito, ha tão pouco

de incerteza nos seus designios, deixam-se tão facilmente subjugar pela rasão, e pelo dever, que perdem um pouco d'essa côr mysteriosa e vaga, com que se nos apresentam á imaginação os typos femininos.

Se nós admirâmos em Shakespeare por exemplo as deliciosas creações com que enriqueceu o mundo da arte, é que ellas passam todas rapidas, vaporosas, e como fundidas nos incertos contornos da pura idealidade.

Miranda é um sonho; Ophelia abre apenas os labios, para rasgar depois como louca a sua corôa de virgem; Julietta é o mytho encantado da paixão meridional, e passa dos braços namorados do seu Romêo para o tumulo, regado de lagrimas anciosas, e aquecido pelos beijos de uma saudade, de um desespero infinitos...

Quanto a mim, esta concisão com que o poeta as traduz, esta rapidez com que passam e desapparecem, é a maior prova da magestade e penetração do seu genio. O caracter da mulher comprehende-se por uma intuição quasi indefinivel, mas não resiste nem a uma analyse prolongada, nem a uma apreciação longa e ambiciosa de cuidadosos pormenores. Um gesto descripto, uma palavra proferida, uma phrase solta, uma exclamação, uma lagrima, um sorriso exprimem-nos mais do que divagações habeis, e reflectidamente meditadas.

Se nos referirmos aos dous escriptores, que modernamente mais se têem occupado d'esse assumpto, aos dous primeiros romancistas da França, a Balzac e a George Sand, a nossa observação ainda melhor se justifica. N'essa immensa galeria de mulheres, não ha nenhuma, nem mesmo a *Lélia* sceptica e blasphema, nem mesmo a *Coralia*, actriz e mulher perdida, que se não deixe antes adivinhar, do que traduzir em longas paginas, e em minuciosas relações.

As tres mulheres da *Mocidade de D. João V* tem um cunho de uniformidade, que salta de repente aos olhos. Parecem pertencer a esta sociedade moderna, tão hypocrita e tão insensivel, que esconde os escandalos e os desvios no infallivel manto das *conveniencias*.

Thereza, desviada um momento do amor que deve ao seu companheiro de infancia, realisa sem difficuldade o mote da *canção: on revient toujours à ses premiers amours.* D. Catharina ama sem lucta, e casa-se tão santa e devotamente, tão pacifica e tranquillamente como uma filha de um banqueiro, contratada com o filho de algum abastado correspondente. Cecilia, no sacrificio infinito, com que se resigna a deixar de amar o rei, mostra, á parte o sexo e a idade, o sangue frio de um homem de estado, e a suprema rasão de um chefe de maioria parlamentar.

São typos estes, de certo bem concebidos, mas realmente pouco femininos. Embora a linguagem, que ostentam, pareça ardente e apaixonada, o perfil do padre Ventura dá ás suas graciosas physionomias uma rudeza e severidade incompativel com as abandonadas e ferventes commoções, que o verdadeiro amor inspira.

Oh! como nós preferimos a *Indiana*, fugida do leito conjugal, e aquecendo os membros inertes e regelados ao fogão do quarto do seu amante, á pallida Cecilia, dando ao rei lições de resignação, e querendo provar-lhe que os deveres de um monarcha devem ser superiores aos extremos de um amante!...

O que ha de sublime, e ao mesmo tempo de absurdo no amor é que elle nasce involuntario no coração, sobre tudo no coração das mulheres, e resiste a todos os conselhos da rasão, a todas as considerações da intelligencia e do espirito. *Julietta* apenas percebe de longe *Roméo*, e sem saber se esse homem é digno d'ella, se possue qualidades que o nobilitem, e o engrandeçam, por um inexplicavel presentimento, que as organisações superiores e apaixonadas experimentam, diz para a sua aia: «Vês aquelle gentil mancebo, se for casado, se pertencer a outra, o meu leito de noiva será apenas o tumulo!»

Para quem se deixar fascinar pelas galas e pompas do superior estylo do auctor da «Mocidade de D. João V», parecerá talvez exagerada a critica, e demasiado rigorosa a nossa analyse.

Eu atrevo-me entretanto a ir mais longe: eu digo que o poeta, que retratou na sua imaginação as tres figuras do romance, é um grande artista, é um espirito penetrante e poderoso, que adivinha tudo pelos rasgos de uma phantasia ardente, que examina tudo pelo estudo dos modelos, que a litteratura nos tem deixado, mas que, solitario Raphael, ainda não encontrou a Fornarina, ao seio da qual encostasse a cabeça, exhausta de vigilias, e cujas lagrimas bebesse nos extremos de uma paixão cega e delirante.

Eu encontro no quadro tudo quanto me pode deslumbrar a vista; riqueza de colorido, perfeição de desenho, delicadeza e rasgado de perspectiva: falta-me apenas essa luz mysteriosa, dom espontaneo, que o coração concede á phantasia; e que se alcança nas maguas e nos extasis, nos delirios e nas amarguras d'essas tempestades moraes em que o amor sepulta a alma do homem... Ao grande escriptor da *Mocidade de D. João V* falta-lhe apenas o grito plangente que tantas vezes abre ao desditoso as portas da inspiração: o *forse il dolore me fará poeta*, mote sinistro de tantas vocações omnipotentes!

N'um terceiro artigo, e analysando a acção, notaremos as bellezas, que nos parecem assegurar ao romance um logar eminente nas creações da litteratura moderna.

III.

Entre o fim de um reinado, e o principio de outro; entre a agonia sombria e triste de Pedro II, e o esperançoso alvorecer de D. João V, é que se passa a acção do romance. As ambições e planos dos homens ligam-se ao esplendor dos sentimentos, e ás illusões viçosas do amor: e o mesmo olhar firme e tranquillo, que dirige e previne os acontecimentos, tem poder bastante para accender os affectos e consolar as maguas, que a paixão faz vigorar dentro d'alma.

D. João V ama uma educanda de Odivellas: Jeronymo Guerreiro, o aventuroso soldado, é o promettido esposo de sua irmã: o padre Ventura dirige e apalpa estes sentimentos, que servem indirectamente a causa mysteriosa, a que votou todos os recursos da sua intelligencia, todos os esforços da sua poderosa vontade.

Mas Jeronymo Guerreiro não ama como um homem do seu seculo: nem D. João V do mesmo modo. A exaltação cavalleirosa de um; a delicadeza timida e poetica do outro, filiam-nos aos caracteres, que a poesia e o romance marcaram nas obras primas modernas.

Não ha porventura um raio da paixão fogosa de Werther nos delirios febricitantes de Jeronymo Guerreiro? D. João V, offerecendo a espada á amante, para o trespassar, se elle ultrajar o seu pudor, não parece um d'estes amorosos ideaes, que suspiram com as elegias de Lamartine, e se transfiguram n'alguns dos heroes de Balzac ou George Sand?

É verdade que ainda existiam recentes na epocha os

alambicadas, mas ao mesmo tempo puras e ingenuas tradições de Rambouillet. Era possivel que o principe houvesse lido a *Princeza de Clèves*, e se suppozesse transfigurado em qualquer d'aquelles personagens de exagerado platonismo: mas quem conhecer a vida do faustuoso monarcha, a sua galantaria misturada de brutalidade, não o ha de reconhecer facilmente no timido amante, que apenas roça com os labios as mãos niveas da sua plangente e apaixonada Cecilia.

A parte puramente sentimental do romance, não a achâmos historica, nem mesmo em nos retratar os costumes da epocha. Todos aquelles sentimentos são de uma elevação convencional e calculada, e diremos ingenuamente, que os encontrâmos mesmo um pouco *romanescos*.

O rei, abrazado de paixão, cede ás rasões de estado, e não tenta possuir como amante aquella que o destino lhe impede de gosar como espoza: Cecilia immola o seu ardente amor aos seus melindres de donzella, e calando a voz do coração, encontra palavras para dissuadir o monarcha dos seus extremos de namorado.

Ainda uma vez perguntâmos: eram estas as tradições do tempo? Luiz XIV, que D. João V procurava imitar, não havia sido o amante da Vallière, e da Montespan, não se ligára em matrimonio secreto com a Maintenon? Escandilisára-se porventura a côrte com as homenagens prestadas a estas favoritas omnipotentes? Não se haviam visto guerreiros e poetas, pleiteando um sorriso das divindades immortalisadas pelo amor do monarcha?

Ha muitas bellezas no romance que compensam valiosamente estes esquecimentos litterarios. O padre Ventura, Diogo Furtado de Mendonça, frei João dos Remedios, Filippe da Gama, o commendador Lourenço Telles, e até as quesilentas figuras do milagreiro Thomé das Chagas e da Snr.ª Perpetua das Dôres, são personagens traçados e descriptos com mão de mestre.

A acção, quanto a nós testemunha toda a superioridade do sr. Rebello da Silva como romancista. Os grandes

acontecimentos, que dominam o seu quadro, acompanham de uma maneira habil e natural os episodios secundarios; e o desenlace, ao mesmo tempo, que completa o destino dos principaes personagens, serve-nos para chegar a conhecer esse mysterioso vulto do padre Ventura, transformado em Miguel Angelo Tamburini, geral da companhia de Jesus.

Scenas ha ali que bastariam para fundar a reputação de um escriptor: e o que nos poderia ferir a imaginação, pelo exagerado e burlesco, as tropelias do quadrumano, os gritos do papagaio, e os tratos de *Minette*, tudo se esquece, quando o proprio auctor n'uma nota se accusa, com extrema boa fé e modestia.

« Resta disciplinar aqui mesmo a obra (se obra é!) por muitos erros, que escaparam, e que a lima teria apagado mais se a reflexão critica pudesse acompanhar o trabalho da intelligencia e da imaginação em um romance, escripto aos capitulos semanaes, e para um jornal. Um dia, se a occasião se offerecer, tentando outra edição, estas emendas quanto á forma, que nos saltam aos olhos, serão logo verificadas. »

O que levaria entretanto um escriptor, tão lido nas boas obras da litteratura antiga e moderna, tão senhor dos seus pensamentos, sabendo traduzi-los tão elegante e facilmente em estylo imaginoso e fecundo, a estes desvios, que alteram a unidade da sua concepção litteraria?

Aqui é facil de reconhecer a influencia da litteratura de *folhetim*, d'essa que tem acanhado a inspiração, e prevertido o gosto de uma nação, que concedêra a si mesmo, e talvez com fundado motivo, os fôros de mais espirituosa. A leitura de Alexandre Dumas e Eugenio Sue sente-se n'alguns dos capitulos do 1.° volume; e o desejo de provocar o pasmo e a hilaridade sobreposse, levaram-no a ultrajar a verosimilhança, substituindo a caricatura ao retrato, e as burlescas phantasias de Gavarni ou de Cham aos desenhos satyricos de Téniers e Hogarth.

Não insistiriamos n'este assumpto, se porventura elle não revelasse uma das tendencias mais deploraveis nas letras; e se um escriptor de primeira ordem, lhes não poude

resistir, o que acontecerá ás vocações inexpertas, tão faceis de ser deslumbradas pela improvisação opulenta de tantos talentos poderosos e inventivos.

O romance *A Mocidade de D. João V*, segundo a confissão do auctor, foi escripto aos capitulos para um jornal; e os inconvenientes d'essa composição apressada notam-se sobretudo nos dous primeiros volumes.

Depois, a luz da meditação não abandona o distincto escriptor: os caracteres completam-se, as scenas animam-se, a acção prosegue, e o quadro toma a unidade philosophica, que deve distinguir qualquer elevada concepção litteraria.

Dâmos parabens ao sr. Rebello da Silva por haver resistido ao engôdo que em França tem prevertido mais de uma reputação illustre. E por não fallar de outras, que seriam Alexandre Dumas e Eugenio Sue, se porventura tivessem applicado as suas eminentes faculdades a mais bem trabalhados monumentos?

O auctor da *Mocidade de D. João V* é um *paysagista* vigoroso e fecundo. Esta qualidade dá ao seu estylo toda a riqueza e colorido da pintura. A sua phrase é faustuosa e abundante, o seu toque apresenta-se-nos mais de uma vez carregado de tinta. As linhas de um desenho correcto apagam-se nos improvisos de um pincel ambicioso. A sua escola aproxima-se da dos brilhantes coloristas de Veneza; ha um certo sensualismo artistico n'aquella exuberancia descriptiva, n'aquelles ornatos luxuosos e abundantes.

A sua imaginação oriental desdenha a belleza severa e simples. Para fazer resaír a brancura de um collo, lança-lhe um adereço de esmeraldas e rubis: para nos apresentar em relevo a finura e suavidade de uma trança negra, tem o cuidado de a entretecer de perolas. D'esta predilecção nascem de certo maravilhosos effeitos; mas não sei se affirme que a expressão ideal e philosophica muitas vezes se perde nos rasgos aventurosos da sua phantasia.

O sr. Rebello da Silva é um prosador-poeta, se é licita a ligação das duas palavras, que o senso vulgar julga contradictorias. O que é ser poeta? E' crear, é conceber dentro

de uma certa forma. Ora, o auctor da *Mocidade de D. João V*, possue tanta imaginação no seu estylo, como nos assumptos que o seu engenho inventivo, e a sua erudição litteraria extrahe da historia ou das regiões da livre phantasia.

Ser poeta, crear, dar uma forma á concepção, são, quanto a nós, idéas essencialmente correlativas: e debaixo d'este ponto de vista, ninguem poderá negar esse titulo ao elegante escriptor, que tomou um tão distincto logar entre os nossos primeiros vultos litterarios.

O sr. Rebello da Silva tem um estylo cheio de individualidade, e isso assegura a sua influencia, e marca a sua posição nas letras modernas portuguezas. Poderá encontrar imitadores, que manejem, tão bem como elle, os segredos da sua phrase, mas isso em nada poderá alterar os direitos da sua gloria. Não haverá porventura algum pintor moderno, que reproduza um quadro de Corregio ou Dominiquino, com todas as qualidades, que tornaram immortaes os dous celebres artistas? E todavia a copia nem tem o valor, nem o copista ganhará a reputação, que compete ás obras primas, que o juizo da posteridade consagrou com o seu voto.

Temos a esperar muito do illustre romancista. E' uma vocação alimentada de graves e serios estudos, sincero cultor da arte, que se dedica corajosamente ao trabalho, a que não atterram nem as fadigas da analyse, nem as vigilias da meditação. Intelligencia curiosa e activa, que passa com extrema flexilidade da sciencia para as letras, dos devaneios da poesia, como elle a sente e a concebe, para a decifração de uma questão historica, de um problema economico, de uma these philosophica e metaphysica.

Esta mobilidade de impressões revela-se maravilhosamente nos seus escriptos. Acaba de traçar a figura severa do padre Ventura, e compraz-se no desenho meio-real, e meio burlesco do milagreiro e do poeta: ouve com extasis a voz de Cecilia pranteando as desditas do seu amor malogrado, e escuta com delicias a algaravia devota e santanaria da sr.ª Perpetua das Dôres, promettendo um vesti-

do novo a Nossa Senhora, e uma casaquinha de seda ao bem-aventurado S. Antonio.

Diz-me-hão talvez que a mesma mão que escreveu Child-Harold, traçou os versos de D. João: que o immortal creador de Romêo e Julietta, evocou da sua phantasia Sir John Falstaff, e as alegres comadres de Windsor: mas o sr. Rebello da Silva cede menos a uma inspiração involuntaria, do que a um capricho de artista, e as suas figuras pertencem mais ao mundo de Panurgio de Rabellais, do que a essa região dolorosa da ironia, aonde o sorriso mal encobre as maguas, que comprimem o coração.

É n'essa irritabilidade nervosa de artista, n'esse *coquethismo* de imaginação, que nós poderemos recear ao prosador poeta alguns desvios litterarios. A serenidade na energia, a simplicidade na concepção, são porventura incompativeis com a volubilidade de um espirito, que facilmente se apaixona, e rapidamente se desillude.

O DUQUE DE PALMELLA.

Correspondencia do Duque de Palmella. 1.° e 2.° Volume.

I.

É necessario ter a coragem de affirmar uma grande verdade: em Portugal a admiração torna-se, como tudo o mais, uma questão de corrilho, um dever mais ou menos vehemente de *cotterie:* nas magnificas apotheoses vae sempre envolvida uma idéa de cortejo cortezão, de mesura official: é raro quem seja superior ás opiniões de *chancella*, e preste homenagem ás austeras doutrinas da imparcialidade historica.

Quem póde, por exemplo, firmar um juizo justo dos talentos do defunto duque de Palmella, sem o avaliar n'esta correspondencia, publicada pelos cuidados do sr. Reis e Vasconcellos?

Se eu já não estivesse prevenido a favor do distincto estadista, se ainda, em vida, não tivesse ouvido fallar d'elle vantajosamente pela bôca de um seu adversario politico o nosso amigo José Estevão, acreditaria porventura os panegyricos inchados de tantos, que ainda hoje ignoram a rasão philosophica da sua superioridade intellectual?

Felizmente posso fallar despreoccupadamente. Não pertenço á raça d'aquelles, que depois de o calumniarem nas conversações e na imprensa, retrahiram o seu procedimen-

to pelas baixas genuflexões da dependencia, ou prezaram na sua pessoa, não o homem de estado eminente, mas o *grand seigneur*, que abria os seus salões ás polkas desvairadas, e ás ceias sumptuosas.

Graças a Deus! não adulo nem os mortos, nem os vivos. No momento da luta podem cegar-me paixões pessoaes, porque sou homem, e homem de um partido: quando a campa desce sobre o cadaver de um caracter illustre, assumo a imparcialidade da historia, tanto quanto póde a minha intelligencia, e a minha vontade.

Declaro, antes de tudo, que se considerasse o duque de Palmella, em relação á historia social, stygmatisaria muitos actos da sua carreira publica; e que se a morte não viesse arrancal-o da scena politica, seria de certo seu adversario, porque, prezando em muito os dotes do seu entendimento, nem por isso deixo de suppôr, que os pôz, mais de uma vez, ao serviço de uma má causa.

Qualquer que seja o ponto de vista politico, por onde se encare a vida publica do duque de Palmella, é certo que ninguem póde negar que é um dos mais superiores talentos, que viu desabrochar esta terra.

Não é exagerado o apreço que d'elle se fazia nos paizes estrangeiros. A sua penetração era realçada por altas e poderosas faculdades. Se o seu nascimento o não houvesse desviado das penosas luctas, que acompanham, em todos os tempos, as vocações energicas, se houvesse aprendido a ser homem de acção, como os requer a sociedade moderna, se o coração do homem liberal não batesse debaixo da farda do cortezão, seria de certo o vulto mais grandioso das nossas crises politicas.

Desgraçadamente, o habil diplomatico tem de ceder o passo ao intrepido revolucionario. Mousinho da Silveira occupará no futuro o primeiro posto na historia da revolução representativa.

II.

O duque de Palmella, não se escandalisem as nossas

susceptibilidades nacionaes, era um homem de esphera superior ao theatro, para onde o arremeçou a Providencia: era um homem, ao mesmo tempo, incompetente para figurar n'estas epochas revoltas, que a fatalidade do desenvolvimento intellectual destina ás dolorosas crises de uma transformação social.

Nem a situação, nem o paiz o favoreceram, e por isso, podendo classificar-se como diplomatico de primeira ordem, não passou de um esteril e acanhado homem de governo.

Se houvesse nascido n'um paiz de progresso pausado e lento, illustrado pelo amor stricto da legalidade, como a Inglaterra, o seu nome poderia figurar a par dos Cannings e Palmerstons; n'uma monarchia de tradições, que até aqui se aproximou do espirito moderno cautelosa e suavemente, como a Austria, teria podido igualar os Kaunitz e os Metternichs. Em Portugal, á excepção dos assumptos diplomaticos, tratados com rara destreza, houve-se no governo, sem aspirações elevadas, nem intuitos reformadores, e foi inferior ao seu proprio talento.

Ao duque de Palmella faltava-lhe a principal qualidade para se collocar a par dos grandes revolucionarios, dos eminentes homens de estado, que transformam e regeneram a sociedade para aonde os levou o destino: não era homem de acção. O seu alto espirito penetrava, e concebia as altas questões politicas e sociaes; o seu caracter irresoluto e indolente, as hesitações que se aprendem nos habitos e tradições da vida diplomatica, como que suspendiam o exercicio das suas poderosas faculdades.

Portugal estava reduzido ao estado revolucionario: era necessario completar, direi mesmo, ir adiante das necessidades da revolução, para que o paiz pudesse depois constituir-se dentro dos limites da ordem. A existencia pausada do gabinete não ensina a resolver estas situações extremas. Mais vale, em certas circumstancias, o dito de Danton: *L'audace, l'audace, et toujours l'audace,* do que o mote de Henrique IV: « *On prend plus de mouches avec une cuillerée de miel, qu'avec un tonneau de vinaigre.* »

III.

Negará porventura alguem a previsão politica, a excellencia de conselho, o bom senso e a clareza de espirito, a razão despreoccupada, que o duque de Palmella denuncia nos dous volumes da sua correspondencia?

Mas como é que no conflicto de interesses distinctos, de opiniões adversas, de ambições desencontradas e inimigas, se poderiam acolher as maximas da sua experiencia, e os calculos da sua sagacidade politica?

É exactamente ahi que se demonstra a antipathia do homem com a situação: nascido no centro da monarchia absoluta não se desprendêra das formulas rotineiras e meticulosas da chancellaria antiga: aristocrata, suppunha á sua classe uma illustração, que ella perdêra em seculos de estacionamento: adorador consciencioso da constituição ingleza, parecia ignorar que, para ella se applicar ao nosso paiz, seria necessario dar-lhe por fundamento uma aristocracia intelligente e liberal, e crear parallelamente a classe-media, que o marquez de Pombal apenas fizera despontar do nada, e que não pudera definitivamente constituir.

O duque de Palmella aspirava ardentemente reproduzir, entre nós, a organisação politica ingleza; conhece-se isso, a cada passo, na sua correspondencia official e íntima: apesar de commungar plenamente nos principios democraticos, acho a idéa grande, e digna de um talento superior como elle era.

Mas isso não se conseguia, de certo, por conselhos e recommendações, por habeis panegyricos, pelas reticencias, e negociações morosas da diplomacia: era indispensavel usar da acção, da actividade administrativa e politica, govérnar, na mais ampla e energica accepção da palavra.

A aristocracia, receosa de mudanças, naturalmente inclinada ao *statu quo*, privada de aspirações, não podia converter-se a este pensamento, sem uma grande lucta. Para

sustar os progressos da revolução, para suspender a ascenção de classes impacientes, era necessario antes de tudo ser revolucionario, e o duque de Palmella não o sabia, nem o podia ser.

É o erro capital da sua carreira politica, é o defeito essencial do seu caracter publico. Querer transformar sem abalo a monarchia absoluta em monarchia aristocratica, era uma pretenção infantil, era um absurdo: não se transfiguram assim cortezãos em homens de tribuna, não se entregam, com essa facilidade, as redeas do poder ás mãos costumadas á chave de camarista: faltava o tempo, esse elemento essencial da viabilidade humana; era necessario então suppril-o pela audacia, pela energia, pela decisão revolucionaria.

A classe estava gasta, e não podia representar dous papeis no mesmo periodo de existencia. A historia de Inglaterra, e as origens do governo representativo, eram sufficientes para demonstrar o vicio d'este pensamento, quando desajudado de uma dictadura firme, imperiosa e inabalavel no seu proposito.

IV.

Em Inglaterra, a aristocracia tornou-se, em nome do seu proprio interesse, o sustentaculo da liberdade. Filha do direito politico, era por elle que tomára a sua posição, que creára a sua influencia no seio da sociedade. As luctas contra a realeza haviam-na constituido unida, compacta, animada de um só espirito, absorvida n'uma identica aspiração. O despotismo dos Tudors humilhou-a, mas não a abateu. As dissenções do longo parlamento, a dictadura de Cromwell, crearam a importancia da classe-media, sem enfraquecerem a sua energia, sem lhe subtrahirem a sua força politica. 1688 assegurou-lhe definitivamente o dominio social. Corpo politico permanente, desde seculos, recrutando as grandes superioridades individuaes, sem se deixar allucinar por paixões exclusivas, a aristocracia ingleza possuia, a um tem-

po, o prestigio das tradições, e a seiva juvenil dos talentos novos. Este foi o segredo da sua longa ascendencia nos negocios publicos. As aristocracia immoveis corrompem-se cedo ou tarde: é necessario, para conservar o poder, ligar á auctoridade do tempo, as condições do progresso e do movimento social.

A indole do systema representativo inglez reside n'esse duplo caracter das suas instituições. Dir-se-ha que na organisação das duas camaras, não se teve em vista senão descobrir e concentrar as superioridades naturaes do paiz para as investir da gestão dos negocios publicos, e da defeza dos interesses geraes da sociedade.

Mas em ambas as camaras até aqui, pelo menos, a influencia aristocracia predomina. A' parte os partidos radicaes, em politica e em economia publica, as fracções activas, militantes, seguem identico systema no modo de conduzir o mechanismo de governo. Na camara dos communs educam-se os homens de estado, e abre-se a arena para as vocações nascentes: a camara dos lords corôa as reputações creadas, e serve como de pantheão aos homens que se illustram na carreira publica.

Por isso acontece um facto realmente extraordinario, e que pinta maravilhosamente a força e energia das instituições. Os grandes nomes historicos desapparecem, e a aristocracia sobrevive. As raças extinguem-se, e o dogma politico é bastante poderoso para nobilitar e engrandecer outras raças, cuja illustração historica é de recente data.

Mas como conseguiu a Inglaterra uma forma de governo, que dando expansão ao seu genio activo e emprehendedor, firmando a liberdade pelo culto tradicional, e pela lucta legal dos partidos, lhe concede igualmente as agitações do progresso, e as garantias da ordem?

Este era o ponto a meditar, antes de tentar apropriar as formulas do seu governo. A aristocracia politica não se creou nem pelos pergaminhos, nem mesmo pela posse immemorial da propriedade territorial, accumulada pelo direito de substituição. A aristocracia fundou-se pelo uso do poder,

pela posse de garantias legaes, pela sua intervenção constante nos negocios publicos, em nome de direitos, ultrajados algumas vezes, mas sempre reconhecidos pela auctoridade real.

V.

O duque de Palmella quando rebentou a revolução de 1820 era já um homem feito, como intelligencia e como reputação.

Servíra no exercito aonde alcançára um posto elevado: dedicára-se á diplomacia, aonde dera provas de um talento superior. Na sua primeira missão em Hespanha obtivera em favor de Carlota Joaquina, mulher de D. João VI, a abolição da lei salica, concedendo-se a esta princeza a eventualidade de occupar o throno de Hespanha, caso que o captiveiro de seus irmãos continuasse. No congresso de Vienna, em 1815, a sua capacidade e distincção, a profundidade dos seus designios, a habilidade e destreza com que os procurava realisar, concederam ao seu voto uma importancia, que a nação portugueza, mediocremente representada, nunca poderia ter conseguido alcançar.

O esplendor pessoal de que se revestíra o duque de Palmella, as provas que dera de intelligencia e penetração, contribuiram para que Portugal obtivesse vantagens reaes no celebre congresso, que firmou sobre novas bases o direito publico europeu.

A revolução de 1820, que deu em resultado a constituição democratica de 1822, encontrou no duque de Palmella, não diremos um adversario implacavel, mas um inimigo habil e poderoso.

As suas aspirações de governo representativo aristocratico desvaneciam-se em presença de um codigo, que cercava o throno de instituições republicanas. Como partidario, repugnava-lhe aquella situação: como homem politico, previu desde logo que seria ephemero e transitorio o seu dominio.

Os revolucionarios de 1820 seguiram as aspirações da epocha. Não souberam traduzir em reformas sociaes as suas idéas politicas. Pareciam ignorar que um codigo, que nenhum poderoso interesse liga ao solo do paiz, é apenas um rolo de papel, que o primeiro vento contrario varre da atmosphera social.

Parodistas da revolução franceza, repetiram-lhe as palavras, e não souberam imitar-lhe as obras. Quando chegou a reacção encontrou tudo no mesmo estado. A semente democratica apenas fizera germinar nos espiritos alguns generosos sentimentos, e alguns dourados sonhos. A nobreza, ferida na sua soberba, mas não na sua força, o clero, ultrajado nas suas doutrinas, mas não na sua influencia, ligaram-se entre si para fundarem de novo o absolutismo.

O duque de Palmella, como outros homens superiores, previa differente resultado. Pensava que a aristocracia não desaproveitaria a occasião de adquirir no estado uma importancia legal, e que seria a primeira a sollicitar um constituição, que a investisse de um poder legitimo, e não do que lhe era offerecido pelos caprichos da realeza.

O seu sentimento intimo está retratado na carta que escreveu a mr. de Chateaubriand:

« Esperemos, senhor, diz elle no ultimo periodo, que a Europa poderá colher finalmente o fructo de tantas desventuras, e se ha de aproveitar da sua triste experiencia! Tres annos bastaram para demonstrar aos portuguezes o perigo e a falsidade das doutrinas demagogicas; e a carta que Sua Magestade se propõe dar aos seus vassallos, como justa recompensa da sua fidelidade, e das suas virtudes patrioticas, bastará, sem duvida, para satisfazer a opinião da parte sensata da nação, para curar gradualmente as feridas que a revolução deixou, e para manter uma tranquillidade duravel. »

O duque de Palmella estava effectivamente nomeado presidente da junta, que devia formular um codigo politico. Mas a reacção absoluta era mais poderosa do que o *ordeirismo* constitucional, e a expedição do duque d'Angoulême concedeu a essa opinião um inteiro triumpho.

VI.

A expedição de 1823, tratada e decidida no congresso de Verona, é de certo um dos acontecimentos, que mais contiveram o espirito revolucionario na Europa: e mr. de Chateaubriand, applaudindo-se de a haver promovido como embaixador, de a haver executado como ministro, não merece a indignação com que o quizeram fulminar.

Mr. de Chateaubriand era um homem monarchico, e um homem liberal. Como monarchista convinha-lhe esmagar a propaganda revolucionaria, que o *carbonarismo* accendia em França, e que tomava energia com os acontecimentos de Hespanha: Como patriota, queria provar ao mundo, que o esplendor das armas francezas não havia expirado em Waterloo: como liberal, pretendia reduzir Fernando VII a acceitar um codigo politico, que assegurasse á Hespanha a posse das suas liberdades.

Este sentimento vemol-o nós hoje esposado por sinceros democratas, fallando desapaixonadamente d'aquelle grande facto. « A guerra de Hespanha, diz um historiador do *carbonarismo*, trouxe ás associações o ultimo golpe. A revolução, comprimida momentaneamente em Hespanha pelo acto mais vigoroso, e mais politico que os Bourbons nunca executaram, enfraqueceu-se em França ao mesmo tempo. Vencida com as armas no sitio aonde conseguiu constituir-se, ella não podia conservar a esperança de vencer aonde não possuia senão o recurso das assembléas secretas, e das conspirações. O effeito moral de uma victoria acabou o que a discordia havia começado, e o que nem processos criminaes, nem cadafalsos teriam nunca produzido. »

Nós podemos condemnar, em nome da democracia e da revolução, a posição politica que Chateaubriand havia escolhido: não devemos todavia deixar de reconhecer o alcance da sua intelligencia, e as previsões da sua capacidade, no golpe audacioso com que feria no coração o espiri-

to revolucionario, que se communicava de paiz a paiz, e que podia invadir toda a Europa.

Mr. de Chateaubriand conhecia melhor do que ninguem que o passado e o futuro se não podiam combinar n'uma transacção politica. Como homem publico, cumpria-lhe apenas adiar a morte que ameaçava o seu systema. A revolução podia ser demorada, mas não vencida. Para a legitimidade constitucional e monarchica tudo se traduzia n'uma questão de tempo. Tarde ou cedo a explosão das idéas novas teria de arrastrar no seu omnipotente impulso as barreiras com que tentavam defender as instituições artificiaes, em que a liberdade era apenas um enxerto, consentido pela realeza, mas não sinceramente esposado por ella.

Sem a intervenção de Hespanha a monarchia dos Bourbons, em vez de ter caído em 1830, despenhar-se-ia alguns annos antes. Coherente com os seus principios Chateaubriand procurou debellar o inimigo, que pretendia destruir o throno constitucional.

A revolução hespanhola não era tão insignificante como a faziam os panegyristas do absolutismo. Não era um punhado de facciosos, coagindo a vontade d'um rei, e comprimindo o espirito d'uma nação: era a Hespanha inteira, que se recordava que os gloriosos feitos da sua emancipação nacional haviam sido consumados com o grito da constituição de 1812, e em nome das suas antigas tradições de liberdade democratica.

Mr. de Villele, então presidente do conselho no ministerio que dirigiu a expedição de Hespanha, escrevia o seguinte a Mr. de Chateaubriaud:

« Mas resulta d'estes acontecimentos e é confessado por todos os hespanhoes que nós vemos, que nunca os realistas hespanhoes, ainda mesmo que os outros governos os ajudassem, não poderiam fazer a contra-revolução em Hespanha, sem o soccorro de um exercito estrangeiro: parece tambem que a direcção politica invocada como appello pela regencia era mui exclusiva para reunir as massas sufficientes e sobre todos os pontos da Peninsula. »

O fim da guerra conseguiu-se para a França. O duque de Angoulême corôou com um facil triumpho as flores de liz, que existiam, por assim dizer, desannexadas da victoria.

Mas — como é profunda a cegueira dos poderes que a Providencia condemnou! ao mesmo tempo que a legitimidade celebrava, em pomposas festas, o resultado da guerra, a mão de Luiz XVIII lavrava uma demissão brutal ao seu esclarecido protector. Chateaubriand, o mais eloquente defensor da monarchia, o que escrevêra o opusculo *Buonaparte e os Bourbons*, o homem, que podia, com as suas luzes e popularidade, alongar a vida d'aquelle throno, que apenas vegetava á sombra de um principio caduco, saía do ministerio, e tornado jornalista implacavel e acerbo ía, sem querer, precipitar as ondas populares contra essa raça que Talleyrand definiu n'uma phrase expressiva: Ils n'ont rien appris: ils n'ont rien oublié.»

VII.

A victoria havia sido entretanto incompleta para o partido realista-liberal. A reacção triumphára completamente na Peninsula. O despotismo sanguinario de Fernando VII, e o absolutismo inerte de D. João VI, substituiram-se ás viçosas esperanças do partido democratico.

A nobreza, n'um e n'outro paiz, preferiu o valimento da côrte, o ostentoso servilismo das mesuras, a um regimen que lhe concedia uma importancia legal no estado, uma poderosa existencia politica.

A democracia viu com um olhar triste e sombrio as saturnaes de uma tyrannia delirante. Os nobres vestiam com alvoroço a libré de camaristas: servidores, e não sustentaculos da monarchia, não possuiam nem a coragem de morrer por ella, nem a energia de a aconselhar. Acceitaram submissos os seus titulos e pensões, offerecidos na ponta das bayonetas estrangeiras. Assistiam ás execuções com o

mesmo sorriso com que outr'ora haviam visto impassiveis as chammas dos *autos de fé*. Incapazes de comprehender a sua situação, julgaram de boamente que a revolução havia expirado para sempre, e que a monarchia teria força para immobilisar os destinos de um grande povo, para comprimir a acção das idéas, e para protrahir um regimen de escandalos, despido já dos seus derradeiros prestigios.

E' possivel que se Chateaubriand continuasse no governo, houvesse pelo menos poupado á reacção tantos espectaculos de sangue. Não podendo conduzir Fernando VII a acceitar um codigo liberal, ter-lhe-ia segurado a mão, que firmava tranquilla os decretos de exterminio. Mas a sua penna eloquente fulminou o despota imbecil, que as armas francezas haviam collocado sobre o throno.

« Fernando, e a sua familia, diz elle, mostram-se por entre as trevas d'estes desastres: reconhece-se ali a paixão do despota, e o furor das mulheres.

« Um tyranno medroso atira-se a uma catastrophe, e treme quanto ella apparece: desce da intrepidez da cabeça á corvadia do coração. Ha monarchas de falso-quilate, que existem no throno por engano; . . . . . .

. . . . . »

N'estes acontecimentos reconhece entretanto a hesitação, e os receios dos revolucionarios. E' impossivel governar com as dynastias, que uma vez se sentiram humilhadas e abatidas perante a omnipotencia popular. A moderação na victoria não as converte aos principios, nem as dissuade do seu proposito. Hão de mentir para reinar, mas hão de cedo ou tarde resgatar pelo perjurio a plenitude do poder, que ellas não desejam quinhoar com outrem.

A revolução não teve arrôjo nos seus designios. Parar, significava para ella abdicar. Isolando-se inevitavelmente se perdia. Sonhava conciliações impossiveis, e suicidou-se por isso. Se ella comprehendesse melhor o dogma da solidariedade, ter-se-ia unido mais estreitamente com a França, e poderia produzir um grande, um decisivo abalo no corpo social. Querendo pactuar com todos os interesses, não os de-

sarmava e enfraquecia-se. Exaltada na fórma, e timida na indole, prorompia em hymnos enthusiasticos á soberania popular, assistindo respeitosa ás audiencias do rei.

Estas quadras pintam eloquentemente uma estação dolorosa da vida dos povos. E' quando os principios antigos desabam em ruinas, e os principios novos não têem alentos para os substituir. A velha monarchia estendia os braços supplicantes para as nações estrangeiras: a joven democracia, bastante forte para existir, era debil entretanto para se oppor á influencia externa que a ameaçava no seu nascente dominio.

O absolutismo foi sanguinario porque se reconhecia instinctivamente impotente. Reinando até ali pelos antigos habitos de obediencia, pelas reliquias de um força expirante, pela ausencia de grandes necessidades economicas, pela existencia de um certo bem estar material, perturbou-se quando lhe pediram que caminhasse com a sociedade, que se acommodasse á sua crescente energia, que se ligasse ao progresso das idéas, que se preparasse ás exigencias de um futuro inevitavel. Quiz resistir, e suppoz que o terror dos supplicios, que a ostentação do arbitrio, imporiam silencio ás idéas, e aos interesses, ás paixões, e aos desejos que fermentavam no espirito publico. O que conseguiu todavia? Lavrar apenas com letras de sangue o seu testamento politico.

Em Portugal o absolutismo, apesar de inspirado por uma facção apaixonada e odienta, não salpicou de sangue os seus estandartes. O monarcha era dotado do egoismo manhoso de Luiz XVIII. Sem grande fé no seu principio, sem se considerar ungido pela mão da Providencia, e reinando méramente pela graça de Deus, apreciava as doçuras do throno, e comprazia-se na posse da auctoridade. O seu terror illustrado não o precipitou nos excessos da vingança: era bastante penetrante para conhecer que o absolutismo ganharia mais em se mostrar clemente, do que em ser perseguidor. Sceptico e indifferente, não media com a vista senão os passos que o separavam do tumulo. Queria sustentar-se em

quanto vivo, pouco lhe valia que sobre o seu cadaver os partidos viessem pleitear direitos e principios, que lhe eram estranhos, e jogar os destinos da nação, de que o separava para sempre a mão tremenda da morte.

Portugal escapou aos horrores da reacção, graças á indole do seu monarcha. Realisava-se a expressão do imperador Alexandre da Russia, quando m.me de Stael o cumprimentava sobre a felicidade que os seus vassallos, privados de uma constituição, possuiam por serem governados por elle: «Eu não sou, respondeu o illustrado monarcha, senão um accidente feliz.»

VIII.

O duque de Palmella era um homem improprio para dirigir qualquer movimento energico, no centro de tantas difficuldades. Previa optimamente os acontecimentos, mas faltava-lhe a acção que os dirige, que os aproveita, que os torna, por assim dizer, cumplices de uma idéa politica.

Homem eminente, tinha bastante influencia para se vêr rodeado de sectarios; não possuia iniciativa para os poder conduzir. Podia servir de obstaculo ás tentattvas, não era bastante poderoso para as destruir e substituil-as. Curvado perante a necessidade, illudindo, e não vencendo as difficuldades, adiando cuidadosamente as soluções extremas, não pactuou com a reacção, mas tambem não procurou debellal-a. A sua correspondencia, se pinta a penetração do seu espirito, revela do mesmo modo a timidez do seu caracter politico.

Os liberaes haviam de forçosamente aproximar-se d'elle. Partido vencido, e sem grandes esperanças, contentar-se-ía com uma ordem de cousas que os salvasse da perseguição, do arbitrio, das violencias do absolutismo. D. João VI, ameaçado pela camarilha do infante D. Miguel, temendo perder a auctoridade, alliar-se-ía de certo com o partido liberal moderado, acceitaria sem repugnancia um governo mixto.

O que fez entretanto o duque de Palmella? Inferior, como homem de acção, ás circumstancias, foi victima como os outros da *abrilada*, e expiou n'uma torre as suas proprias hesitações.

Devemos aqui accusar o individuo, ou a atmosphera aonde elle nascêra e se educára? A diplomacia é incompativel com o espirito revolucionario: n'uma ganha-se tempo, o outro aproveita-o: n'uma a superior qualidade consiste em suspender, em afastar os acontecimentos: o outro previne-os, prepara-os, desvia-os e domina-os muitas vezes.

Por isso mesmo, o duque de Palmella subtrahia-se quanto podia á responsabilidade de homem de governo. Conhecendo optimamente a indole do seu proprio talento, preferia as missões diplomaticas a todo e qualquer serviço publico. Em 1826, quando se proclamou a carta, estava o duque de Palmella embaixador em Londres, e sollicitava a cessação do tratado de commercio de 1810, que a sua experiencia e illustração conhecêra tão fatal para Portugal.

Aqui cumpre-nos manifestar uma qualidade que adornava o duque de Palmella em grau eminente. Era o amor da sua patria. Sympathisando com o governo, com os costumes e com as instituições inglezas, nunca soube sacrificar-lhes os interesses do seu paiz. Uma prova solemne deu elle da affeição que consagrava á terra do seu berço. Sollicitado por uma grande potencia para occupar um logar importante, aonde poderia dar mostras da sua superior capacidade, recusou servir outro paiz que não fosse o seu. O merito da recusa é realçado pela occasião em que foi feita. Era quando o duque de Palmella não tinha fortuna, quando vivia quasi exclusivamente dos seus ordenados de servidor do estado: quando mesmo não podia alimentar a esperança de que o seu paiz pudesse recuperar a posição gloriosa que havia occupado nos seculos em que o esplendor das suas armas se estendia dos extremos do occidente aos confins do oriente.

Fiel á causa da liberdade, como elle a entendia, e a ten-

tava realisar, foi com o seu filho offerecer-se em defeza dos principios, que uma parte do exercito esposava, contra a usurpação de D. Miguel.

Era o ultimo suspiro do partido liberal! Mezes depois o duque de Palmella partia para o desterro no *Belfast*, e o absolutismo infiel ao principio da legitimidade, manchado com o perjurio na pessoa do seu representante, ía pedir á comedia politica dos *tres-estados* a sancção moral do seu arbitrario arrôjo, prestando involuntaria homenagem ao dogma da soberania popular e ás tradições, que elle renegára em tantos annos de irresponsavel dominio. Esta demonstração, com quanto fosse interessada e hypocrita, era uma solemne prova de que as idéas novas influiam já mesmo no espirito dos mais acerrimos e ferozes inimigos da liberdade.

IX.

O absolutismo estava condemnado, mas é certo que poderia prolongar, por mais alguns annos, uma vida enfezada e caduca. O reinado de D. Miguel foi a cabeça de Meduza, que revelou ao mundo os horrores do seu principio. Em cinco annos, esse governo, cercado de popularidade no seu berço, conduzindo no seu sequito quasi toda a aristocracia, apoiado no clero, com profundas raizes nas classes populares, foi conduzido a commetter todos os excessos, a ultrajar todos os principios, e a tomar o carrasco como instrumento da sua força. E' que elle não tinha sómente contra si algumas conspirações atrevidas: luctava com uma idéa, e arrastado por esse fantasma ameaçador a todos os escandalos do arbitrio e da prepotencia, pereceu victima do seu proprio terror. A' força de querer salvar a sociedade da revolução, interessou na revolução toda a sociedade, e cercado de todo o apparato do poder, sentiu-se definhar com as armas na mão.

O absolutismo languido e valetudinario de D. João VI,

produzira no partido liberal alguma agitação, mas não fomentára nenhum omnipotente esforço. O absolutismo violento e feroz de D. Miguel, deu origem a actos heroicos de devoção, a arrojados e gloriosos commettimentos. Os delirios do governo foram os mais poderosos alliados do partido revolucionario: a revolução, vendo contra si desencadeados todos os elementos, conseguia a sciencia que lhe faltava, e afirmava em immortaes decretos na Ilha Terceira a sua existencia, as suas aspirações e os seus destinos.

Ao duque de Palmella cabe-lhe a gloria de haver assignado conjuntamente com Mousinho da Silveira algumas d'essas rasgadas medidas, que enfraquecendo as classes que davam apoio ao absolutismo, filiavam o partido liberal aos principios da escola democratica. Demasiadamente illustrado para não conhecer o alcance d'aquelles actos, tão fundamentalmente revolucionarios, não hesitou perante o sacrificio das suas proprias opiniões, e foi democrata então, em nome dos seus sentimentos liberaes.

Mousinho da Silveira é o grandioso vulto da revolução liberal.

Quando as sociedades se sentem inquietas, quando ainda o passado não existe sufficientemente destruido, quando ainda o futuro não desponta claramente formulado, é que a apparição d'estes homens se torna necessaria e fatal. Foi o absolutismo de D. Miguel que transformou o instincto da liberdade n'uma aspiração imperiosa e ardente. Foi a dictadura de Mousinho da Silveira que deu a luz aos elementos, que fermentavam convulsivamente no cahos. Foi o seu penetrante espirito que conheceu que a revolução politica se não podia consolidar sem a revolução social, e que a ordem da nova sociedade se não podia estatuir sem a creação de interesses novos, sem desarreigar do solo as instituições abaladas sim, mas ainda poderosas, do absolutismo.

Estes dous homens, diversamente notaveis, que ainda que combatendo no mesmo campo, pertenciam a duas escolas politicas differentes, conciliaram-se em nome do perigo commum. O duque de Palmella como diplomatico e homem

politico promovia em Londres o triumpho, que Mousinho da Silveira, como administrador e economista, traduzia em reformas arrojadas e luminosas.

Mas o duque de Palmella havia de conhecer que os seus esforços conduziam não a liberdade, aristocratica, mas a liberdade democratica: não a liberdade antiga filha dos costumes, mas a liberdade moderna, filha da rasão, e do progresso intellectual. A idéa aristocratica, que o duque de Palmella representava cedia o passo á idéa democratica, que Mousinho da Silveira consubstanciava. Demonstração evidente de que as instituições liberaes se não podiam desannexar dos interesses da democracia, e de que Portugal não devia, sem grave absurdo, conceder á aristocracia uma importancia, que ella não apreciava, seguindo ufana os estandartes de D. Miguel.

X.

Quem não reconhecerá que estes acontecimentos foram dirigidos por um pensamento providencial e superior?

Sem a tyrannia de D. Miguel, sem a annuencia do clero e nobreza ao seu dominio, sem a repudiação systematica do partido reaccionario a todos os principios liberaes, a revolução não se haveria concluido, e a democracia adiaira para bem longe as suas esperanças politicas.

Com o clero omnipotente, com a nobreza intacta, porventura uma oligarchia poderoza e egoista teria succedido ao absolutismo. O que se derivaria d'esta situação, em que as classes superiores haviam de tentar plagiar inhabilmente as formas do governo inglez? Uma luta incessante, desesperada, implacavel. As garantias politicas estariam em contradicção permanente com as instituições sociaes. A classe — media comprimida e o povo em tutella, levantar-se-iam, de contino, contra os obstaculos que os abraçavam, esmagando-os. A organisação antiga da propriedade, não se podia accom-

modar ao desenvolvimento da civilisação, e demoraria, pela oppressão, a emancipação das classes inferiores. Aos combates dos partidos, succederia a guerra das classes: á fusão dos elementos sociaes operada pela revolução, a discordia perpetua d'esses elementos, que a força politica só não poderia reconciliar. A liberdade expiraria n'estas convulsões, e as classes predominantes teriam de a renegar, conhecendo que não podiam governar com ella.

Os liberaes *moderados*, que supportavam a dictadura de Mousinho da Silveira, pelo poderoso influxo das circumstancias, não esperavam ir tão longe, mas não puderam destruir a sua obra. O joven partido democratico applaudia o velho homem d'estado, comdenado pelo seu proprio partido, quando na imprensa ou no parlamento, ousavam fulminar as suas generozas doutrinas.

O absolutismo havia de cair cedo ou tarde no meio-dia da Europa, pelo abalo que lhe imprimira a revolução franceza. Em França durára cento e quarenta annos desde Luiz XIV; e segundo a eloquente expressão de Châteaubriand: « depois do tumulo d'aquelle monarcha, não se enxergão senão dous monumentos da monarchia absoluta: o travesseiro das devassidões de Luiz XV, e o cepo de Luiz XVI. »

A liberdade moderna é um resultado da rasão, e não o producto artificial das instituições. Era resgatando o povo, pelo baptismo das idéas, e pelas verdades de civilisação, que ella podia enraizar-se no paiz. A velha escola liberal, fundada n'um aphorismo de Montesquieu, suppõe que a liberdade se origina da innocencia do coração: os democratas crêem que ella cresce, desenvolve-se, e se communica pelas luzes do espirito.

Os liberaes aristocratas proclamando: « tudo para o povo, e nada pelo povo, » parecem condemnar a liberdade a ser uma prerogativa inerte, e não uma funcção activa. D'ahi, o empenho com que se oppõem a todas as reformas que tendem a elevar o povo, pela propriedade, pelo bem estar, pela civilisação, á posse da sua iniciativa politica.

Com estas considerações explicâmos nós a origem dos

partidos que se formaram durante a emigração, e que já pela insurreição, já pela lucta legal, têem procurado apoderar-se do poder.

XI.

O duque de Palmella era presidente do conselho de ministros em 1834, e não só como ministro, mas como homem publico, cujo conselho era escutado com deferencia, e respeito, oppôz-se mais ou menos abertamente a todas as medidas revolucionarias, com que se pretendia fundar a nova ordem do governo representativo.

O decreto da extincção das ordens religiosas, cujas beneficas consequencias para a civilisação, para a liberdade, para os progressos da riqueza, como para a emancipação moral e intellectual das classes inferiores, se fazem ainda hoje sentir em todo o paiz, foi desapprovado por elle: o decreto para a abolição dos morgados, que devia completar a serie de reformas, que transformaram a sociedade antiga, e constituiram a sociedade moderna, encontrou no duque de Palmella um poderoso adversario, e á sua influencia se deve principalmente o não se haver conseguido esse fundamental melhoramento.

O duque de Palmella n'isto era coherente com os seus principios. O seu ideal politico era a fundação da ordem aristocratica, apoiando-se de um lado no prestigio das tradições, e nas prerogativas da riqueza, do outro nas aspirações religiosas, e na influencia do clero. Não abandonava a esperança de vêr convertidas ás suas doutrinas essas classes refractarias até ali ao dogma liberal. A carta, para elle, era o sacrosanto palladio que nos aproximava das instituições inglezas, e que, tarde ou cedo, devia fundar o equilibrio politico das classes, dando á aristocracia uma posição predominante, e alliando-a com a realeza.

As aristocracias politicas não se criam por um codigo. Fundam-se pelo tempo, pelo culto das idéas, pelo exercicio

do poder, pela dupla magestade da rasão, e das tradições. Para que a monarchia aristocratica prevalecesse, seria necessario que a nobreza se constituisse na camara dos pares como poder aristocratico, e fora d'ella como força monarchica. Cumpria investil-a de sciencia, de abnegação, de vontade imperiosa e intelligente.

Como existia ella entretanto? A maioria considerando-se vencida pela queda do absolutismo, retirára-se para os seus lares, e não queria pactuar com o novo regimen. A outra parte, desunida, e enfraquecida pela ascendencia das medidas democraticas, podia ornar os salões d'uma côrte, mas não organisar-se como poder do estado e elemento politico.

A impotencia da nobreza fôra um facto, fatalmente conduzido pela historia. A primeira raça de nobres desappareceu exterminada nas guerras civis de D. João I, empunhando as armas pelo rei de Castella. Contra as usurpações da nova nobreza creada pela victoria, alevantára-se o poderoso engenho de João das Regras, que nos conselhos do rei representava a um tempo a classe media, que ajudára com o seu ouro, e a *arraiamiuda*, que auxiliára com o seu sangue o predominio d'esse rei tão justamente popular.

Até D. João II, que a abateu vigorosamente, vêmol-a luctando com a realeza, e procurando dominal-a. Com D. Manuel, e D. João III, a sua actividade concentrára-se toda nos campos de batalha da Africa e da India. D. Sebastião conduziu-a á morte aos areaes de Alcacer-Quibir; Filippe II desvirtuou-a, corrompendo-a. Illuminada com um relampago de enthusiasmo patriotico em 1640, cedo caíra na servidão da monarchia absoluta, e na ultima tentativa que fez contra a realeza, encontrou a mão implacavel e severa do marquez de Pombal que destruiu, pelos tormentos do cadafalso, a liga dos *puritanos*.

A aristocracia não havia tido nunca força legal nas instituições. Nas antigas côrtes predominára sempre o elemento popular, nascido e fundado nas communas, e a nobreza, depois de vencida por D. João II, fôra antes um appendice faus-

tuoso da monarchia, do que uma classe empenhada em prevalecer pela sua importancia politica nos negocios do estado. Appareceram de certo homens notaveis no seu seio, que rejuvenesceram a sua illustração historica, com novos e heroicos feitos. Os palmares da India, e os sertões da Africa testemunham eloquentemente o esplendor d'essas glorias. Mas a sua influencia era toda individual, devida menos á consciencia do seu merito, do que aos favores da côrte: e a mão que assignára o decreto que investia Affonso de Albuquerque do vice-reinado no oriente, era a mesma que pezando sobre aquella grandiosa cabeça, o fazia exclamar com agonia: — « Mal com el-rei pelo amor dos homens, e mal com os homens pelo amor de el-rei. »

As conspirações, e as camarilhas não haviam sido nunca feitas para quinhoar com a corôa o poder n'uma illustrada combinação politica, mas para possuir o valimento do monarcha, e administral-o na sua inteira dependencia.

Era possivel porventura, mesmo deixando subsistir a iniquidade dos morgados, conter as exigencias populares, e desviar as consequencias das leis de Mousinho da Silveira, que haviam dado á revolução o cunho democratico?

A historia da revolução de setembro demonstra evidentemente a pouca consistencia d'esse partido, de que o duque de Palmella se tornára um dos mais distinctos campeões. A carta, que fôra o appellido de guerra do exercito liberal, a carta nobilitada por tantos generosos sacrificios, esmaltada por tão assignalados triumphos, caíu sem resistencia, n'uma explosão do instincto popular.

Acontecimento mal julgado no principio, a revolução de setembro era uma illação logica da dictadura da Ilha Terceira; e fundando a industria, pela protecção, veiu conceder mais poderoso esteio ao elemento democratico.

XII.

Os ultimos annos da vida politica do duque de Palmella,

traduzem á sua falsa posição, no meio das circumstancias, que todos os dias desmentiam as suas esperanças partidarias.

Umas vezes inclinado ao poder, quando suppunha que elle se aproximava da sua idéa: outras vezes do lado da opposição, quando via ameaçados os dogmas fundamentaes da liberdade, não admira que o accusassem de versatilidade, e que interpretassem como calculo pessoal o que não era senão a logica infeliz de uma doutrina insustentavel.

A olhar superficialmente os passos da sua carreira, dir-se-ía porventura que havia nas suas tergiversações ausencia de principios, mais desejo do poder, do que grandeza na ambição, mais ancia de figurar nos acontecimentos, do que tacto e audacia para os conduzir.

A verdade é que o duque de Palmella obedecia ás suas crenças, mas recuava diante da necessidade de as impôr.

Usava da tactica fabianna, em toda a extensão dos seus resultados. Subtrahia-se ás difficuldades, afastava-se dos compromissos, demorava qualquer solução, queria manter a ordem a todo o custo, e arriscava muitas vezes com isso a liberdade, semeando o futuro dos germens de discordia, que queria evitar no presente.

No ministerio das vinte e quatro horas, em 1842, teve horror da guerra civil. Na revolução de maio, em 1846, tentou debalde crear um terceiro partido, entre a revolução e a opinião ultra-conservadora. Deplorava sinceramente a inefficacia dos seus esforços, sem se distrahir do seu proposito: a conciliação da ordem e da liberdade, sem tentativas revolucionarias, nem golpes de estado.

O terreno fugia-lhe debaixo dos pés, porque não tinha só a luctar contra elementos politicos, mas tambem contra o desvario das paixões humanas. A côrte aspirava ao governo pessoal: o partido revolucionario ao pleno exercicio da iniciativa popular: de modo que de um lado se não podia chegar á ordem, senão pela oppressão da liberdade; do outro á liberdade, senão por uma forte pressão sobre as pretenções da realeza. As conciliações eram rapidas e passageiras: a lucta era incessante e activa. O partido popular pos-

suia as sympathias do paiz: a côrte, os prestigios da auctoridade e todas as vantagens que concede a estabilidade do poder, a permanencia dos designios, e a vontade e a penetração em procurar o ensejo de os fazer triumphar. O equilibrio desapparecia n'este flagrante antagonismo, e o tempo, que poderia aproveitar-se para consolidar pela civilisação as conquistas da liberdade, para fazer derivar das medidas de regeneração administrativa e economica todas as suas uteis consequencias, consumia-se n'este drama perpetuamente suspenso entre uma insurreição e um golpe de estado.

N'esta exposição somos apenas interpretes da verdade, e não julgâmos injuriar a memoria de ninguem. Armand Carrel, o illustre apostolo da republica, escrevia no meio das paixões politicas estas nobres palavras, que poderiam servir-nos de epigraphe:

« As cousas, nas suas contínuas e fataes transformações, não arrastram comsigo todas as intelligencias: não desviam todos os caracteres com igual facilidade, e não tomam mesmo cuidado de todos os interesses: é força entendel-o assim e perdoar alguma cousa aos protestos que se elevam em favor do passado. Quando acabou uma epocha, o molde existe partido, basta á Providencia que não possam reconstruil-lo: mas das reliquias espalhadas na terra, restam ás vezes algumas bellas que se podem contemplar. »

O duque de Palmella, não esposando o partido da côrte, porque era liberal, não se filiando aos principios revolucionarios, porque era conservador, viveu estranho no seio dos partidos, e accusado injustamente por elles, quinhoou a sorte dos caracteres publicos no governo constitucional, que a violencia das paixões condemna, e que as prevenções partidarias raras vezes deixam de calumniar.

O presente arrastra-nos, e julgam-se os homens, não sobre o complexo do caracter e opiniões, mas sobre os actos passageiros do dia, e da semana. E' certo entretanto que a morte do duque de Palmella contristou o partido liberal, e que os serviços do patriota fizeram esquecer os erros que poderia haver commettido como homem politico.

Intelligencia superior, o duque de Palmella possuia o espirito accessivel a todas as idéas, e não se aterrava diante de nenhum systema politico. Discutia tudo e com todos os homens que suppunha illustrados. A revolução de 1848, que perturbou a imaginação de tantos pobres politicos, que tomam as suas repugnancias e as suas sympathias como pontos de fé, teve n'elle um juiz esclarecido e desapaixonado. Elle assistia, em espirito, a todas as grandes evoluções da humanidade moderna, e sabia, na região das idéas, desprender-se dos seus precedentes, da sua posição, das suas affeições partidarias, meditando e reflectindo como pensador e como philosopho.

Consultado n'essa elevada esphera, elle previa a victoria da democracia, e o reinado mais ou menos proximo da igualdade. Espectador e actor dos mais extraordinarios acontecimentos, a mão de Deus retirou-o do mundo, pouco depois do momento em que se propoz á sociedade moderna o problema da emancipação economica, e da supremacia politica das classes até agora tutelladas pelas diversas oligarchias que se têem succedido no poder. Homem da transicção liberal, cumpríra a sua missão, acompanhando o povo até ás fronteiras da terra de promissão, que os seus olhos não deveriam ver.

José da Silva Mendes Leal.

I.

« Ha uma phrase na *Sobrinha do Marquez* do sr. Garrett, que resume todas as observações, que tentâmos fazer sobre a indole perfeitamente democratica do drama moderno: « *Amei-a como só sabem amar os desgraçados.... o amor, para os poderosos, é um prazer de mais.*

« E' assim: é no meio das tribulações da vida, que o genio se exalta, e se idealisa: o coração, assim como certos metaes, só póde purificar-se pelas chammas.

« O drama é a fórma litteraria mais directamente influente sobre a sociedade, sobre os costumes publicos: na Grecia, era quasi uma instituição politica, no mundo moderno é uma das faces da liberdade do pensamento — um dos meios mais fecundos de propaganda. Villemain demonstra toda a verdade da nossa asserção, quando diz no seu *Ensaio sobre Shakespeare:* « Se Thespis, untado de borras, passeava no seu carro os actores de seus dramas consagrados a Baccho, foi nos campos de Marathonia, e nas festas de Athenas, que Eschylo ouviu a voz das musas, e foi inspirado por ellas.

« E é por isso que os grandes poetas dramaticos sáem das crises d'uma sociedade como o diamante das convulsões cataclyticas da natureza. Shakespeare ainda sentiu crestadas as faces com a chamma das fogueiras com que Maria

e Izabel promiscuamente tentaram converter os seus vassallos, uma ao catholicismo, a outra ao anglicanismo.

« Corneille ainda deu com os olhos nos cadafalsos de Cinq-Mars, e de De Thou, ainda admirou as ultimas agonias do protestantismo, luctando cóm o heroismo da desesperação nos muros de Rochella. Molière foi embalado ao som das cantigas da Fronda ; d'essa Fronda, que conduzida por mãos intelligentes, e por corações dedicados, poderia determinar vantajosamente o triumpho da *burguezia*.

« E parece que para as vocações dramaticas, não bastam só os grandes acontecimentos exteriores, cumpre tambem vêl-as experimentadas pelas luctas da propria existencia. Quem era Shakespeare e Molière ? Dous comediantes. Quem era Corneille ? Um obscuro plebeu ? Quem era Gil Vicente ? Um bobo da côrte.

« Esses homens, diante dos quaes hoje se curva a posteridade, viveram ou nas agonias da miseria, ou no servilismo da dependencia — a mais horrivel das situações a que se póde condemnar o legitimo orgulho do talento.

« E o que fez afastar Corneille da sua tão feliz estrêa do *Cid*, o que fez prender essa aguia dentro dos ferros das tres unidades, senão a protecção de Richelieu, que pezou sobre aquella natureza, temperada no estoicismo romano, torturando-a nas inflexiveis exigencias do seu pedantismo litterario?

« Será este facto um puro accidente, um simples acaso da historia ? Crêmos que não : Michelet ainda disse ha pouco : « As nacionalidades são como a geologia — o calor está em baixo. Ide descendo, e augmenta cada vez mais : nas camadas inferiores queima.

« O genero-drama presta-se essencialmente a todas as necessidades da democracia. Vive pelo favor, pelo enthusiasmo das turbas : engrandece-se pelos soffrimentos, pela agonia do talento individual. A vida não se estuda nos palacios, nem nas salas de baile : aquella atmosphera enerva, *sensualisa* a vontade mais rijamente temperada : as rugas da reflexão quasi sempre são desenhadas no rosto pelo dedo da miseria.

« Forma perfeitamente accommodada ao progressivo desenvolvimento da liberdade, e á invasão sempre crescente das idéas democraticas, o drama tem de dia a dia conquistar maior terreno na litteratura, e absorver para si quasi toda a actividade do talento poetico. Os seus apostolos hão de ser recrutados nas fileiras do povo: no presente, como no passado, o talento tem de se iniciar nos segredos do coração, passando atravez de todas as penosas estações da vida: é necessario que padeça antes de se conhecer e amar n'essa alma melhor, mais desinteressada, mais sublime que se denomina a arte, verdadeira patria do poeta.

« Das obras de Piron ha uma apenas que sobresáe a todas, e que o denuncia como um homem de genio: é a comedia da *Metromania*. A *Metromania*, diz Villemain, é uma comedia á parte, uma obra prima, sem que Piron por isso seja um grande poeta comico. Elle não tinha em si senão essa peça; era elle proprio.

« Podem querer contestar-nos com outros exemplos a exactidão das nossas theorias. Será difficil: desde Byron até Dumas, desde Châteaubriaud até Louis Blanc, todos tiveram de luctar com esse destino miserando, que Deus manda como expiação ao genio. O drama saído das classes inferiores, tarde ou cedo havia de se ir inspirar da sua vida — robustecer-se nas mesmas provas dolorosas. Dumas bastardo, escreveu *Antony*: Dumas mulato, traçou o romance de *Georges*: Dumas artista, creou *Kean*; cada um dos aspectos da vida, corresponde a uma solemne manifestação do talento.

« Poderá a critica com brutal escalpello disseccar na existencia do poeta os segredos, ás vezes tão mimosamente recatados das suas creações? Um tal arrôjo seria uma profanação: só a geração que nos succeder terá direito de profundar n'esse abysmo que se adivinha, mas que se deve religiosamente respeitar.

« O sr. Mendes Leal é um talento de larga esphera: é um dos nossos primeiros poetas lyricos, é a primeira reputação dramatica da mocidade, é um romancista, ás vezes feliz. O caracter do seu talento, é ser *intermittente*: imaginação

naturalmente mobil, umas vezes attinge o sublime, uma simplicidade brilhante e natural, outras vezes desce a imitar pompas estereis, a tingir-se d'um colorido falso; a sua musa ás vezes semelha uma d'essas candidas virgens, ao desabrochar da vida, que uma rosa, uma bonina basta para fazer palpitar de bellesa, e de louçania: outras, uma d'essas formosas mulheres, na transição pungente para a velhice, que pretendem suspender-se aos seus desvanecidos encantos, ajudando-se de todas as artes da civilisação elegante. Prodigiosamente fecundo, d'uma facilidade de creação admiravel, quando se inspira do natural, quando se entrega a todas as emoções da sua vocação poetica, é muito superior ao que apparece, quando tenta forçar, ajudando a sua imaginação pelo estudo demasiadamente proximo, e por vezes pouco digerido, dos modélos estrangeiros.

«O sr. Mendes Leal foi o primeiro da geração nova, que acudiu ao brado da poesia dramatica. Abriu campo aos que quizessem tambem receber das mãos do publico o baptismo de poeta.

«Como lhe nasceu este desejo, em tão verdes annos? Como poude aventurar-se a tamanho e tão solemne empenho? Alguns olhos pretos, castanhos, ou azues, é que nos poderiam revelar com certeza esta passagem do Rubicon litterario. Era um amor profundo, fervente, exaltado como a idade e a imaginação que nos deram na scena—*Os Dous Renegados*.

«Conhece-se perfeitamente que o auctor tinha um conhecimento recente do theatro francez moderno. Aquellas figuras como que estão desherdadas da individualidade nacional. Mas ha vigor, ha estro real no desenho, ha poesia no estylo, ha vivacidade dramatica na acção. E depois bastava a sua *Esther*, para conhecer o rasgado do seu vôo: o arrebatamento do talento conhece-se que se póde domar até assumir á idéalidade espiritual d'essa donzella, que soffre e geme com resignação christã, que ama e que padece no silencio da sua alma, que morre em botão, como uma d'essas rosas crestadas pelo sol do estio, e partidas na haste pelo sopro dos ventos da tarde.

« Foi um grande acontecimento este successo delirante. O poeta podia desde então tomar o publico, como Mecenas, e receber incentivos não dos caprichos individuaes, mas do consenso das turbas soberanas.

« Era a primeira vez, pelo menos que se soubesse, que a mão do publico coroava um auctor, e o fadava poeta no meio das expansões do seu enthusiasmo. Não era a obra só, era o exemplo, uma proclamação eloquente para rehabilitar o talento litterario, atado ás casacas de uma nobreza estupida, no antecedente seculo.

« O mancebo não se deixou engolfar nas delicias de Capua: essa terrivel Capua, o naufragio das vocações indecisas, e das naturezas preguiçosas. Com a cabeça ardendo de febre, com os ouvidos ainda estremecidos dos applausos, compôz um segundo drama — *A Mascara Negra.* Não foi de certo um progresso. Reproduziu os defeitos sem alcançar as bellezas dos — *Dous Renegados.* A situação era perigosa, para quem fosse menos docil aos conselhos da sua propria consciencia. Não foi assim. Conheceu que se excedera — escreveu *A Auzenda.*

« *A Auzenda* é mais um poema do que um drama; o *lyrismo* resalta em muitos trechos, e a acção não vive da contemplação, vive do movimento: o estudo da epocha era tambem a nosso vêr incompleto. A reacção da lingua puritana aproximava-se muito do *archaismo:* o publico não entendia aquella lingua, porque a não fallava. As linguas mudam, a cada estação da vida de um povo.

« Alexandre Dumas, no prologo de Catharina Howard (citâmos de memoria) assignala ao poeta dramatico tres epochas distinctas: quando a imaginação predomina a rasão — quando estas duas faculdades se equilibram, quando finalmente a rasão triumpha da imaginação. Por isso, nunca podemos exigir do poeta mais do que a estação da sua vida póde dar: os maiores genios da scena consagraram-se soffrendo as mesmas vicissitudes. E quantas qualidades, quanta seiva não perde um talento, se amadurece prematuramente?

« No interregno que teve a esta laboriosa collaboração para o theatro, o seu engenho robusteceu, formou-se, alimentou-se com mais serios estudos, e até os revezes da vida, as decepções amargas que soffre o poeta n'uma sociedade tão pouco feita para o comprehender, modificaram estes arrojos que são o condão, o mimoso condão dos engenhos nascentes. O *Pagem de Aljubarrota* é um drama monumento: caracterisa uma transformação de estylo, e aproxima o theatro das origens nacionaes.

« *D. Maria de Alencastre* entretanto tem mais impulso scenico. O poeta então já se vê empenhado no estudo do coração e das paixões, que revelam a individualidade dos personagens. *A Pobre das Ruinas*, que tivemos occasião de apreciar com mais remanso na *Revista Academica*, é talvez uma excepção a esta progressiva aproximação para a analyse, para a critica social, que amadurecêra sem prejudicar toda a seiva da sua imaginação. *A Alva Estrella* resume brilhantemente a lucta das duas faculdades, e finalisa, por assim dizer, a sua adolescencia litteraria.

« O poeta então encetou outra face do drama, a comedia moderna, meditada nos modelos, aproveitando a indole peninsular, sem caír nas trivialidades do entremez, e reproduzindo as formas, e o estylo gracioso da musa franceza.

« Esta transicção explica-se mais pelos acontecimentos exteriores, do que pelo caprichoso esvoaçar do talento. É essa reacção dolorosa que se experimenta, quando a alma, vestida de illusões, se desfolha no meio do mundo, que a fere, que a punge de contínuo, até a fazer rebentar n'essa ironia, que a não vinga, mas que a consola ao menos.

« *A Madre Silva* está escripta debaixo d'esta impressão. É a passagem, é a traducção d'esta necessidade irresistivel que o subjuga, que o impelle para a pintura da sociedade, vista pelo lado ridiculo, d'esse ridiculo aonde se crestam tantas vezes as mais ardentes esperanças.

« Mas que despedida esta ao genero, em que fizera a primeira estrêa! Ha scenas ali, que accusam todo o sentido deste adeus, adeus que é tambem um adeus ao passado, que

se prantea com saudade, e um ancear de timida esperança ao futuro já desbotado das côres com que o adornára a phantasia!

« O artista é o poeta — a flor é essa *madre silva*, que murcha estreitada ao peito, que a sente sêcca e mirrada no fim, e já sem perfume!

« Suprema angustia, duello sanguinolento do coração com as realidades do mundo. As esplendidas glorias que se sonharam na aurora da vida fundem-se na ambição, ambição que crucifixa ás vezes a poesia sobre a cruz ensanguentada das exigencias politicas!

« *Quem tudo quer tudo perde*, *Quem porfia mata caça*, *A afilhada do barão*, *Os conspiradores*, comedia de maior folego, e historica, eis os documentos valiosos d'esta nova tentativa. O *Viriato*, tragedia em verso, asseguram-nos ser uma obra de muito valor poetico e litterario. Seria conveniente ensaiar o verso no theatro. As emoções da alma, traduzidas pela palavra, e embaladas pela harmonia, pela formosura das imagens, e pela musica da eloquencia, devem, sendo a revolução feita gradualmente, attrahir o publico, e dar á arte mais esphera. O *Miguel Angelo*, assumpto querido do poeta, não corresponde, a nosso ver, a toda a magnificencia d'este caracter, rei pelo genio, e pela admiração do mundo. Quizera mais simplicidade, menos pompa nas suas palavras: o genio descobre estrellas e novos mundos, cria Moysés, pinta a capella Sixtina, faz os *Lusiadas*, ou o *Manfredo*, e é pueril no trato íntimo.

« O sr. Mendes Leal, como poeta lyrico, tem uma individualidade propria tambem. Nascido no meio d'uma cidade, a sua musa não se prende á intimidade da vida, e raras vezes desfolha uma flor, correndo pelos campos, ou ouvindo murmurar a fonte, que serpentêa entre a relva do prado.

« A sua imaginação inspirada pela historia, lança o hymno como uma ameaça, e as recordações como uma affronta. A sua indole aproxima-se mais de Victor Hugo, do que nenhum outro poeta: é mais social, do que individual, mais historico, do que vago, mais universal do que nacional.

« N'um dos mais bellos trechos lyricos, que tem produzido a musa moderna, o *Vasco da Gama*, elle consubstancia no homem a vida da epocha, e apenas de leve lhe assenta o traço da sua physionomia historica. Dae-lhe o titulo de *Affonso d'Albuquerque*, modificando-a um pouco, e conhecereis a exactidão do nosso juizo. »

Eis o modo porque caracterisavamos o sr. Mendes Leal nos *Ensaios de Critica e Litteratura*, e os annos que decorreram entre a publicação da primeira obra e esta, não alteraram de certo os pontos fundamentaes do nosso juizo litterario.

O sr. Mendes Leal dedicando-se a todos os assumptos, escrevendo ao mesmo tempo como romancista, e como escriptor politico, como critico, e como folhetinista ligeiro e ameno, é sobretudo um poeta vigoroso de imaginação, que já no genero lyrico, já no genero dramatico occupa um dos primeiros logares nas letras portuguezas.

A sua vocação não se fatiga, nem diminue, apesar de sujeita aos tratos de uma laboriosa improvisação. A sua musa decadente e languida ás vezes, parece rejuvenescer mais formosa e gentil, quando as suas faculdades se concentram, e se completam pela meditação.

Quando a turba de detractores officiosos annuncia o distincto poeta, *mecanisado* pelos trabalhos do jornalismo, ou distrahido pelas scenas de um romance, escripto appressadamente aos capitulos, estampa elle um formoso trecho lyrico, ou vê applaudida no theatro uma obra notavel pela concepção e pelo estylo.

Uma parte dos defeitos que pódem justamente condemnar-se no sr. Mendes Leal, provém porventura do ambiente litterario, em que desde o principio respirou. Apparecendo na epocha, em que a revolução litteraria denominada *romantismo* existia em toda a sua esplendida voga, sentiu-se irresistivelmente attrahido para aquella escola, e imitou-a, não menos na indole litteraria, do que nos processos de composição. Quiz ser prompto, e rapido no trabalho. Protestou exageradamente contra o preceito ho-

raciano, que condemnava a nove annos de repouso e de observação qualquer producção poetica.

Por isso acontece que em muitas das suas obras se póde lamentar vêr trechos de primeira ordem sepultados em fórmas abstrusas, e em concepção incompletas.

Se o sr. Mendes Leal não fosse como é, um talento superior, uma intelligencia poderosa e dotada de inesperados recursos, poderia haver-se eclipsado como estes fogos de artificio, que brilham e maravilham um momento desfazendo-se em giros resplandecentes; mas a sua imaginação, se reflecte o que a preoccupa, cria e desenvolve os elementos que a enriquecem. Mobil e fecunda, umas vezes é faustuosa e prolixa como um conto oriental, outras severa, e concisa como uma pagina dos escriptores da pura latinidade. Balouça-se, como o indio, na canôa que attravessa o rio, esmaltado de arvores e flôres; adianta-se, como o cidadão antigo, entre as columnas do templo, com passo magestoso e grave.

Perde porventura o seu estylo a individualidade n'estas excursões aventurosas, que cansariam menos robustas e substanciosas faculdades? Parece-nos sinceramente que não: o Proteu conserva, entre as variadas formas que reveste, certos traços de physionomia, que atraiçoam, que traduzem a sua poetica origem. É assim que as aguas de certos rios, vasando-se n'uma corrente caudalosa e profunda, denunciam pela côr o berço que as viu nascer, no vertente das rochas, que as distillaram.

Ousâmos prophetisar tambem, que o sr. Mendes Leal, apesar da quantidade das suas obras, ainda se não produziu com a magestade permanente, a que o seu prodigioso talento o destina. Se o desviarem da politica, que consome tanta actividade intellectual, que forçosamente desbota as mais viçosas e poeticas imaginações, terá tempo e remanso para se entregar á poesia, que o acalentou desde os primeiros annos, que é a sua aspiração contínua, a sua especialidade decisiva, e por assim dizer fatal.

Começou mui moço ainda a sua carreira, e está agora

na idade em que a reflexão amadurece os verdores, e modera os arrojos da phantasia.

E' facil de prever uma nova evolução nos seus destinos litterarios, e o drama *Os Homens de Marmore*, que toda a sociedade culta de Lisboa applaudiu com alvoroço, crêmos que é já um mimoso fructo da estação, em que entra o distincto poeta.

II.

OS HOMENS DE MARMORE.

Para inventar uma idéa, cujo germen em nenhuma parte se encontre, seria mister inventar toda a humanidade. — Estas palavras d'um celebre crítico dispensam-nos de reincidir nas questões ociosas, que a apparição d'este drama tem naturalmente provocado.

A litteratura desde 1830, e muito antes ainda, tornou-se humanitaria, dedicou-se a illustrar, nas regiões da imaginação, os conflictos, e os problemas da sociedade. A exageração d'esta tendencia leva-nos da *Angela* de Dumas ao *Trapeiro de París* de Felyx Pyat: e do *Jacques e Lelia* de George Sand ao *Judeu Errante e Mysterios de París* de Eugenio Sue. Salto mortal, que poderia porventura despenhar a poesia na abstrusa tarefa de crear uma philosophia politica, nos capitulos d'um romance, ou nas scenas d'um drama, tornando a arte serva dos systemas mais ou menos aventurosos, que agitam o espirito das modernas gerações.

Negar a acção reciproca da litteratura sobre a sociedade, e da sociedade sobre a litteratura — repudiar os serviços que a poesia tem feito á civilisação, na sua livre e rasgada esphera, seria um absurdo imperdoavel: tornar o theatro e o romance echo absoluto das opiniões philosophicas ou politicas, arrendar os dominios da imaginação aos devaneios da metaphysica — seria confundir expressamente faculdades distinctas, e expor o culto do bello á mais deploravel prostituição, e á mais completa decadencia.

N'essas pretenções exclusivas, a litteratura não obedece

senão ás maximas torpemente utilitarias, que dominam o seculo. Querem desmentir, á força de tentativas engenhosas, o *qu'est-ce que celà prouve*, que escapou a Laplace depois da representação d'uma tragedia.

Protestâmos, em nome da crítica, contra a mania dogmatica e didactica a que tentam submetter a arte. Ella é por si mesma uma fórma independente e completa, que pode de certo assimilar os elementos da historia, da philosophia, ou da sciencia ás suas operações, sem se tornar o reflexo submisso de idéas estranhas, renegando os attributos que fundamentam a sua acção nos dominios do pensamento.

O drama *Os Homens de Marmore*, podemos affoitamente affirmal-o, é uma obra verdadeiramente litteraria, e propondo-se a illustrar uma these philosophica, conserva-se dentro dos limites, que separam a arte das outras fórmas, em que se vasa o espirito da investigação e da analyse.

Doe-nos o coração quando um eminente poeta, como de certo é o sr. Mendes Leal, se empenha em produzir sem concentrar as suas faculdades, sem amadurecer um assumpto nas vigilias da meditação: e isso que mais de uma vez lhe acontece, nos obriga com maior rasão a felicital-o, e a applaudil-o agora.

Raros artistas ha na nossa epocha, que mais laboriosamente se tenham dedicado a enriquecer a sua propria vocação. O drama, a comedia, a tragedia, a poesia lyrica, o romance, a crítica litteraria, o *folhetim*, no seu aspecto ligeiro e aventuroso, a tudo está ligado o nome do auctor dos *Dois Renegados*. Em todos os generos, a que tem votado a sua penna fecunda se conhece a influencia das suas superiores qualidades de artista, e da sua ardente inspiração de poeta: mas haverá alguem que negue que os rasgos do talento, que os improvisos da imaginação não salvam muitas vezes as concepções, que o estudo e a reflexão abandonaram aos caprichos de um trabalho demasiadamente rapido e sobre-posse?

A musa, ainda para as mais fogosas organisações, não é nem póde ser uma *maitrésse*, que se entregue facil e in-

cessantemente aos desejos sensuaes do poeta: é uma deusa, orgulhosa e fera, mesmo quando se abandona á adoração enthusiastica, e aos extasis apaixonados de quem a invoca, nos delirios do pensamento.

Facil é explicar a sincera admiração com que foi acolhido o novo drama do sr. Mendes Leal. Era uma obra concebida com amor, escripta com atticismo e cuidado, em que resplandecia a elegancia do seu estylo, o viço da sua poetica imaginação. Saudaram-na menos como documento de uma vocação já incontestavel, e de um nome já sobejamente illustre nas letras, do que como um mimoso producto, que vinha enriquecer a arte moderna portugueza.

Não tentâmos aproximar dos *Homens de Marmore* a recordação das *Filles de Marbre* e da *Dame aux Camélias*, a que é muito superior pela concepção, e pelo estylo, mas a idéa capital filia o drama a essa escola, que tenta apropriar a núa realidade da vida humana aos assumptos dramaticos.

O drama *Os Homens de Marmore* conserva primorosamente, e é esta a principal circumstancia que o classifica como uma elevada concepção poetica, o elemento ideal que deve distinguir todo o esforço litterario. Os personagens são creaturas humanas, que se agitam nos limites d'uma acção calculada, e não typos que obedeçam cegamente ás intenções d'um problema humanitario. Insistimos em fazer sobresaír este pensamento, porque entendemos que as invenções scenicas vivem sobre tudo da individualidade, e que ás formulas historicas ou philosophicas é que cumpre absorverem o homem na idéa.

De outro modo, aproximar-nos-ía da infancia da arte, a esses tempos em que Lope de Rueda e o immortal Cervantes, em que os illustres Lope de Vega e Calderon mais tarde, faziam entrar a *verdade*, a *rasão*, a *lealdade*, a *memoria*, o *appetite* como actores obrigados das suas composições dramaticas.

O poeta tornou-se implicitamente advogado da causa das mulheres: veiu proclamar ao mundo que essa corrupção a

que ellas succumbem, que êsses desvarios tremendos, que as arremeçam na vereda do crime e da infamia, nada é obra d'ellas, tudo existe creado pelo homem, e que aonde nós julgavamos encontrar o algoz das nossas illusões, apenas achâmos as victimas da nossa perfidia.

É a mão do homem que primeiro arranca da fronte pura da mulher as virginaes aspirações do affecto: e quando ella, ou por um contrato legal, ou por uma abjecção descarada, se vende aos gosos e delicias da vida, é que haviam calcado a poesia dos seus sentimentos, e a tinham feito descrer de tudo o que lhe exaltava a imaginação, e os sentidos.

Debaixo d'este ponto de vista, Beatriz consubstancia o destino d'essas mulheres que se entregam á paixão, sem reserva e sem comedimento: é da raça d'aquellas que amam energica e corajosamente, que preferem o escandalo ao martyrio, e que dedicam ao homem, que o seu coração escolheu, todas as forças da sua alma, e todas as faculdades do seu espirito. Estevão de Moura é o *homem de marmore*, que especula com os sentimentos affectuosos, como o agiota e o usurario com as necessidades, e as paixões dos homens. Vemos face a face a mulher, que anceia viver nas regiões ideaes da paixão, com o homem sceptico e materialista, que existe apenas absorvido nos calculos da vida positiva: é a flor que s'espaneja radiante, que treme e descora, quando o *sirocco* se annuncia nos extremos do horisonte.

Depois é o usurario e o ministro; o *homem de marmore* pela avareza, e o *homem de marmore* pela ambição. É a sociedade moderna na sua expressão odiosa, vista na sua superficie hedionda. É a paixão sedenta sem ideal, sem principios, sem Deus, e sem crença. É o grito d'essa sociedade na agonia, que depois de haver negado a immortalidade, e cuspido na virtude, se abate nas illusões, que tambem o são, de um vicio sem poesia e sem grandeza.

Usurario, julgas ser mais feliz amontoando o ouro á custa das lagrimas: ministro, pensas ser mais omnipotente, abusando da tua força para satisfazeres os devaneios do teu orgulho?

Interrogações pungentes, que apenas testemunham a vaidade dos juizos humanos. Venturosos são talvez os que podem cevar os desejos e contentar a paixão na realidade prosaica da vida, os que se não sentem devorados pelas ancias do infinito, e pelas aspirações do ideal!

Não é natural então que a mulher se corrompa n'esta atmosphera impregnada de maximas infames, em que até mesmo expira o culto da dignidade humana?

Almas ha que resistem a tão duras provas. Fernando e Ignez vivem na contemplação da arte, extasiam-se perante as magnificencias da natureza. São elles que nem vêem os homens desertando os templos e as escolas, a religião e a sciencia, nem comprehendem que o mundo chamará aos seus sonhos, e ás suas esperanças loucos e ridiculos delirios. Grupo angelico, que não conhece o mal senão para se compadecer de quem o pratica, que na alteza das suas aspirações ignora os baixos incentivos, que movem em torno de si os homens, e os acontecimentos.

D. Luiz Coutinho é o mundo sem as suas infamias, mas é a sociedade com todos os seus preconceitos. Mas os brios do caracter são tão inspiradores ás vezes como as luzes do entendimento. A mão que escreve com orgulho o nome herdado dos seus avós, abençoa sem hesitar o artista humilde, que se elevou a si pelos esplendores do talento, e pelas excellencias do coração.

Uma obra da valia dos *Homens de Marmore* merece que exponhâmos sem restricções o nosso pensamento. Ha muito espirito, ha uma grande eloquencia de coração, e uma extrema simplicidade de estylo nos dous primeiros actos: ha mais acção, ha mais vida nos tres ultimos; mas ninguem dirá que conservam o mesmo vigor de inspiração. Para os espiritos delicados e artistas, a nossa observação não poderá ser accusada de rigorosa.

Os caracteres sustentam-se do principio ao fim com igualdade. Bastaria esta circumstancia, independente da poesia do estylo, e da naturalidade e finura do dialogo, para conceder ao drama um logar eminente entre as obras do distincto poeta.

Fomos sobrios de epitetos laudatorios n'esta analyse. Para um dos primeiros talentos litterarios da nossa terra, seriam pueris as *alabanzas* com que os homens de letras pomposamente se saudavam uns aos outros, no seculo dos Guillen de Castro, dos Argensolas, e dos Cervantes, e Calderons. As reputações feitas discutem-se, e aconselham-se,

O Theatro desde 1834.

As reflexões que nos *Ensaios de Crítica e Litteratura* faziamos sobre o theatro, e que vâmos completar agora, não perderam da sua opportunidade: após numerosas tentativas de reforma, não suppômos que a arte scenica tenha attingido um grande esplendor, nem que a litteratura dramatica se tenha constituido como um genero independente e distincto na área da imaginação.

A crítica apenas tem a solemnisar alguma producção isolada, que manifesta de certo o valor das vocações individuaes, mas que não basta para constituir um repertorio.

Se as dissensões e movimentos politicos, promovem indirectamente o estro poetico, é certo tambem que perturbam as evoluções litterarias, que carecem de favor administrativo.

E' o que explica os lentos e quasi insensiveis progressos do theatro.

Iremos estudal-o nas origens, e procuraremos no passado a luz que possa esclarecer os seus futuros destinos.

I.

« Porque é que o drama, depois de haver nascido quasi n'este canto da Peninsula, foi abandonado de todo, até ao nosso seculo?

« Esta questão é uma questão de philosophia litteraria, que convém examinar com solicitude, porque lança uma grande luz sobre a nossa historia politica, tão mal avaliada, tão mal entendida de quasi toda a velha geração.

« Victor Hugo, apresentando o drama como a fórma essencial da epocha actual, disse uma grande verdade, mas não a desenvolveu pela analyse cuidadosa das transformações sociaes.

« O drama é a acção, o drama é a expressão do movimento individual, das suas paixões, dos seus sentimentos, da combinação da sua vida íntima, com a sociedade aonde nasceu; a sua indole reside toda no antagonismo, na lucta dos individuos, das idéas, dos acontecimentos domesticos ou sociaes.

« Poderia aquella fórma existir nos tempos adormecidos do absolutismo? Aquella existencia *official*, de *alvará*, moldada na côrte pela etiqueta, arregimentada em corporações, em bandos distinctos nas outras classes, poderia inspirar á poesia a idéa do movimento, que é a alma do drama moderno?

« Um grande acontecimento social vasava-se na *epopéa;* uma grande dôr íntima resurgia na *ode*, no *lyrismo:* o drama não existia, a não nos quererem apresentar como drama esses dialogos chocarreiros, esses motes mais ou me-

nos engenhosos, matizados sobre o mesmo fundo, aonde nem as paixões, nem os caracteres possuiam vida propria, podiam aspirar á legitima representação na scena.

«Se o drama adquiriu em Inglaterra uma importancia tão decidida, é que a sociedade fôra profundamente abalada, é que a monarchia absoluta não adquiriu nunca, em nenhuma epocha, nem mesmo na de Henrique VIII, a immobilidade da etiqueta, o typo inflexivel d'uma existencia sem contraste, e sem acção. A vida publica não estava estreitada a um sceptro, existia sempre no povo inglez uma feição particular de *humour*, uma certa excentricidade, capaz de inspirar o talento, e de dar á poesia uma escala distincta e fecunda de emoções.

«A sociedade ingleza era um metal em fusão, que extravasava no molde, aonde a mão do poder lhe queria dar uma fórma completa. A realeza, todos os dias aggredida pelas pretenções dos barões e do clero, quiz retalhar com a espada dominios opulentos á ambição impaciente d'essa aristocracia legalmente investida de seus privilegios pelo contrato da *magna carta:* a França foi o campo de batalha, aonde convergiu toda a actividade da Inglaterra. Vencida pela paciencia, e pelo patriotismo francez, a lucta não parou: a *rosa branca*, e a *rosa vermelha*, ensanguentaram por muitos annos os campos da patria, e quando a monarchia se elevou sobre o cansaço, e a debilidade das facções decimadas; quando Henrique VIII fez vergar o parlamento e o clero sob o seu guante de batalhador, as guerras religiosas vieram destruir todas as conquistas do absolutismo, e conceder á Inglaterra essa republica aristocratica, aonde a realeza é apenas um symbolo e uma tradição, e a nobreza o poder intelligente, e verdadeiramente real, sob cuja tutella se engrandece e se desenvolve a sociedade inteira.

«O homem que consubstancía todo o existir especial da Inglaterra, todos os segredos do seu genio, todo o refinamento da sua civilisação, todas as dolorosas luctas da sua sociedade, é Shakespeare. Engenho colossal, que é para a litteratura moderna, o que Homero foi para a antiga; par-

to original de todas as revoluções inglezas, expressão eloquente d'essa longa agonia de tantos seculos, aonde se tempera a orgulhosa vontade d'esse grande povo, de que o mundo é feudatario pelos prodigios da sua industria.

« Shakespeare é não só na intenção, mas até na fórma, a imagem viva da nação, que lhe deu o berço. A sua musa inspira-se das glorias, e das calamidades do seu paiz: a série dos seus dramas-chronicas começa em Henrique IV, e acaba em *Catharina Howard*, o seu olhar d'aguia abraça esse drama contínuo, e não descansa senão depois de haver pousado em Henrique VIII, e vertido uma lagrima sobre a campa da sua infeliz esposa.

« A Inglaterra, por mais que façam, é um paiz d'excepção: subtrahido pelo Oceano ás influencias directas da Europa, o seu caracter toma uma originalidade tão completa como a sua historia: quando o absolutismo triumphava no resto do mundo, o governo representativo era ali uma realidade, e tornava-se o principio essencial da sua civilisação e das maravilhas do seu engrandecimento industrial e politico.

« Shakespeare é um genio creador, um genio typo que fecha o circulo da idade-media, e abre com chave de ouro as portas ao mundo do *individualismo*, ao mundo da *burguezia*, ao mundo da industria, e do trabalho. Lançado n'uma quadra de repouso entre duas epochas de movimento, elle, fallando do passado, parece presentir o futuro; historiando as luctas de *Lencastre* e *York*, quasi que adivinha o cadafalso de *White-Hall*, e a apparição de Cromwell. O drama moderno tinha de banhar-se n'aquella origem.

« Lope de Vega, D. Pedro Calderon de la Barca, Tirso de Molina, Alarcon, todos os dramaturgos dos seculos 16.° e 17.° em Hespanha, parecem uma contradicção ao absoluto d'esta theoria, e todavia, elles justificam maravilhosamente a sua exactidão, e o seu alcance.

« Era porventura a Hespanha uma nação desherdada de toda a acção politica, de toda a vitalidade social? Se as liberdades publicas haviam sido esmagadas pela mão do des-

pota Carlos V, nos muros de Toledo; se as côrtes eram apenas uma comedia de foros politicos, o novo mundo, e as guerras do Milanez, e dos Paizes-Baixos, accendiam n'esse povo orgulhoso as paixões abrazadas da sua natureza: a sua escravidão era compensada, era distrahida pelo clamor das batalhas, e pelos falsos esplendores de uma gloria esteril; estatua de ouro, com pés de barro, ella sentia o tenir do metal, sem enxergar a pedra perdida que a havia de lançar por terra.

« Mas nem Lope de Vega, apesar dos prodigios da sua fecundidade, nem Calderon de la Barca, apesar da elevação melancolica do seu talento, são engenhos completos, não reproduzem exactamente a historia dolorosa do povo, as agonias intimas da sociedade; cortezãos, o espirito cortezão trasluz salientemente na sua imaginação de poetas: a côrte eis a quem elles procuram agradar, e a côrte era a veste de purpura, com que o moribundo procurava realçar a vida, que lhe fugia por instantes. E se por vezes, o grito involuntario da paixão lhe resalta nos labios, se o seu engenho sympathisa com as dôres ignoradas d'esse povo esmagado pela organisação facticia d'uma centralisação imposta contra a sua indole, e o seu genio natural, com que cuidado o não disfarçam delles?... E' que a censura, e a inquisição pezavam como duas montanhas sobre a intelligencia publica.

« Em França acontecia o mesmo: o drama, isto é, uma das grandes fórmas da publicidade, da liberdade de discussão, não podia revolver-se á vontade no seu dominio natural e independente. Corneille é um grande genio, mas é um genio cortezão tambem: Walter Scott na sua historia da *arte dramatica*, comparando-o com Shakespeare, exprime admiravelmente a influencia da organisação politica, sobre os fenomenos da producção intellectual. « Corneille, diz elle, escrevendo como um cortesão incluido dentro das regras imaginarias, e das ceremonias da côrte, assemelhava-se a uma gallinha mettida dentro de um circulo de greda traçado por mãos infantis. »

« No seculo de Luiz XIV, Racine foi inspirar-se do thea-

tro antigo, porque não lhe era licito abraçar o genio da sociedade, em que vivia: Voltaire, victima das cadêas, forjadas pelo talento, elevou-se, n'algumas das suas tragedias, até ao desenvolvimento de idéas abstractas de philosophia (como no *Mahomet*, e na *Morte de Cezar*); mas n'essa esphera não desceu até ás entranhas da sociedade, para lhe estudar a vida íntima. Moliére é maior do que todos elles, porque é mais humano, porque descreveu uma escala de caracteres, e de paixões normaes, com a vista profunda de um philosopho, e a veia feliz d'um poeta. E quem ignora o escandalo produzido pelo *Tartufo*, n'essa côrte devotamente devassa? Quem não passou pelos olhos as eloquentes diatribes de duas auctoridades superiores da Igreja, e o que vale mais, de dous escriptores, um d'elles eminente, Bossuet e Bordaloue?

« Em Portugal, além das causas geraes, que accusam a sua esterilidade litteraria, a degeneração progressiva do seu engenho, o genero-drama não podia assimilar-se á litteratura sem a acção da vida social, sem as peripecias da vida individual, tambem adormecida como as glorias do passado.

« Podemos afoutamente dizer que além de Gil Vicente, e das informes tentativas de Camões, nada produzimos no drama; o dialogo apenas se usava no *Idyllio*, e todos sabem que os *Idyllios* estavam longe de ser escriptos para os verdadeiros pastores.

« Antonio Xavier foi contemporaneo de José Agostinho de Macedo, e escreveu dramas e comedias. Foi quando a existencia do theatro começou a aviventar-se, e a imaginação publica a commover-se algum tanto. Antonio Xavier foi um incansavel imitador: traduzia, como podia, os melodramas francezes, e dava-os como seus. Todos encolhiam os hombros, porque na *terra dos cegos quem tem um olho é rei*. O proprio José Agostinho, seu inimigo infatigavel, raras vezes lhe acertava com os *plagiatos*: era difficil, porque elle era um contínuo *plagiato*. Era no tempo, em que a França usava como *moda* do drama *larmoyant*, da tragedia domestica, e em que Kotzebue fazia abrir chapéus na platéa para

resguardarem a chuva das lagrimas promovida pela representação do *Mysantropo*, a mais soffrivel das suas innumeraveis producções.

« Aonde Antonio Xavier se animou algum tanto da veia nacional, foi na *farça*. *O Manuel Mendes*, por exemplo, faz rir, e é a que faz rir com menos grosseria. Mas ahi imitou o entremez hespanhol, e reproduziu toda a monotonia do enredo sacramental. O *Pae Velho* quer casar a filha contra vontade, e a filha ajudada da indispensavel *lacaia*, entende-se com o amante, e o seu *lacaio*, e enganam o velho, que perdôa por fim, para edificação da moral, e do espectador. Raras vezes a farça descáe d'este infallivel thema. O instincto publico castiga felizmente estes negociantes litterarios, que sacrificam a ganhos ephemeros a energia da sua vocação. Hoje os dramas e farças gosam da immortalidade do *barbante*, de que reza o nosso Tolentino. Talvez se deva exceptuar d'esta merecida condemnação a *Castro* de Antonio Ferreira, que pertence a outra epocha, e que nos honra pela *prioridade* da creação: e a *Nova Castro*, que denuncia talento poetico, se não demonstra veia verdadeiramente dramatica.

« Digâmos a verdade, o drama creou-se no nosso seculo, e no nosso tempo; e o maior brasão do sr. Garrett, é haver sido o seu poderoso creador. O *Gil Vicente*, o *Alfageme*, o *Frei Luiz de Sousa* são as glorias, e os fundamentos do nosso theatro moderno.

II.

« A CRITICA, já o repetimos uma vez, não póde ser severa, sob pena de atacar pela raiz a poesia nascente, e fazer desanimar as vocações esperançosas. O seu papel é aconselhar o talento, e revelal-o ao publico, que n'um paiz, tão pouco dado ás letras, nem sempre é bom juiz dos esforços conscienciosos do poeta.

« Não nos illudâmos; o povo tem grandes instinctos; tem um coração para sentir, tem uma alma para admirar, mas está a sua intelligencia sufficientemente educada pela reflexão, para conceituar desde logo os segredos mysteriosos da sciencia, as vigilias laboriosas, aonde o talento desprende o vôo, e conquista a gloria?

« Duvidâmos muito que o sr. Garrett alcançasse a sua alta reputação, se porventura a admiração raciocinada dos homens competentes não instruisse o publico, não o corôasse á face do paiz, como uma das melhores illustrações, a maior talvez, da nossa terra!

« E não foram os seus contemporaneos, educados n'outra escola, previnidos por outras idéas, que deram maior realce ao seu nome: fomos nós, os que nascemos hontem, que prestámos verdadeira homenagem ao auctor da *D. Branca*, do *Camões*, e do *Frei Luiz de Sousa*!

« Homenagem desinteressada, porque lhe não pedimos emprestada uma préga do seu manto, para cobrir as nossas ousadias litterarias. A mocidade elevou-se sem tutella, e admirou sem ser *por portaria*. A posteridade começou para o sr. Garrett na turba de talentos nascentes, que hoje se ergue a saudar uma realeza, de que se não fez cortesão.

« Lançassem o *Frei Luiz de Sousa* por exemplo sem declaração previa, no meio da sociedade presente: pensaes porventura que a multidão illitterata saberia comprehendel-o? Preferiria cem vezes a *Sensibilidade no crime*, ou quando muito, *As Ruinas de Vaudemont*, ou a *Estalagem da Virgem*. Os ociosos de sala, os negociantes de grosso tracto, os *lobos cervaes* dos emprestimos e do orçamento teriam muito mais gosto em applaudir *Os Dous Seminaristas*, *Os Peregrinos na Aldéa*, ou as *Proezas de Richelieu*. Os homens de meia instrucção, os que folheam os romances de Sue e de Souliè, que leram os doze volumes de *Monte Christo*, e os vinte, julgo eu, das *Memorias de um Medico*, encolheriam os hombros, e diriam: venha o *Casal das Giestas*, *O Mercado de Londres*, ou o *Retrato Vivo*.

« Havia de acontecer isso: não o neguem, não o podem negar. E o *Frei Luiz de Sousa* é de certo a melhor obra do sr. Garrett, uma das melhores creações da musa moderna europêa: é um drama, que é um primor de estylo, e um modêlo de prosa, a melhor que se tem escripto desde *Frei Luiz de Sousa*.

« A nova geração tem direitos incontestaveis ao reconhecimento litterario do sr. Garrett. Porque é então que a sua voz se cala, e se retira como Achilles para o centro da sua tenda? Porque abandona a arena que estremece, e que redemoinha em poeira, aos briosos esforços da mocidade intelligente?

« A gloria, entenda bem o sr. Garrett, cria grandes deveres: deveres que se não podem desprezar sem mancha, nem abandonar sem censura. Abriu o ciclo do drama moderno com o *Auto de Gil-Vicente*; temos muito pezar affirmando que *A Sobrinha do Marquez*, apezar das suas bellezas incontestaveis, não conseguiu o mesmo para o comedia. Seria uma exigencia indiscreta acordal-o do seu somno, e convidal-o para esta nova lucta?

« O sr. Mendes Leal, apezar da rara espontoneidade do seu talento, sabe tão bem como nós, que na comedia, tem maravilhosamente enxertado o genero de Scribe, mas que

isso está longe de fazer nascer um theatro. O sr. Cascaes, estreando-se com tanta felicidade na *Noute de Santo Antonio*, mostrou admiraveis disposições, soube resuscitar, corregindo, o chiste e a nacionalidade do entremez; mas é o primeiro a conhecer, que a comedia necessita ser largamente meditada no estudo dos caracteres e das paixões comicas, para poder abrir a veroda aos poetas, que quizeram tentar o genero. O sr. Abranches esboçou no *Barão de Gallegos* um dos traços caracteristicos da actualidade, sem lhe ligar, suppômos nós, pretenções de escola poetica. E' uma flôr de espirito, que desabrochou quasi espontanea, das serias lucubrações do auctor do *Captivo de Féz*.

«Resta o *Camões do Rocio*, de certo a mais apreciada estrêa na comedia. A gloria do seu auctor já não póde assombrar nenhum vivo. Perdemos n'elle um talento conscienciozo, e que bem inspirado, poderia ainda percorrer uma carreira brilhante.

« Mas será o *Camões do Rocio* o verdadeiro modêlo da comedia, o *Sacrum flumen* aonde poderão ir baptisar-se os novos adeptos?

« Affirmâmos que não. O *Camões do Rocio* em relação ao poeta, é um ensaio; em relação ao genero, é uma tentativa. A epocha de D. João V está cabalmente representada n'aquella composição? Não accusam aquelles caracteres a ausencia de um desenho severo, não são esboços, que apenas transmittem pallidamente o reflexo d'aquelle fecundo reinado? O auctor, perdoe-se-nos a trivialidade da comparação, foi um guloso, um gastronomo, impaciente de devorar os guisados, que a sua vista appetecia: provou-os, mas não os saboreou de todo.

« A beata, o çapateiro de escada, o estudante, o juiz de fóra, o *precurador* da irmandade, o capitão-mór, tudo aquillo está bem ligado na acção, mas não está pintado com os traços firmes, que a arte exigia.

« Não nos queiram argumentar com o exemplo da França. A situação ali é muito diversa. *As Memorias* uteis, indispensaveis para a historia, não o são menos para o drama,

e para a comedia. Desde o Cardeal de Rêtz, até Mad. de Campan, todo o periodo verdadeiramente comico e dramatico da sua historia, está desenhado e descripto até á saciedade. Joinville, Froissard, Juvenal des Ursins, Comines, Pierre d'Estoile, que abrangem os reinados de S. Luiz até Henrique III, conseguiram nas chronicas a mesma vantagem das memorias.

«Um paiz assim conhece de cor os seus nomes historicos, e não necessita de prologos e esclarecimentos para avaliar os que resuscitam bem na scena. O Richelieu cardeal, é tão popular como o duque de Richelieu *roué*. O *Vencedor de Rockroi*, e *Fontenoy* anda tanto na imaginação publica, como o Chevallier de S. Evrémond amante platonico com setenta annos de Maria Mancini.

«Os nossos avós desde 1640 não fizeram cousa de geito, nem mesmo *Memorias*; rochearam-nos as bibliothecas de baccamartes de theologia, tão espantosamente pezados como o seu espirito. A poesia tem por conseguinte de arcar com immensas difficuldades; mas a crítica tem direito a exigir que as não desconheça.

«N'estas circumstancias, o *Camões do Rocio* não póde servir de base para o theatro comico. Primeiro que tudo é mister os caracteres elementares de cada epocha, estudados maduramente, e apresentados com reflexão. *D. João V*, por exemplo, é um caracter intacto, apesar do *Camões do Rocio*. Temos d'elle na comedia apenas tres traços de costumes, que não dão a chave da sua physionomia. Namorava de *escarrinho*, brigava com as rondas, e divertia-se a fazer a barba por mãos de maus barbeiros. Completará isto o D. João V da historia?

«A litteratura aqui, mais do que em nenhum paiz, deve caminhar a par em todos os generos. O romance, assim como a historia, devem ajudar o theatro. Ao sr. Herculano cabe quasi inteira essa prodigiosa tarefa. Mas, apesar de toda a abnegação de um tão grande engenho, a sua magnifica obra — *A Historia de Portugal* — não póde senão d'aqui a annos estar completa. Os seus trabalhos no romance abran-

gem até ao reinado de D. João I. A arte dramatica nem póde esperar, nem acanhar-se sómente dentro de um tão estreito circulo. O sr. Rebello da Silva, de certo da geração moderna o engenho mais esperançoso na historia e no romance, escolheu para o seu *Odio velho não cansa*, o reinado de D. Affonso II, e apenas na *Epocha* tem lançado traços rapidos n'outros assumptos historicos.

« A questão da comedia precisa mais do que nenhuma, do apoio do grande poeta, tão versado nas nossas cousas. Esta indecisão, em encetar o genero historico, provém sobre tudo de não se encontrar um chefe, que conduza a mocidade a essa cubiçada conquista. Desdenhará o sr. Garrett tomar o commando da acção?

« Ha alguns annos, Gustave Planche, n'um artigo sobre a *Reforma da Comedia*, lamentava a ausencia de talentos capazes de a renovarem na scena. E o principal motivo da sua accusação, provinha apenas da difficuldade do genero. O poeta comico, dizia elle, não póde aspirar á immortalidade como o artista dedicado á pintura exclusiva das paixões sérias. E porque? Porque os ridiculos mudam, renovam-se, e apagam-se rapidamente, a ponto de apparecerem no fim de algumas gerações, inintelligiveis ao maior numero, em quanto as lacerações da alma humana, a vinte seculos de distancia, se entendem como no primeiro dia.

« Terá Gustave Planche absolutamente razão? Votâmos pela negativa. A comedia póde conceber-se debaixo de tres aspectos geraes; a de caracteres, a de costumes, a meramente de enredo.

« A primeira ha de viver sempre, em quanto existir a humanidade. O Harpagon, o Tartufo, o proprio Peão Fidalgo de Molière, apresentar-se-hão aos olhos da mais afastada posteridade, com o viço de impressões proximas.

« Já não será assim a de costumes. Para a entender, será necessario mais do que o conhecimento geral das paixões, o estudo cuidadoso das epochas historicas. E será impossivel que um publico remoto, com os meios de publicidade de que a nossa civilisação dispõe, esteja versado na analyse intima

das gerações mortas? A historia, como a concebemos hoje, não se dedica maravilhosamente a archivar todos os mysteriosos segredos da vida domestica, da vida interior dos povos? A par da philosophia dos acontecimentos, dos factos exteriores, officiaes por assim dizer, da existencia das nações, não correm tambem as memorias, que desdobram a meada das pequenas causas, e o romance, que pinta o viver habitual das camadas inferiores?

« Que as chalaças de *Aristophanes*, que faziam rir o povo mais espirituoso do mundo, não nos produzam impressão, prova isso porventura contra o alcance da comedia? Embora Chateaubriand diga, que os povos tem mais de uma maneira de rir, e só tem uma de chorar — tudo isso o que nos póde fazer acreditar, é que o poeta comico será mais difficil de encontrar e de produzir-se.

« O que sabemos nós da Grecia, além dos costumes publicos, dos acontecimentos geraes? E' por isso que não entendemos *Aristophanes*, que o seu theatro apenas contenta a curiosidade de algum paciente erudito.

« *Falstaff*, uma das figuras mais comicas, mais indigenas, mais nacionaes de Shakespeare, faz-nos rir, a nós, que apenas soletrâmos o inglez em prosa. O *Padre Eroilão*, uma das creações mais robustas, mais originaes, mais portuguezas do sr. Garrett, n'um dos dramas menos regulares do seu theatro — O *Alfageme* — ha de despertar, mesmo traduzido, as mais agradaveis emoções. E porque? Porque ambos os caracteres possuem o elemento comico universal, que só póde perecer com o homem, e com o mundo.

« A comedia de enredo é sempre uma comedia de occasião. O seu fim não attinge a um successo remoto. Vive nas gargalhadas duas ou tres noutes, e depois esquece, como esquece a digestão do primoroso *vol-au-vent*, ou da delicada *charlotte*. N'outro tempo adormecia no classico barbante da Arcádia; hoje vae para os empoeirados archivos do theatro. Destino identico.

« Temos como provado que a comedia só póde nascer da cabeça de homens já experimentados nas vicissitudes da vi-

da, com o coração desfolhado de illusões, com o sorriso desdenhoso da philosophia desenhado nos labios. Todavia, não pedimos ao poeta comico uma certidão de idade, exactamente rubricada pelo prior da freguezia, e reconhecida pelo tabellião.

« N'um anno de paixões fundas aprende-se muito mais do que em seis de vida ordinaria. Não sei se foi Lamartine que disse que os cedros do Líbano, apesar da sua idade fabulosa, têem vivido menos do que o viajante nos rapidos momentos que se assenta á sua sombra.

« A comedia historica necessita de estudos especiaes, de sérias indagações no passado. A comedia de caracter, dizemol-o com convicção, não nos parece ser propria das paixões revoltas, em que lida a humanidade. Gustave Planche fortalece a nossa opinião no seguinte trecho: Procuraremos nós na casta e graciosa nudez das creações atticas o remoçamento da nossa scena? Aconselharemos ás imaginações ardentes da geração que se engrandece, de retemperar na leitura de Herodoto, ou de Homero, e de tomar entre as familias heroicas o thema das suas creações?

« Não daremos tambem á mocidade esse conselho. Estudarem os caracteres normaes da natureza humana no theatro classico, para depois os submetterem á acção do tempo, e dos costumes locaes do paiz, e da data historica que escolherem — isso sim. O amor paternal é sempre o mesmo, e todavia *Le Père Goriot* de Balzac é uma sublime, grandiosa e original creação.

« O *Bourgeois*, todo occupado nas especulações materiaes do commercio, palpitante de poesia e de devoção inconcebivel, pelos impulsos do seu amor — é um caracter que ha de viver em quanto viver o culto da arte. Saint-Marc Girardin na sua aspera censura, escutou de mais as suas prevenções classicas; e foi evidentemente injusto.

« Na actualidade, não nos decidiremos pela comedia politica. Nos paizes pequenos, as observações moraes degenerariam, sem se querer, na satyra. Os typos, que se poderiam escolher, apontavam-se ao dedo. Conhecemo-nos de mais uns aos outros. O theatro tornar-se-ia inevitavelmente um

activo pamphleto. Reproduzir-se-ía, entre nós, o movimento litterario começado em 1715, pela morte de Luiz XIV, e que só acabou em 1784. Periodo notavel, em que a musa audaciosa de Voltaire, e a veia espirituosa de Beaumarchais protestavam, em nome da liberdade humana, contra a censura, a Bastilha, e os autos de fé da Sorbonna.

« Hoje, são outras as necessidades. A imprensa politica existe com sufficientes liberdades. O desgosto publico castigaria o poeta, que tentasse resuscitar uma missão esteril. Deixâmos á posteridade esta herança opulenta de ridiculo. Ella saberá pintar os nossas *calças de couro*, importunos depositarios d'um poder, que não sabem nem honrar, nem engrandecer.

« Ha um conceito de Gustave Planche que deve merecer o exame dos nossos homens de letras. É n'um trabalho sobre a reforma dramatica: « Vêr n'um acontecimento já cumprido, não sómente o que elle realmente contém, mas o germen abortado d'um futuro já impossivel, a lucta encarniçada de pretenções reduzidas a uma ociosidade desesperada, tal seria, segundo nos parece, a tarefa dó poeta comico. »

« Esta idéa dá-nos a estrada d'um novo mundo. Estudar como d'um leve acaso, d'um capricho de mulher, d'uma colera irreflectida, d'um namoro insignificante provém ás vezes os mais altos acontecimentos, e se reduzem ao nada os mais grandiosos projectos; vêr expirar na agonia de desejos malogrados o talento ignorado de um homem rijamente temperado na ambição da gloria; contemplar a subida de um insignificante, pela empalmação fortuita de alguns elementos indispensaveis; provar finalmente que o successo nem sempre tem razão: eis o que nos parece comprehender o pensamento do crítico francez.

« Poder-se-ha com este dado completar um theatro, aviventar por muitos annos uma scena que esmorece nos *vaudevilles* francezes? Nem o proprio Gustave Planche pretendeu tanto. Seguido servilmente conduzia-nos á negação de toda a philosophia; e materialisaria as aspirações da humanidade.

« A arte collocar-se-ía em divorcio com a historia, e d'esta desconcordancia nasceria tarde ou cedo uma anarchja intellectual. Entretanto, é necessario confessar que a observação do crítico, applicada sobre tudo ao nosso paiz, tornar-se-ía ás vezes de um comico inesgotavel, e reduziria ao nada cértos nomes, de reputação panica, que encommodam ao pronunciar-se. Não nos referimos só ao presente, volvemos os olhos para o passado. Os frades prostravàm-se ante os reis que lhes concediam privilegios e immunidades, e desadoravam os que lhes cerceavam a ambição: e os frades fizeram a nossa historia, e pregaram á imaginação do povo um grande numero de tradições.

« Esta circumstancia, não duvidâmos affirmal-o, dá-nos uma superioridade incontestavel na arte dramatica, caso que os poetas queiram engrandecer a inspiração com o estudo. »

III.

« E' LARGA a veia abérta á comedia por este processo, tão ousado, como engenhoso. E não poderá elle accommodar-se á arte, sem ferir a philosophia dos factos, e mentir á verdade historica?

« Se quizermos comparar a marcha da nossa civilisação, desde a fundação da monarchia, com a do paiz que resume, por assim dizer, a historia de toda a civilisação — a França — nós teremos de notar, desde logo, que as primeiras raças dos nossos reis tiveram um pensamento, cederam de instincto ou de sciencia certa, ás necessidades da sua posição politica. O conde D. Henrique aspirou a separar-se da tutella hespanhola: D. Affonso Henriques fez da pretenção de seu pae o pensamento de toda a vida. Empenhada a lucta com o poder mourisco, devemos admirar a profunda sagacidade dos nossos reis. Não trataram só de conquistar, engrandecendo-se, á custa de sacrificios, que lhe esgotassem as forças: a D. Affonso III, o conquistador do Algarve, succede D. Diniz, o povoador: depois de D. Affonso IV, o heróe do Salado, apparece D. Pedro o Cru, o protector da classe-media, e dos peões, o ousado dominador das soberbas aristocraticas, e dos orgulhos monasticos.

« A monarchia, enfraquecida depois nos reinados de D. Fernando, de D. Duarte, e nas loucas emprezas de D. Affonso V, dominado pelos grandes vassallos, encontrou o seu Luiz XI, o grande D. João II. Mata o duque de Vizeu, pelas suas mãos, garrota o duque de Bragança, o poderoso senhor, que podia levantar nas suas terras dez mil infantes e dous mil cavallos. Homem de proporções collossaes, não se agacha

como a raposa de França, detraz de pretextos hypocritas. Julga, e executa. Pensa, e emprehende. Não tem ás suas ordens nem Tristões nem Oliveiros Diabos. É o rei que se vinga, e o proclama; que odeia, e que o confessa.

« O sr. Ignacio Pizarro ensaiou-se no drama, tomando como campo esta epocha. Como obras dramaticas *Lopo de Figueiredo*, e *Diogo Tinoco*, tem bastante merecimento. Como demonstração de estudos historicos, ainda sobresáem melhor: como estylo e linguagem podem servir de exemplo: avaliadas pela philosophia da historia, merecem uma grave censura.

« Cederia o sr. Pizarro ao espirito de classe? Não o julgâmos tão mal: um poeta é antes de tudo poeta: descenda de reis e imperadores, o seu maior brasão é a intelligencia: as vaidades do nascimento desapparecem perante a consciencia da grande missão de escriptor. No seculo 19.° os pergaminhos tomados como fim da existencia, provocam mais do que uma censura, expõem-se ao ridiculo. Por isso crêmos que o sr. Ignacio Pizarro, tratando a questão historica como tratou, cedeu apenas ás convicções da sua alma. Sentimos dizel-o, inspiraram-no mal.

« Não foram intrigas pequenas, nem calumnias gratuitas, nem mexericos caseiros, que decidiram D. João II áquelle grande golpe; foi o cuidado da sua propria conservação. A aristocracia queria o poder, queria fazer da realeza sua pupilla; tentou a lucta, mas encontrou D. João II, e não D. Affonso V. O duque de Bragança conspirou. D. João II havia de escolher entre ser clemente, ou algoz da sua propria familia; por outras palavras, entre o suicidio da sua omnipotencia, e a realidade d'ella. Homens moldados como D. João II não hesitam n'esse caso: tentam, o que a linguagem politica actual chama golpes de estado. Matam para não serem mortos.

« Podeis accusar a sua crueldade como rei, não deveis ultrajar o seu nome como politico. N'essas crises, a sociedade que nunca morre, cura-se do abalo: e as leis completam a obra ás vezes da injustiça e da violencia. A politica,

diz Villemain, é mais severa do que as religiões; ha para ella crimes que não se expiam, e conversões que não são possiveis.

« No seculo 15.º não se podia exigir dos homens publicos a realisação dos principios, que hoje seguem as sociedades modernas. O duque de Bragança era ambicioso, jogou a partida : — perdeu e pagou. Se vencesse, julgaes que não se desembaraçaria de D. João II? N'aquellas epochas a força considerava-se um direito: e ninguem póde culpar o rei de ter sabido ser mais forte.

« E poderia porventura a monarchia sem aquella concentração de influencia e de poder tentar as emprezas gloriosas que deram á Europa um novo mundo, e a Portugal um nome immortal?

« D. Manuel recolheu todos os fructos da situação creada por D. João II. Foi rei absoluto, na mais ampla significação da palavra : poude preparar esquadras, e dispor de soldados sem temer pela sua propria auctoridade. E não queiram fazer valer o seu nome á custa do de D. João II. A descoberta da India e do Brazil haviam sido preparadas pelo seu antecessor. Já antes se tinha dobrado o Cabo das Tormentas.

« Se a aristocracia triumpha, poderiam porventura levar-se a cabo tão arriscadas emprezas? Se a mão robusta de D. João II não nivelasse exageradas pretenções descobriria Vasco da Gama a India, cantaria Camões *Os Lusiadas*?

« Suppômos que não. As dissenções intestinas enfraqueceriam o reino. As pequenas vaidades são o achaque de todas as aristocracias de senhora visinha. Consumiriam as forças em contendas sem resultado. Se o duque de Bragança sobe ao throno, ou havia de continuar o pensamento de D. João II, ou perderia miseravelmente o reino. Se os patricios em Roma, se os senadores em Veneza, se os aristocratas em Inglaterra foram grandes, devem-no sobre tudo á excellencia da sua fórma politica. Portugal não podia ensaial-a então, as idéas rastejavam em todas as tradições da monarchia.

« Em D. Sebastião finalisam as nossas glorias, e acaba

tambem, quanto a nós, o drama historico, pomposo, philosophico, de caracteres tão laboriosamente desentranhados das chronicas, como a estatua de entre as pedreiras de marmore.

« Clamaes contra a esterilidade da nossa historia. Porventura *Auzenda*, que é um romance dialogado, pinta-nos como cumpre a monarchia de D. Affonso Henriques? *Os dous Campeões*, *D. Maria Telles*, *o Magriço*, a tragedia de *D. Ignez de Castro* de J. B. Gomes, revelam-nos a poesia aventurosa, as dramaticas luctas de D. Pedro, D. Fernando e D. João I como as soube pintar o mais poeta de todos os nossos chronistas, o mais sagaz, o mais desprevenido, Fernão Lopes?

« Acaso a organisação das communas, as pretenções do clero, as intrigas da nobreza, as exigencias de Roma, as frequentes excommunhões com que desafiava os nossos reis, as epidemias, as fomes, não offerecem campo á imaginação dos poetas, para produzir na scena effeitos decisivos?

« Já avaliastes bem esse D. Sancho II, que depois de conquistar Elvas, Serpa, Jeromenha, Arronches, Mertola, Cacella, Ayamonte e Tavira, adormece nos braços de D. Mecia Lopes? Soubestes já se a bulla fulminante de Innocencio IV, em que se falla sobretudo, « da occupação violenta dos bens da Igreja », respondia deveras ao estado do reino, ou aos orgulhos feridos dos grandes, e do alto clero? Teria *A Rainha e a Aventureira*, drama do sr. Lacerda, exposto o estado da questão, e a imaginação do poeta não seria desviada para episodios, talvez de effeito, mas de evidente inopportunidade historica?

« Porventura *Os dous Renegados* esgotaria os dramas ignorados d'essa sombria inquisição, provocada pela tolerancia ambiciosa de D. Manuel quando expulsou os judeus, e acceita depois pela consciencia timida de D. João III?

« E queixam-se da historia! Para o poeta que a souber estudar, ella é rica de incidentes, e opulenta de caracteres. D. Sancho I, D. Affonso II, D. Affonso III, D. Diniz, D. Affonso IV, essas physionomias tão diversas, mas tão

significativas, podem contentar a mais ardente ambição litteraria.

« Não fallâmos das tumultuosas éras, que passam desde Fernando até D. João I. *As Arrhas por fôro de Hespanha* e outros trabalhos do sr. Herculano, quasi que dispensam outro qualquer estudo nas origens.

« O drama historico parece-nos não poder conquistar a attenção, senão quando nos interessa em acontecimentos realmente dignos de memoria, e de influencia na marcha da civilisação, e nos progressos da sociedade.

« A comedia por conseguinte tem ao seu dispor cento e oitenta annos, desde 1640 até 1820. A comedia d'ahi para diante já nos não pertence, cabe, *par droit de conquête*, á imprensa politica.

« A propria conspiração que põe D. João IV no throno, não dá um drama avaliado como deve ser. Um ambicioso puchado pela orelha por sua mulher, e empurrado para se sentar n'um throno, julgaes que se possa tomar a serio? O acto da revolução é propriamente um *guet-à-pens*. A ousadia aventurosa dos quarenta é admiravel, mas esmorece á vista da covardia dos seus contrarios: o salto mesmo do pobre Miguel de Vasconcellos, encurralado dentro d'um armario de papeis, provoca um riso sincero. Os orgulhos da duqueza de Mantua, e o gracioso convite d'um dos conspiradores, tambem não valem a pena d'um discurso sobre a inconstancia das cousas humanas.

« A manha de D. Pedro II, a indolencia devassa de Affonso VI, a astuciosa prostituição da filha do duque de Nemours, os mysterios da catastrophe, e anti-catastrophe, não são menos fecundos para a comedia. O longo reinado de D. João V, as ridiculas beatices ligadas com os escandalos, as palestras com os frades, e as orgias com as freiras, tudo cabe no dominio d'essa fórma, que póde castigar severamente a impotencia faustuosa do principe magnifico.

« O marquez de Pombal eleva a sua epocha até ás proporções do heroismo. A nobreza devassa e effeminada, torna-se digna do seu adversario. Os Tavoras morrem com di-

gnidade. O proprio Malagrida eleva á sublimidade o fanatismo das ambições monasticas. Até D. José I, apesar da curteza da sua intelligencia, se vasa pomposamente em bronze no Terreiro do Paço. O bronze mareou com a chuva: foi como a sua propria reputação aos olhos da posteridade.

« Concebida assim a arte dramatica; prescrutado o movimento íntimo da sociedade, no meio do adormecimento das classes superiores: avaliados os segredos das nossas victorias na guerra com os hespanhoes, que nos conquistaram a independencia, sem nos alevantarem do lethargo politico: interrogadas as tradições, para nos darem a chave de tantos caracteres, avidos de gloria, e sem ambição para dominarem no gabinete; revolvido com curiosa penetração todo esse deposito, que adormece nos archivos, estâmos certos que o theatro elevar-se-ía a uma grande missão, e serviria directamente a civilisação, pelos seus severos conselhos, e austero ensino. »

Novas Reflexões.

I.

A origem do theatro na Peninsula, como em muitos outros paizes da Europa, foi inteiramente clerical. Esta circumstancia explica, como a litteratura dramatica poude nascer e desenvolver-se, no meio da atroz perseguição exercida contra as liberdades do espirito.

A Igreja luctou entretanto contra as tendencias de secularisação, com que o drama procurava emancipar-se. Em 1520 a inquisição prohibiu a representação das comedias de Torres Naharro, e o *Amadis de Gaula* de Gil Vicente foi tambem uma das primeiras victimas da intolerancia religiosa.

Não valem já para a nossa epocha os clamores violentos contra essas sanguinolentas scenas, que preverteram na Peninsula o caracter do christianismo e affogaram os generosos esforços da imaginação, e da sciencia.

Mas como seriam diversos os destinos da Peninsula, se o despotismo politico, abraçado com o fanatismo religioso, não houvessem esmagado os germens de renascença intellectual!

Ha quem no seculo dezenove em presença das discordias e conflictos herdados porventura do passado, se lembrasse de engrandecer aquella monarchia do seculo dezeseis, e viesse prostrar-se com admiração diante do tumulo do feroz tyranno que dorme entre os muros do Escurial!

Se nós temos a agradecer alguma cousa á Providencia, é de não nos havermos empenhado tão ardentemente n'essas

lugubres empressos, com que o absolutismo, e a ambição desvairaram o heroismo do povo hespanhol.

Ao tempo que Carlos V se entregava ao pensamento da monarchia universal, e via o seu sonho desvanecido em presença da reforma, aspiração do espirito erguendo-se contra a omnipotencia da força, descobriamos nós a India, e pelejavámos na Africa. O catholicismo feroz, que na Hespanha instituiu a inquisição, e sacrificou todos os movimentos da philosophia, e da sciencia, teve menos influencia sobre nós. Isso adivinha-se mesmo na maior liberdade dos nossos escriptores. Gil Vicente não era avaro de chistes e vaias contra os frades, e demonstrava uma certa independencia philosophica em muitos dos seus autos e farças. Lope de Vega, depois de receber a tonsura em 1603, e entrar em 1625 na veneravel congregação de sacerdotes naturaes de Madrid a que pertencia tambem Cervantes, cita sempre com desvanecimento os seus titulos e honras ecclesiasticas, sobretudo o de *familiar do santo officio.*

A litteratura cedeu naturalmente a estas tendencias. O fanatismo intolerante, que produziu a inquisição, fôra uma consequencia do enthusiasmo militar, que armára por tantos seculos os povos de Hespanha contra os inimigos da sua fé. Novellas e romances populares, poesias e dramas tudo revela esse espirito, que se incarnára no povo.

Qual seria o meio de aproximar a Hespanha de sentimentos mais generosos e de idéas mais largas e civilisadoras? Era empenhar-se na lucta intellectual, que o protestantismo desenvolvia, e que erguendo-se tremendo pela audacia de um monge, levantava os povos da Allemanha, penetrava em França, convertia a Inglaterra, e ameaçava o poder dos papas na propria séde do seu dominio.

Carlos V, Filippe II, resumindo ambos o mesmo pensamento, oppozeram a inquisição a todos os esforços da intelligencia. A Hespanha foi eminentemente reaccionaria, em nome do catholicismo, que fizera causa commum com o despotismo emprehendedor, que ameaçava subverter a Europa.

Em 1521 os breves do papa annunciavam a introduc-

ção de livros protestantes em Hespanha: a inquisição immediatamente os recolheu. Foi entre os annos de 1521 e 1535 que se apoderou da censura dos livros, e o primeiro indice expurgatario tem a data de 1546.

O protestantismo teve um debil echo na Peninsula. A realeza, de mãos dadas com o clero, instaurou essa monarchia theocratica, que consubstancia a reacção no seculo XVI. O povo hespanhol fugiu espavorido diante da liberdade inquieta e audaciosa, que propunha o dogma do livre exame em face dos prestigios da auctoridade. A sua religião estava por assim dizer vinculada ás suas tradições, e aos prodigios do seu esforço. A cruz era a um tempo o symbolo da crença, e o estandarte da victoria. Em 1570 todos os vestigios do protestantismo estavam aniquilados na Peninsula.

O theatro foi por isso essencialmente subordinado não só aos preceitos, mas aos preconceitos religiosos. As novellas e os romances populares demonstram efficazmente o espirito de intolerancia, e o odio contra todas as seitas anti-catholicas. Tudo quanto se queria emancipar d'estas regras inflexiveis, era sacrificado impiedosamente. Seria longa a lista dos escriptos, e dos auctores, que foram victimas do implacavel tribunal. Sobre todos elles, surge a sombra illustre de Antonio Peres, espirito elevado, e coração generoso, n'uma epocha de intolerancia e de crimes.

Os auctores dramaticos, de um modo ou d'outro, estavam debaixo não só da jurisdicção ecclesiastica, e mais de um se alistou na milicia clerical. *Os autos sacramentaes* manifestam a predilecção de quasi todos os escriptores pelos assumptos mysticos, e a influencia universal que exercia o catholicismo nos mais superiores espiritos.

A mythologia era um campo neutro, visto que era uma religião morta. D'ahi nasceu a imitação classica, importada em Hespanha por Garcilaso, e Boscan, e que transformou de certo a vitalidade intellectual da litteratura indigena. Jeronymo Bermudez, natural da Galliza, que floresceu entre os annos de 1530 e 1590, escreveu dous dramas — que intitulou *Primeiras tragedias hespanholas*, fundados no

conhecido episodio de Ignez de Castro. O primeiro é apenas uma traducção da *Castro* do nosso Antonio Ferreira.

Que teria sido o theatro em Hespanha no seculo desesete, se tantas causas o não tornassem, ou interprete das opiniões religiosas, ou pallido reflexo dos costumes, meio barbaros, e meio cavalleirosos? De certo que em vez de admirarmos só em Lope de Vega e Calderon, a fecundidade do engenho, e a prodigiosa grandeza da imaginação, tel-os-iamos acceito como os poderosos iniciadores das revoluções successivas do espirito humano.

Caso raro! o livro que melhor pinta a situação social da Hespanha — o *D. Quixote* — não foi escripto como muitos pensam como uma amarga crítica ao seculo em que Cervantes vivia: o immortal poeta lamentava talvez, no fundo do coração, a perda de tantas illusões generosas, e poz na bôca do seu heroe muitos dos desenganos, que lhe amarguraram, a elle, a existencia pobre e desvalida. Aquella alma engrandecida pelas scenas da guerra, e da servidão, olhava com saudade esses tempos heroicos, em que a espada do cavalleiro era a salvaguarda da innocencia, e a vingadora dos aggravos.

Mas esta satyra contra os livros de cavallaria não era acaso a explosão do espirito moderno, que procurava desprender-se de erradas superstições? Cervantes, acatador submisso das praticas religiosas, sabia acaso que enfraquecendo o culto d'aquellas tradições, tão intimamente ligadas com o esplendor da Igreja, ia enfraquecer no espirito publico o dogma da auctoridade e da omnipotencia catholica?

E foi assim. A lealdade cavalleirosa, e o zelo religioso do povo hespanhol, acceitaram o despotismo da realeza e da Igreja, como uma consequencia natural dos seus proprios sentimentos.

Contribuiam os livros de cavallarias a alimentar este espirito? É evidente que sim. A imaginação ardente dos hespanhoes comprazia-se n'aquellas pomposas descripções de combates, em que se revelava a animadversão contra os sectarios do Islamismo; e se fomentava a intolerancia. O *D.*

Quixote, visivelmente escripto por um homem empregnado de idéas religiosos, devoto, na rigorosa accepção da palavra, conseguiu abolir de toda a litteratura cavalleirosa. Desde 1605, data em que se publicou a 1.ª parte do D. Quixote, nunca mais saiu a lume um romance de cavallaria. O poder do genio auxiliava, de instincto, mais do que de vontade, a missão pacifica da civilisação moderna.

Muitos criticos têem querido conceder a Cervantes intenções metaphysicas que elle nunca possuiu, julgando que com D. Quixote e Sancho Pança, os dous personagens queridos da sua imaginação, quizera representar as aspirações do ideal, e as necessidades da carne, a lucta entre o principio espiritual, e o elemento material da humanidade.

Conhecida a vida do homem, toda a verosimilhança da hypothese desapparece. Cervantes era eminentemente um homem do seu seculo, e é exactamente por isso que sem attingir a altura e vulto dos grandes poetas, do Dante, de Milton, de Shaekespeare, que symbolisaram com mais energia as paixões nobres e elevadas da alma humana, reproduziu os traços caracteristicos da epocha em que viveu. O espirito humano permanecia desvairado em Hespanha pelas exagerações do fanatismo, e da devoção: o homem sentia-se tambem dominado pelo grosseiro materialismo dos seus appetites. O equilibrio moral que a civilisação cria e fundamenta, não existia de nenhum modo. O mesmo individuo que de manhã, se inclinava perante as imagens dos santos, iria de tarde, sem escrupulo, roubar na estrada o viandante, para satisfazer as suas paixões carnaes. O *D. Quixote* é um magnifico quadro, em que se retrata a Hespanha do seculo XV e XVI: e se o auctor não fosse dominado, como os seus contemporaneos, pelos mesmos preconceitos, o livro não teria adquirido a sua rapida popularidade, tomando um logar eminente entre as obras primas da imaginação.

A originalidade do theatro hespanhol reside sobretudo n'esta situação moral. Historicamente, filia-se ás grandes tradições da lucta entre a cruz e o crescente: socialmente exprime o antagonismo violento, entre uma devoção som-

bria e intolerante, e o rancor de paixões desordenadas e soltas. A corrupção de costumes como se desculpava nas asperezas da penitencia, e na largueza e generosidade das fundações pias. As consciencias atterradas *testavam á alma* — e o clero ambicioso, e nada desprendido dos bens temporaes, favorecia estes sentimentos.

Para fundamentar as nossas asserções temos felizmente hoje uma auctoridade austera e imparcial — o sr. Alexandre Herculano na *Historia da Inquisição*. Vêr-se-ha ali o cynismo e a mais impudente devassidão decidindo os actos mais violentos e atrozes. As palavras do illustre historiador dispensam-nos de minuciosos commentarios: « Se no principio do seculo XVI quando ainda, segundo geralmente se crê, as opiniões religiosas eram sinceras e ferventes, e o absolutismo estava, na apparencia, em todo o seu vigor de mocidade, acharmos por documentos irrefragaveis, que os individuos collocados na eminencia da gerarchia ecclesiastica não eram, em grande parte, senão hypocritas, que faziam da religião instrumento para satisfazer paixões ignobeis: que o fanatismo era mais raro do que se cuida: que debaixo da monarchia pura, a sociedade, moral, e economicamente gangrenada, caminhava para a dissolução, e que nos actos do poder faltavam a cada passo a lealdade, o são juizo, a justiça, e a probidade, o que deveremos crêr dos innumeros apostolos da reacção theocratica e ultramonarchica, que surgem de repente n'esta nossa epocha, depois de cento e cincoenta annos de discussão religiosa e positiva, em que os antigos sentimentos foram habilmente combatidos, os principios recebidos postos em duvida, e até mais de uma verdade offuscada por sophismas subtis? Que deveremos suppor d'estes enthusiasmos exagerados pelas idéas disciplinares de Gregorio VII, e pelo systema politico de Luiz XI ou de Filippe II, n'uma epocha em que, por confissão unanime dos proprios apostolos do passado, predomina no geral dos espiritos cultivados o demonio do scepticismo? . . . . . .

. . . . . .

. . . . . .

A vitalidade intellectual que se observa no seculo XVI e XVII, as tentativas dramaticas que desde Lope de Rueda até Calderon de la Barca elevaram o theatro hespanhol, eram um brilhante reflexo do heroismo antigo, mas haviam de forçosamente expirar affogadas na compressão do absolutismo, que adormecia todo o movimento social. O fanatismo extreme, no meio dos seus horrores, podia inspirar grandes cousas: mas esse mesmo era hypocrita, não no povo, mas nos altos dignatarios do clero.

Portugal nem mesmo poude quinhoar com a Hespanha os seus esplendores litterarios. Os sessenta annos do dominio hespanhol, abafaram quasi todo o esforço da nossa imaginação: e quando, em 1640, reconquistámos a nossa nacionalidade, reinava o seiscentismo, que importado de Italia do cavalleiro Marini, tivera em D. Luiz de Gongora um talentoso interprete, e na lingua hespanhola, um instrumento facil, melodioso, e apto para aquelles tortuosos *concetti*.

A decadencia do theatro foi instantanea e rapida. As idéas que o aviventaram, esmoreciam de dia para dia, e a devoção era mais exigente, á proporção que se sentia menos forte e influente no espirito publico. As pompas do culto catholico, engrandecidas e multiplicadas de proposito, chamavam a si a attenção popular. Em Portugal, nos principios do seculo XVIII, o theatro quasi que expira no supplicio do judeu Antonio José, queimado pela inquisição. A Igreja triumpha mesmo nos dominios das letras. Os bacamartes theologicos, e as dissertações seraphicas inundavam as livrarias, e faziam gemer os prelos.

Demonstrava o clero, pela severidade dos seus costumes, pela abstinencia dos prazeres mundanos — pelo voto de pobreza contido implicitamente nas prescripções evangelicas, que merecia este longo sacrificio feito á omnipotencia do seu poder, e ás pretenções exclusivas da sua influencia?

Nada d'isto acontecia. O clero accumulava com a aristocracia a propriedade e a riqueza. No tempo de Filippe II o arcebispo de Toledo possuia duzentos mil ducados de renda: e a abbadessa de las Huelgas de Burgos era senhora de

vinte e quatro cidades, e cincoenta villas, e era collada em doze commendas.

Se o clero fosse pobre, seguiria porventura os preceitos evangelicos. Era rico, e defendia-se pela intolerancia, e reinava pela corrupção. Era o culto do interesse, mundano, e sensual, que exagerava o seu fanatismo religioso. Debaixo d'aquellas perseguições cruentas, occultava-se muitas vezes uma cubiça sordida.

Aquella monarchia caiu desfeita, pelos vicios do seu proprio principio. Guerreira, sem as qualidades cavalleirosas que tornam em certas epochas, o soldado, um dos apostolos da civilisação: mercantil, sem industria, e sem probidade nas transacções; dominada pelo clero, e enfraquecida pela miseria do povo, sem moralidade nas suas concepções politicas, desmoronou-se pouco e pouco, apagando-se como a lampada, até vêr o seu grandioso vulto perdido nas trévas de um funebre abatimento.

A vida retirando-se das regiões de poder, tambem se enfraqueceu parallelamente nos dominios da poesia. Tudo enlanguecia na monotona declinação de uma mesma idéa. O elemento catholico, funcção energica da existencia popular, apodreceu sem lucta e sem contraste. A Hespanha tivera um dia o pensamento de esmagar a Inglaterra e o protestantismo com a sua *invencible armada*. Uma rajada de vento dispersava aquella poderosa esquadra, que assoberbava o oceano. O drama, essa formula da arte moderna tomou a sua mais elevada aspiração pelo genio d'um homem. Das ridentes planicies de Hespanha apartou aos rochedos agrestes de Inglaterra. Isabel, de espada em punho, symbolo um momento do espirito progressivo da sociedade viu a reacção theocratica desapparecer por um milagre da providencia, nas azas de uma furiosa tempestade. A Hespanha nunca reparou aquelle golpe. A Inglaterra poude completar os seus destinos. Shaekespeare não teria sido o que foi, se a *invencible* houvesse esmagado o protestantismo, sujeitando a Inglaterra ao dominio de Filippe II.

Como o destino das nações depende da influencia das

idéas! A Hespanha, abraçada tenazmente ao passado, desce pouco e pouco no horisonte politico, até se nivelar com as potencias de segunda ordem, ella, arbitra um momento da sorte da Europa. A Inglaterra, rejuvenescida pela sua revolução religiosa, eleva-se gradualmente no seio das suas proprias discordias, e engrandecida pela dictadura de Cromwell, funda a sua prosperidade commercial pelo *acto da navegação*, tocando em menos de dous seculos o vertice da civilisação, dá liberdade, e da omnipotencia politica!

II.

O THEATRO resume em si todos os progressos da civilisação intellectual. A architectura, a pintura, a estatuaria manifestam todos os seus segredos, para o embellezar e engrandecer. Verdadeiro templo da sociedade moderna, elle abre as portas ás turbas, para que collectivamente admirem os prodigios do pensamento humano.

O drama não pódia nascer como formula completa, senão depois da grande revolução, que proclamou a igualdade dos homens perante a razão, como o christianismo havia estabelecido a igualdade dos homens perante Deus.

O drama, representando o homem intimo dominado pela paixão, pelas idéas, revelado no foro intimo da consciencia, affirmava implicitamente todas as aspirações da liberdade. Sem que fosse livre a expressão das opiniões, sem que o homem, sacerdote de si mesmo, pudesse manifestar o seu culto, sem a intervenção de nenhum poder intermedio, o drama havia de vegetar nos limbos de uma producção informe. A Igreja vigiava sollicita sobre todas as expansões da alma humana. Para o catholicismo severo e cioso da meia-idade, seria um escandalo o espectaculo das luctas interiores do homem, reproduzidas nas formas da arte. Bossuet elevando-se energicamente contra o genio de Molière, e fustigando os prazeres do theatro com a sua palavra auste-

ra, e implacavel, não denuncia mais do que o ciume logico da Igreja, contra as tentativas de emancipação individual.

Shakespeare é por isso o poeta providencial, que cria o drama moderno e como inaugura a arte, depois do choque tremendo que abalára a Europa, e cujo frémito ainda se repercutia em Inglaterra. Nascido no centro da agonia da velha sociedade catholica, filho nato do protestantismo triumphante, elle torna-se o echo d'essas renhidas luctas, que por momentos faziam estremecer o solo da sua patria.

Não se dirá que o immortal poeta, se torna não só o cantor das paixões humanas, mas que chama á vida da scena as classes desherdadas? Reis, soldados, tribunos, pastores, frades, coveiros, tudo tem uma voz na sua gigantesca creação: e desde a ambição de Macbeth até ao ciume de Otello, desde o amor delirante de Romêo até á loucura tremenda do Rei Lear, todas as paixões, até ali como abafadas na grade escura do confessionario, recebem a luz da existencia, movem-se no grandioso ambiente da poesia.

A revolução, que modificou pelos fundamentos a sociedade moderna, teve o seu eloquente interprete. A poesia abafada em Hespanha, pela reacção theocratica, veiu refugiar-se na Inglaterra, patria da liberdade do pensamento, em cujo seio se operára a transformação religiosa, inteira e decisivamente.

É em Inglaterra que nasce, por assim dizer, a escóla philosophica do seculo XVIII, pelo desterro de Voltaire, pela convivencia de Rousseau com Hume. O primeiro revela Shakespeare ao continente: o segundo comprehende ali as magnificencias da discussão, e o movimento das instituições modernas. Montesquieu, o grande philosopho politico, gravava no seu estylo conciso e nervoso as theorias do governo representativo, estudadas no seu berço — a Inglaterra.

Assim como o Dante, Shakespeare recebe mui tarde a sua glorificação europêa. As côrtes devassas, e as sociedades em dissolução, não podiam entender de certo aquellas explosões grandiosas da paixão — misturadas com a admiração dos phenomenos da natureza. Para se apreciar esse

representante de uma revolução, foi necessario que outra, mais fecunda ainda nos resultados, viesse maravilhar com os seus prodigios a imaginação da humanidade. Como é que os coroneis que bordavam nos salões, e os marquezes que faziam mesuras ao espelho, sympathisariam com aquella poesia, rude, e austera, que revelava os movimentos mais enérgicos da alma humana, que casava o brado omnipotente das paixões com a voz da cotovia, com o suspiro do regato, com o scintillar das estrellas, com os pallidos reflexos da lua, com o ruido da tempestade, com o bramir indomito do oceano? A revolução franceza dissipou o nevoeiro que occultava o busto immortal do creador do drama.

O decimo sexto seculo é o theatro em que todas as grandes descobertas da civilisação se accumulam em imponentes acontecimentos. A imprensa desmonopolisa a sciencia, para a propagar. A polvora, parallelamente, arranca a guerra ás classes priviligiadas, mudando na esphera social, o destino das aristocracias, na esphera militar, o systema das operações. O Novo Mundo abre os seus thesouros, para aperfeiçoar o mecanismo commercial, fomentando a industra, e produzindo o credito, essa potencia economica, que subordina a si o espaço, e o tempo. O livre exame finalmente, a revolução da idéa, appropria a si todos estes elementos de progresso, capitaes que o genio das gerações transmittira aos vindouros, para renovar tudo, desde a religião até á arte, desde a philosophia até á litteratura. O que seria a reforma, sem a imprensa, que a evangelisou entre o povo, sem a polvora, que nivelou a coragem, e a guerra, sem a abundancia do numerario, que mobilisou os recursos, fundou o imposto enfraquecendo a influencia da grande propriedade?

O theatro em França, instituiu-se debaixo das idéas da renascença. Dos *mysterios e farças* passou-se immediatamente ao culto da antiguidade, e ao despotismo das unidades aristotélicas. Das candidas invenções meio sagradas e meio profanas, desceu-se á rhetorica dos grandes monologos, e ás palavrosas explosões dos heroes gregos e romanos. A familia de

Agammenon veiu de novo povoar a scena com os seus amores, com as suas choleras, com os seus incestos, com as suas paixões e desvarios. O amor, antes de exalar os seus maviosos accentos nos versos de Racine, andou por muito tempo perdido nos escaninhos do *fleuve du tendre*.

Um escriptor já affirmou que Augusto pacificou a eloquencia. Luiz XIV pacificou visivelmente o theatro. Corneille e Molière, filhos certamente de outra epocha, não ganharam na convivencia do grande seculo, senão a comprimir as aspirações do seu genio. Racine, talento melodioso e apaixonado, podia facilmente conter as suas elegias dentro do restricto quadro das tres unidades. Era um unico sentimento o que fallava nas suas tragedias. Mas Corneille que procurava os acontecimentos mais vastos da historia, perdeu forçosamente na sujeição ás regras estabelecidas. Molière mesmo viu mais applaudidas as suas farças, aonde reproduzia os typos italianos de Sganarello, de Geronte, do que essas profundas comedias, em que revelava o mysterio das paixões humanas, e o segredo dos caracteres. *O Bourgeois Gentilhomme* teve mais applausos do que o *Mysantropo*, e o seu inimitavel *D. Juan* é commemorado como uma das suas derrotas theatraes.

Era porventura á sombra do seu talento de actor, e da sua vocação para as invenções das *comedias-ballets*, que elle poude meditar o *Tartufo*, e produzir *O Avarento*. O histrião é que fazia absolver o philosopho. O absolutismo compassado de Luiz XIV não consentiria as liberdades do seu pensamento, se elle as não soubesse fazer perdoar, pelas condescendencias da sua musa, que tanto realçava as festas de Versailles distrahindo os ocios do *grande rei*.

O seculo XVIII é o seculo da analyse, da lucta. O theatro não podia tornar-se o campo mais proprio para essa longa e infatigavel propaganda philosophica.

Duas obras primas — o *Turcaret* de Lesage, e o *Figaro* de Beaumarchais testemunham a energia da scena franceza.

O *Turcaret* não é mais do que o presentimento d'essa immensa revolução financeira que precede a revolução po-

litica. É o typo do *financeiro*, de repente elevado na imaginação pelas especulações aventurosas de Law. São as fantasmagorias do credito, seduzindo as classes elevadas. É a agiotagem da Rua Quimcapoix, que veiu enfraquecer ainda mais os brios de uma aristocracia devassa, e gasta.

O theatro obedecia ás opiniões que se agitavam na esphera social. Do *Bourgeois Gentilhomme* ao *Turcaret* marca-se um immenso movimento de idéas. O *financeiro* é uma potencia. A nobreza converte os seus pergaminhos em cartuxos, para amontoar o ouro que a fascina. *M. Dimanche* de *D. Juan* tem filhas para casar, e encontra os mais bellos partidos da aristocracia. *C'est du fumier pour engraisser nos terres*, dizem os orgulhosos fidalgos, occultando n'um dito insolentemente espirituoso, a degeneração da sua propria classe.

Figaro é um filho da futura revolução. A sua fortuna está na sua cabeça. Crendo na sua intelligencia, suppõe que ella o habilita para todas as posições. Á parte o tacto dramatico que se admira no *Barbeiro de Sevilha*, e no *Casamento de Figaro*, as duas comedias são um pamphleto. Beaumarchais cunhou na sua phrase espirituosa e incisiva, as convicções do seu seculo, as aspirações que fermentavam no espirito publico.

No theatro depois da revolução e do Imperio houve uma restauração, que se approxima muito da reacção religiosa, que o *Genio do Christianismo* havia inaugurado. O Romantismo, como movimento litterario, teve os seus resultados uteis, mas exagerou-se como acontece quasi sempre. As gerações modernas penetraram na intelligencia do passado. A idade media, com a sua arte, com as suas luctas, com as agitações da sua liberdade incompleta e parcellar, foi apreciada á luz de uma critica mais justa e imparcial.

Se essa fermentação de idéas, se esses dramas sanguinolentos fatigaram a attenção do espectador, será acceitavel tambem este retrocesso para a velha tragedia? Teremos de ouvir eternamente os suspiros de Phedra, e os clamores de Hermione? A sombra desolada dos heroes antigos virá mais uma vez repetir o grito das suas catastrophes ex-

tinctas? Esta immensa revolução de idéas, de costumes, de sentimentos, de paixões diversas, não será devidamente apreciada nas futuras evoluções do drama?

O romantismo, preoccupando-se quasi exclusivamente das eras cavalleirosas, não retratou de certo as aspirações do seu seculo, senão incompleta e fugitivamente. Os seus personagens adquiriram tambem a monotonia de certos convencionaes sentimentos, derivados da religião, do amor, e da honra, que se suppunham os moveis da sociedade feudal. O romantismo foi propriamente uma escóla historica, que tinha o merito de approximar a analyse de seculos, que a philosophia do seculo XVIII não havia comprehendido, e que mais de uma vez calumniára. Possuiu a sua epocha de voga, de admiração e de popularidade. Depois preverteu-se em composições calculadas para o effeito, e pallidas interpretes do coração humano. O melodrama appareceu, povoando a scena de typos inverosimeis, e de paixões impossiveis. Caricaturaram no horror os caracteres, e os sentimentos. Os personagens tornaram-se uma especie de allegoria consagrada, de tyrannos tremendos, de amantes extremosos, de confidentes sacrificados. Um critico francez chegou a pedir para essas obras sem nome, o auxilio dos *gendarmes*, e as correntes que prendem os forçados nas galés.

Acceitar-se-ha entretanto o renascimento da tragedia antiga? Teremos de vêr continuamente Penelope fiando na roca, e desmanchando a teia, e Ullysses vagabundo e errante, em busca da patria que lhe foge perante os olhos? A apparição de um talento dramatico, em cuja voz as obras primas do theatro classico tomaram uma vida nova, será um facto tão transcendente nos dominios da arte, para resuscitar uma escóla, evidentemente impropria a reflectir o espirito da nossa geração?

Se em França, a questão apesar das tentativas de mais de uma vocação fecunda, existe por em quanto irresoluta, em Portugal a sua solução tambem nos parece estar longe do seu termo. O theatro adoece de dous extremos, ambos fataes á arte. Ou se precipita no espectaculo, entremeando

as creações do espirito de todas as pompas do maquinista, e de todos os segredos do pyrotechnico; ou enlanguece querendo approximar-se da simplicidade attica, que só convem a publicos, já illustrados, e familiares com as mais bellas obras da litteratura.

A attenção do espectador desvaira-se n'estes ensaios emprehendidos sem tacto nem opportunidade. Não se passa facilmente do melodrama para a comedia: nem os olhos costumado aos prestigios de uma scena aventurosa, descançam com praser nas evoluções pacificas de um drama ingenuo, e só notavel pelos effeitos do estylo.

Eu não creio infinitamente nos que se afadigam em proclamar as excellencias de uma litteratura exclusivamente nacional. Atar o élo da tradição é uma tarefa ardua, se não impossivel. E quando é que a nossa litteratura apresenta uma physionomia indigena? Não será o quinhentismo tão apregoado, reflexo da influencia italiana, e não se conhece no proprio Camões a convivencia com os grandes poetas da Italia? Não é o seiscentismo, a degeneração litteraria que se baptisou com o seu nome, a apropriação da escóla de Gongora, já derivada da voga que obtivera o cavalheiro Marini? É possivel que no contacto continuo das nações, se possa conservar illesa a sua individualidade litteraria?

Acceitemos o poder dos factos, e não procuremos contrariar absurdamente as inevitaveis tendencias da civilisação. As litteraturas preponderantes, e a preponderancia litteraria não é attributo exclusivo de um só povo, hão de dictar e prescrever as fórmas da arte. O drama, moldado pela scena franceza, poderá tornar-se nacional no assumpto, nos sentimentos, nas recordações historicas, mas ha de accommodar-se aos modelos consagrados. O primeiro poeta do nosso seculo, o finado visconde de Almeida Garrett, resuscitando como resuscitou o rimance e a xacara populares, seguiu nas composições dramaticas as regras da scena franceza. O mimoso poeta da *Adozinda* no *Alfageme*, no *Frei Luiz de Sousa* revelou-nos os traços da epocha, mas não alterou as condições em que existe o drama moderno. Po-

dêmos glorificar a nossa nacionalidade, sem nos affastarmos da verosimilhança.

Não cumpre aos intuitos deste livro apontar as medidas administrativas, que poderiam aviventar e engrandecer a scena portugueza. É certo todavia que a arte dramatica não vigorará entre nós, sem uma reforma decisiva, que crie os artistas, que eduque o publico, e que auxilie as vocações poeticas.

JOÃO DE LEMOS SEIXAS CASTELLO BRANCO.

Entre os poetas lyricos occupa o sr. João de Lemos um dos primeiros logares. É uma d'aquellas vocações, que se engrandecem na lucta, cujo enthusiasmo desponta sempre, em face de acontecimentos grandiosos.

É um poeta que nasceu no seio da civilisação, cuja musa parece revestir-se de todos os primores da elegancia, e do luxo. O seu espirito abraça, é verdade, todas as magnificencias da natureza, mas o seu estro mais facilmente se accende, quando se recorda do passado, quando pela intuição divinatoria, que é o condão das imaginações poeticas, se torna contemporaneo dos heroes que elle admira, dos feitos que elle quizera vêr imitados e reproduzidos.

Sem desejar ferir convicções, que eu respeito sempre, parece-me poder affirmar, que o illustre poeta, filiando-se na escóla politica da *legitimidade*, obedeceu ás predilecções do seu estro poetico. Seduzido pelas glorias do passado, viajando com a imaginação pelas epochas mais brilhantes da nossa historia, sentiu-se como antes Chateaubriand, como em certa quadra Lamartine e Victor Hugo, levado a desejar no futuro as instituições que apparentemente haviam contribuido á prosperidade e esplendor da patria.

Altera a sua divisa partidaria a elevação e fecundidade

do seu pensamento? Sinceramente diremos que não. A arte, ainda que exista mais ou menos envolvida nas idéas que preoccupam a sociedade, tem um horisonte distincto do da philosophia, e do direito publico.

E' esta uma *amande honorable* aos conselhos que dávamos á sua musa, quando a queriamos ligar aos dogmas do futuro.

O que escrevemos a seu respeito nos *Ensaios de Crítica e Litteratura*, resente-se evidentemente do nosso preconceito politico. Não podendo deixar de admirar o seu superior talento, procuravamos attenuar entretanto uma celebridade, que se afastára das doutrinas, que nos exaltavam o espirito. Desculpa-nos a epocha, em que escreviamos. O abalo electrico da revolução de Fevereiro, repercutia-se na Europa, e arrastava as convicções da nova geração.

O que não podemos deixar de lamentar é que o illustre poeta, abandonando quasi a sua decisiva vocação, se dedicasse exclusivamente ás luctas da imprensa periodica. Deplorariamos o acontecimento, qualquer que fosse o campo que escolhesse. Desde 1849, varias composições têem illustrado o seu nome: o bello trecho lyrico *O Funeral e a Pomba*, apesar do sentimento que o engrandece, é ainda um reflexo da politica militante.

A litteratura vê se como abandonada, quando os seus mais generosos campeões, votam a outro culto as faculdades da sua intelligencia. N'estes ultimos cinco ou seis annos, raros monumentos d'arte têem vindo manifestar a vitalidade poetica da nossa geração. Ha uma paragem na corrente, que encaminhava as vocações á conquista da celebridade.

Poder-se-ha accusar exclusivamente os poetas e homens de lettras, que se haviam empenhado nas lides litterarias? Seria fazer-lhes uma grave injustiça. Lançados no seio de uma sociedade, aonde as mais despreziveis mediocridades alcançam rapidamente voga e posição, não puderam resistir ao desejo de seguir as suas pisadas. Desalentados pela indifferença, ou feridos pelo desdem, dos que se appellidam pomposamente *homens positivos*, quizeram tambem provar a

sua competencia nas regiões da vida activa, e abandonaram o terreno menos facil da imaginação. Triste situação de um paiz, que glorifica as nullidades, que se reputam uteis, usurpando um titulo, que não justificam, e dedica apenas uma distrahida attenção aos talentos, que só poderão determinar no futuro o valor da epocha em que floresceram!

Conservâmos quasi intacto o que haviamos primeiro escripto sobre o Sr. João de Lemos. O nosso trabalho é menos um estudo critico, do que a revelação ingenua das nossas impressões. Não perdemos todavia a esperança de retratar a sua physionomia quando possuirmos completas as suas obras poeticas.

I.

« O SECULO que presenciou a gloria e a agonia do Prometheu moderno, que vê resurgir, depois de cincoenta annos, a idéa sacrosanta da fraternidade, que ha de emancipar o homem social, e completar os destinos da sociedade moderna, não é, não póde ser avaro para a poesia, essa manifestação elementar da intelligencia humana.

« A revolução de fevereiro fecha uma quadra de civilisação, e abre outra nova: o genio da revolução dezoito annos atado ás formulas corruptas, aos sophismas dourados da monarchia representativa, inspira de novo a liberdade moderna, filha do pensamento, infinita e devorada de generosa ambição como elle.

« Não a atterram, não a fazem succumbir a grandeza d'esses problemas que tem de resolver; ella é paciente, porque é indestructivel, é indestructivel porque é eterna.

« Se nós olharmos desprevinidos o movimento litterario dos dezoito annos da realeza *orleanista*, havemos conhecer que a intelligencia humana tentou para o novo principio o mesmo trabalho de destruição, que os encyclopedistas haviam consummado para a realeza aristocratica dos *Bourbons*.

« Mas na segunda tentativa ha mais ordem, porque ha mais convicção, ha mais convicção porque ha mais sciencia: o povo

sympathisa directamente com os apostolos da nova doutrina, porque sente instinctivamente que a transformação ha de ser feita em seu beneficio, e que o sangue derramado ha de ser fecundo para o triumpho das novas idéas.

« N'este empenho sagrado, todos trabalham, os conservadores da monarchia, como os que a ameaçam destruir. Thiers desenrolando na tribuna o sudario de torpezas do ministerio Guizot-Duchatel, suppunha abalar um gabinete, e cavava o tumulo de uma monarchia: cegos operarios do pensamento social, elles conheciam apenas o terreno d'essa safada gymnistica parlamentar, e não sentiam murmurar o vulcão que havia de despedaçar mais do que um throno, um principio, sobre o envasamento da columna de Julho.

« N'estas crises sociaes, ha duas litteraturas profundamente distinctas, diversamente influentes, a litteratura d'occasião, e a litteratura de herança: uma satisfaz ás necessidades das turbas, presta-se á propagação das idéas, auxilia o movimento regenerador, consubstancia-o, popularisando-o: a outra, vasa as idéas do tempo em moldes severos e simples, anima-as com a inspiração, e a vida da arte; e torna-se o monumento definitivo aonde as gerações hão de vir admirar as maravilhas do passado, e a escala progressiva da intelligencia humana.

« Duvidâmos muito que Eugenio Sue, apesar de todo o talento despendido nos *Mysterios de Paris* e no *Judeu Errante*, possa aspirar a uma grande reputação no futuro. O tempo ha de quebrar esses instrumentos de revolução — instrumentos quasi anonymos, cuja importancia é graduada como a do jornalismo, que domina a sociedade, que a influe quasi exclusivamente, sem que possa viver no futuro, como monumento litterario.

« A lyrica é um symptoma de renovação social. Todos os cyclos de civilisação reproduzem-se debaixo dos tres grandes aspecto da poesia, a ode, a epopéa, e o drama.

« Que a poesia lyrica fosse a linguagem litteraria dos tempos primitivos, isso não contestâmos nós: que a epopéa narre as primeiras luctas do homem com as necessidades da

vida, as peripecias d'essa variada conquista, a que as sociedades submettem a natureza, isso prova-se mais do que por uma conjectura, por uma prophecia vaga, lê-se na historia litteraria da humanidade: que o drama finalmente, traduza todas as duvidas, todas as pungentes verdades que as civilisações segregam na sua marcha progressiva, isso é tambem incontestavel: mas é verdade tambem que toda a formula civilisadora tem as illusões do apostolado, as rudes provas da conquista, e as amargas decepções da realidade, da posse definitiva. As gerações envelhecem, mas a humanidade é sempre juvenil: a poesia lyrica poderá tingir-se desde logo d'aquelles presentimentos instinctivos, que se aprendem na sciencia prematura da vida, poderá assumir esse sentimento tão amargo, e tão doce ao mesmo tempo, a melancolia, mas ha de extasiar-se, ha de cantar, ha de abraçar-se com Deus, sorrir-se com a natureza, embriagar-se com o amor, palpitar com as idéas que tentam transformar a sociedade, e melhorar a existencia. Embora a creança se embale aos cantos sinistros de Byron, sonhe com as cabeças do *Lara* e do *Giaour*, veja passar ante os olhos a figura mirrada do *Fausto*, sinta a gargalhada estridente de *Mephistopheles* — ella ha de admirar a natureza; que se veste de galas todas as primaveras, amar a mulher, porque é a sua sina e o seu condão, estremecer de enthusiasmo ás *utopias* dos homens de genio, porque a sua alma nasceu para se extasiar perante o bello; sentimento que não morre, sentimento que nos diz que se somos o ultimo élo da cadeia dos seres materiaes, somos o primeiro da cadeia espiritual que acaba no Creador.

« Victor Hugo transfigurou evidentemente no seu prefacio de *Cromwell* as theorias da arte: elle, que ousára chamar ao primeiro pensador do seculo passado, ao immortal Rousseau, o D. Quixote do paradoxo, foi do mesmo modo paradoxal, exagerando a verdade.

« A poesia lyrica é não só a aurora das novas civilisações, mas a aurora do proprio talento. A alma que acorda a vida, tem só uma corda, o enthusiasmo: o enthusiasmo que abraça a natureza, que abraça a mulher, que abraça a Deus,

que abraça o engenho humano, manifestado nos accidentes da existencia social: quando vasam n'essa alma a sciencia dos seculos decorridos, quando ella observa a experiencia, não na auctoridade dos livros, mas na voz solemne dos acontecimentos — então é que se exprime n'outra fórma, é que a sua religião varia de culto, sem variar ás vezes de essencia.

« Byron, o cantor de *Manfredo*, o poeta da duvida, aquelle cujo genio define esse momento doloroso da vida da humanidade, em que se olha com terror o futuro, e se teme destruir o passado, já vergado sob o pezo da opinião, e condemnado pela explosão das necessidades comprimidas, Byron foi sellar com o seu sangue a liberdade da Grecia, e o exemplo da sua morte não é o menor florão da sua corôa de gloria!

« Julgaes que Lamartine exhalou o canto do cisne sobre as ruinas da realeza proscripta, e que descreu do futuro da humanidade, olhando os cadaveres das victimas immoladas á sombra da bandeira vermelha?

« O seu lyrismo, grandioso como o genio da liberdade, que elle ama como um christão, e solemnisa como um poeta, progressivo como a intelligencia humana, inspirado como a voz da revelação nas alturas do Sinay, não ha de já cantar a Elvira das Meditações, o tumulo da mãe extremosa, cuja dor é já apenas uma saudade, celebrará a nova incarnação da humanidade, da humanidade já livre d'essa ultima formula da escravidão, como disse Chateaubriand, a escravidão do salario.

« As sociedades não envelhecem, repetimos ainda uma vez: revivem como a natureza, revivem não só pela mocidade da vida, mas pela mocidade ainda mais poderosa das idéas: é a indole da civilisação moderna não esgotar a energia do seu proprio principio, porque esse principio é essencialmente espiritual, e por isso essencialmente progressivo e perfectivel.

« Porque é que a civilisação antiga, depois de assombrar a humanidade, e de haver assimilado á sua propria idéa

quasi o velho mundo, desabou no quinto seculo, estancada de força e perdida de corrupção?

«É que a liberdade antiga nada mais era do que o triumpho da fórma sobre a indole das cousas humanas. Destruir a fórma era destruir a sociedade, era condemnar a civilisação.

«A liberdade moderna vive pelo movimento da intelligencia humana, o seu destino é a acção, o seu horisonte não tem limites, e a imprensa não deixa perder de geração a geração, a herança de todos os esforços, e de todos os sacrificios do passado.

«O lyrismo é por conseguinte uma fórma essencial de toda a transformação civilisadora: canta, annuncia o berço da idéa nova, recorda melancolicamente, muitas vezes, a idéa que já dorme no tumulo, e que apesar d'isso palpita cheia de vida no peito do cantor que a meditou, que se compenetrou do seu espirito, que vive, que se enthusiasma com ella: saudade e esperança! o frescor do botão, que ainda timido desabrocha; a bellesa da flôr, que pende já do tronco, cujas folhas cáem petala a petala, e que ainda embalsama os ares com os derradeiros perfumes!

«Este seculo é o seculo de todas as vocações — o seculo de todos os cantos — o seculo aonde relutam todas as crenças, e que por isso póde enriquecer todas as lyras. Na quadra, em que uma nova idéa faz soffrer á sociedade as dôres de um parto laborioso, as pretenções diversas das idéas já vencidas, tentam luctar com a nova luz, como o clarão bruxuleante das pallidas estrellas, com o crepusculo da manhã: dura instantes o duello, mas se os apostolos crêem com fé viva na apparição do astro que deslumbre o scintillar expirante do firmamento, nem por isso é menos dramatico o momento que procede a sua vinda, e que lhe concede um mais completo triumpho.

«Para que correis, ó reis, apoz a estrella que annuncia o nascimento do Deus homem? Para que ajoelhaes perante o berço humilde do presepio, entre os rudes pastores, que adoram o Christo que incarnou no povo?

« A poesia tem de saudar tambem o movimento que transforma a humanidade. E ai della se descrê do futuro para se aproximar do passado!

« O sr. João de Lemos é uma das mais viçosas glorias lyricas da mocidade. Ao seu impulso, e á sua iniciativa creou-se o *Trovador* essa flôr de singelos cantos, florescente no meio dos horrores da tormenta, porque passava ainda ha pouco a nossa patria. Poeta de tradição, a sua lyra não vibra apesar d'isso n'uma só corda: elle revolve as campas, inspira-se do *já morto viver dos seus amores*, mas deixa-se fluctuar no oceano da incerteza, animando-se de todas as tempestades, de todas as sombras, brilhando ao esplendor de todos os raios, embriagando-se na harmonia de todos os perfumes. Lyra ambiciosa, crente ás vezes como a de Lamartine, ironica como a de Musset, desesperada como a de Byron.

« O sr. João de Lemos exprime, mais do que nenhum outro poeta, a situação hesitante do nosso paiz, entre as crenças diversas que se agitam na arena politica. Elle podia variar os tons da lyra, sem vagar perplexo entre os dogmas que agitam o seculo; abraçando a cruz, acenando ao seu anjo da guarda, abrindo os braços para o céu, para que accusa elle a vida, para que maldiz ás vezes a natureza, para que mostra o rosto fulminado pela duvida e pela desesperança?

« Eu encontro nos seus versos, progresso de genio lyrico, progresso sobretudo d'arte — excellencia de fórma, mas vejo desfallecida a sua crença religiosa, a sua fé philosophica, essas emoções grandiosas, que alimentam as almas fadadas, que se abraçam ás ruinas d'um passado, que de dia para dia, de hora para hora se afunda mais e mais na noute dos tempos!

« Medite o poeta! Os seculos de renovação tem uma energia diluente, que ás vezes desfaz as mais fecundas convicções individuaes. Oh! como a sua ultima poesia á liberdade atraiçoa a duvida do espirito — a influencia irresistivel da musa da humanidade moderna sobre a musa do poeta *legitimista* — do poeta que vê a corôa dos reis nos altares da religião — nas pompas do culto! . . . . . .

« O sr. João de Lemos, quando volve saudoso o coração para a patria, é mais poeta cem vezes, do que quando se tenta dar uma missão politica impondo-se com os prestigios do seu talento á corrente irresistivel da sociedade moderna. A sua *Lua de Londres* ha de viver em quanto se fallar a lingua portugueza, em quanto existir :

. . . . . *A terra dos verdores*
Na patria dos meus amores,
Patria do meu coração.

« O sr. João de Lemos talvez não tenha rival como metrificador, como poeta de fórma : trabalhador consciencioso cada uma das suas poesias conhece-se amorosamente manejada pelos recursos da arte, e pelos segredos da lingua, que elle possue, e estuda sem descanso.

« Coimbra, se não é a patria, é pelo menos o *ninho paterno* aonde se empenam as aves, antes de desprenderem o vôo. O sr. João de Lemos, jornalista *dilletanti* nas lides da Boccabadati e Barili, já se denunciára n'um trecho de prosa, aonde se presintia toda a sua vocação lyrica : *O Myster e o Coração.* — Em Coimbra animou-se de plena veia, e mostrou-se um dos talentos de mais robusta e mais opulenta vegetação poetica.

« Cumpre afagar as timidas reputações, que se contrahem como a sensitiva, que se fecham ás primeiras sombras da noute como as flôres *catos*, para que não desanimem : os talentos em todo o vigor da adolescencia litteraria, devem ser advertidos com lealdade e franqueza; e demais em crítica, nós seguimos o aforismo do sr. Garrett ; *meia verdade é mentira inteira.* No seguinte capitulo apresentaremos o que nos parece, mais de uma vez, alterar a pureza litteraria da poesia do sr. João de Lemos.

II.

« Chateaubriand disse n'alguma parte: « A crítica nunca « matou o que deve viver, e o elogio sobretudo nunca deu « vida ao que deve morrer. » Poderia ser este o mote do nosso trabalho. O fim da arte é attingir o *bello*, que já denominaram o esplendor da *verdade*: mas a arte não vive unicamente da sua propria substancia; a inspiração não nasce animando desde logo de vida a creação, que ella emprehende: a arte, apropriando-se dos diversos elementos que encontra dessiminados, exerce sobre elles uma acção reflexiva que a crítica lhe cumpre reivendicar para si. A arte é um culto, cujas formulas continuamente variam; a crítica respeita o fogo sagrado, cujas chammas vôam ao céu, mas tem direito a vigiar no tabernaculo, e a expulsar os vendilhões do templo;

« A crítica mudou de condições desde o seculo passado. Não a assemelhem ao libello, diluido em pungentes injurias, como o fizeram José Agostinho de Macedo, e Pato Moniz. A crítica não é uma arma de partido, nem um pretexto de affeições pessoaes. Quem ama a arte pela arte, sabe isolar-se de todas as questões que agitam a sociedade, mantel-a no posto, que lhe assignalam as necessidades da litteratura e da poesia.

« A questão de fórma é uma das mais graves que podem dar-se no dominio da crítica. Ajustaremos as nossas opiniões com a historia litteraria, e com a auctoridade de alguns escriptores eminentes. Não é prurido de erudição, que mal póde alcançar-se aos vinte e um annos, é desejo firme de não passar por leve, e frivolo em assumptos, que interessam o nosso futuro litterario.

« Chateaubriand no *Ensaio sobre a litteratura ingleza* parece-nos lançar uma luz brilhante sobre o problema; citamol-o textualmente: « N'uma lingua joven, os auctores tem « expressões e imagens que encantam como o primeiro raio « da manhã; n'uma lingua formada brilham com bellezas « de todos os quilates; n'uma lingua já envelhecida, as sim- « plicidades (*naïvetés*) do estylo são apenas reminiscencias, « as sublimidades do pensamento o producto d'um arranjo « de palavras penosamente procuradas, e contrastadas com « esforço. »

« Será porventura a lingua portugueza uma lingua envelhecida, que condemne o talento ao esforço, por assim dizer, mechanico, de imagens já conhecidas, de pensamentos, mais ou menos nebulosos nas palavras? Crêmos que não: e o motivo é facil de perceber.

« A esterilidade social que nos acompanha desde 1640, que condemnou as letras, adormecendo-nos o engenho, produziu-se do mesmo modo e com identicos resultados na lingua. Realisou-se mais uma vez a asserção de Villemain: « As linguas conservam-se de dous modos. Conservam-se pela sciencia, pelos monumentos litterarios, pela communicação dos espiritos; conservam-se tambem pela isolação e pela ignorancia.»

« Quando houve a nossa regeneração litteraria, a lingua banhando-se nas origens nacionaes, tomando a opulencia e a sobriedade elegante do *quinhentismo*, nem por isso deixou de tomar uma physionomia propria, e de revelar, na sua construcção, a diversa indole da nossa sociedade, e o differente horisonte dos nossos destinos. A immutabilidade da lingua é impossivel n'uma sociedade que se transforma: ella ha de corrigir-se, embellezar-se, crescer nas tradições, e nos mo-

numentos litterarios, não póde, sem atraiçoar a epocha e falsear a arte, limitar-se a uma imitação servil e ingloria.

« Mas a simplicidade nem sempre é o apanagio das linguas infantes. Ao contrario, e isto confirma-o Villemain, a poesia lyrica, a que primeiro revela o pensamento humano, compraz-se nas inversões, nas elypses, e até usa mais de uma vez do claro-escuro das metaphoras. Voltaire assegura que a poesia hebraica é rica, e engenhosa nas rimas, e nas consonancias. Os orientalistas são concordes em affirmar que a poesia arabe é toda distribuida em echos, opulenta na rima, e que apesar de ornada nas imagens, e de arrojada no pensamento, é admiravelmente estudada e symetrica. Lamartine, na sua *Viagem ao Oriente*, parece-nos ter dito o mesmo.

« Fauchet, erudito do seculo XVI, tentou a biographia dos poetas francezes anteriores ao anno 1300, e o numero d'elles excede a cem. Villemain, no *Quadro da Litteratura da Idade-Media*, exprime-se d'este modo ácerca da poesia dos provençaes.: « Ali encontrareis toda a arte de entrelaçar as rimas. Todo a sciencia do metro, todo o calculo de consonancias habilmente misturado, todas as regras esdruxulas e difficeis que voluntariamente nos podemos impor para multiplicar os effeitos da harmonia. A arte engenhosa dos poetas modernos ha de ceder aos processos metricos empregados — por quem? Por um guerreiro — Bertran de Born.» Comparando este juizo, com a estatistica de Fauchet, ver-se-ha que a fórma poetica não é nem um segredo dos modernos, nem um obstaculo á imaginação da poesia primitiva.

« Tudo isto confirma-nos mais na crença de que a fórma, sendo essencial á poesia, ha de tornar-se quasi com o correr dos tempos um talento vulgar entre os poetas, escondendo muitas vezes a ausencia da inspiração.

« A poesia moderna deve cuidar da fórma, sem a exagerar, sem lhe sacrificar, ás vezes, o verdor das emoções, os ferteis impulsos do talento, Que a pureza do alabastro deixe raiar pacifica e brilhante a luz que encerra dentro

em si: mas que os relevos, e os graciosos esmaltes, lhe não quebrem os raios, nem lhe criem sombras artificiaes.

« É talvez este um dos escolhos da poesia moderna, e que o sr. Castilho, entre os bellos serviços que fez ás letras, não soube prevenir, antes cuidadosamente exagerou. A fórma é ás vezes um tumulo magnifico, mas a morte habita dentro d'elle.

« Diremos francamente a verdade; o sr. João de Lemos, na perfeição a que levou a fórma, não soube eximir-se d'este defeito. As suas poesias ás vezes são bellas pinturas onde se admira a belleza do colorido, o brilho da carnação, o estudo do desenho, mas onde a vida foge no olhar vacillante, onde as feições se perdem no vago do côr, e na propria opulencia dos traços do pincel. Não nos acreditem sob palavra: vamos citar.

. . . . . .

Resurja aqui do tumulo do peito
O já morto viver dos meus amores,
Archanjo sepulcral n'um chão de lousas,
E sombra de sorriso, errante n'alma
Venha aos labios beber ondas de pranto
Dos olhos, onde a luz já fatigada
Nas ondas, como o sol, se affoga e morre!
(A' beira do Mondego).
Deus! — e assim desdobra a lingua ao seio
Scismador anhellar n'um manto immenso.
(Deus).

« No trecho lyrico do *Festim de Balthasar* lá lhe morre tambem o pensamento na fórma:

. . . . . .

Novo monarcha da festa
Que a monarchia lhe attesta
O antigo rei sobre o pó;
. . . . . .

Na sua ultima poesia *Alcacer-Kibir* o desejo de brilhar na fórma leva-o quasi ao trocadilho do *seiscentismo*, e faz esmorecer a belleza severa, e verdadeiramente epica do assumpto:

Malfadado, tão chorado
Moço rei Sebastião
Malfadado, desejado

De cuidados tão cuidado,
Taes cuidados onde vão?
Onde levas, malfadado
De Portugal o pendão?

« Nós insistimos, talvez um pouco severamente, n'estes descuidos de um talento poetico, de alcance poderoso, porque sabemos que o seu exemplo póde perder mais de uma vocação esperançosa; porque conhecemos a visivel iniciativa que o sr. João de Lèmos exerce na mocidade litteraria.

« Quando se chega a occupar uma posição tão eminente como o sr. João de Lemos occupa na poesia, cumpre por conveniencia geral, que o poeta saiba, perdoe-se-nos a expressão franceza, *se poser un peu*. Já Chateaubriand se dava parabens, não me lembra em qual das suas obras, de *ne tomber dans l'extravagance d'invention et le rocailleux d'execution de mes disciples*. Aprenda-se com esta singela e nobre confissão.

« Uma vez arremessada a poesia n'esta eloquente materialisação da fórma, aonde iria parar o viço das inspirações crestado em flôr pelas exigencias da arte?

« Ha um dito de Diderot, que resume, a nosso ver, a distincção entre o pensamento, e a fórma, entre o bello moral, e o bello plastico. Comparavam um dia o genio de Racine ao Apollo de Belvedere, e o genio de Shakespeare á estatua de Filippe IV, na *Notre Dame*: « Será assim, respondeu Diderot; mas que pensarieis vós se essa estatua de pau, enterrando o capacete, sacudindo os guantes, e vibrando a espada se pozesse a cavalgar na cathedral? »

« Os rasgos do genio, os clarões subitos da intelligencia não podem prender-se a regras, que por mais perfeitas, por mais naturalmente concebidas, tem sempre algum tanto de arbitrarias, e não prevêem todas as peripecias enthusiasticas do talento. Bem sabemos que a perfeição não destroe a verdade: mas quando se quer vasar a verdade n'um molde irreprehensivel, ás vezes, sacrificam-na ás proporções d'esse molde. »

Ainda mais uma vez sentimos a necessidade de rectificar estas observações, escriptas com a fogosa rapidez, que caracterisa os trabalhos da imprensa periodica.

Entre as vocações verdadeiramente inspiradas, e os imitadores, mais ou menos indigentes de idéas, é facil a distincção. O publico sabe optimamente discernir a gloria que compete aos iniciadores de qualquer movimento litterario, para a não confundir com a dos talentos secundarios, que a revolução arrastava.

O sr. João de Lemos fez um grande serviço á poesia moderna, na perfeição e rigor a que soube levar a fórma: exagerando-se mais de uma vez, nem por isso merece menos a estima dos espiritos illustrados. É o defeito inherente a todo o apostolo, allucinar-se na propagação das suas doutrinas. Na arte, como na philosophia, acontece sempre assim.

Quem poderá negar entretanto que o illustre poeta tem cinco ou seis trechos lyricos comparaveis a tudo quanto de melhor se tem visto nas litteraturas estrangeiras? Quem não ouviu repetir, com a pronunciação branda e melodiosa que destingue a nossa língua, as sentidas estrophes da sua *Lua de Londres*?

Criam-se ás vezes reputações falsas, no meio das encontradas paixões, que dominam a sociedade. Mas quando um nome se eleva rapidamente na imaginação publica, e se conserva querido e admirado, é que esse nome definitivamente se inscreve nos fastos da historia litteraria.

JOSÉ FREIRE DE SERPA.

Eis o que escreviamos nos *Ensaios de Crítica e Litteratura* ácerca deste distincto poeta, uma das primeiras vocações, que se produziu depois da restauração liberal.

«A litteratura exerce-se em Portugal, pela devoção espontanea do talento, e não pelos proveitos, pelas seducções do interesse: não é uma industria, é um culto, uma religião, uma religião que ás vezes não vae longe do martyrio.

« E' assim, é quasi sempre assim. Gloria aos poetas e homens de letras, que pondo a mão sobre o coração da patria, bradaram ás turbas: *ainda palpita!*

« E se não palpitasse! E se não houvesse esta fé, fé que não morre, fé que sobrevive ao desfolhar de tantas illusões queridas, e que allumia os largos horisontes do futuro!....

« E' o grande brazão da mocidade presente: crê, crê devéras, crê em si, porque é o sangue da patria regenerada, porque esse sangue ha de fazel-a reviver das longas provas, por que tem passado, porque, ai de nós! ainda tem de passar!

« Se isto é um mal, socialmente fallando, é um bem inapreciavel, em referencia á arte. O industrialismo adormece a inspiração — sujeita o talento ás combinações da usura, para que elle não nasceu: a prostituição da arte provém sempre d'ahi.

« Estamos desassombrados felizmente d'esse flagello: a arte é uma tunica de *Nessus*, é uma longa expiação aqui: corôa de espinhos que ensanguenta as faces — escarneo ainda maior, se porventura ás turbas degeneradas saudam por ironia a realeza do genio, como a realeza da redempção: *salve*: *rei dos judeus!* Estes melindres devem todavia esmorecer perante as exigencias da arte. Nós não ajoelhamos á geração que já encaneceu na vida, nem lhe sacrificamos a minima parte das nossas convicções. Não o merece, ainda mesmo que o merecesse, uma concessão de tal ordem era a menos agradavel de todas as provas de consideração.

« Nós vamos grupar os poetas, não pelas analogias do seu talento, não pelos graus do seu merito, ainda menos pelo alcance do seu engenho. O unico *diagnostico* possivel é a menor ou maior fecundidade das suas producções litterarias. As physionomias artisticas não se avaliam completamente pelo numero, pela quantidade das obras: mas não se apreciam sem uma manifestação regular, harmonica, espontanea, que denuncie a intensidade da sua vocação.

« O sr. Garrett por exemplo, deixando de si isoladamente, a *Adozinda*, *o Camões*, ou o *Frei Luiz de Sousa*, teria sido sempre apontado como um engenho superior, mas poderia dizer-se d'elle — que *não era só um litterato, era uma litteratura*?

« N'estas primeiras linhas, com que prestâmos a nossa homenagem á mocidade intelligente, estamos dominados de um grande goso, para que affeições ou aversões mesquinhas nos entibiem a luz do entendimento. Todos commungam — em despeito de si mesmos — na religião do futuro; a força dos acontecimentos, nas epochas de transformação, é superior á energia das vontades individuaes: alguns saudam o passado, para que as gerações maravilhadas se curvem perante um tumulo, ou queiram glorificar um martyrio esteril, e todavia essa saudade que elles querem fazer triumphar como um fim definitivo, é apenas um meio de nos aproximar dos grandes destinos sociaes. Oh! todos trabalham, de impulso reflectido, ou de collaboração involunta-

ria, na grande obra da regeneração: Deus só concedeu uma vez á mão humana tornar immovel o sol!

«No primeiro grupo, o grupo das tendencias já definitivamente desenhadas, figuram os srs. José Freire de Serpa, Mendes Leal, João de Lemos, Pereira da Cunha, Xavier Palmeirim, Antonio de Serpa, Andrade Corvo, e outros que apreciaremos, á medida que nos estendermos n'estes timidos ensaios.

« O sr. José Freire produziu-se primeiro, ao menos, na data historica da publicação, como poeta dramatico. Imaginação fervida, devorado da accesa chamma das paixões infantís, animado por uma vêa feliz, o seu *D. Sisnando* apresenta toda a petulante vitalidade do genio arabe, passado atravez dos modelos recentes do theatro francez, e talvez calcado tambem pela inspiração mais remota, mas não menos apparente, do grande Shakespeare.

« E todavia, o *D. Sisnando* accusa toda a vocação lyrica do joven poeta: a obra, de drama apenas tem as situações exageradas, mas evidentemente scenicas: os caracteres confundem-se no vago da entidade poetica do auctor, e mesmo, quando a dôr do protogonista se exhala em paradoxos eloquentes contra a ingratidão da mulher, não se dirá a voz do poeta, a vasar no calix da sua propria agonia as acerbas expansões do seu coração?

« E seja-nos licita aqui uma comparação, que ajuda a comprehensão do elemento individual nos mysterios da esthetica da arte. Esse trecho achamal-o, não na forma, nem mesmo talvez no correcto, no *nuancé* do pensamento, bem superior aos *Ciumes do Bardo* do sr. Castilho. E a razão d'esse triumpho explica-se pela proximidade de impressões de cada um dos poetas. O sr. José de Serpa, sentia-se inspirado do natural, do vivo; era com o sangue da ferida que lhe haviam aberto no coração, que escrevia as tremendas imprecações contra a mais bella obra da creação: o sr. Castilho aspirava aquelle ar, já coado por outras atmospheras; as lagrimas quentes, devoradoras como a paixão, já lhe caíam arrefecidas no peito: a sua obra, como que apparece

muito *adonisada* de mais, para ser espontanea: falta-lhe um certo arrebatado de forma, que indique que a mão estremecia, e a cabeça escaldava no momento solemne, em que o bardo renegava da harmonia eterna manifestada no *bello* da mulher.

«Desenganem-se por uma vez; as grandes fontes sentimentaes, e lyricas, hão de sempre nascer do amor. Attinge-se a forma, a perfeição plastica, não se improvisam as impressões legitimas e grandiosas dos sentimentos. Esse pastor boçal que espera á borda do rio, que a mulher dos seus pensamentos se venha rever nas suas limpidas aguas, é mais poeta n'esse momento do que o talento mais elevado no fundo do gabinete.

«Os dous sentimentos essenciaes do homem social, é o amor, e a ambição. A ambição disseca, fatiga a alma: o amor é o calor celeste que anima e acalenta o coração, que doura o horisonte de esperança e de vida. O amor é um feliz delirio, intenso, mas rapido: é um incidente apenas na existencia: as verdades mais severas vem sempre destruir as mais fervidas illusões....

«E que tem o poeta com essa prophecia sanguinolenta e cruel? Que vale ao rouxinol pousado sobre o ramo, nas noutes voluptuosas da primavera, quando a lua se inspira dos seus mais suaves clarões, quando a natureza revive ao sopro encantado do movimento providencial, que o inverno e o estio tenham de vir crestar com as suas emanações de fogo e de gelo as flores que elle canta, os perfumes que embriagam, que arrebatam os seus sentidos?

«O sr. José Freire marca a especialidade do seu talento nos *Soldos*. A *Epopéa* popular, como nos romances do *Cid* e de *la Rose*, reproduziu-sa então tocada já um pouco da controversia do seculo. O poeta inspirou-se da *Adozinda*, sem atraiçoar a independencia, a originalidade do seu engenho. A *Cidazunda, ou as armas de Coimbra*, é uma obra prima no genero. A côr local, *caseira*, se é licito dize-lo, está manifesta salientemente, e accusa todo o verdor d'uma proxima inspiração. O poeta nasceu embalado ao doce mur-

murio da *Fonte dos Amores*, e das correntes bonançosas do Mondego: a sua lyra traduz-nos tudo: as vozes longinquas, a agitação dos salgueiros, o balouçar das aguas, o estremecer das folhas, o suspirar mavioso d'essas vagas, atravessadas pela barca do pescador, ou desunidas pelo manso nadar da virgem recatada.

« O que nós mais admirâmos no poeta, é essa maravilhosa frescura de talento, que se anima ás encantadoras perspectivas da patria. Ha um não sei que de *conimbricense*, em tudo quanto apresenta ao publico: não sabemos se até o preguiçoso, o desleixado da fórma é uma feição caracteristica da sua physionomia litteraria.

« O sr. José Freire creou escola, por isso mesmo que tem uma originalidade pronunciada e constituiu-se uma reputação das mais bem merecidas da mocidade. O *lyrismo* nasceu-lhe espontaneo; um *lyrismo* terno, candido, *lamartianno* na indole intima da concepção. Alma religiosa, menos pela analyse raciocinada do dogma, do que pelas circumstancias expansivas da sua individualidade moral; se ás vezes uma blasfemia lhe rasga o coração, acreditae que nasce das situações exteriores da vida — e nunca da sua organisação affectuosa e magnanima.

« Eu resumo estes rapidos traços, esboço d'um talento que ainda se não abriu de todo ao fogo da creação.

« O sr. José Freire é talvez o mais *impressionavel* dos poetas: canta em primeira mão, releve-se-nos a expressão, canta *d'après nature;* e esta vocação é apenas temperada pelos serios estudos litterarios, a que se dedicou nos primeiros annos da adolescencia. Quando deixa de ser *lyrico*, é então que procura banhar-se nas litteraturas estrangeiras, e nem sempre o faz com felicidade, com verdadeiro cuidado e esmero.

« Entretanto esta superior qualidade é compensada com um defeito: a sua lyra é monotona, monotona como muitas vezes a de Lamartine, com quem tem mais de uma affinidade. Acabâmos agora mesmo de correr pelos olhos o *Infanção das Trovas*, esta leitura mais nos firma no nosso juizo: cada uma das harmonias destacada, isolada, é mi-

mosa, inspirada, cheia de melodia, de doce encantamento: reunidas todas, a alma adormece em tão voluptuosas sensações; assemelha-se a uma toada suave, mas prendendo no mesmo *rythmo;* a uma planicie, esmaltada de flores, rasa como a superficie do mar, sem um contraste, nem de côr, nem de perfume. Chamem-me desalmado, como um secco prosador que sou; queria entrelaçadas com essas boninas, essas rosas, e esses formosos lyrios, algumas das aridas emanações vegetaes do deserto. »

O sr. José Freire de Serpa com o sr. Mendes Leal são, na data e esplendor da estreia, os dous primeiros talentos que se fizeram conhecidos entre a geração nova. Póde affoutamente dizer-se que é o anno de 1839, que marca efficazmente a evolução litteraria, que, desde então até hoje, tem despertado a vocação de tantos notaveis escriptores.

O movimento operava-se quasi simultaneo em Lisboa e Coimbra. Ao mesmo tempo que nascia a *Chronica Academica*, e o *Instituto Dramatico*, formava-se em Lisboa a *Sociedade Escolastico-Phylomatica*, e se emprehendia a publicação do *Cosmorama litterario*, e do *Mosaico*, aonde faziam as suas primeiras provas nomes que depois attingiram uma justa celebridade.

O sr. José Freire alcançou, desde logo, uma merecida reputação. O *Aben-Afan*, seguiu-se ao *D. Sisnando*, os soláos aos romances em prosa. Não se descansava então sobre os louros. Todos se empenhavam em merecer o voto publico, e não se desfallecia no meio da tarefa.

Os epigrammas finos do sr. Garrett, e as bellas composições do sr. A. Herculano haviam posto em derrota a escóla classica: os novos adeptos cavaram-lhe o sepulchro. Não se jurava senão por Victor Hugo e Dumas: Casimir Delavigne era considerado um *ordeiro* das lettras, e desde o *Hernani* até á *Torre de Nesle*, nada havia na escóla romantica que não fosse materia da mais viva e sentida admiração.

Mas — cousa notavel! — os broqueis e as armaduras da meia-idade, os suspiros das castellans, e os golpes furibundos dos cavalleiros namorados, não promoviam senão artisticamente o culto ao passado. Os jovens romanticos pertenciam ao seu seculo em corpo e alma. Uma das questões que primeiro se trataram na sociedade *Escolastico-Phylomatica* foi a da abolição da pena de morte, questão em que a maioria se decidiu pelos principios humanitarios, como se presentisse que, dez annos depois, um grande poeta, um dos objectos então da sua veneração litteraria, M. de Lamartine, se encarregaria de executar o seu desejo, inaugurando eloquentemente as novas aspirações da democracia.

O sr. José Freire de Serpa ha alguns annos que se conserva silencioso e inactivo. É porventura o infallivel destino dos que se afastam do movimento, mais ou menos inspirador dos grandes centros de população, para existirem no pacifico remanso da vida provinciana e quasi campestre. Os espectaculos da natureza, que accendem e commovem a imaginação, nos primeiros annos, perdem pouco e pouco o seu attractivo, e a sua excitação poetica, e o pensamento adormece n'uma contemplação vaga e quasi sensual, sem procurar traduzir-se na lingua da arte.

O sr. José Freire é entretanto duplamente notavel, como poeta, e como iniciador. Toda a agitação litteraria, que mais ou menos se tem denunciado em Coimbra, durante differentes epochas, parte da sua primeira iniciativa. Elle em 1839 e 1840, e o sr. João de Lemos em 1841 e 1842, chamaram as gerações academicas, desencaminhadas em distracções pouco cordatas, ao tirocinio das lettras, e o proprio ensino universitario se resentiu de tão esclarecida e nobre influencia.

Parece-nos haver devidamente caracterisado a indole do talento poetico do sr. José Freire de Serpa. Arrojado e energico, metade por calculo, metade porque revelava as primeiras angustias da sua alma, em breve os seus versos assummiram a doçura amena, a suavidade melodiosa de uma organisação mais sentimental, do que fogosa, mais terna do

que ardente. No *D. Sisnando*, e no *Aben-Afan* retrata-se, a um tempo, o reflexo da escóla romantica, que elle avidamente cultivava, e essas mysteriosas decepções de affectos, mal correspondidos, ou torpemente atraiçoados. Nas suas outras composições, já o seu talento está mais desprendido da imitação, mais livre nas suas manifestações, já no seu coração se cicatrizaram as feridas, podendo palpitar movido pelas suas naturaes inclinações.

Vemos por em quanto suspensa a sua musa, mas não suppômos que este ocio seja uma abdicação. Não se deserta facilmente de um campo, aonde se adquiriu reputação e gloria. Crêmos que em breve o nome do sr. José Freire de Serpa se esmaltará de novo entre os dos cultores das letras.

O TROVADOR.

JORNAL POETICO DE COIMBRA. (*)

O *Trovador* é um livro que ha de viver no futuro. Campo, aonde fizeram as primeiras provas talentos distinctos; estadio poetico, que marca o alvorecer de um movimento litterario, e reflecte as aspirações de uma nova escóla.

Parece-nos ter sido justos no juizo que fizemos ácerca do *Trovador* nos dous capitulos dos *Ensaios de crítica e litteratura*, que em seguida transcrevemos. Insistiamos entretanto demasiado na idéa de querer levar a poesia para a arena politica. São duas espheras distinctas, a da arte, e da philosophia pratica, que mutuamente se auxiliam nas suas manifestações, mas que convém se não confundam.

Póde acaso a imaginação não absorver o espirito da epocha, não se exaltar com as paixões que em torno de si se agitam, e será mister inculcar-lhe o que espontaneamente, involuntariamente, ella tende a procurar?

É exactamente o defeito contrario, que caracterisa a poesia moderna. É deploravel, e não fallo aqui da poesia portugueza, vêl-a serva humilde dos sentimentos e preconceitos ephemeros, deixar de reflectir as impressões geraes da humanidade, para ser o echo das rapidas transformações, que modificam a sociedade. Hoje, agita o *bonet phrygio*,

(*) Publicado nos annos de 1843-1844.

baccante insaciavel e fogosa: ámanhã, torna-se aristocratica, e ultramontana, saíndo das ante-cameras do *petit-lever* para sacudir o thuribulo do incenso, e prostrar-se ante os altares de um fanatismo hypocrita.

O que significam estes enthusiasmos, que tão cedo se dissipam, estas rapidas deserções de doutrinas, que se reputavam generosas e justas, senão o aborrecimento da alma, que anda errante no vacuo, e a vaidade do espirito, que corteja o successo, tentando elevar-se com elle?

A poesia tem traçadas as suas tendencias, e marcada a sua região. Cada geração de poetas, que canta as suas juvenis impressões, como se ninguem antes d'elles as houvêra sentido, é como a ridente emanação da primavera, que esmalta de flores o prado, sem indagar se antes d'ella apparecer, se não houvéra por milhares de annos repetido o mesmo grato e bemfazejo phenomeno.

É esta doçura e juvenilidade de inspirações, que distingue *O Trovador*. Tudo aproxima o livro d'essa primeira quadra da existencia litteraria, em que goso e soffrimento, amor e decepção, se apresentam como emoções inesperadas para a alma, que accorda ás tormentas, e se precipita ingenua nos caminhos da vida.

Mais de um poeta tem depois justificado os nossos favoraveis vaticinios. Alguns, tem alcançado merecida reputação em tentativas de outro genero. O sr. Cordeiro, jornalista, crítico, e homem politico, em tudo tem demonstrado a excellencia do seu engenho, e a elevação das suas faculdades. O sr. Evaristo Basto, folhetinista e escriptor politico, soube criar-se um nome distincto entre os seus collegas da imprensa periodica do Porto. O sr. A. Lima publicou em 1851 parte das suas poesias de sentimento n'um volume, a que deu o modesto titulo de *Murmurios*. Encarregado de lhe fazer um prologo eu resumia n'alguns trechos a minha estima para com o seu esperançoso estro.

«E tu, meu amigo desde a infancia, não és uma prova viva do muito que se lucta para poder dominar as invejas, e suffocar os latidos da mediocridade despeitada?

« Não nos consolámos nós mutuamente nas horas de amargura, não fui eu testemunha d'aquelles certames poeticos, a que presidia João de Lemos?

« Não liamos juntos Chateaubriand e Byron, Lamartine e Victor Hugo, não nos banhavamos, com fervor supersticioso, n'essas origens da poesia moderna?

« Não poderia, se fosse indiscreto, notar em cada verso lastimoso, em cada imprecação apaixonada, os sonhos da tua alma, as lagrimas do teu desespero?

« Não aprendi a conhecer, na tua convivencia, e na de alguns outros poetas, que a gloria é como uma d'essas mulheres orgulhosas, que nos abrem os braços, e soltam dos labios a palavra — *amo-te* — quando já no coração se nos apagou o paciente e resignado verdor da esperança?

« Duas ambições tem o poeta na esphera do sentimento, ardentes como a fé, esplendidas e sublimes, como o irradiar do sol nas azuladas aguas do Oceano.

« Amar um anjo — virgem de alma e corpo — communicar aos divinos toques de uma belleza, que se ignora, toda a vivacidade da paixão, achar dentro d'alma um raio d'aquelle amor, que Pigmaleão pedia ao céu para animar a sua Galatea — beber as primeiras lagrimas de um profundo affecto — devorar as primicias adoradas de um sentimento, que accorda puro e singelo, não é, por assim dizer, realisar a mais íntima e inebriante felicidade da vida?

« Encontrar no mundo uma mulher incredula como a saciedade, desbotada de illusões, e já com o sorriso desdenhoso do scepticismo nos labios, fazel-a viver á crença do amor, dar por assim dizer rythmo e harmonia áquella prosa descuidosa e indifferente, não é evocar um mundo do chaos, crear a vida do nada, alcançar um dos mais grandiosos triumphos para o orgulho humano?

« Mas é acaso o amor um sentimento, que se defina como uma proposição de geometria, a que se marque itinerario, como tentaram fazer os *preciosos* do *Hôtel Rambouillett*?

« Eis porque eu reconheço á poesia lyrica um vasto campo de observação, um horisonte sempre dilatado e formoso.

« Em quanto houver quem sinta fina e delicadamente, póde haver poesia, hão-de nascer poetas, dar-se-ha existencia á litteratura.

. . . . . .

. . . . . .

. . . . . .

« Creio tambem, que este seculo retrahe cedo as faculdades da imaginação.

« E' o seculo da economia politica: é o seculo das vaidades da riqueza, — em que homens e mulheres, uns calculam as delicias da posse; outros, as commodidades do matrimonio.

« N'esse ponto, a corrupção invadiu completamente as classes superiores.

« Não me admira que o amor puro e sincero, que a paixão vertiginosa e louca se vão encontrar como nos romances bucolicos de Florian, e nas poesias de mad. Deshoulières, nas pastorinhas que vagam com o seu rebanho pelos montes.

« O que ha de celeste, de espiritual, de verdadeiramente divino no amor, é que elle levanta a alma acima dos interesses, e das *conveniencias* sociaes.

« Hoje uma mulher, dançando em quatro bailes, sente desgastada toda a poesia do seu espirito. Dansam e namoram por especulação, como os paes, os irmãos, e os maridos traficam na agiotagem ou na politica.

. . . . . .

. . . . . .

« Não ha, por conseguinte, um pensamento engenhoso e poeticamente singelo em dares ao teu livro o modesto titulo de *Murmurios?*

« É assim: nem os cantos de guerra, nem os brados de vingança, nem as imprecações da agonia, nem os suspiros da paixão, nem os extasis de uma adoração casta e mimosa, podem soar senão como *murmurios* aos ouvidos d'esta sociedade avarenta e insaciavel.

« Tudo se desdenha e se esquece: quando se lêem uns versos, ao acordar das vigilias de um baile, não se mistu-

ram de envolta com aquelles trechos o motivo de uma *polka* o compasso aproximado da ultima *walsa*?

« Não está ainda sobre o sophá do gabinete o vestido de gase, e logo em seguida, o ramalhete meio desfolhado, as reliquias de um espectaculo, a que se vae para encontrar um marido, e não para amar lealmente um homem?

« Os cantos do poeta ainda que elle se chame Byron ou Lamartine, ainda que elle desenhe a figura de *Haidée* ou *Grasiella* são apenas *murmurios*, thema quando muito de uma distracção passageira.

« Applaudo-te, meu bom amigo, do titulo: define o seculo, e prova que o teu talento é tão superior como modesto . . . . . .

. . . . . .

. . . . . .

Este volume de poesias é realmente fadado a baptisar poeta a vocação já conhecida no *Trovador*. O poeta já se desprende das suas proprias angustias para contemplar os espectaculos que a sua vista mais lucida, penetra e comprehende. Daremos como *specimen* este fragmento da sua poesia intitulada o *Crepusculo*. »

. . . . . .

Duvidoso, breve instante
De sombras e de clarão,
Em que um manto vaporoso
Desenrola a creação:

Hora de pallidas sombras
E de indistincto fulgor
Em que traja a natureza
Vacillante, dubia côr:

Doce instante fugitivo
Que breve se esvae no espaço
Em que juntos noute e dia,
Dão terno, rapido abraço

I.

« O TROVADOR nasceu da convivencia intellectual de alguns mancebos esperançosos. O sr. João de Lemos era o centro de uma reunião litteraria, que protestava contra o desapêgo geral d'aquella mui veneranda universidade a tudo quanto tenta saír do circulo das suas classicas tradições. Nós assistimos, em pessoa, aos primeiros vôos d'aquelles jovens poetas: é de 1841 que data esta cruzada contra a preguiçosa indolencia, que esterilisava os mais ferteis talentos. O sr. José Freire, já experimentado n'aquellas lides, aggregou-se tambem ao movimento: *O Trovador* em breve denunciou ao paiz que Coimbra continuava a ser, menos pela sua universidade, do que pelos esplendores da sua natureza, e pelo prestigio das suas recordações, a inspiração viva de uma poderosa escóla poetica.

« Entramos n'uma improba tarefa. Os principaes redactores do *Trovador* antes de tudo são nossos amigos: a elles devemos talvez o não havermos desanimdo nos primeiros ensaios; foram ainda ha pouco nossos companheiros de armas na gloriosa revolução de 9 de Outubro, tememos ferir susceptibilidades sagradas, dizendo sem restricções o nosso pensamento. Entretanto, temos fé que hão de perdoar-nos a franqueza, e acceitar os nossos conselhos, dictados pela

analyse cuidadosa das suas composições, e por uma admiração tanto mais sincera, quanto menos panica. Grave offensa lhe fariamos, suppomos nós, se nos reduzissemos ás vagas observações, que qualquer parvo poderia fazer em nosso logar. O talento nunca se apreciou com um ponto de admiração. A crítica não consiste nas cortezias poeticas, que precedem quasi sempre os *in-folios* de el-rei D. João V: para ser proveitosa, é necessario que seja intelligente: sendo intelligente obedece antes de tudo aos preceitos do gosto, e ás leis que o genio creou para a arte, e para a poesia.

«O principal defeito do *Trovador*, a meu ver, é estar encerrado n'uma escala muito limitada de sentimentos individuaes. A' excepção do sr. João de Lemos, e do sr. Rodrigues Cordeiro, os poetas cantam apenas a virgindade das suas commoções, em face da natureza, e dos seus intimos desejos. É o eterno thema do amor, assimilado ás opulentas emanações do mundo exterior: pantheismo do sentimento, aonde a idealidade ás vezes se perde, nas divagações da descripção material — no calix da flôr pendido para a terra, no desabrochar da rosa, orvalhada pelos prantos da aurora — no escoar tremente da fonte, que murmura — no scintillar das estrellas que doidejam — no reflexo encantado da lua, que torna um cinto de saphiras rutilantes o rio aonde mostra a pallidez da sua face: são as nuvens que andam perdidas pelos plainos do céu, e que o poeta baptisa com os mais doces nomes, e interpella com os mais ternos queixumes.

« Não formulamos uma accusação, manifestamos apenas um facto. Para os engenhos moços, que ainda não sympathisaram com as grandes questões, em que se revolve a humanidade, que vêem apenas no horisonte da vida uma mulher, bella como os seus sonhos encantados, é este o eterno canto: canto que nunca esmorece, que resuscita todos os dias com o fervor de novas illusões, que adormece a Laura de Petrarca, que faz palpitar de emoção a Beatriz de Bernardim Ribeiro, que debulha em lagrimas a saudosa Natercia; canto phrenetico que é mais um anhellar ardente,

do que uma paixão realisada, que se não é assim, quasi sempre se abysma no desespero da traição, ou no desencantamento da posse, que morre como as flores crestadas pelos primeiros nortes do inverno, envolvida na torrente que a cospe nas margens, sem belleza e sem perfume.

« Já houve um poeta que disse : « A felicidade não tem historia ! » é a esperança que canta, é o scepticismo que amaldiçoa : e o canto e a maldicção são o principio e o fim de toda a existencia do poeta.

« Prophecia atroz ! dirão os moralistas. A resposta é simples : quem a poude escrever com o sangue das suas feridas, tem direito a proclamal-a ás gerações inexpertas : dir-lhe-hemos sem reticencia : a verdade é triste ; mas não fomos nós que a fizemos : a sociedade é infame e hypocrita, mas devemos bradal-o alto e bom som, aos que poderiam querer comprehendel-a no prestigio dos seus prazeres, e na gravidade convencional das suas palavras.

« Esta situação, na poesia nascente, é irrevogavel e fatal. O coração bate pressuroso, a imaginação reverdece ao soprar das auras bonançosas, ao aroma opulento das flores da primavera — o pensamento funde-se na imagem — as idéas arroubam-se de todos os esplendores da creação : é a aurora da vida, quando o vento da manhã enruga de leve a superficie lisa do mar, quando o horisonte se tinge com os primeiros clarões, quando a natureza adormecida parece accordar n'um hymno de gratidão ao supremo dispensador dos bens da terra. Inspiração proxima, nascida ao ardente impulso dos desejos, que crê mesmo quando blasphema, que espera mesmo quando maldiz a vida — poderosa aspiração, que se abraça a todos os manifestações do bello material, para se elevar com elle até as áltas projecções do ideal humano.

« Mas o que acontece ao *Trovador* ? O mesmo sentimento imperando em todas as suas vocações, gera forçosamente a monotonia, e a repetição : não é uma rosa — é uma roseira : não é uma flôr — é um jardim : não é uma fonte — é um grande rio : tudo accusa a mesma escala de sensa-

ções, tudo afina na mesma corda. È este o seu caracter essencial como livro.

« E o *Trovador* podia, e devia abraçar maior horisonte. Parte dos seus redactores possuiam convicções profundas de liberdade, e de progresso — porque não souberam temperar as propensões apaixonadas, revendo-se no expectaculo animado da historia contemporanea?

« Amar, desejar, o que vale isso sem a vontade? Querer, eis o grande mote do talento — e o principio fecundo de todo o futuro.

« Esta observação dirige-se ao livro, e já não cabe a alguns poetas. O sr. A. Lima é o auctor da *Italia* e de *Torres Vedras*, composições publicadas n'este jornal: o sr. Couto Monteiro, escreveu a *Ponte Monumental*, satyra de convicção intima, que póde ser comparavel aos fogosos improvisos de Barthélémy.

«Se o amor é apenas na vida do homem um episodio, como diz Stael, porque não arrancam os poetas essa tunica que lhes ensanguenta as carnes? Porque não se dedicam a descrever o drama intimo, que agita as sociedades, que lhes faz perder o fructo do sangue, e das lagrimas derramadas, pelas aberrações infames de algumas paixões egoistas?

« Que vasto campo aberto á actividade do talento! Quanto mais poderosa seria a influencia do *Trovador*, se porventura se estreitasse mais á vida social — e não derramasse os seus cantos na vida intima — no cyclo das illusões juvenis, em que o scepticismo apenas desfere as fervidas notas do enthusiasmo, como um thema convencional e obrigado.

« Perdoem-me! Eu não acredito senão em dous scepticismos: um, que nega tudo, porque tragou o calix até ás fezes: que duvida, porque espremeu o goso até ao dissecar de todo: o scepticismo eloquente de Byron, doença da alma, que só as emoções tremendas da guerra podem não suavisar, mas distrahir: ou o scepticismo resignado, desencantamento amargo, dôr immensa de já se não poder crer, eclypse da alma, aonde a luz de vez em quanto desfaz as

trévas, e arremessa o homem a um enthusiasmo passageiro, mas profundo.

« O scepticismo do *Trovador* é infantil: recorda ainda as expansões da felicidade que se ancea, em que ainda se acredita: é um amuo poetico, quando muito, que o primeiro olhar de mulher dissipa, como um raio de sol as nuvens de uma atmosphera de estio.

« Além de outros nomes, de que já temos tratado d'espaço, os principaes poetas d'esta collecção são os srs. Xavier Cordeiro, A. Lima, e Couto Monteiro. Tres vocações quasi gemeas, de differente cunho poetico, e que tem marchado quasi a par, no desenvolvimento litterario.

« O sr. Xavier Cordeiro não tem marcada, por em quanto, a sua sina especial. E' um poeta embalado entre cultos diversos, de improvisada inspiração, que se deixa correr a todos os ventos que sopram; umas vezes, singelo, facil, terno, melodioso: outras, aspero, arrebatado, pomposo, *gongorico* por vezes: deixa-se presentir, em todas aquellas desigualdades, uma grande disposição para a novidade: pretende ensaiar todos os vôos, tenta todos os cantos; refervelhe o desejo de imitar tendencias contrarias, apenas as conhece, apenas lhe embriagam os sentidos em mimosas harmonias.

« Este aspirar contínuo, salva-o talvez da monotonia, mas não lhe concede a grandeza, a que tinha direito de elevar-se: esta ambição cega de penetrar no alheio, leva-o muitas vezes á abdicação da sua propria individualidade; eu acredito com um grande crítico, que a mais cuidadosa imitação nunca pode conduzir um talento á originalidade.

« E eu supponho involuntario este impulso: provém apenas das largas affeições da sua natureza moral, das íntimas sympathias para que tende o seu generoso coração: é que este é dos raros talentos, mais dominados pelos affectos d'alma, do que pelos severos conselhos da intelligencia.

« Mas o sentimento, por muito prompto que seja, vae perdendo de dia a dia as suas rasgadas expansões: as decepções que ha de ter encontrado, hão de contrahir-lhe o co-

ração, e resumir o circulo das suas amisades: esta dolorosa situação para o homem, ha de ser um grande progresso para o poeta.

« O poeta é uma entidade que aonde melhor se conhece é nos mil obstaculos da vida familiar e quotidiana: se podessemos submetter o sr. Cordeiro a esta analyse, estamos certos que todas as almas, por mais positivas, admirariam a sua força de vontade, a sua inclinação irresistivel para as letras, a nobre elevação do seu caracter, os melindres generosos do seu orgulho. O sr. Cordeiro é um modelo vivo para os talentos covardes que desesperam da vida, sem tentarem adquirir a supremacia social, para que a natureza os creou. Na epocha em que as sociedades tendem cada vez mais a reger-se pelos impulsos da imprensa e da tribuna, o talento tem obrigação de usar dos elementos que encontra, para tomar o logar que lhe compete acima das desigualdades artificiaes, creadas pelos abusos, e pelos preconceitos. A espada já deixou de ser a dominadora dos destinos da humanidade: a intelligencia alcançou os seus foros, e creou a sua importancia, pela excellencia dos seus serviços; resta-lhe uma lucta, deve-a emprehender com dedicação e coragem: subordinar a si essa riqueza insolente, que pretende substituir-se aos orgulhos do sangue. Louvemos pois o homem, antes de apreciar o poeta; saudemos no sr. Cordeiro a dignidade da democracia, sabendo conquistar a sua posição com o suor do rosto.

« O sr. Cordeiro ensaiou-se em tres generos: como poeta de sentimento, como trovador, e como poeta academico de descripções e de periphrase.

« E' pena que seguisse esta ultima tendencia viciosa: a escola moderna de Coimbra, a cuja frente brilham os nomes dos srs. José Freire e João de Lemos, desviou algumas vezes a poesia simples, de relevo natural, e singelo, para os arabescos, e lavores ambiciosos, que desfeiam as mais bellas inspirações. *O Poeta e o Vôo de alma* por exemplo, são verdadeiras exagerações, aonde falta o colorido delicado, o desabrochar mavioso, que encantam os sentidos, e o

coração. A poesia rhetorica, aonde se disserta, em vez de se sentir, é falsa, e descáe sem se querer no *gongorismo*.

« Perguntem a todos: não será a *Lua de Londres* superior mil vezes ao *Hosanna?* Não valerá o *Festim de Balthazar*, estudado nas fontes primitivas, n'esse grande poema que se chama *Biblia*, muito mais do que o *Natus est Jesus?*

« Quando se busca o effeito, atraiçoa-se a verdade primitiva de toda a poesia. Poderá o bom gosto consentir esta imagem, e poder-se-ha penetrar o pensamento do auctor?

Nos seios do vulcão erguem-se as chammas
Lá refervem cachões.
Da cratéra esbraseada a lava ardente
Se lança caudalosa, e vae de rojo
Em rios enxofrados meneando
O diadema d'um dia sobre a terra
Que esterilisa insana, e queima, e esmaga.

O *Vóo d'alma* não tem um pensamento gerador. É uma divagação pelos mysterios da natureza, cuidadosamente estudada até no aspero da fórma: carregada de adjectivos que fazem estremecer, e parecendo calculada *ao echo*. Ora, para nós, a lei soberana da poesia é o desenvolvimento de um pensamento: quem se afasta d'ella, é rebelde á arte, e não póde aspirar á gloria. As imagens que encantam, digâmol-o sem reticencia, são poucas vezes um dom da intelligencia, quasi sempre nascem de um capricho do acaso. É a rima que as descobre, como Pedro Alvares Cabral, partindo para a India deu de face com as florestas espaçosas do Novo-Mundo.

« *Em S. Francisco do Monte* notamos a mesma ausencia de pensamento, e o mau gosto de imagens: *tu fizeras que estas serras me sorrissem mais relvosas*, não é um pretexto para a rima *caudalosas*, que se lê mais abaixo?

« O trocadilho *bocagiano* volta mais de uma vez—por exemplo: *nas vagas impressões dos vagos sonhos:* bastava um *vago* para se entender a idéa.

« A lingua soffre torturas, em busca de termos *onomatopaicos*, e de rimas extravagantes: *ondas rabidas, campos*

do nada, são consequencias da má direcção que o poeta tomou.

« Quanto mais o queremos nós vêr poeta sentimental, e trovador mimoso: como é bella esta saudação ao seu amigo Pereira da Cunha:

Mas tu resaste, poeta
Porque essa aurora do céu
Te descobre n'aurea côr
A côr do mystico véu,
Porque sentes que outro raio
Vem ferver no estro teu.
Mas tu esp'raste, poeta,
Porque a saudade te inspira,
Porque uma voz do futuro
N'harpa das tardes suspira,
Porque essa voz te cantára
Saudades da tua lyra.
Mas tu amaste, poeta,
Porque da lua o clarão
Dentro d'alma te allumia
A garganta de um vulcão,
Porque a noute diz — agora
São horas do coração.
Não vive a turba e tu vives
Porque és da vida o fulgor,
Ella é sem dia e sem nada,
Tu és da vida o senhor,
Porque no dia, e na vida
Lês-te *crença, esp'rança, amor.*

« Quem escreveu estes versos, poderá desencaminhar-se, mas possue o fogo sagrado — é poeta.

As Tres Damas, A Tomada de Coimbra, O Conde Assassino, são lindos soláos, que em nada desmerecem do creador do genero — o sr. José Freire.

Na *Nova Musa*, ha tambem uma *sextina*, que nos não poupâmos a citar:

Que importa não visse ainda
O teu rosto? Sei que és linda,
Sei que és bella a mais não ser;
Eu nunca vi um sorriso
Dos anjos do paraiso,
E creio no seu poder.

« O que se descobre tambem no poeta é um talento progressivo, que não desfallece, que se não esgota — que descobre horisonte, á medida que a instrucção lhe fecunda as idéas. É por isso que o acreditamos ainda no primeiro periodo da sua existencia litteraria; e não ha de adormecer, que as naturezas fraternaes e expansivas crêem que, antes de tudo, se devem ao culto da intelligencia, e ás crenças que hão de regenerar a patria, e felicitar o povo — d'aonde nascemos.

II.

« A ARTE moderna estuda-se sobretudo na historia philosophica dos acontecimentos. O dogma da sociedade antiga era a auctoridade: quando as nações passando do estado informe do feudalismo, foram pouco a pouco assumindo uma existencia regular debaixo da influencia da monarchia absoluta, a poesia como a religião, como a propria civilisação, tomam um caracter de unidade, que denuncia todas as condições da transformação social. E' por isso que antes de Luthero — antes da lucta do principio da liberdade de discussão, invocado para emancipar o espirito humano — a poesia é epica — é o genio de um homem que se estabelece revelador das agonias de uma sociedade — é ao impulso da sua vontade, e sob as prescripções arbitrarias do seu engenho, que a poesia popular toma as fórmas pomposas da civilisação antiga, e reune n'uma só obra todas as vagas inspirações, que palpitam no coração do povo. E' então que o Tasso canta *La Gerusaleme Liberata*, Camões *Os Lusiadas*, Cervantes escreve o sen *D. Quixote;* cada um d'elles marca o apogeo do principio triumphante, e consubstancia n'um grandioso monumento o trabalho lento de muitos seculos nas idéas, na lingua, na propria metaphysica dos sentimentos humanos.

« Apenas Luthero se levanta em nome do espirito hu-

mano, contra o absólutismo religioso do Vaticano — a questão muda inteiramente de aspecto. Não se crê — discute-se: não se obedece — pensa-se: o vulcão comprimido rebenta em lavas assoladoras — e o pensamento, multiplicado pela imprensa, ameaça todos os poderes constituidos. Admiravel revolução de que hoje se tiram talvez as ultimas consequencias!

« Esta explosão era inevitavel, sob pena de tornar immovel a civilisação. Apenas as idéas deixaram de ser um monopolio, começou a emancipação intellectual das classes inferiores, e o horisonte da arte enriqueceu-se com as inspirações do genio popular, adormecido até ali pelas instituições, que lhe negavam toda a acção publica.

« Houve então no dominio da arte um desmembramento successivo, a isolação de cada uma das faculdades, e das funcções que pertenciam a esses talentos dominadores. O individualismo litterario estabeleceu-se como o individualismo politico: a maxima do *chacun pour soi*, foi tão decisiva no mundo intellectual, como no mundo economico. O seculo XVIII em França exprime positivamente esta estação do espirito humano: o seculo XIX tem de realisar na arte, como na sociedade, o principio da associação — não só nos interesses, como nas idéas que hão de reger a civilisação democratica.

« E vamos avaliar a litteratura contemporanea debaixo d'este ponto de vista, que nos é perfeitamente peculiar. O que representam Béranger e Lamartine — os dous maiores poetas da França? — Um, tende a reunir a alma da patria n'um mesmo pensamento, e n'uma mesma crença politica: o outro, toma à religião, cuspida e affrontada pela philosophia, e levanta-a como o ideal humano, no centro da indifferença, e do scepticismo. E' que ambos, sem querer talvez, serviram as necessidades do futuro: á tyrannia das opiniões consagradas, havia de succeder a reacção do espirito, provando-se pela decomposição da religião, da sciencia, e do poder: Luthero nega a infallibilidade do papa: Descartes a da philosophia antiga: os publicistas do secu-

lo XVI, a da realeza absoluta: o espirito resuscita como o Lazaro, e pergunta orgulhoso á sciencia, e á sociedade o problema do seu destino. A analyse estabelece-se sem remissão: a philosophia faz desabar em ruinas a montanha que esmagava o homem no seu legitimo desenvolvimento, e funda em vez da auctoridade o principio da competencia do espirito humano.

« Não é a mesma a missão do seculo que nos viu nascer: o *laissez faire! laissez passer!* parece-nos uma idéa tão falsa na industria, como na litteratura e na philosophia. Destruimos, precisâmos edificar: desunimos, precisâmos ligar: a duvida é uma doença tão fatal para o espirito, como o egoismo para a sociedade. A poesia póde de certo percorrer o ciclo das emoções individuaes, mas tem de tomar parte no movimento revolucionario, e de inspirar-se nas idéas que tentam reconstruir, compor de novo — a sociedade moderna.

« O sr. A. Lima entendeu esta situação maravilhosamente. Amante, cuspiram-lhe na religião do coração: amaldiçoou o seu destino, baptisou com as lagrimas da saudade a imagem d'aquella que não soubera comprehender os segredos da sua alma, que não sympathisára com os arrojados vôos da sua imaginação. Esta primeira quadra da sua existencia é melancolica como o estremecer das folhas ao descaír da tarde; os seus cantos são um gemido: descrê da mulher, mas não tem bôca para a amaldiçoar: chora sósinho as amarguras da sua solidão, e busca nos prestigios da natureza uma voz que saiba responder aos impulsos apaixonados da sua natureza moral.

« Mas ha tanta fé n'aquelle descrêr despeitoso! Ha tanta esperança n'aquellas agonias solitarias! Quem adora as estrellas do céu, quem bafeja as flores no prado, quem namo-ra a limpha que sussurra, quem ouve os suspiros da bris quem se extasia nos magicos esplendores da luz — é que tem ainda verdor no coração — é que ama — ama vagamente — mas sem escrever com sangue a ultima pagina do livro do coração.

« E as suas poesias abonam completamente este pensa-

mento. E' uma lucta entre os desejos, e a vida — entre o impulso de amar, e o temor de não ser correspondido: é um sorriso triste, e resignado, mas que ainda crê: não se affoga em pranto aos pés de uma mulher, lendo nos seus olhos a prophecia fatal do seu destino; não quer tentar essa prova solemne: afasta dos labios a taça, que lhe podia envenenar a existencia — prefere a melancolia d'aquellas illusões, que reverdecem por momentos, ás decepções amargas, que se adquirem quasi sempre quando o homem se entrega a toda a vitalidade dos seus sentimentos.

«Tomados um por um, os trechos lyricos do sr. Lima tem uma profunda significação na psychologia individual do poeta; mas o todo é monotono, porque produz sempre a mesma escala de emoções, e palpita debaixo da impressão do mesmo sentimento. Longe de nós o querer condemnar esta feição da sua poesia: tudo quanto é verdadeiro, é bello na arte: as dôres têem um só effeito, para serem reaes: querer variar os tons, sem mudar a essencia da inspiração elementar, é atraiçoar a verdade, e por consequencia mentir á lei soberana de toda a poesia — o desenvolvimento de uma idéa.

«Mas a crítica tinha a queixar-se do poeta se porventura a sua alma se incarnasse para sempre n'aquellas disposições melancolicas: a dôr — diz o sr. Herculano — é como a pedra bruta, gasta-se pelo uso: eu não acreditaria na eternidade d'aquella saudade — eu não poderia comprehender pelo menos, que um talento se tornasse como os primeiros christãos, cenobita no meio do mundo, envolvendo-se para sempre na recordação d'um amor malogrado: era necessario que o poeta se despisse do seu egoismo apaixonado, e lançasse um olhar sobre a sociedade, que gemia tambem, privada do seu amor eterno — a justiça e a liberdade. O sr. A. Lima acaba de encetar esta nova estrada com uma felicidade digna das profundas convicções que o animam: a poesia *A Italia* sobre tudo, não tememos affirmal-o — é das melhoras composições lyricas da musa moderna portugueza.

«Temos um intimo prazer em vêr a mocidade — repre-

presentada nos seus mais distinctos talentos — dirigindo o espirito publico para as grandiosas perspectivas do futuro. O sr. A. Lima deve perseverar n'este caminho, e transformar o seu amor n'esse outro amor mais desinteressado — mais nobre — mais ideal — o amor da humanidade, e da patria.

« O que ha a notar no seu estylo poetico em todos os periodos do seu desenvolvimento, é a pureza e o castigado da forma. E' talvez dos talentos mais iguaes do *Trovador*. Se tem menos arrojo, possue tambem menos defeitos. Nas *quadras* sobre tudo não tem rival. Entre tanto notámos n'uma rapida leitura algumas imperfeições, que nos não poupâmos a apresentar.

Na sua poesia — *Amanhã de quem serás?* — ha esta quadra:

Porque gemo se suspiras,
Porque gemo se sorrís,
Porque gemo, se uma perola
Te fende as faces gentis?

Ha uma grande impropriedade na expressão. A perola significa lagrima, e uma lagrima não fende.

Na sua poesia — *As Ondas* — ha ousadias que o bom gosto não consente. Os versos:

E as leves ondas espumosas, fôfas

E logo abaixo:

Tépidas ondas de intimos suspiros

— Parecem-nos estar n'este caso.

No trecho lyrico — *A Tarde no Cemiterio* — tem uma quadra verdadeiramente seiscentista:

Aqui no porto, onde livres
Do furor da tempestade
Vem os baixeis da existencia
Ancorar na eternidade.

« O conde da Ericeira morria de gosto de ter encontrado esta semsaboria — o sr. A. Lima deve riscal-a n'uma segunda edição dos seus versos.

« Charles Nodier assemelha estas observações pequenas, feitas aos poetas, ás injurias calculadas que acolhiam os generaes romanos no dia do triumpho. Nós não temos a intenção de fazer tombar o carro de nenhum triumphador, apenas afastaremos as pedras do caminho, para lhe evitar os balanços.

« E por mais que o coração do poeta se pudesse offender com a crítica, não achariamos nós desculpa n'esta linda quadra da sua poesia — *Resignação?*

Sou homem, devo ser forte,
Devo a desgraça affrontar;
Sou poeta, é minha sorte
Quando soffro abençoar.

« E esta quadra exprime mais do que um lindo pensamento — revela toda a alma do sr. Lima. E' que elle tem força para soffrer — não possue a energia da reacção para cuspir no mundo que lhe desfolhou a sua corôa de illusões, e que lhe exige em paga toda a abnegação do sacrificio.

« O exemplo, diz Victor Hugo, é uma proclamação viva. Enche-se-nos de orgulho o coração, quando observâmos, no centro da corrupção que mina o corpo social, a intelligencia resistir, pela sua propria elevação, a todas as seducções que a tentam prostituir. N'essa brilhante phalange poucos são aquelles que descrêem do futuro da mocidade, e que prestam o seu talento á conservação dos abusos e preconceitos, que envilecem a nossa existencia nacional: é que quando se fitam todos os dias os olhos no céu, a alma acostuma-se aos esplendores que lá brilham. E' que só a mediocridade se deslumbra com algumas gloriolas vãs, e alguns gosos efemeros: é que o talento deve ter fé de ser coroado tarde ou cedo com a aureola que lhe pertence legitimamente.

« E n'isto o mundo não é tão ingrato como se diz: Cha-

teaubriand desceu ao tumulo acompanhado pelas lagrimas de uma nação inteira: Talleyrand — o symbolo da venalidade e da infamia — já tem gravado na campa o stigma da posteridade.

« A indole poetica do sr. Couto Monteiro fórma um contraste como a de todos os poetas que temos até aqui analysado. Conhece-se perfeitamente que as suas faculdades andam dispersas n'outros estudos, que a aridez das materias de direito, em que é profundamente versado, lhe afogam por vezes a inspiração, e lhe empanam o colorido dos seus versos aliás afinados na mais voluptuosa melodia.

« É por isso mesmo, que elle primou na satyra — A Ponte monumental — fragmento que attinge por vezes toda a vêa sarcastica de Barthélémy, sendo-lhe não inferior no merito puramente litterario. Ha pouco arrojo na imaginação do poeta, sente-se evidentemente que o pensamento abunda mais do que o coração, que perdeu as illusões, pouco e pouco, sem uma d'estas catastrophes íntimas, que marcam com profundo sêllo o destino litterario do artista. Ha como uma ironia occulta nos mais ferventes protestos de paixão exaltada: os olhos accendem-se em fogo, a voz desata-se em interjeições apaixonadas, mas o sangue pula nas vêas sem febre, as fibras do peito não se abalam aos impetos calculados do seu delirio; a idéa sobrevive sempre a todos os sonhos da phantasia.

« Parece-nos que este dominio sobre todas as expansões exaltadas, é talvez um merito no drama, no romance, em todas as obras, aonde se precisa mais analyse do que espontaneidade de composição; mas enfraquece, torna incolôr a inspiração lyrica — que parte da alma, impetuosa e irresistivel.

« Laplace assistindo á representação de uma tragedia de Racine, perguntou no fim: *Qu'-est ce que celá prouve?* Esta pergunta anda encoberta nas composições do sr. Couto Monteiro; elle diz a si mesmo: Porque sinto? porque choro? porque admiro?

« É que, por mais que me digam, o sr. Couto Montei-

ro, é mais do seculo passado do que do seculo presente: não digo nas idéas, que alcançam todo o futuro da humanidade, mas na essencia íntima do seu genio: elle duvida antes de crêr — elle raciocina antes de sentir: — se amar, ha de ser com aquelle sensualismo ligeiro dos marquezes de *l'ancien régime*, tão bem descripto por Balzac, e Dumas. Não se inspirará nem dos sonhos encantados de *René*, nem da melancolia apaixonada de *Child-Harold*, nem talvez dos desejos desenfreados de *Antony*. E' um talento superior — mas mais artista do que poeta — levado mais pelo entendimento do que pelo enthusiasmo.

« Não sei se acerto: refiro singelamente as minhas impressões, e tanto mais imparcialmente, quanto é sincera, e antiga a nossa mutua amisade.

« E porque se não entrega o sr. Couto Monteiro ao romance popular? O seu *Gonçalo Hermingues o Traga-Mouros* — é talvez das melhores composições do genero; póde competir em perfume popular, e em conhecimento de lingua, e castigado de fórma com tudo o que ha dos srs. José Freire, e Pereira da Cunha.

« Mas se nas poesias do sr. Couto Monteiro ha menos fogo, é tambem mais igual, e mais placida a luz que n'ellas brilha: se ha menos arrojo, tem mais exactidão: se não traduz em imagens ardentes o impetuoso delirar dos seus desejos, sabe pintar com toques suaves, e dar ao quadro toda a lucidez da perspectiva. Esta imagem na sua poesia — *Coimbra* — ha de palpitar sempre de esplendor e de verdade:

Por ti desce do Herminio, excelso throno
O soberbo Mondego; esquece o berço,
E corre, e corre pressuroso a vêr-te.
D'amor vencido vem beijar-te as plantas,
E de teus mimos prezo a custo arrasta
Em torno a pura preguiçosa limpha;
Curva-lhe a face no inquieto seio,
Carinhosa estendendo os niveos braços
Entre amenos sorrisos;

Assim virgem formosa os pés firmando
Na fulva arêa, á beira da corrente
Alonga os braços, curva as mãos em conchas
E as rosas banha do formoso rosto.

« Muitos nomes ha no *Trovador* promettidos porventura a um glorioso futuro. O sr. F. de Castro Freire desmente brilhantemente a asserção de A. Dumas: *Les Mathematiques sont les chaines de la pensée.* Como poeta traductor talvez não tenha rival na fidelidade com que transplanta o pensamento, e no cunho portuguez que lhe sabe dar.

O sr. Luiz Corrêa Caldeira estreou-se brilhantemente, sobretudo na *Nuvem*, e nas *Lagrimas da Rosa;* tem direito ao titulo de poeta. Entretanto a terceira oitava da *Nuvem* está tocada evidentemente de *gongorismo*: nas *Lagrimas da Rosa* na quarta sextina ha uns *faunos que dançam*, que nos não agradam muito. *O Teu Nome* recorda demasiado Lamartine, e ha lá um *Eolo*, que nos faz mau effeito, por ser uma recordação classica mal trazida n'uma poesia toda afinada no mysticismo christão.

« Nós já fallamos no sr. Francisco Palha, como um dos poetas de mais horisonte na escola legitimista:-a sua poesia — *A Minha Patria* — denuncia-o um talento progressivo e consagra os seus primeiros ensaios no *Trovador*. O trecho lyrico — *A Minha Mãe*—está repassado de uncção apaixonada, e de sentimento poetico: é de certo das mais bonitas poesias do *Trovador*, só ella lhe dava ensejo a tomar logar distincto entre os poetas portuguezes.

« O sr. Evaristo Basto é pomposo de mais nos seus impulsos poeticos: recorda ás vezes uma certa escola nascida no centro das discussões litterarias de José Agostinho e Bocage; esta censura é severa, mas é merecida, se o avaliarmos pela sua poesia *Napoleão. Auri-comada, Alpes cavernosos, seus raios refractaram*, são expressões sesquipedaes, *sesquipedalia verba*. E depois, apesar de se lhe conhecer elevado engenho, é impossivel julgal-o em tão rāros e curtos documentos, que não bastam para firmar a sua individualidade poetica.

« O sr. Henrique O'neill reune a uma certa disposição bucolica pronunciada, um sentimento melancolico, que realça o seu amor pela natureza: geme com ella, sem pretenção *byroniana*, e adormece as dôres ao trinar das aves, ao doce murmurio da corrente, sem amaldiçoar a vida que o faz gozar placidamente as perspectivas encantadas do mundo material. Seriamos injustos, se o não citassemos como um engenho de provada vocação litteraria.

« *O Trovador* é um exemplo que se não deve perder. Grupar n'uma empreza litteraria algumas intelligencias, leval-as pela emulação a um fim, dar-lhe habitos de trabalho, cuja falta ás vezes as perde sem remedio, provar com tudo isto a superioridade da geração nova, o seu empenho de se fazer conhecida, envergonhando pelo contraste essas mumias pretenciosas que se atrevem a invocar os seus cabellos brancos, deshonrados pela corrupção, e as suas rugas cavadas não pelo estudo, mas pelo vicio, é um documento de boa vontade, a que nós todos, mancebos, devemos ser gratos. Estas provas repetidas hão de convencer por fim o paiz, que não é d'essas capacidades panicas que se elevaram pelos acasos de uma revolução, e não pelos prestigios do talento, que ha de provir o remedio aos seus males; que a mocidade não crê só no futuro, prepara-se para elle; que as revoluções politicas, sem homens novos que as saibam representar, esterilisam-se nos mesmos abusos, e nos mesmos preconceitos. E é só assim, é quando o paiz se entregar confiado nos braços da nova geração, que podemos ter fé no futuro da patria.

LUIZ AUGUSTO PALMEIRIM.

Duas edições quasi successivas justificam a popularidade que as poesias do joven escriptor souberam alcançar em Portugal e no Brazil.

Se a musa do elegante poeta não é das mais sollicitas e diligentes, ninguem póde negar que existe ainda viçosa, que não perdeu nem as illusões nem o enthusiasmo.

Sentiria eu muito que assim deixasse de acontecer. Pois nós que contemplâmos com tanta melancolia os monumentos que cáem em ruinas, não nos deve doer o coração de vêr tantos pensamentos que se desvanecem, tantas crenças que se desfolham, tantas vozes que expiram, no meio desta revolução contínua, que agita as sociedades modernas?

O sr. Luiz Augusto Palmeirim é uma vocação poetica, em toda a extensão da palavra.

Folhetinista, auctor dramatico, jornalista, em tudo tem provado o seu talento, mas o ambiente em que respira á vontade, em que o seu pensamento desenvolve toda a sua finura, e perfume, é na lingua do verso, que tão facilmente lhe obedece.

Mavioso e sentido, espirituoso e penetrante, a sua poesia possue uma individualidade distincta, um estylo, mas não se dedica de preferencia a este ou aquelle genero.

É esta circumstancia que revela plenamente que é poeta, que ha de viver poeta, que será sempre conhecido no futuro como poeta.

Todos os seus cantos não apparecem calculados, não nascem de uma tenção reservada, exprimem ingenuamente as suas impressões, do dia, da hora, do momento. Hoje vae caçar com D. João V a Odivellas, e adoça os labios com os confeitos das freiras, sorrindo maliciosamente por entre as grades da clausura: ámanhã verte pungentes lagrimas sobre o cadaver do cão, que guiava o pobre cego, e partilhava com elle as sympathias de uma vida condemnada a uma peregrinação dolorosa.

É vulgar entre os poetas esta associação do sentimento e da ironia, da paixão e do sarcasmo, do olhar que se extasia ardente nas impressões do amor e do affecto, com o sorriso que celebra e penetra os ridiculos da vida.

E não se descobre tambem a melancolia, o fastio da existencia nas mais chistosas composições? O *D. Juan*, esse testamento moral de um grande poeta, não nos inicia nos segredos do seu orgulho offendido, da sua ambição condemnada, da sua immensa desolação, vendo-se sósinho e ermo sobre a terra?

Caso notavel! O sr. L. A. Palmeirim, que parece conhecer tão a fundo o viver provinciano, é lisbonense de nascimento, e tem habitado quasi sempre Lisboa. Educado para a carreira militar, servindo mesmo alguns annos no exercito, filho de um general, nem as tradições, nem a educação o desviaram da sua vocação litteraria.

Foi poeta desde creança, e mais de um professor casmurro e de um decurião aspero e importuno mereceram as honras da sua veia comica.

Não se póde porventura dizer, em presença d'estes exemplos que a poesia é um sentimento intimo que reage contra as circumstancias exteriores, e fatalmente conduz o homem ás suas naturaes propensões?

Um poeta de arma ao hombro e perfilado na guarita, era realmente uma apparição excentrica. O poeta largou a

espingarda, e foi divagar pelo campo com as cachopas que ceifavam enfeitando-o de flôres.

Que Deus o conserve muitos annos em tão alegre e descuidosa companhia: e que olhos, e flores sejam sempre os mimosos objectos da sua adoração litteraria.

« A poesia em todos os paizes, revela-se ao talento debaixo de certas condições de nacionalidade, porque a litteratura é tanto mais fecunda, quanto melhor as suas raizes profundam no solo da patria. Que verdor d'inspiração não sente o poeta, recordando as montanhas, os bosques, os prados, aonde a sua mocidade se passou no delirio das illusões primitivas? Quem esquece nunca a fonte, aonde matava a sêde, o sol nas differentes estações da sua luz, a brisa suave da noute, o bulcão tremendo do inverno, que o fazia estremecer e conchegar ao seio materno — todos esses fenomenos da natureza, sempre reproduzidos, e sempre novos, que resurgem no meio da sua vida de homem, como as lembranças suaves d'um sonho feliz?

« As propensões estheticas de um povo devem ser para a poesia o objecto do mais cuidadoso estudo. É ali que o genio indigena se avalia, e se conhece; é ali que a poesia toma os seus mais brilhantes e mais sagrados vôos. N'este ponto, as nossas opiniões talvez se afastem das crenças recebidas. A poesia vive, exalta-se, idealisa-se pela inspiração, e quanto mais proxima fôr a inspiração dos instinctos populares, tanto mais energica deve ser. Béranger para nós não é só o poeta mais popular, é o primeiro poeta da França. O seu genio abrange a reflexão e o instincto, a paixão e o sentimento: o seu nome e a sua gloria hão de durar em quanto existir essa França, cujo coração elle traduz em cantos immortaes.

« Em quanto o mundo existir harmonicamente dividido n'esses grandes systemas que se chamam nações, o talento

ha de buscar a sua esphera de actividade no povo, caracterisar a indole, as tradições, as aspirações diversas da sociedade, aonde elle nasceu, e se creou.

« Por maior que seja a força invasora da civilisação, por mais poderoso que seja o seu principio essencial, que tende á unidade — não poderá apagar nem as differenças de sangue e da raça, nem o cunho especial da nacionalidade, que não vive só nos monumentos, nos livros, nas tradições oraes, reside tambem no clima, no céu, na natureza, que a civilisação póde modificar, mas nunca transformar de todo.

« É evidente para nós, que a imitação servil dos estranhos, desfigura e empobrece as litteraturas. Que se estudem as paixões geraes, as paixões *typicas* do coração, isso queremos nós: que se force a inspiração a reproduzir as *nuances* locaes da poesia estrangeira, isso imprime á arte um caracter artificial, que limita a sua influencia nas turbas, acanhando a acção das letras nos phenomenos do desenvolvimento civilisador.

« Dizer que o sr. Luiz Augusto Palmeirim é o mais popular dos nossos poetas modernos, é repetir apenas uma convicção recebida. E é por isso mesmo o mais difficil de avaliar: Villemain já disse — « a poesia é uma cousa sem « nome, que muitas vezes não tem feições distinctas, é um « capricho da alma, e com ella a impotencia d'analyse é o « triumpho do gosto. »

« Esta asserção sem ser absolutamente verdadeira, tem agora uma evidente applicação. Como poderá o crítico ir com o poeta ouvir o *lobis-homem*, sentir a mão mirrada da *bruxa* pousada nas faces, sonhar com *uvas-pretas*, ou ir bailar com a ceifeira no campo, allumiado pela lua, e bafejado pelas auras bonançosas do estio? Como poderá ter voz para acompanhar o Veterano da Peninsula, nos seus contos de sentimento, e de patriotismo — chorar o Camões como o poeta o chorou, amar a liberdade como elle, tão melancolica, tão intimamente, com a alma affogada em pranto, com o coração tão palpitante de enthusiasmo, e de uncção apaixonada? Dizer ao grande poeta:

Que poeta que não era
Da linda Ignez o cantor
Quem mais do que elle dissera
D'esse fero Adamastor.
Era um astro fulgurante,
Era um poeta gigante,
Tinha mais alma que o Dante,
Cantava com mais amor.

« E' uma alma poetica aquella que se exhala em mimosos cantos, que se lêem sem se poderem analysar, aonde se vertem lagrimas, sem se poderem discutir!

« Que importa um tom mais frouxo, uma comparação menos exacta, um som menos harmonico, se áquella poesia se póde applicar o que diz Mad. de Stael na sua *Allemanha*: « Podemo-nos isolar na arte, como na vida, e elevar-nos um momento acima de tudo o que se passa em derredor de nós, e em nós mesmos. »

« A poesia, n'alguns talentos, nada é mais do que a acção reprimida: n'outros, desenvolve-se, robustece no tumultuar dos acontecimentos, na corrente impetuosa da acção social e politica.

« O grande vôo do sr. Palmeirim data positivamente da gloriosa revolução de 9 de outubro: n'isso o seu destino assemelha-se ao destino de todos os poetas, que sentiram acordar a sua missão nas emoções pungentes e dramaticas d'uma guerra e d'uma causa justa.

« Corria o anno de 1847 — o Porto estremecia de enthusiasmo, e de devoção pela sorte da revolução popular. De repente o abatimento succedeu á alegria, os gemidos de angustia aos brados da victoria. Quarenta irmãos de armas, a maior parte dos que haviam alçado o estandarte da liberdade nas praias do Mindello, haviam partido para os sertões inhospitos d'Africa. A dôr chegava ao delirio, era profunda, e immensa como esse tremendo attentado; luva de desprezo arremessada ás faces de todo um povo. Não queremos exagerar o que um exercito presenciou: não ten-

tâmos envenenar as feridas, que o tempo já cicatrizou no coração do paiz: mas todos avaliam os transidos crueis que deviam dilacerar o peito dos irmãos d'armas d'aquelles que haviam combatido pela mesma causa, e soffrido os mesmos revezes.

« O theatro de S. João estava apinhado de povo: apenas se ouvia o respirar anciado de todos aquelles peitos, e um como rumor descosido de vingança, que agitava a imaginação dos menos exaltados. D'improviso, sobre a onda d'aquellas cabeças, ergueu-se um semblante pallido, com os cabellos em desordem, com os labios afastados por uma crispação nervosa, com o olhar brilhante de cholera, e de inspiração, e resumiu n'uma poesia o pensamento vago de todos aquelles homens, perplexos entre a dôr, e a vingança. É pena que a não possâmos estampar aqui: a inviolabilidade será uma maxima eminentemente constitucional, mas é um dos mais fortes obstaculos para a arte, e para a poesia. Felizmente, em tempos de revolução, a inviolabilidade fica restricta aos paços de quem a possue.

« O poeta firmou por essa occasião uma das faces mais caracteristicas da sua physionomia litteraria: era o poeta da nacionalidade, não da nacionalidade que se revê melancolica no que fomos, mas da que rasga com um olhar de esperança, e de fé as nuvens que encobrem o horisonte da nossa regeneração: e é esse mixto de popularidade, e de reflexão, de genio nacional, e de aspiração philosophica, que constitue uma das grandes superioridades do sr. Palmeirim.

« O que se nota sobre tudo no joven poeta são as tendencias progressivas: de dia para dia, de poesia a poesia, sem atraiçoar a sua individualidade, elle vae abrindo, desabrochando melhor o seu talento. O sr. Palmeirim possue a fecundidade verdadeira, não a da quantidade, mas a da qualidade, a mais preciosa, a unica que póde realmente merecer esse nome.

« Ha reputações, e poderiamos assignalal-as por ahi, que alcançando os seus momentos de gloria, se hão de esvaecer como essas bellezas frageis, que se abatem e envelhecem ao

R. A. DE BULHÃO PATO.

PAQUITA,

POEMA INEDITO.

Não ha homem, por mais grave e positivo que o encontremos depois, que n'uma dada circumstancia da vida não tenha sacrificado ás musas. Ha uma poesia de mocidade, como ha tambem uma formosura dos quinze annos. Eu confesso ingenuamente que não sympathiso nem com *la beauté*, nem com *la poésie... du diable*, como a dominou algures S. Marc de Girardin.

Para certas almas a poesia é uma flor cheia de intimo perfume, que embalsama a vida, e como a penetra de doçura, de innocencia e de amor.

Em quanto essa flor existe recatada, e longe do contacto do mundo, não perde nem o viço, nem a frescura: depois, ou empallidece, ou morre: ou cáe languida e pendida, mas sempre bella sobre a haste que a sustenta, ou desapparece nos sacões violentos da tempestade.....

Assim appareceu um dia o poeta da *Paquita*, assim o saudamos nós com estas rapidas linhas:

« A mais recente, e não das menos esperançosas estreias, é a do sr. Bulhão Pato. S. Beuve se o houvesse de classificar nos seus ensaios, diria o que disse n'alguma parte da primeira quadra poetica de Alfred de Vigny:

« Poeta puro, enthusiasta, cheio de confiança ; poeta d'uma *poesia loura e ingenua.*

« Effectivamente sente-se o quer que seja de perfume infantil nos seus versos. Ha a idéa, quando se lêem, de vêr uma criança, de cabellos anellados, fresca, rosada, doudejando entre as flores de um prado, para vir depois anciosa, suffocada de emoção, depôr um beijo nos labios de sua mãe, que sorri contente de a vêr tão formosa e tão alegre.

« Que val uma dissertação enfadonha, quando elle, melhor do que ninguem, define a sua indole n'alguns versos deliciosos :

« Olha, Elisa, o que é poesia
Dizer-t'o não saberei,
Eu sinto-a no seio d'alma,
Mas contar-t'a é que não sei :
A poder dizel-o aos outros
Por meu mal nunca cheguei.

Olha bem : essa pergunta
Que tu me fizeste a mim,
Esse sorriso innocente
De teus labios de carmim,
Tem poesia como a rosa
Quando se enlaça ao jasmim.

Quando vaes correr nos campos,
Quando foges entre as flores,
Quando colhes uma d'ellas,
Que é a flor dos teus amores,
Ha poesia quando miras
A sorrir alegre as cores.

Quando a perdes na corrente,
Quando a vês pobre murchar,
Quando a miras tristemente
Sem podel-a inda apanhar :

Ha poesia quando choras
N'esse teu singelo amar.

. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .

« É a aurora da vida em tudo quanto ella tem de mimoso, e de poetico: é o aroma encantado das flores que erguem as suas hastes debruçadas pelo orvalho para a luz que se ergue magestosa do seio do oceano: é a fronte risonha, o sorriso francamente desabrochado nos labios, o olhar que brilha de crença íntima e de confiança no futuro, é o mancebo que sente, antes de se vêr a braços com o demonio da analyse. Ponto imperceptivel na vida, e que ainda assim enriquece de saudosas recordações as phases atormentadas da existencia! »

Para que havemos nós negar, o que tantos exemplos, e mais de um illustre, eloquentemente testemunham? Essa vocação poetica tão viçosa, e tão senhora de si, podia desvanecer-se ou perder-se, allucinada pelo echo harmonioso dos seus proprios cantos. A poesia que era no joven poeta, não a fugitiva inspiração de um sentimento fogoso, mas uma necessidade irresistivel da sua organisação, podia facilmente transformar-se em *poèsie du diable*, e fugir espavorida nas distracções ruidosas, e nos tentadores attractivos, que o mundo offerece aos talentos inexpertos.

Não aconteceu felizmente assim, dois annos depois saudavamos de novo o poeta que publicára um pequeno volume com o modesto titulo de — *Poesias de R. A. de Bulhão Pato.*

Assignalamos o progresso do poeta, mostrando que a candida flor, que lhe nascêra no peito, existia já crestada pelos gelos do inverno, e que se reclinava na haste, sacudida pelo sôpro impetuoso da tormenta.

« Ai! que já não é o mesmo poeta descuidoso e infantil que ensina á innocencia os mysterios da poesia.

« A fronte limpida e pura já está assignalada de rugas: já lêmos na prega desdenhosa do labio, na morbida pallidez do semblante, as mal extinctas cicatrizes de feridas recentes: o fatal e precoce ensino das dôres do coração, e das desillusões da existencia. Já o poeta canta na sua desleixada trova as amarguras do presentimento:

« No horisonte estremeciam
Ebrias de amor as estrellas,
E teus olhos se fitavam
Na luz scintillante d'ellas:
É que no céu procuravam
O eterno d'aquelle instante
Que na terra presentiam
Que passaria inconstante.

O albor da nascente aurora
Que no horisonte assomára
Das estrellas desmaiára
A viva luz — e ainda agora
Tenho impressa n'alma, querida,
A expressão com que me olhaste,
Apontando para ella;
É que essa aurora tão bella
Não brilhava mais na vida.

« E quando firma n'um album o seu juvenil scepticismo, ainda não blasfemo, ainda não fulminado pelas tempestades tremendas, mas já tão melancolicamente prophetico:

« E tu queres, amiga
Que eu te diga,
Que o amor não é assim;
Quando tudo empallidece
Se immurchece,
Se desbota, e morre emfim!

« Ha n'esta collecção de poesias aonde o mimoso poeta pulsa em *Zilla* e *D. Claros* o alaude de trovador, uma originalidade incontestavel, uma individualidade, que eu raras vezes tenho visto alcançar-se, em annos tão verdes: ha estylo, que é o perpetuo condão, a indisputavel superioridade do que nasceu escriptor e poeta.

« E depois eu não sei que elegante desalinho se encontra n'aquellas phrases que parecem vir aos labios, sem estudo, e sem esforço; elle, sem querer, define n'esta imagem a indole da sua propria inspiração:

« O lindo seio lhe arfava
Entre as roupas delicadas
Transparentes e nevadas
Que a viração agitava,
Como a plumagem singela
Da innocente pombinha,
Esvoaçando entre as moitas,
Ao acaso meiga e bella.

« Quem lêr o sr. Pato ha de comprehender que a sua poesia é instinctiva, necessaria: que não procura a sua expressão em laboriosas vigilias, que abriu os labios e cantou sem perguntar se alguem tinha amado antes d'elle, se alguem tinha soffrido como elle: esta só reflexão, perfeitamente exacta, para todos aquelles que sabem decifrar os mysterios do pensamento, dá ao seu livro um subido valor, e liga ao seu nome a esperança de um glorioso destino.

« Quem quizer analysar miudamente estes primeiros cantos do poeta imberbe, ha de encontrar — eu sei? mais d'uma nota falsa, e d'um desvairado *trillo*. Podem rasgar com o escalpello as tenras carnes da creança: não tenho nem animo, nem sciencia para o intentar a sangue frio.

. . . . . .

. . . . . .

Graças a Deus o poeta não deixou mentir o crítico; e na sua tentativa poetica *Paquita*, cremos que a poesia mo-

derna portugueza alcança uma joia tão preciosa pela materia como elegante pelos ornatos.

Quem é *Paquita*, e como a conceberia o poeta, tão candido no alvorecer da sua vocação? *Paquita* é uma andaluza: mas uma andaluza engrandecida por todos os prestigios da civilisação; é uma andaluza com signaes pretos no rosto, como uma marqueza do seculo XVIII, com flores nos cabellos, como uma *lorette* do seculo XIX; tem diamantes e rendas, e as amplas mangas do vestido deixam vêr os seus braços nús, avivados de pulseiras: de verdadeiramente andaluza, não tem senão aquillo que nós desejamos todos: linda perna, bonito pé, e... sáia curta.

Na descripção da heroina está implicitamente contida a analyse philosophica do poema: ha ali hymnos encantados, languidez graciosa, espirito sarcastico, maledicencia fina, e singelamente o diremos, mais de uma vez, a tentadora andalusa arregaça de mais a sáia.

D'aonde veiu esta *Paquita*, que paizes percorreu, que climas atravessou, quem foi o primeiro que, ao clarão tremulo da lua, imprimiu nos seus labios o beijo timido e furtivo de um amor respeitoso e discreto?

Ou eu me engano, ou o joven poeta a descobriu talvez n'alguma sacada de Napoles, palrando sentimento com Octavio, ou sorrindo desdenhosa aos extremos de Célio. *Paquita* é da mesma familia que a *Marianna*, que A. de Mussett tão expressivamente descreveu n'um lindo proverbio.

Foi rapida a iniciação do poeta em todos os mysterios da vida moderna, em todas as aspirações contradictorias, que a atravessam, que a combatem, que lhe imprimem, a um tempo, os delirios apaixonados do sentimento, e os funebres desalentos da saciedade.

Estamos longe da *poesia loura* e *ingenua*, e o cantor é um artista agora, um artista que estudou — diremos melhor — que descobriu a sciencia da vida na desoladora aridez dos seus contrastes, das suas imperfeições, das suas tremendas aberrações moraes.

A ironia, a musa que já um distincto pensador da nos-

sa epocha invocou no seio das suas locubrações economicas, surge mais de uma vez entre os suspiros anciosos da paixão, e corta a voz, que se desatava eloquente, nas juras que o amor profere, quando as estrellas estremecem no céu, é a lua se espelha magestosa nas aguas adormecidas.

Hora solemne é esta e que tine melancholica e triste na agreste campina, aonde as illusões de cada dia se desbotam, e se perdem... A Julietta está no sepulchro, e quando acorda e chama pelo seu Romêo, já o não vê fervido e delirante tocar com os labios os seus labios descorados... Romêo está ali, mas não é o mesmo homem: os seus olhos scintillam, não illuminados pelo amor, mas pela fatal curiosidade.... A cotovia bate as azas, e desprende o vôo sem saudar a aurora com o seu canto matutino!

Paquita, não duvidâmos affirmal-o, é uma das mais felizes tentativas da musa moderna portugueza. Não é a fabricação cuidadosa do enthusiasmo gasto, do amor decrepito, que busca a declamação para fugir á verdade. Traduz as impressões do seculo, e retrata-o nos seus caprichos. É um braço audacioso revolvendo as fezes que se agitam no fundo das taças, e regando com as libações da orgia as campas selladas pela mão da morte.

Saudemos o aventuroso cantor! Esta epocha renega o grito desolador de Luthero no cemiterio de Worms; *Invideo quia quiescunt*, e exclama como Galileo: *Epur se muove!*

A. PEREIRA DA CUNHA.

«O sr. Pereira da Cunha afinou a sua lyra ao principio pelas tradições populares, sem misturar ás harmonias do coração as preoccupações do espirito. Vimol-o então crescer de dia a dia, em intimidade lyrica, em frescor poetico, em desenvolvimento litterario. Corrigindo a imitação muito proxima, demasiadamente sujeita do sr. Garrett, como na *Herança do Barbadão*, abrindo a alma ás expansões dos affectos humanos, a sua individualidade ía-se desenhando, o seu vulto tomando fórmas distinctas, e caíndo em certas linhas severas, que manifestam os instinctos progressivos do escriptor.

«Prosador diffuso, as suas idéas diluiam-se em contorções affectadas de estylo, que querendo simular a simplicidade, usurpavam apenas um certo amaneirado contrafeito, pouco proprio a achar imitador. O *Malsigado*, os *Quatro Irmãos*, não parecem de certo pertencer ao mimoso poeta lyrico, á veia abundante do auctor das *Duas Filhas*, e do *Barbadão*. Entretanto, o sr. Pereira da Cunha era uma das mais poderosas e fecundas vocações da mocidade. Até no genero *xacara* elle mostrára não só um conhecimento provado dos nossos costumes, a posse completa do genero, mas até uma pericia não vulgar em manejar os segredos da lingua, fazendo-a prestar ás variadas combinações de uma mes-

ma rima. O romance *Vas Concellos*, impresso na *Illustração*, é o testimunho eloquente da nossa asserção.

«O que desejariamos nós no joven poeta? Uma tutella menos apparente de certos modelos: maior concisão no estylo: menos abundancia pretenciosa de imagens que lhe afogavam o pensamento, e tornavam indistinctas, vagas ás vezes, as suas melhores inspirações. A sua musa figurava uma d'essas mulheres formosas, cujas feições ainda que bellas accusavam opulencia demasiada de nutrição: o azul das veias apenas transparecia desvanecido pela brancura demasiada da epiderme: havia uma especie de effeminação, de languidez nas mais graciosas figuras invocadas pelo seu engenho.

«Que nova phase tomou agora o seu talento? O das pretenções politicas. O seu genio litterario, não o chama para esse campo. As suas ultimas projecções lyricas resentem-se de uma convivencia intellectual, muito pronunciada com o sr. João de Lemos, cujo talento mais viril, perdoe-se-nos a expressão, mais musculoso, devia penetral-o, sem o absorver tanto, como o tem absorvido.

«O lyrismo do sr. João de Lemos é de outra natureza; mais vasto de idéas, mais ardente de emoções, mais petulante de seiva, mais alagado de paixões: querer concorrer com elle, é forçar a sua vocação, é atraiçoar a propria indole do seu engenho.»

N'outra parte caracterisavamos a evolução que separando-o do culto exclusivo das letras, o approximava das luctas renhidas da politica. Era exactamente na epocha, em que a revolução de Fevereiro, proscrevendo as dynastias, e chamando os partidos para o campo do suffragio universal, dava esperança aos sectarios da legitimidade para uma restauração politica.

«O que ao sr. João de Lemos vem naturalmente, ao sr. Pereira da Cunha conhece-se contrafeito: é que são essencialmente differentes as suas physionomias litterarias. Por mais estreitas que sejam as predilecções politicas, por mais similhante que pareça a sua communhão de idéas, ha entre elles uma antipathia de vocação, que será difficil vencer.

« Somos francos, talvez em demasia, n'estes conselhos. É que nos parece que os talentos reconhecidos, sagrados já pela opinião e por valiosos testemunhos, devem despresar as reticencias diplomaticas, e as synonymias hypocritas. Medite o sr. Pereira da Cunha estas singelas reflexões, e se as não achar rasoaveis, o que melhor tem a fazer, é não as seguir. Nem temos a pretenção de infalliveis, nem tambem a de orgãos impreteriveis do publico: é um voto individual, desinteressado e convicto, o que ahi apresentamos.

« Pelo que nos affirmam, o sr. Pereira da Cunha não tem adormecido nos seus louros de poeta dramatico. Parece que n'estes ultimos tempos, se tem applicado á composição de alguns dramas. A nosso vêr, com um pouco mais de crítica social, e de conhecimento do coração, participando deveras nos segredos da sociedade moderna, pelo contacto com a vida, crêmos que é ahi que melhor ha de brilhar o seu talento, e fundamentar-se a sua reputação. Para realce da sua musa, possue a tradição, o espirito vivo da patria; se pudesse combinar esta feliz disposição com as idéas do seculo, seria de certo ùm dos primeiros poetas da geração moderna. Não obstante, a posição que occupa é das mais eminentes e invejaveis, para quem em tão verdes annos, não se deixou deslumbrar pelas adulações, e pelos enthusiasmos panicos. »

Assim saudavamos nós o joven poeta, que do fundo da provincia, animado apenas pelas suas irresistiveis tendencias litterarias, demonstrára, tão moço ainda, a sua dupla vocação de poeta lyrico, e de poeta dramatico.

Eramos talvez um pouco severos nas nossas censuras. Joven e inexperiente, não admira que o sr. Pereira da Cunha se deixasse demasiadamente repassar da influencia poetica do sr. Garrett. Fôra a leitura do eminente poeta, que lhe despertára o estro adormecido: e na sua estada em Lisboa, este sentimento mais se avivára pela convivencia e conselhos do cantor do *Camões* e *D. Branca*.

Queremos suppôr involuntaria a sua imitação. Os talentos ainda os mais superiores difficilmente modificam o am-

biente em que respiram e se desenvolvem. O proprio auctor do *Frei Luiz de Sousa* era um submisso discipulo de Bocage, antes de aprender, na emigração, a cantar aquellas maguas, e a exhalar aquellas melancolias, que tão depressa o tornaram o creador de uma nova litteratura, e o revelador da indole e aspirações do seculo em que vivia.

O sr. Pereira da Cunha dedicando-se assiduamente ás letras, pouco ou quasi nada tem publicado depois da epocha em que escreviamos. Asseguram-nos que possue na pasta um volume de romances populares, que tenciona publicar com o titulo de *Album Heraldico*, visto que o assumpto versa sobre as legendas dos appellidos que se tornaram illustres na historia.

Peza-nos entretanto que não cultivasse de preferencia o genero dramatico. O joven poeta possue incontestavelmente uma imaginação fecunda, um dialogo natural e singelo, e bastante penetração crítica, para desenhar e pôr em acção os caracteres.

Erudito conhecedor da nossa historia, e da nossa litteratura, vivendo na provincia aonde os costumes nacionaes se conservam na sua simplicidade indigena, os seus dramas haviam de forçosamente aproximar-se mais da indole portugueza, retratando os phenomenos da nossa vida passada.

E n'isso não lhe fa mal a preferencia litteraria que concedia ao sr. Garrett. Quem se não sente em Portugal, e com os portuguezes no *Alfageme*, no *Auto de Gil Vicente*, e no *Frei Luiz de Sousa?* Quem senão Telmo, um escudeiro portuguez, poderia narrar tão sentidamente as ultimas praticas que tivera com o *pobre Luiz*, que é na historia, o grande Camões?

Não é uma prophecia aventurosa que fazemos aqui. O primeiro acto da *Herança do Barbadão* é um quadro admiravel de intimidade, de sentimento nacional: algumas scenas do drama *Brazia Parda* estão escriptas com uma verdade, com uma finura, que denunciam altos dotes de imaginação.

Já um eminente crítico observava que se abusára mui-

to nos nossos dias da palavra *imaginação*. Concordâmos plenamente com elle, acreditando apesar disso que ao sr. Pereira da Cunha cabe maravilhosamente a concessão d'essa qualidade. O que é imaginação? É essa faculdade impessoal, dramatica, narrativa, que nós aprendemos a conhecer nos dramas de Shakespeare, e nos recentes romances de Walter Scott. O sr. Pereira da Cunha era romancista, e poeta dramatico antes de se dedicar ao genero lyrico: e é ainda nos rimances e soláos, escriptos com o calculado descuido da narração popular, que se penetra e se comprehende a sua veia e fecundidade.

É de uso agora não attribuir senão aos francezes a faculdade imaginativa. Parece que toda a iniciativa litteraria está resumida nas peripecias de um melodrama, e nas descabelladas scenas de um romance tétrico e medonho. A imaginação denomina-se phantasia quando como em Hoffmann, se compraz na narração dos *contos phantasticos*: mas o que é ella, quando se desvaira nos *Tres Mosqueteiros*, e na *Dama de Monsereau*? Que nome bastante expressivo se encontra para caracterisar essa faustosa devassidão do talento, reduzindo a historia e os caracteres, ás proporções dos *contos das mil e uma noutes*?

Acreditâmos que o sr. Pereira da Cunha não havia de passar nunca a raia que separa a arte d'essas orgias de imaginação. Para as letras é tambem verdadeiro o aphorismo de *noblesse oblige*, e quem tomou lugar distincto entre os seus cultores, não se perderia na turba d'esses que preferem a voga fugitiva, á gloria duravel.

O sr. Pereira da Cunha que é tão mimoso como poeta lyrico, que é tão fertil como auctor dramatico, não nos parece conseguir a mesma superioridade na narração, no romance. Seguindo a escóla do sr. Garrett, não é tão feliz como elle, em dar ao seu estylo aquelle mixto de ironia, e de candidez, aquelle desalinho estudado de phrase, em que prima o auctor do *Arco de Santa Anna*, e das *Viagens á minha terra*. Que no romance em verso, o sr. Pereira da Cunha tente retratar a singeleza popular, a expressão pitto-

resca e ao mesmo tempo infantil, com que a imaginação do povo pinta as suas paixões e desejos, nada mais natural; mas a prosa vive com outras condições, e o auctor fazendo uma observação, ou querendo delinear uma scena, ha de fallar por si proprio, na lingua do seu seculo, com o estylo da sua epocha.

Entrâmos todos agora n'uma nova estação litteraria. Os nomes que erão hontem apenas agouros esperançoses, já tomaram a sua posição nas letras. O sr. Pereira da Cunha tem de conservar o logar honroso, que conquistou em tentativas, que abonam a um tempo os seus estudos e engenho.

ANTONIO DE SERPA.

Citamos os trechos em que fallavamos d'este escriptor distincto, menos com a idéa de fazer um juiso critico, do que com o intuito de apresentar a impressão que não menos em nós, do que no publico, produziram as suas primeiras estreias litterarias.

«O sr. Antonio de Serpa por exemplo é um testemunho vivo da influencia irresistivel das idéas progressistas sobre o talento. A sua musa balbuciante ha pouco nos mysterios do coração, popularisa hoje as altas questões da actualidade com todo o prestigio da poesia.

«Ha o quer que seja de concisão mathematica no seu estylo poetico. Não lhe peçam o arrebatado das fórmas, a melodia feminil d'esses sons que desferem as almas candidamente namoradas, as opulentas e vagas harmonias onde se perde o pensamento nos sonhos ideaes do poeta: o seu traço é viril, a sua imagem severa, a projecção da figura accusa toda a energia da sua intelligencia, a profunda convicção que a anima. Não hesita, affirma o que sente, e não esmorece o espirito n'essas interrogações pungentes, que denunciam a incerteza, e agonia d'aquelles que tentam crer, e que desfallecem no desejo.

«O sr. Serpa é antes de tudo, um poeta pensador. Talvez pouco experimentado nas tribulações pessoaes da vida;

talvez repousado nas luctas do soffrimento, elle avalia todavia as angustias da humanidade, e sympathisa ardentemente com as pretenções dos que gemem victimas da imperfeição das instituições sociaes.

« Diremos tudo? O sr. Serpa é socialista, crê na emancipação das classes laboriosas, segue com o coração e com a intelligencia a solução dos problemas humanitarios, não pecca no egoismo d'esses que reputam, como o doutor *Pangloso* de Voltaire, este mundo o melhor de todos os mundos possiveis, e que julgam que as questões se decidem fazendo dos operarios buxas de peças, ou colonos de climas inhospitos.

. . . . . .

. . . . . .

« O sr. Antonio de Serpa tem o estimulo de todas as almas nobres, de todas as vocações consagradas, fortes e severos estudos fecundam admiravelmente o seu talento poetico. Não fallâmos da mathematica, e da arte militar, em que elle primou como estudante, nem uma nem outra lhe abriram o coração ás verdades do socialismo, e ás inspirações da poesia. É pela meditação da historia, pela reflexão das litteraturas comparadas, que a sua musa tem ido crescendo visivelmente, e tomando vulto entre os poetas seus contemporaneos. *O Pirata* — *O Canto do Cruzado*, revelam não só uma frescura admiravel de impressões, mas a analyse da epocha, o conhecimento dos costumes que tentou descrever. Ora, é de apreciar um poeta que estuda; o principal defeito dos poetas não é de certo o revolverem os livros e os cartorios. »

As qualidades que nós encontrámos no poeta, provaram-se em breve pelos acontecimentos da sua existencia litteraria. O poeta tornou-se em pouco tempo um critico illustrado, e um jornalista politico notavel. Prosador conceituoso e elegante, a sua penna apresenta-se tão habil nas discussões litterarias, como nos assaltos de uma polemica incisiva, e mais de uma vez, acidulada de epithetos vehementes.

A imprensa politica desenvolve-se em perpetua concor-

rencia com as vocações litterarias. Esses artigos, escriptos ás vezes com tanta eloquencia, e vivacidade, morrem no dia seguinte áquelle em que foram publicados, e se o nome do escriptor sobrevive, as suas idéas perecem no tumultuar continuo das opiniões, e dos acontecimentos. Dir-se-ha então que cada escriptor é como o operario ignorado d'esses templos da idade-media, que contribuindo para a construcção de tantas maravilhas artisticas, vê a sua iniciativa confundida na acção collectiva, que fundou o primoroso monumento. A imprensa eminentemente creadora na sua influencia diaria e incessante, elemento de ordem, e de progresso, echo de todas as necessidades, iniciadora de todas as idéas uteis, a imprensa que dirige os poderes publicos, que os eleva, que os combate, que triumpha quando as suas doutrinas amadurecem no espirito publico, que nunca é vencida, porque appella sempre para o futuro, a imprensa fatiga entretanto milhares de talentos viçosos, e sacrifica a sua individualidade litteraria, sujeitando-os a um trabalho, glorioso nos seus resultados, mas que raras vezes deixa de ser esteril para a sua reputação.

Quanto teriamos nós a esperar do sr. A. de Serpa, se por ventura não dedicasse as suas faculdades ás luctas do periodismo? A sua musa, tão auspiciosa e promettedora, está silenciosa e inerte: a sua crítica, tão fina, tão penetrante, tão illustrada, poucas vezes se produz, para esclarecer e dirigir o movimento litterario. E' um jornalista, é um dos numerosos fabricadores da opinião, não tem tempo e folego para nos contar de novo como a passagem das nuvens sobre a face da lua, influe no coração das castellãs, e nas ousadias dos pagens namorados.

O que elle nunca póde perder entretanto é aquillo que nasce com o homem, que o classifica escriptor, que torna acceitaveis ás vezes as mais extravagantes aberrações, é o estylo, é esse mysterioso condão, que como a vara de Moysés, faz rebentar a agua dos rochedos. O sr. A. de Serpa é um mimoso poeta, mas ainda é melhor, um nervoso, colorido, e substancial prosador.

Não nos cumpre agora aqui submetter o conjuncto das suas doutrinas a uma analyse, que forçosamente degeneraria em polemica, mas não estranharão que sejâmos o historiador das suas tendencias politicas e economicas.

O sr. A. de Serpa, que se preoccupára ao principio, como philosopho humanitario, dos problemas de organisação social, que se sentíra electrisado pelos systemas mais ou menos aventurosos do socialismo, filiou-se ultimamente na escóla de Bastiat, e é um dos nossos mais strenuos e deliberados *free-traders*.

Não é entretanto facil na fracção do partido progressista a que se ligou o sr. Antonio de Serpa, harmonisar as doutrinas economicas com as aspirações governamentaes. Ser *livre-cambista* é affirmar explicitamente a abolição do imposto indirecto, e tentar derivar todos os recursos do estado do imposto directo. Não suppômos que os caracteres que dirigem o partido tentem caminhar n'este sentido, e o fogoso economista ficaria bastante embaraçado, se os homens que hoje figuram na opposição, tomassem ámanhã as redeas do poder.

Mas não são inevitaveis estas antinomias, quando se desce da região das theorias ao campo agitado das evoluções politicas? E' possivel manter intacta uma doutrina no embate encontrado das opiniões e interesses dos partidos? A sua posição torna-se do mesmo modo inconsistente se a referirmos ao movimento industrial, tão cioso das suas immunidades economicas, e aonde, por via de regra, se recrutam, e se iniciam as mais numerosas adhesões aos principios democraticos. O systema protector é a condição de existencia da nossa nascente industria manufactora, que lucta com a ausencia dos elementos, que a desenvolvem, em outros paizes, mais graduados em civilisação. Os capitaes são caros, as communicações apenas agora começam a estabelecer-se, o credito é verdadeiramente, menos uma funcção economica, do que um privilegio, especulado e traficado pelos possuidores da riqueza monetaria.

Notâmos estas circumstancias, para provar apenas como

é confusa e muitas vezes contradictoria a atmospherá aonde se têem de agitar os talentos, por mais conscienciosos e convictos. Na esphera da acção social e politica as doutrinas gladiam-se, combatem luctam de continuo, e raras vezes se combinam decompostas pelos interesses e pretenções contrarios.

Não tentâmos de avaliar como críticos a posição politica e o principio economico, que o distincto escriptor representa na imprensa. Entrando muito verde ainda nas lides litterarias e scientificas, a sua imaginação dominou por muito tempo a sua razão. Espectador apaixonado dos problemas sociaes, que se descutiam annos antes da revolução de Fevereiro, abraçou como tantos outros, os expedientes mais ou menos sensatos dos systemas socialistas, e repudiou durante certo periodo, as maximas e principios da escóla economica. Emancipado depois pela reflexão e pelo estudo, approximou-se gradualmente das idéas dos economistas, a ponto de suppôr quasi resolvidas as antinomias sociaes, pela applicação das doutrinas da liberdade do commercio.

Poderêmos suppôr que o distincto escriptor está definitiva e completamente abraçado a este dogma economico? Não é facil que o exame de novos factos, que a investigação de outros problemas, modifiquem as suas crenças actuaes?

Resolvendo-nos pela affirmativa, não offendemos de certo, nem o esplendor das suas faculdades, nem as altas qualidades do seu caracter. Estas variações não são raras nos mais elevados espiritos, e o dogmatismo é hoje menos uma convicção intellectual, do que uma aspiração do orgulho.

Duvidar de que as questões economicas estejam decididas, não é uma prova de scepticismo, é quanto a nós uma demonstração de bom senso. Resultados contradictorios, decerto, porque foram imperfeitamente examinados, fundamentam e protrahem as divisões partidarias, nas regiões da sciencia experimental, e para cada opinião ha nomes illustres e

cheios da auctoridade, que dá a reflexão, o estudo, e o talento, que protegem todos os conflictos.

Desanimaremos entretanto de encontrar a verdade, e as conjecturas aventurosas, não se afferem, não se corrigem todos os dias pelos subsidios da sciencia estadistica, e administrativa, pela explosão de factos novos, que o proprio genio da civilisação produz? O problema da emigração, por exemplo, expediente rejeitado, por muito despendioso, para minorar os males de um accrescimo excessivo de população, não tomou uma nova luz, depois da exploração das minas da California, e da appropriação agricola dos vastos terrenos da Australia? A colonisação pelo systema Wakefield, tão preconisado pelo economista inglez Stuart Mill, e que consiste em vender as terras não occupadas, para applicar o preço ás despezas de transporte dos emigrados, não servirá de valioso meio preventivo á lei da população, que Malthus descobriu, e que peza como sinistra apparição sobre os destinos da civilisação moderna?

Se nos é licito firmar a nossa opinião, diremos que não suppômos em nenhum systema economico, seja da eschola ingleza ou do socialismo, força virtual bastante, para decidir as questões pendentes na sciencia social. E' da acção combinada e comcumittente de soluções diversas, que póde nascer a harmonia para que a civilisação aspira.

E' determinado por esta convicção, que acreditâmos que o sr. Antonio de Serpa poderá, de futuro, tornar-se mais eclectico nas suas opiniões, e não dar ao méro principio da liberdade do commercio, o poder omnipotente de conciliar o que um eminente pensador moderno denominou expressivamente — *contradicções economicas.*

Não é facil, na aurora de uma geração litteraria, marcar logar a cada uma das vocações, que se produzem, mas ninguem nos accusará de conceituar o sr. Antonio de Serpa como um dos escriptores de maior folego, e de mais esperançoso horisonte. É um *estylista*, na mais ampla e rigorosa accepção da palavra: e no seu estylo revelam-se as suas propensões reflexivas, os dotes de uma rasão clara e pene-

trante, e uma inclinação irresistivel para a controversia, para o exame das questões praticas, para a vida, digamol-o assim, activa e militante.

Poeta, e poeta imaginoso, nos seus escriptos em prosa nota-se a ausencia de toda a imagem pretenciosa, de todo o luxo e lavor de phrase, é simples, colorido, e nervoso. A rhetorica, para elle, é uma arte, que parece completamente ignorar: modela o seu estylo sobre os assumptos, e vae direito ao sentido que pretende exprimir, sem enriquecer os periodos, nem desvial-os em divagações phantasticas. É por isso sobretudo que a sua penna é tão lucida nas discussões scientificas, tão vehemente nas luctas do jornalismo, tão nobre e expressiva na analyse das questões artisticas. Tudo quanto escreve, lê-se sem esforço; a clareza não exclue a profundidade, nem a ausencia dos atavios, a elegancia e vivacidade da sua escriptura.

Dado, desde verdes annos, ao estudo das mathematicas puras, escolhido, por concurso, mais tarde para professor d'essa sciencia na Escola Polytechnica, não será estranho que o segredo do seu estylo se encontre principalmente derivado dos habitos da sua educação intellectual. A elle se deve attribuir tambem o tom convencido e dogmatico com que propõe, e sustenta qualquer proposição scientifica ou litteraria. Costumado a encontrar a verdade mathematica na applicação infallivel das formulas, chega, por momentos, a persuadir-se, que os problemas da sciencia experimental e positiva, podem estar sujeitos a regras, e a leis impreteriveis, como se na região social, as paixões não contrariassem a acção das idéas, e mil ignoradas e imperceptiveis circumstancias, não desviassem o movimento das doutrinas, e a evolução regular e harmonica dos principios politicos e economicos.

Esta disposição involuntaria do seu espirito, ha de leval-o para as posições extremas, e tornal-o mais um partidario habil e convicto, propagandista eloquente, porque crê implicitamente em tudo o que affirma, do que um homem politico, que espreite os acontecimentos, e consiga o trium-

pho gradual dos seus principios, pela docilidade estadistica, que é, nas epochas modernas, a decisiva qualidade que distingue os caracteres publicos.

Adversarios momentaneos do sr. Antonio de Serpa, não nos accusa a consciencia de havermos sido parciaes nas nossas reflexões. Admirâmos o seu talento, e estimâmos a sua pessoa. Esta declaração basta, para que os intrigantes e fanaticos se convençam de que quizemos ser justos, e que fomos pelo menos, sinceros.

JOÃO DE ANDRADE CORVO.

Um anno na Côrte.

ROMANCE EM 4 VOLUMES.

Eis os breves periodos com que nos *Ensaios de Crítica e Litteratura* tentavamos assignalar a posição litteraria do sr. Corvo.

«O sr. João de Andrade póde tambem ser classificado como um homem de provada erudição, e talvez seja esse o principal motivo da sua preguiça como poeta. Aquella alma toda affirmada no lyrismo dos sentimentos, crestou-se prematuramente revolvendo os mysterios do x e do y. E depois um certo orgulho mal calculado, fazia-lhe desprezar os segredos da fórma. As poesias lyricas da sua primeira mocidade tem um suave perfume de sentimento, uma certa inclinação meditativa, que denunciava o philosopho sob o poeta, mas havia uma frouxidão de metro, uma negligencia de rima, que ás vezes esterilisava os mais formosos conceitos da sua musa.

«Entretanto, a sua imaginação absorvia as litteraturas estrangeiras, e tomava certas tendencias metaphisicas, bebidas nos poetas do Norte. A sua *D. Maria Telles* recordava-se demasiadamente de Shakespeare, e mais de uma vez as pungentes interrogações de *Hamlet* explicavam as luctas

da desesperança, e do scepticismo, que dominavam a alma do joven poeta.

« Não foi uma estupida desapprovação do publico, que o fez desanimar da carreira dramatica. Não havia razão. O publico é ás vezes ideal como um poeta, outras vezes é ridiculamente prosaico como o famoso *Wamba* do Ivanhoé de Walter Scott. N'aquelle dia, o ingenhoso burguez enfronhado na litteratura dos *Lances da Ventura*, e nos romances de *Anna Radcliffe*, persignou-se porque uma mulher morria em scena, sêm confissão, nem eucharistia.

«Teimava que a historia devia reduzir-se ás meigas irritações dos seus nervos, e ás sensiveis expansões da sua alma. Pateou, huivou, assobiou: imitou todos os animaes, com uma naturalidade digna de melhor sorte. *D. Maria Telles* caíu. O burguez exultou. A sua victoria media-se pela rouquidão da sua garganta.

« A alma d'um poeta resente-se sempre de uma reprovação immerecida. Talvez fosse durante estas estações de pesar que o sr. Corvo escreveu o *D. Gil.* Epopeia metaphysica, que revelava as agonias intimas da sua alma, a posse do scepticismo, ao cabo das investigações da sciencia, a mallograda projecção do talento a querer outra vez abraçar-se com as encantadas crenças que douram os primeiros annos da mocidade.

« Poema phantastico, um pouco repassado do *Fausto*, do *Manfredo*, do *Hamlet*, descaindo nas pompas lyricas de Lammenais na sua admiravel prosa, *D. Gil* pinta bem o destino das almas ambiciosas, lançadas n'uma epocha de renovação, e que expiram no meio da carreira, já sem energia para completarem o termo da sua missão no mundo. Nem todos os Renés, podem como o de Chateaubriand, adorar a cruz, esquecida nas vigilias do scepticismo, e beijarem a terra amaldiçoada nos impetos da dôr. *D. Gil* assemelha-se ao *Obermann* de Senancour, que escreve com as lagrimas do coração, e que nunca mais apaga aquelles vestigios com um sopro de consoladora esperança.

« Porque não publica o sr. Corvo o seu *D. Gil*, amadurecido de sobra no repouso do gabinete, e que apenas póde ser taxado de desordenado, e incorrecto na fórma? Seria um ensaio bem recebido, e pelo menos, concedia ao poeta uma physionomia propria — uma individualidade distincta. »

O nosso desejo não foi attendido; *D. Gil* existe ainda na pasta do auctor, e seria mui reparavel esta falta, se porventura o illustre escriptor não tivesse, em poucos annos, apresentado variados documentos da sua imaginação, do seu estudo e da sua actividade litteraria. Depois de 1849, em que escreviamos, publicou dois proverbios — *Nem tudo o que luz é ouro*, e *Amor com amor se paga*; uma linda comedia *Um conto ao serão*, episodio espirituoso do reinado de D. João V, um drama *O Astrologo*, em que foi menos feliz, e o romance *Um Anno na Côrte*, que conquistou, desde o seu apparecimento, uma justa e merecida popularidade.

Não julgâmos opportuno, e sômos incompetentes para avaliar o sr. Corvo, como homem de sciencia, mas é bom que se diga de passagem, que professor da Escola Polytechnica, em sciencias naturaes, e membro da Academia Real das Sciencias, tem dado sobrados documentos do seu ardor e applicação, e já fez duas viagens de exploração scientifica, publicando memorias que abonam a sua intelligencia, o seu saber, e, repitâmos a palavra, a sua consciencia como vocação especial e distincta.

Houve quem ousasse condemnar o homem de lettras, em nome da sua propria illustração scientifica, desterrando-o para as regiões da sciencia, e suppondo-o menos apto para os trabalhos litterarios. São d'aquellas proposições, que se disparam no *folhetim* de um jornal, para attrahir a attenção, como se accendem rodinhas de fogo para maravilhar os olhos dos passeantes na vespera de um dia festivo. Se o sr. Corvo não tivesse demonstrado, em muitas occasiões, a elevação do seu talento, bastaria o romance — *Um Anno na Côrte* — para lhe conceder um dos primeiros logares entre os

vocações litterarias contemporaneas, e se o seu estylo, tivesse tanto colorido e vigor, como profundidade o seu pensamento, se ao seu condão de pintar os homens, de discernir e conhecer as paixões, de observar os costumes, de retratar, pela intuição delicada de analysta, as condições de uma epocha, ligasse um traço mais viril, e pronunciado, seria, depois do sr. A. Herculano, o nosso primeiro romancista.

Um Anno na Côrte revela não sómente o romancista imaginoso mas o pensador, as tendencias reflexivas do philosopho, com os languidos desalentos do poeta. Como é tristemente verdadeira esta pagina que nos caíu agora, por acaso, debaixo dos olhos:

« Haverá felicidade no mundo, haverá, mas no coração « do homem certo é que não existe ella perfeita. Esperar e « desejar, é bom ás vezes, mas a felicidade não está, não « póde estar nem na esperança, nem no desejo. E se a espe- « rança se realisar, se o desejo fôr satisfeito, então isso é a « felicidade de certo? Pois não é: porque vem a desconfian- « ça, vem a incerteza, vem a incredulidade, vem o susto, « vem tudo perturbar o prazer, que se não chega a gosar « absolutamente completo, avivar as saudades de um pas- « sado que não merece saudades, dar vida a novas esperan- « ças que, se um dia se realisarem, perderão o valor, o en- « canto, o prestigio, com que a vaga imaginação as enri- « queceu.

« Venha o feliz triumphador, venha no momento da vi- « ctoria, quando todo um povo prostrado no pó, o admira, « o louva, o adora, e diga-nos se não tem no mais recon- « dito esconderijo do coração uma tristeza profunda que lhe « não deixa gosar a felicidade da gloria, que lhe faz subir « as lagrimas aos olhos, quando mal nos labios se formou o « riso da alegria? Venha o avarento, com todos os seus the- « souros, cercado de gemmas preciosas, e de pilhas de ouro, « e diga-nos se a riqueza é a felicidade, ou se não é an- « tes a inquietação de todas as horas, diga-nos se a riqueza « não é martyrio, quando o susto se ergue pallido deante « dos olhos, e o terror cinge e aperta nos braços descarna-

« dos, o corpo fragil do avarento? Venha o homem que a « inspiração guiou pelos incommensuraveis espaços da poesia, « a quem a Providencia revelou alguns dos sublimes segre- « dos, que só de seculos a seculos ella diz á humanidade pe- « la bôca dos poetas, e diga-nos, se, nas horas silenciosas « da noute, nas horas da solidão, quando o pensamento os- « cila incerto entre o passado e o futuro, entre o real, e o « imaginario, entre a terra e o céu, diga-nos se n'essas me- « lancholicas horas, elle se não sentiu pequeno e fraco dian- « te da immensidade das cousas creadas, se não sentiu infinita « tristeza repassar-lhe a alma, se não pediu a Deus que lhe « tirasse o dom fatal do genio, que consome o espirito, e « lança na sepultura ainda no verdor dos annos os que o pos- « suem? Venha tambem o amante que todos imaginam, que « todos julgam perfeitamente ditoso, porque passa a vida aos « pés da mulher que adora, escutando-lhe palavras e suspiros « que recendem ternura, venha o amante n'esse mesmo mo- « mento em que recebe n'um extasis de paixão as mais ar- « dentes, as mais fascinadoras provas de amor, e diga-nos « se não sente a melancholia passar sobre a sua felicidade, como « a nuvem ligeira sobre a face do sol em dia de primavera, « diga-nos, se vago e indefinido receio o não faz subitamente « estremecer, quando elle descuidoso se entrega aos encantos « de uma ventura que nada parece ameaçar? . . . . . .

. . . . . .

. . . . . .

Não é dado senão aos que pensam e sentem finamente, aos que já sorveram com os labios as lagrimas de uma mulher querida, aos que já escutaram tremulos e anciosos o respirar apressado de uma pessoa amada, debilitada pelo soffrimento, aos que no mundo moral, supportaram as angustias e as delicias do sentimento, e na esphera intellectual luctaram com as idéas, escrever tão singelamente as impressões d'essa immensa desolação que nos consome a vida, e nos faz delirar tantas vezes a mente enfraquecida.

A parte sentimental do romance *O Anno na Côrte*, re-

vela a um tempo um espirito experiente, e um coração provado nas dolorosas crises da paixão. Para conceber Thereza e a Calcanhares, para nos iniciar nos vagos ciumes de Luiz de Mendonça, e nas ardentes juras de Francisco de Albuquerque, é necessario que o romancista tenha libado como homem, no calix do amor, as doçuras e maguas que dentro d'elle promiscuamente se encerram. Aquellas mulheres não foram trazidas para a acção do romance, pelos méros caprichos da phantasia: não eram reaes, nem verdadeiras assim: não foram recortadas de uma obra estranha, para serem coloridas, e depois colladas na narração: apparecem vivas e bellas, uma na febre delirante da paixão, outra na resignação angelica de affectos mais brandos, porque assim as idealisou talvez o poeta, quando as encontrou, quando as conheceu, nas scenas da sua propria existencia.

Estas qualidades não as dá o estudo, não as dá mesmo a convivencia dos grandes modêlos litterarios, nascem com o homem, desenvolvem-se com os acontecimentos, e só tem o direito de nos commover, quem mostra que teve o poder de sentir.

Escusaes de ir aprender o amor aos dialogos de Romêo e Julieta, de vos aproximardes da paixão nas cartas phreneticas da Nova Heloisa; apalpae o coração, e se o sentirdes bater em pulos desordenados, se uma mulher querida vos arrastra os olhos no seu andar caprichoso e provocante, se a natureza vos concedeu ao mesmo tempo algum talento ficareis mais eloquente para traduzir as vossas impressões, do que se devorasseis anciosamente todas as obras primas da poesia moderna — desde o *Chant d'amour* de Lamartine, e a *Parisina* de Byron, até ao *Lys dans la Vallée* de Balzac, e a *Indianna* de George Sand.

As mulheres, por conseguinte, não se confundem no *Anno na Côrte*. As juras candidas de Thereza, ao clarão da lua, e ao electrico estremecer das estrellas não se parecem com os sorrisos maliciosos e os ditos picantes de Ninon de Amaraude, a franceza *pur sang*, iniciada nos enredos da côrte, e saudosa

das mesuras dos Lansum, e das festas esplendidas de Versailles.

Porque é entretanto que a Calcanhares, tão verdadeira, tão bem sentida, perdoe-se-nos a phrase, como mulher apaixonada, nas scenas em que a vemos, é falsa no desenho geral do seu caracter? Como podia ella, amante do rei, conservar a pureza, polluida pelas caricias de Affonso VI, tanto mais devasso, quanto a natureza o tornára incompleto como homem? Para que invoca ella a cada passo a sua innocencia, sentindo-se bafejada pelos labios, e apertada nos braços d'esse monarcha lascivo, apesar de condemnado a perder a esperança de ter um successor?

A Calcanhares seria verosimil, se porventura obrigada ao irremissivel supplicio de accender os desejos a um ente aborrecido, se conservasse ingenua e candida, por a sua alma não ser cumplice dos tormentos de uma familiaridade torpe. Antes a *Marion de Lorme*, idealisada por um amor sincero e ardente, do que esse ente horrivel, que se não julga affrontada apertando ao peito a cabeça do seu real amante, e se não considera moralmente manchada, vendo os seus olhos lubricos cravados nos seus, que o pudor não véla e esconde!

Um Anno na Côrte é um romance habil e maravilhosamente architectado. A acção íntima, sentimental está admiravelmente encerrada na acção exterior, e por assim dizer, official e historica. O auctor conduz-nos ao episodio mais dramatico do reinado de D. Affonso VI: é quando as discussões entre o infante e o rei se desenvolvem em todo o seu ardor, para acabarem pelo desterro do ministro valído conde de Castello Melhor, pela elevação de Pedro II, e pelo miserando captiveiro de Affonso VI, que expiou com o martyrio as desordens da sua revolta mocidade.

A rainha, D. Maria, metade por ambição, metade por sympathia para com o infante, é quem sobretudo promove e appressa a catastrophe. Essas intrigas de côrte, filhas quasi sempre de resentimentos puerís, ou de paixões mesquinhas, estão desdobradas com grande arte, e desde a intervenção magestosa do Padre Antonio Vieira, que o auctor colloca

em scena, epica e grandiosamente, até ao enthusiasmo do Juiz do Povo, Antonio de Belem, tudo nos passa rapida e expressivamente diante dos olhos, iniciando-nos nos costumes, nos tramas, nos conloios, que são o triste apanagio da monarchia absoluta.

O poder reflexivo do romancista, o tacto em descriminar as paixões e conhecer os homens, prova-se exuberantemente, no decurso da narração, e no dialogo, sem que elle insista em largas dissertações e em calculadas periphrases. Os caracteres principaes desenham-se progressiva e lentamente, até se descobrirem do todo, e sem esforço, em presença dos factos. Citâmos a scena da despedida do conde de Castello-Melhor a Affonso VI, em que ambos se patenteiam em toda a sua verdadeira luz, e ficam indelevelmente expostos, como porventura a tradição, e a historia nol-os transmittiu.

A turba de cortezãos que de um e de outro lado se agitam, desde o conde da Torre até á figura mais severa e nobre do Conde da Ericeira, passa-nos ante os olhos, ficando, permitta-se-nos a expressão, nossos conhecidos e familiares Os personagens secundarios, comparsas dos grandes acontecimentos, não se manifestam com menos individualidade á nossa attenção, e ouvimos as trovas sebastianistas de Cutilada, e as lugubres historias do couteiro Antonio Rodrigues, parecendo-nos que uma e outra figura se nos retratam na mente.

As cambiantes do sentimento existem tambem perfeitamente graduadas, e ninguem confundirá, por exemplo, a paixão violenta e abrazadora de Luiz de Mendonça pela rainha, com essa sympathia, derivada porventura da ambição e do capricho, que o infante D. Pedro desde o primeiro momento ém que a viu, sentiu por ella.

Para ficarmos sabendo até que ponto o romancista *é fino* e penetrante em descrever estes diversos sentimentos, e como distingue o galanteio da paixão, citaremos o dialogo, que teve logar entre o infante e a rainha, durante a caçada em Salvaterra.

« — E' um prazer barbaro, este que se gosa em perse-« guir, em matar um pobre animal, que vive socegado no seu « deserto, sem fazer mal aos que tanto mal lhe querem, dis-« se a rainha, quando viu cahir exangue o porco que el-rei « atravessára com a lança.

« — Barbaro é sempre o prazer que se tem em ver « padecer: quantas vezes os proprios anjos procuram esse « prazer? acudiu Sua Alteza.

« — Os anjos! A vingança é o prazer dos deuses, di-« ziam os pagãos: mas dos anjos nunca ninguem o disse se-« não V. A.

« — Sem ser por vingança, por simples passatempo, ha « anjos, dos que andam pela terra, que fazem passar horas « de dôr, amarguradas horas aos que os adoram mais ar-« dentemente.

« — E' que não são anjos, esses taes — disse a rainha « rindo. — E se o são, não os tenha V. A. por bons, te-« nha-os por anjos máus.

« — V. M. não sabe que os fanaticos não pensam, ado-« ram só?

« — Parece que V. A. tem a queixar-se de algum dos « taes anjos; falla tanto do coração!

« — V. Magestade já deve saber que sou fanatico.

« — E o anjo que adora, se é anjo como V. A. diz, « fal-o padecer?

« — Ai, que feliz eu fôra se elle escutasse as minhas orações!

« — Talvez as escute, se V. A. as fizer com sincero fervor.

« — Se isso bastasse para eu ser escutado, então sel-o-ía de certo.

« — E V. A. está resolvido a dar provas da sua dedi-« cação?

« — Tudo, estou resolvido a fazer tudo para lhe provar « que a adoro — exclamou o infante com exaltação, e dizendo « com os olhos o que a bôca calava apenas . . . . . .

. . . . . .

Assim é que o amor adultero já se não podia esconder no peito do infante, já attrahia e enlevava o espirito da rainha. Amor, que tendo por berço o crime e a infamia, teve, como de rasão, perniciosos effeitos politicos, e avassallou por algum tempo a côrte de Portugal aos ambiciosos designios de Luiz XIV. E quando a desgraça illuminou a razão do infeliz Affonso VI, quando o principe estouvado e quasi imbecil, foi recuperando pouco a pouco as faculdades, dentro do recinto estreito das prizões, aonde envelheceu, não admira que dissesse as palavras que o auctor lhe põe na bôcca: « Não me queixo da affronta que me fazem, não; o que sinto é dó do meu pobre irmão, que se ha de arrepender de tal casamento, mais cedo do que julgam todos os que hoje assistem a estas festas. »

Para nós são ainda bastante duvidosas as accusações que promoveram a quéda de Affonso VI, e determinaram a quasi usurpação de D. Pedro II. E o reino não melhorou, a final, com esta mudança politica: a grande cabeça do Conde de Castello-Melhor não pôde ser substituida, e cedo caímos nos desacertos do tratado de Methuen, e na guerra fatal emprehendida em favor da casa de Austria contra Filippe V.

O romancista aponta de leve apenas a lucta travada entre a Inquisição, poder decadente, e a Companhia de Jesus, potencia crescente, e cujos destinos parece serem propheticamente antevistos na obra do Padre Antonio Vieira sobre *O quinto imperio.*

Admiravel effeito das idéas, que tornam instrumentos do progresso humano as instituições creadas com o fim de immobilisarem as aspirações da sociedade! A Companhia de Jesus, prothêo politico, ajuda com a flexibilidade dos seus expedientes, com a frouxidão das suas maximas calculadamente brandas, a evolução do principio da tolerancia, principio que a philosophia do seculo XVIII devia inaugurar como o primeiro dogma da liberdade de consciencia.

Quem duvidará de que a Companhia de Jesus, elevan-

do-se contra a ferocidade de um catholicismo implacavel e cioso, preparou, sem querer, a emancipação do espirito humano nos paizes catholicos? A relaxação da sua moral, odiosa para a dignidade da consciencia humana, ia desgastando sem embargo esses rancorosos preceitos de ascetismo, que haviam afastado da Peninsula os seus mais ricos, mais industriosos, e mais uteis habitantes. Dissolvendo a austeridade dos costumes e maximas religiosas, auxiliou a emancipação das classes inferiores, embrutecidas pela superstição, e tornadas ferozes pelo fanatismo.

É certo que em França promoveu a Companhia a revogação do edicto de Nantes. Mas ali era outra a situação religiosa, e a politica jesuitica amoldou-se ás circumstancias. Contra o dogma catholico elevavam-se de contínuo ameaçadoras as seitas lutherana, e calvinista — a unidade catholica existia ao mesmo tempo profundamente abalada pelo jansenismo, e por isso recorreram a esse tremendo golpe de estado, a que se seguiu a perseguição contra o Port-Royal, e os austeros adeptos que tentavam restituir o catholicismo á sua rudeza e simplicidade primitivas. O rancor dos jesuitas contra os *infames* Luthero e Calvino, patenteia-se nos sermões do Padre Antonio Vieira, sobretudo n'um, em que trata dos progressos das armas hollandezas no Brasil, mixto de eloquencia rancorosa e de audacia oratoria. O famoso prégador quasi que intima a Deus, para que o seu braço vingador extermine os inimigos da sua fé, os profanadores do seu culto!

O valido de Affonso VI não póde resistir á acção incessante e mysteriosa da Companhia de Jesus, que depositava tantas esperanças no infante D. Pedro, e queria servir-se d'elle para instrumento das gigantescas emprezas que tentava nas vastas possessões do Brasil. Foi esta a principal causa que precipitou o monarcha portuguez do throno, e que entregou tão escandalosamente aos braços de Pedro II a filha do duque de Nemours.

Não nos poupâmos de insistir no louvor que devemos dar ao romance *Um Anno na Côrte*. A arte com que a his-

toria politica está travada com os successos da acção, a maneira rapida e penetrante, com que se desenvolvem os acontecimentos, marcam a superioridade reflexiva do sr. João de Andrade Corvo. Ao mesmo tempo torna-nos contemporaneos dos costumes, e usanças da epocha: applaudimos n'um capitulo as sortes do Conde da Ericeira n'uma corrida de touros: n'outro o jogo das canas e alcanzias: d'ahi a pouco, depois de *amalhados* os porcos no carrascal, vamos após os sabujos em carreira desfechada, assistindo curiosos ás peripecias de uma caçada real.

O auctor do *Anno na Côrte* é além de tudo um *paizagista* repassado do sentimento das magnificencias da natureza. Sem ser minuciosamente descriptivo, sem que os seus traços nos desenhem as perspectivas com um grande vigor, é certo que comprehende e retrata o mundo exterior, como quem lhe conhece os segredos, como quem avalia os effeitos da sua mysteriosa acção sobre o pensamento e o coração do homem.

Para ouvir o rumor do vento que agita as folhas, e o sussurrar da agua, que vae refrescar a campina: para alargar os olhos nos bosques copados, que o sol da primavera inunda e vivifica: para seguir o rasto da lua nas aguas adormecidas e aspirar o perfume das flores, que o rocio da madrugada torna mais viçosas e fragrantes, é necessario saber admirar como poeta, porque o amor da natureza, como o amor que nos une á mulher, ambos incoherentes nas imaginações rudes e incultas, só o póde transmittir, quem se sente devéras dominado por elle.

O *Anno na Côrte*, é por muitos titulos, uma obra notavel, e que não póde ser inutil de certo ás tendencias da nova litteratura. Se a avaliarmos pelo lado historico, é um estudo conscencioso e revelador, que abona os dotes de um espirito superior e reflectido: se o considerarmos como favor de imaginação, é duplamente insigne, na esphera do sentimento, e no merecimento mais secundario de ligar e conduzir a acção dramatica. Se nos referimos ás nossas proprias impressões, não de critico, mas de leitor, diremos que to-

mamos noticia d'elle, sem o largarmos de mão, e com todo o interesse da curiosidade. Esta circumstancia, que talvez pese pouco aos meros cultores das letras, significa muito para o consumo de um livro. Não será para nós estranho, o annuncio de uma nova edição, porque este romance é d'aquelles, como dizia algures Mad. Sévigné, *qui se laissent très bien lire.*

PERFIS LITTERARIOS EM 1855.

CARTA A M. HENRI DE PÈNE

COLLABORADOR DE *LA REVUE CONTEMPORAINE.*

I.

Quaesquer que sejam, meu amigo, as nossas dissidencias politicas, é certo que nos encontrâmos, como homens d'este seculo, em sentimentos communs. Ambos amâmos a liberdade, e a arte: a liberdade, condição suprema da nossa individualidade racional, a arte, aspiração sublime da nossa intelligencia.

Os philosophos utilitarios, os espiritos positivos têem querido converter toda a actividade humana para o campo do progresso material, e engrandecer as conquistas da civilisação, á custa das nobres inclinações do nosso ser intellectual e moral. Deploravel illusão, e tão infantil, como a que nos tentasse sujeitar exclusivamente ao dominio das phantasias artisticas.

Se a arte não tivesse evidentemente uma influencia decisiva sobre os destinos da sociedade, se não fosse o maravilhoso instrumento que adoça, exercita e ennobrece os costumes e o espirito do povo, seria ainda assim o mais glorioso e elevado culto das faculdades humanas. Póde a civilisação levar-me commoda e rapidamente n'um *vagon* de caminho-de-ferro; fazer-me beber o chá da China e o café do Oriente, na sumptuosa porcelana de Sèvres ou de Saxonia; dar-me um somno reparador entre lençoes de Irlanda,

apresentando-me antes o presunto da Virginia, os figos de Smyrna, o *foye-gras* de Paris, os vinhos de Bordeaux e do Rheno, os licores de Zara, e de Italia; mas ainda não fez tudo para contentar as exigencias da minha dupla natureza. O corpo extasia-se e regala-se entre os variados deleites do conforto, mas o espirito tem outras ambições, e não se resigna facilmente ao repouso, a que o tentam condemnar. Inquieto e palpitante, ou busca ancioso as emoções, que a arte provoca, ou destina-se a governar os homens, ou se precipita nas regiões ideaes do affecto e do desejo: não o encontrareis nunca encerrado, como o Asmodêo do *Diabo Coxo*, dentro de uma garrafa, ainda que seja do mais precioso Johannisberg, ou do mais superfino Tokay.

A grave, austera e infatigavel Inglaterra, a patria da machina-de-vapôr, da industria em grande escala, que trabalha, commerceia, trafica, n'uma agitação gigantesca, não é a mais eloquente prova do que affirmâmos? Ha um certo lord, por exemplo, possuidor de palacios, e de soberbas mattas, tendo cosinheiros famosos, e trens de maravilhar, com *haras* de fina raça, e lebreus, e sabujos, a que não escapam javalis nem lebres, que n'um bello dia enverga um modesto *makintosh*, cobre a cabeça com um bonet de *caoutchou*. e embarca-se n'um paquete. Para onde parte? Para Italia. E o que vae vêr? Quadros de Raphael, estatuas de Miguel Angelo, as portas cinzeladas de Ghiberti, os relevos e arabescos de Benvenuto Cellini; e deixa tudo, e esquece-se de tudo, e fica horas pasmado deante das figuras do *Juizo Final*, e curva reverente a cabeça perante as portentosas escadas de S. Marcos. Se entra em Ferrara, ajoelha na prizão do Tasso; se vae a Avignão bebe extasiado a agua da Fonte de Vaucluse, invocando os nomes de Laura e de Petrarca. A arte e os artistas triumpharam d'esses deleites mundanos, que os partidistas de uma certa escola nos tentam apresentar como o unico alvo da vida humana.

O espiritualismo, e o materialismo, na esphera social, apresentam os mesmos caracteres do que nas regiões philosophicas: são dois systemas exclusivos, que mutilam a

consciencia, que se refutam reciprocamente, e que, de per si, não podem explicar nem os phenomenos da vida, nem as aspirações do entendimento. Entre Cabanis, proscrevendo toda a intervenção do principio espiritual, e Berkeley negando a realidade do mundo exterior que não existe em nós mesmos, ha de certo um rasoavel meio-termo, cuja verdade não póde ser mathematicamente demonstrada, mas que o espirito acceita e reconhece como a unica explicação possivel ás mysteriosas condições em que o homem existe envolvido.

A civilisação não foi de certo creada, para nos reduzir á pura animalidade dos nossos gosos e appetites. Se nos liberta das mil penosas luctas, que acompanharam os nossos primeiros passos, é para que a nossa intelligencia possa mais rasgadamante aspirar aos seus destinos, e animar-se de toda a sua iniciativa. Quem a não entende assim, calumnia a dignidade da nossa natureza, e á força de querer salvar a sociedade de illusões perigosas, converte-a ao culto da mais deploravel de todas as illusões, a de um materialismo sem poesia, e sem grandeza.

Em despeito de todos os esforços, a arte tornou-se o mais brilhante e superior attributo da civilisação. Os mesmos que declamam contra as diversas manifestações que ella reveste, applaudem as harmonias de Mosart, e de Rossini, extasiam-se perante os versos de Racine, interpretados pelo talento da Rachel, e penduram nos seus aposentos as copias dos quadros, que tornaram celebres os pinceis dos grandes pintores.

Se nos referirmos a Portugal, podemos afoutamente dizer, que menos restam na memoria dos homens os feitos do nosso heroismo, do que o nome de quem os cantou n'um poema immortal. Portugal para os estrangeiros é Camões, fixando nos Lusiadas as mais gigantescas tradições da nossa historia.

Dar noticia do nosso movimento litterario, não é por conseguinte senão denunciar á Europa que vivemos, que existimos, que comprehendemos a civilisação, e prestâmos culto á intellectualidade.

Não é tarefa esta, nem para as nossas forças, nem porventura para os hombros de um só escriptor. Emprehendemol-a todavia, e nos estudos d'este livro, como nos *perfis litterarios* apontâmos apenas os nomes, de que havemos tratar mais largamente, e que mais ou menos determinam as feições da nossa litteratura moderna.

As letras revelam ao mesmo tempo o estado social, e exprimem os futuros destinos que o hão de modificar. São um retrato do que existe, e um presentimento do que ha de vir depois.

Somos um povo que se transforma. A doçura dos nossos costumes, a illustração dos nossos instinctos, existem em desequilibrio com as condições da nossa organisação economica. Depois de semearmos a idéa cumpre incarnal-a nas instituições. E graças a Deus podemos caminhar á civilisação pela liberdade, porque a liberdade entre nós é mais do que uma crença, é uma necessidade invencivel, e quem não puder governar com ella, ha de perecer por ella.

Grato é affirmal-o sem temor de um consciencioso desmentido. O governo mais livre é o que ha de ser mais util á civilisação. A reacção não será só o despotismo, ha de tornar-se a barbaridade, e passará tão esteril para os progressos materiaes, como ultrajante para a dignidade humana.

II.

Francisco Gomes de Amorim é um nome hoje querido e respeitado nas letras. Hontem ainda, applaudia-se o seu drama *Odio de Raça*, no Theatro de D. Maria, e mais de uns olhos se orvalharam de lagrimas, lendo a sentida poesia dedicada á memoria do seu protector e amigo Visconde de Almeida Garrett.

Esta vocação é d'aquellas vocações imperiosas, que nenhum obstaculo separa do seu destino, que nenhuma catastrophe faz esmorecer no seu culto. E' um homem que nasceu poeta, é um poeta que se tornou homem de letras, roubando ao repouso as horas, para as dedicar ao estudo.

Não ha, realmente, exemplo entre os poetas da nova geração, de uma tão decidida e irresistivel inclinação litteraria. Obrigado, quasi ao saír da adolescencia, a procurar fortuna no Brazil, dedicava-se ali á vida do commercio, quando lhe vieram ás mãos os poemas de Almeida Garrett. Um abalo electrico e instantaneo revelou desde logo os seus instinctos. Pungido pelas saudades da patria, orphão de todo o affecto nos sertões do Novo-Mundo, lia com as lagrimas nos olhos, com o coração suffocado essa sublime elegia do *Camões*, esse canto quinto, que é e será sempre uma das mais bellas inspirações da musa moderna europea.

É este o grande e sublime poder do poeta, e do escriptor: anima e enthusiasma as almas abatidas, pela mysteriosa acção dos seus cantos, e multiplicado pela imprensa, impõe-se á imaginação, em despeito do espaço e do tempo.

O joven caixeiro, que se sentia triste e melancholico, ouvindo o susurrar do vento nas vastas florestas das palmeiras, que mal articulava os gemidos da sua dôr, em interjeições penosas, encontrára uma voz eloquente, que traduzia as suas proprias maguas, e sem o conhecer, amou o poeta, que soffrêra, como elle, e que melhor do que elle, podia revelar as angustias, que o dilaceraram.

Recuperando por assim dizer a conciencia do seu talento, o desterrado escreveu uma sentida carta ao sr. Garrett, manifestando-lhe, não só a sua admiração, como o desejo de poder voltar aos seus lares, de abandonar uma carreira, para elle tão penosa e afflictiva. Este sentimento de amor patrio, esta effusão de affectos de familia, exprimiu elle com um admiravel vigor no prologo de um drama que publicou, e que foi o seu primeiro ensaio litterario, que viu a luz em livro. Citâmos alguns trechos, que demonstram exuberantemente como a sua alma finamente comprehende e pratica o culto das affeições, que ligam o homem ao seu berço, e á sua terra.

« Hoje sou eu a tua familia, diz elle, dirigindo-se a seu irmão, e a minha familia és tu. Separou-nos o destino, e quem sabe se nos tornaremos a juntar? Ao menos foi Deus

servido, que assim como nascemos irmãos, nunca deixassemos de ser amigos. Bemdito seja Elle! Pobres viandantes, abandonados tão cedo neste deserto da vida, e sem um guia que nos aponte o caminho para nos aproximarmos; agora, mais do que nunca, precisamos concentrar a nossa affeição para que possa atravessar a distancia e encher o vacuo que a morte nos deixou no coração.

« Ha dezeseis annos que vives no exilio, com os olhos fitos no mar que serviu de tumulo a nosso pae, e que te separa da patria, mas não chores com saudades d'ella; eu tenho medo de entrar de noute na casa onde nascemos; o fogo do nosso lar está apagado; faz ali um frio que gela a alma; a casa parece um tumulo, na parede branca da entrada conserva-se a cruz vermelha pintada por nosso pae; o sabogueiro plantado por teu padrinho no dia em que nasceste, — unico vivente d'aquella habitação! — esse mesmo tomou uma forma lugubre, como se podesse sentir a solidão que a morte imprimiu em tudo que o rodeia; parece um cypreste á porta de um cemiterio!

« Pobre proscripto! não tenhas saudades do teu paiz; eu suspiro pela terra do exilio, porque ahi não ha, entre todos os martyrios, aquelle de encontrar em cada pedra a sepultura de um parente ou de um amigo!

« Offereço-te o — Ghigi —, porque depois de nossa mãe, só a ti devo dedicar a minha primeira publicação; sabes que de sacrificios e desgostos me tem custado esta malfadada inclinação para as cousas litterarias, e por isso has de aprecial-o, não pelo seu valor, mas por ser um fructo ainda que pouco amadurecido, dos meus laboriosos exforços. . . .

. . . . . .

« Assim como outr'ora confiado nas orações de minha mãe, me abandonei á furia dos elementos, sobre as aguas do mar e nas florestas do novo mundo, assim abandono hoje, o meu — Ghigi —, escudado com um prologo que se o não livrar de perecer com os desenganos da publicidade, póde abrandar-lhe um pouco as agonias da morte . . . . . .

. . . . . .

« Se o destino permittir algum dia, que desappareça a distancia que te separa de mim, iremos ambos em peregriuação beijar a pedra que esconde os restos mortaes da nossa querida mãe, e pediremos a Deus por ella, como ella pedia por nós. — N'estas linhas mal coordenadas, a minha eterna saudade paga um tributo á memoria d'aquella santa que nos ensinou a elevar o pensamento ao céu, qnando as miserias da terra nos perseguissem. Chorei escrevendo essas palavras truncadas que ahi ficam ; chorei com os olhos da alma, porque já tenho quem me defenda com as suas orações dos perigos de cada um dia ; mas estas lagrimas santificam a minha dôr, e vou caminho do Golgotha, com a consciencia tranquilla.....

.....

.....

De volta a Lisboa, no anno crêmos que de 1846, viuse abandonado e só, e aprendeu corajosameute o officio de sombreireiro, para ganhar o pão de cada dia. Foi então que se revelou o poeta-operario, como o denominámos nós, applaudindo e celebrando as suas auspiciosas estreias. A revolução de 1848, elevando o seu pensamento ás profundas questões que se agitavam naquella grande luta, acabaram de amadurecer o seu engenho, e de firmar a sua carreira. *Garibaldi — A Queda da Hungria* — trechos lyricos de um grande vigor poetico, deram ao seu nome a importancia de um acontecimento. Os homens de letras de Lisboa presididos pelo sr. Visconde de Almeida Garrett offereceram um jantar ao esperançoso cantor, e ahi começou elle a travar relações estreitas de amisade com o grande poeta que expirou ha pouco, relações que duraram não interrompidas, e que honram a um e a outro. Protegido pelo illustre cantor de *Camões*, poude o sr. Francisco Gomes de Amorim encetar a carreira publica, e utilisar com proveito os seus talentos, em beneficio, das letras.

Vocação poetica, de um grande alcance, o sr. Francisco Gomes de Amorim não se perde nas regiões de imaginação, e é um homem estudioso e applicado. Para o comprovar bas-

ta lêr a longa noticia critica que escreveu sobre o *Romanceiro* do sr. visconde de Almeida Garrett, em que já denunciava os cabedaes de uma cuidadosa erudição.

Em breve terêmos de appreciar esse precioso estudo sobre o grande poeta, cuja perda nós todos deplorâmos. Foi o seu confidente, e o seu amigo nos ultimos annos da vida, e só largou a cabeceira do nobre enfermo, quando as sombras da morte lhe cerraram para sempre os olhos. O auctor de *Frei Luiz de Sousa* accolheu-o e estimou-o como um dos seus mais esperançosos discipulos, e esta adopção intellectual não é dos menores titulos de gloria, que realçam o nome do joven poeta.

III.

A. GONÇALVES DIAS.

Os Primeiros Cantos do sr. Antonio Gonçalves Dias revelaram ao Brazil e a Portugal um talento poetico superior. A penna do sr. Alexandre Herculano consagrou n'um artigo esta brilhante apparição, e o solemne baptismo do illustre historiador, salvou-o, pelo menos, do prurido de mesquinhas invejas, com que a mediocridade pretende abafar sempre as explosões intellectuaes que a deslumbram.

Via-se desde logo que estavamos na America e no Brazil. Era mais ruidoso o trinar dos passaros, mais magestosa a densidade vegetal das florestas, mais soberba a corrente dos rios, mais embriagante o perfume das flores, mais vivas as côres com que o crepusculo se despede da terra, em caprichosas e phantasticas combinações.

Eram harmonias cantadas na mesma lingua que nós fallamos, mas inspiradas e absorvidas n'outro theatro. A cobra enrosca-se nos troncos das arvores, a onça, e o tigre uivam perturbando o silencio do sertão: o cafeseiro derrama os seus aromas na tépida atmosphera, que os raios do sol illuminam: o annanaz e a mangueira convidam os labios soffregos, para apagarem a sêde, nos seus humidos e succulentos fructos.

É o Novo-Mundo, em que a natureza é mais rica e luxuriante: em que a vista se alarga por extensas regiões, não devassadas pela actividade do homem: terra bella, indolente e morbida, como a creoula, na hora da sesta, quando o repouso da calma lhe adormece os sentidos fatigados: medonha, terrivel, quando o furacão sibilla, açoitando as grimpas das arvores, quando o trovão ribomba, e o vento fustiga as nuvens que parecem fugir espavoridas diante do seu omnipotente sôpro. Terra, em que dir-se-ha que a vida se multiplica como por encanto, mas aonde os castos beijos da Celuta não podem dissipar a melancholia dos Renés, devorados pelas agonias do ideal, saudosos e, ao mesmo tempo cansados dos delirantes prazeres, em que despenderam as forças da sua alma!

Embora a natureza se revolva, como uma voluptuosa odalisca, entre os tapetes de uma verdura sempre viçosa, semeando o ar de harmonias e a terra de aromas, a sina do poeta é exclamar com amargura:

Amor! amor! que és tu? Se acaso existes;
Se és mais que sombra vã, se és mais que um nome
Se és mais que phantasia, ou mais que um sonho,
Da-me sequer uma hora de ventura,
Uma hora, genio de Deus, se pódes tanto.

Celeste emanação, gratos affluvios
Das roseiras do céu: bater macio
Das azas auri-brancas de algum anjo
Que roça em noute amiga a nossa esphera.
Scentella e luz do sol que nunca morre;
És tudo, e mais do q'isto: és luz e vida,
Peregrinas essencias trescalando!..
Perfume e vôo de anjo mal sentido,
Tambem passas veloz, — breve te apagas,
Como d'uma ave a sombra fugitiva,
Desgarrada voando á flôr de um lago!

. . . . . .
. . . . . .

Quem não sentirá em todos os cantos do sr. Antonio Gonçalves Dias que é um poeta, mas um poeta brasileiro, que respira ancioso no ambiente voluptuoso e apaixonado, que as flores perfumam, que o sol deslumbra, que as brisas meigamente acalentam, na sua emanação suave e bonançosa.

A mulher, para que o seu coração aspira, é a mulher que se extasia como elle nas perspectivas da sua amada patria. No *Sempre Ella*, transporta-nos em vagos cantos aos climas que o seduzem e o enfeitiçam.

. . . . . .
. . . . . .

Nada o mudo Alcyon por sobre os mares
E proximo a seu fim desata o canto;
A rosa do Soarão lá se despenha
Nas aguas do Jordão; e como a rosa,
Como o cysne do mar entre perfumes,
Aos sons d'uma harpa interna ella morria!

E como o pastor que avista a linda rosa.
Nas aguas da corrente, e como o nauta
Que vê, que escuta o cysne ir-se embalado
Sobre as aguas do mar cantando a morte;
Eu tambem a segui — a rosa, o cysne,
Que lá se foi sumir por clima estranho.

E depois que meus olhos a perderam,
Como se perde a estrella em céus infindos,
Errei por sobre as ondas do oceano
Sentei-me á sombra de florestas virgens,
Procurando apagar a imagem d'ella,
Que tão inteira me ficára n'alma!

Embalde aos céus erguendo os olhos turvos
Meu astro procurei entre os mais astros

Q'outr'ora amiga sina me fadára!
Com brilho embaciando a luz incerta
Nos ares se perdeu antes do occaso
Deixando-me sem norte em mar de angustias.

Por um raro acaso, eu fui testemunha do alvorecer da sua vocação litteraria. Estudante de direito em Coimbra, sobrepujando talvez em vigor e frescura poetica aos seus collegas, a sua timidez impediu-o por muito tempo de se manifestar, senão em conversações intimas, nas reuniões familiares dos seus amigos. Quando *Os Primeiros Cantos* que elle graciosamente me enviou, deram esplendor ao seu nome, já eu me maravilhava de que aquella voz tão eloquente nos primeiros annos, se conservasse muda no seio da sua terra — da sua terra, cujas saudades o pungiam, embora embalado pelas auras bonançosas do Mondego, e ouvindo fallar a mesma lingua que elle aprendêra no berço natal.

Os Segundos Cantos e *Os Ultimos Cantos* foram progressivamente elevando a sua reputação, e não é de certo temerario affirmar que é elle hoje o primeiro poeta do Brazil, e um dos mais notaveis talentos da geração, que se dedica ás letras, em ambos os paizes.

Em raros poetas temos visto mais pronunciado e distincto o sentimento da natureza, da natureza indigena, americana. Só um poeta, e um poeta nascido e educado nas scenas dos tropicos, póde descrever assim o luar, que brilha tão vivo ao sul do equador, e namorar as estrellas, que mais vastas e luzentes se accendem no manto azulado do firmamento. Na sua poesia — A tempestade — por exemplo, está em rapidos traços esboçada a perspectiva da tormenta, que se esconde nos confins do horisonte, que rebenta furiosa e rapida, para dentro n'uma hora desapparecer de todo, e deixar o céu limpido e sereno. É a tempestade do Brasil, da America, que se não assemelha ás tempestades da Europa, que maravilha o estrangeiro, agitando em accesso terrivel e momentaneo de colera a face quasi sempre meiga d'essas regiões deliciosas.

De côr azul brilhante o espaço immenso
Cobre-se inteiro; o sol vivo luzindo
Do bosque a verde coma esmalta e doira,
E na corrente dardejando a prumo,
Scintilla e fulge em laminas doiradas.
Tudo é luz, tudo vida, e tudo côres!
Nos céus um ponto só negreja escuro!

Eis que das partes, onde o sol se esconde
Brilha um clarão fugaz pallido e breve;
Outro vem após elle, inda outro, muitos;
Succedem-se frequentes, — mais frequentes
Assumem côr mais viva, — inda mais viva,
E em breve espaço conquistando os ares
Os horisontes co'o fulgir roxeiam.
. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .
De quando em quando o vento na floresta
Silva, ruge e morre; — e o vento ao longe
Rouqueja e brama, e cava-se empolado,
E aos pincaros da rocha ennegrecida
De iroso e mal soffrido a espuma arroja!
Raivoso turbilhão comsigo arrastra
O argueiro, a folha em vortice espantoso;
No valle arranca a flôr, sacode os troncos.
Na serra abala a rocha, e move as pedras,
No mar os vagalhões incita e cruza.
. . . . . .
. . . . . .
Em fim descendo a chuva copiosa
Nuvens, bulcões desfaz: os rios crescem.
De perolas a relva se matiza,
O céu de puro azul todo se arreia,
Sorri-se a natureza, e o sol rutilla!
. . . . . .
. . . . . .

O Imperador do Brazil, monarcha tão notavel pela sua moderação e sisudez politica, como pela sua intelligencia, instrucção, e amor ás lettras, em breve distinguiu o joven poeta, e conceituou-o merecidamente como uma das illustrações do seu imperio. Nomeado official de secretaria, veiu nos fins do anno passado á Europa, n'uma missão litteraria, e hoje está em París, d'onde deve partir a visitar os estabelecimentos litterarios da Allemanha e da Prussia.

Muitos dos seus antigos condiscipulos e contemporaneos de Coimbra, e os admiradores da sua reputação, tiveram occasião de tratar o sr. Antonio Gonçalves Dias, durante o pouco tempo que se demorou em Lisboa. Apesar de Byron haver affirmado algures que ninguem é heroe diante do seu criado, a verdade é que o poeta é um homem do mundo, accessivel a todas as idéas generosas, a todos os sentimentos honestos, modesto e reflectido, que sabe conversar com a musa, na sua hora e ensejo proprio, sem affectar estar continuamente viajando nas regiões da pura idealidade. Rara qualidade é esta, no seculo em que os maiores talentos usam tantas vezes de um charlatanismo calculado, apresentando-se como creaturas quasi sobrenaturaes, e incommodando a imaginação para fazerem effeito. Certo é que as superioridades intellectuaes se expiam por assim dizer com o ridiculo, quando não é com a desventura.

IV.

MANUEL ANTONIO ALVARES DE AZEVEDO.

Conheceis nada mais triste, do que um poeta, que morre, na aurora, e no brilhantismo de um esplendido futuro? Dar de face com um cypreste, gemendo lugubremente sobre um tumulo, quando se esperavam encontrar corôas de louro, e grinaldas de flores, não é porventura um espectaculo desolador?

Para que veiu a mão da morte pousar sobre a fronte altiva, do que anciava conquistar a gloria? Que sonhos

phantasticos, que ignorados poemas, que deslumbrantes inspirações não pereceram com esse ente, pallido e moribundo, despedindo-se, entre lagrimas, dos affectos que mais o prendiam na vida?

Manuel Antonio Alvares de Azevedo, poeta brazileiro, cujas poesias posthumas viram a luz em 1853 no Rio de Janeiro, era um talento de primeira ordem, uma d'aquellas vocações omnipotentes, que revelam, desde o berço, os fecundos dons do genio. Morto no anno de 1852, só um anno depois é que o Brazil pôde deplorar a perda de uma das suas mais esperançosas illustrações.

E o poeta tinha o presentimente da sua morte prematura! Entre os delirios da sua alegria, vem sempre pousar um pensamento melancolico, uma vaga aspiração de que a sua passagem na terra ha de ser fugitiva e rapida.....

Eu deixo a vida como deixa o tedio
Do deserto, o poento caminheiro
Como as horas de um longo pesadello
Que se desfaz aos dobres de um sineiro;

Como um desterro de minh'alma errante
Onde fogo insensato a consumia;
Só levo uma saudade — é d'esses tempos
Que amorosa illusão enbellecia.

Só levo uma saudade — é d'essas sombras
Que eu sentia velar nas noites minhas
De ti, ó minha mãe, pobre coitada
Que por minha tristeza te definbas!

. . . . . .
. . . . . .

Se uma lagrima as palpebras me inunda,
Se um suspiro nos seios treme ainda
È pela virgem que sonhei... que nunca
Aos labios me encostou a face linda!

Só tu á mocidade sonhadora
Do pallido poeta deste flores...
Se viveu, foi por ti! e de esperança
De na vida gosar de teus amores.

Beijarei a verdade santa e núa
Verei christallisar-se o sonho amigo...
Ó minha virgem dos errantes sonhos,
Filha do céu, eu vou amar comtigo!

Descancem o meu leito solitario
Na floresta dos homens esquecida
A' sombra de uma cruz, e escrevam n'ella:
— Foi poeta — sonhou — e amou na vida.

. . . . . .
. . . . . .

Esta poesia tem por titulo *Lembrança de morrer*, e não é a unica que manifesta os seus dolorosos presentimentos. *Se eu morresse ámanhã* é tambem uma saudosa despedida aos prazeres da vida, o revoar prophetico para as sombrias regiões da morte.

As suas poesias dividem-se em duas partes, n'uma que elle proprio intitulou *Lyra dos vinte annos*, inseriu todas as inspirações de sentimento, todos esses sonhos de uma phantasia, ao mesmo tempo, terna e excentrica. A segunda parte revela plenamente a vasta instrucção que possuia, em tão curta idade. Conhecia todos os poetas modernos, e nas suas invenções, apesar de incompletas, denuncia-se a proxima lição dos auctores inglezes — desde Shakspeare até Byron. Era um poeta d'este seculo, percebendo a fundo as suas aspirações e tendencias. A sua musa graciosa e facil, verte o *humour* n'uma versificação descuidosa e desleixada. Nos *Bohemios, auto de uma comedia não escripta*, ha vivacidade e movimento, qualidades dramaticas, estylo ligeiro e solto, ironia fina e penetrante.

Mas quem não applaudirá o seu esperançoso talento, n'esta poesia que vâmos citar inteira, em que a ternura da sua alma se une estreitamente ao vago sonhar de uma imaginação absorvida nas delicias do ideal:

SONHANDO.

Hier, la nuit d'été qui nous prêtait ses voiles
Était digne de toi, tant elle avait d'étoiles.
V. Hugo.

Na praia deserta que a lua branqueia
Que mimo! que rosa, que filha de Deus!
Tão pallida — ao vêl-a seu ser devaneia,
Suffoco nos labios os halitos meus!

Não corras na areia,
Não corras assim!
Donzella onde vaes?
Tem pena de mim!

A praia é tão longa! e a onda bravia
As roupas de gaza te molha de escuma;
De noute — aos serenos — a areia é tão fria
Tão humido o vento que os ares perfuma!

És tão doentia!
Não corras assim!
Donzella, onde vaes?
Tem pena de mim!

A brisa teus negros cabellos soltou
O orvalho da face te esfria o suor;
Teus seios palpitam — a brisa os roçou,
Beijou-os, suspira, desmaia de amor!

Teu pé tropeçou...
Não corras assim!

Donzella, onde vaes?
Tem pena de mim!

E o pallido mimo da minha paixão
N'um longo soluço, tremeu e parou,
Sentou-se na praia; sósinha no chão
A mão regelada no collo pousou!

Que tens coração,
Que tremes assim?
Cansaste, donzella?
Tem pena de mim!

Deitou-se na areia qua a vaga molhou,
Immovel e branca na praia dormia;
Mas nem os seus olhos o somno fechou,
E nem o seu collo de neve tremia.

O seio gelou?....
Não durmas assim!
O' pallida fria,
Tem pena de mim!

Dormia, na fronte que niveo suar!
Que mão regelada no languido peito!
Não era mais alvo seu leito do mar
Não era mais frio seu gelido leito!

Nem um resonar,
Não durmas assim
O' pallida fria,
Tem pena de mim!

Aqui no meu peito vem antes sonhar
Nos longos suspiros do meu coração;
Eu quero em meus labios teu seio aquentar,
Teu collo, essas faces, e a gelida mão!

Não durmas no mar!
Não durmas assim,
Estatua sem vida,
Tem pena de mim!

E a vaga crescia seu corpo banhando
As candidas fórmas movendo de leve!
E eu vi-a suave nas aguas boiando
Com soltos cabellos nas roupas de neve!

Nas vagas sonhando
Não durmas assim;
Donzella, onde vaes?
Tem pena de mim!

E a imagem da virgem nas aguas do mar
Brilhava tão branca no limpido véu!
Nem mais transparente luzia o luar
No ambiente sem nuvens da noite do céu!

Nas aguas do mar
Não durmas assim!
Não morras donzella,
Espera por mim!

Poderiamos inserir muitos rasgos de admiravel inspiração, mas para quem ama e percebe as delicadezas da arte, basta este para conceituar o joven poeta, que tão cedo abandonou uma carreira de gloria, e foi dormir o somno eterno, com a donzella que os seus magoados suspiros invocavam!

Sem querer ferir de modo algum os talentos vivos, não podemos deixar de suppôr entretanto, que Manoel Antonio Alvares de Azevedo, tomaria como poeta um dos primeiros logares na litteratura de Portugal e do Brazil, se tão cedo não deixasse este mundo.

A sua perda é d'aquellas que se devem deplorar, como um funesto acontecimento para a situação e progresso das

letras. Era um talento innovador, que não limitaria a sua ambição a percorrer as veredas conhecidas, que alcançaria novos horisontes, impellido pelo fogo da sua inspiração, e tambem pela madureza dos seus estudos.

Ha vocações, que reproduzem os prodigios das sibyllas antigas. Prophetisam involuntariamente sobre a tripode, e deixam-se arrastrar pelo enthusiasmo das suas proprias palavras. O joven poeta não cantava, sómente para que as turbas se deixassem commover pela harmonia dos seus cantos: cantava porque lhe ardia no peito um fogo devorador, porque a sua alma ebria e palpitante, lhe accendia a imaginação, e como lhe intimava que traduzisse aos outros a magia dos seus sonhos, o fervor dos seus desejos, o esplendido irradiar da sua esperança.

Estamos politicamente separados do Brazil: a colonia forte e poderosa emancipou-se, e fundou um imperio florescente e vasto. Portuguezes, o amor da patria, não nos torna surdos á voz dos principios humanitarios. Era justo que a tutella acabasse, e que as immensas regiões do Novo-Mundo livres e independentes, pudessem desenvolver a sua actividade, e completar os seus destinos. Mas é em nome dos antigos laços, que estreitamente nos uniram, que não podemos deixar de observar com desvanecimento os progressos e o esplendor d'essa nação que falla a mesma lingua, em cujas veias corre o mesmo sangue, e cujas tradições mais gloriosas tambem pertencem á nossa historia. Vocações, como a do sr. Antonio Gonçalves Dias, como a do joven poeta, expirando na aurora do seu talento, testemunham eloquentemente a vitalidade da nação brazileira. Portuguezes, não podemos deixar de ter orgulho de vêr a nossa lingua, accordando maviosamente os echos d'aquellas ridentes campinas, e d'aquellas copadas florestas: se nos faltassem outros estimulos de fraternidade, bastava esta inevitavel communhão das letras, para destruir rivalidades, pouco proprias da mutua dignidade de duas nações, que por assim dizer, nasceram no mesmo berço.

V.

J. M. LATINO COELHO.

Em 1848, o nome do sr. Latino Coelho pouco se havia manifestado na imprensa. Reputado um talento de superior esphera por todos os que de perto o conheciam, entregava-se a solitarios estudos, e quasi que se não revelára ao publico como escriptor. Havendo cursado com esplendor as cadeiras da Escóla Polytechnica, vira-se nomeado professor, quasi ao saír da adolescencia, e por muito tempo pareceu entregar-se ao culto da sciencia.

Sem ninguem o esperar, encarregou-se da redacção de um jornal litterario — *O Pharol* — e desde os primeiros artigos revelou-se um escriptor eminente, tão notavel pela finura da observação, pelo estro, e pelo espirito, como pela delicadeza e elegancia de estylo.

É de véras pasmosa esta evolução de um talento, que se produz sem rodeios, sem hesitações, senhor do terreno, e demonstrando desde logo os primores de uma phrase abundante e correcta, scintillânte e imaginosa, florida e phantastica. A sua penna transformou-se n'uma d'estas varinhas de condão, que meneada pelas fadas, realisavam todos os sonhos do mais ambicioso desejo. Perolas e esmeraldas, rubis e topasios, diamantes e granadas, tudo apparecia aos olhos do leitor extasiado. Como uma arvore de frondosa ramagem, absorvendo sem custo os raios do sol, e reflectindo-os nas cores de um variado prisma assim appareciam os primeiros vôos da sua imaginação oriental.

Força é dizel-o, se o escriptor não fosse um homem de sciencia, se aos dons de uma vitalidade exuberante, não reunisse uma erudição vasta, o conhecimento dos grandes modêlos litterarios, não só os modernos, mas os da antiguidade grega e latina, podia precipitar-se de certo em deploraveis desvios, e exagerando os seus preciosos attributos, des-

cair nas falsas pompas, em que não só os homens, mas as proprias litteraturas tantas vezes se corrompem e degeneram.

Não aconteceu felizmente assim. O seu atticismo natural, purificado e engrandecido pelo culto das sãas tradições litterarias, triumphou dos caprichos da sua phantasia: organisação artistica, essencialmente artistica, não lhe falleceu o dom d'esse sexto sentido, que se denomina gosto, dom cujos effeitos mais se sentem do que se definem, que nasce com o homem, mas que se aperfeiçoa tambem com o trato dos bons modelos, com a convivencia dos escriptores, que mais tem resplandecido no mundo das letras.

O sr. Latino Coelho é uma das physionomias litterarias, mais originaes da nossa epocha, e não ha assumpto, que a sua penna discuta, que elle não illumine com os vôos de um pensamento fecundo, e com as côres de um estylo deslumbrante. Apaixonado de cabeça, como todos os homens que quasi exclusivamente se entregam aos trabalhos da intelligencia, sente-se no seu estylo uma como irritação nervosa, que o eleva, que o aviva de colorido, que o enriquece de imagens, que o matiza de epithetos expressivos e de phrases bem sentidas.

É que o sr. Latino Coelho possue principalmente uma natureza de artista, mobil e impressionavel, que se apodera rapidamente de todas as sensações, que se commove pelas hypotheses da imaginação, que comprehende e sente tudo com uma velocidade electrica.

Visto atravez dos seus escriptos, é um prothêo subtil, que desafia a curiosidade, e põe em sobresalto os mais distrahidos espiritos. Sem o querer, involuntariamente, a sua individualidade apaixona-se pelos assumptos, e ha momentos em que se confunde com elles. Não é raro, por exemplo, vêl-o pintar todo o fastio de uma existencia luxuosa, a saciedade dos prazeres de uma civilisação requintada, o *spleen* que accommette os homens que facilmente realisam os seus appetites, e se vêem solitarios no centro das delicias do conforto; direis por ventura que o escriptor é um

lord millionario, que visitou o oriente, e a Italia, que se vê desfallecer no meio dos nevoeiros de Inglaterra, que sente apenas attractivo em exalar o seu *humour* em paginas espirituosas, e *faiscantes* de aristocratico desdem. Pois não é: é um erudito, encerrado dentro d'um gabinete, rodeado de estantes: um jornalista, cercado de orçamentos e propostas de lei, um professor que acabou de passar pelos olhos os apontamentos para uma prelecção de sciencia: mas esse homem transportou-se pelo pensamento a todas as scenas d'aquella vida excentrica: apropriou-se do sentimento que a inspira, incarnou-se n'aquella substancia alheia, e viu, sentiu e gosou por aquelles orgãos, e fallou como fallaria o melancholico ilheu, atormentado pelos esplendores de um luxo, que já perdeu para elle os seus prestigios.

Esta faculdade divinatoria, este condão que um escriptor possue de se consubstanciar n'uma existencia estranha, de se apossar de um sentimento, de tomar as fórmas de uma idéa, é o que caracterisa positivamente o artista. O phenomeno que se observa no theatro, reproduz-se plenamente na esphera das letras. Talma foi Cezar algumas horas, elevando a fronte altiva, e embuçando-se com magestade na impotente toga. Rachel é Phedra, é Hermione, e faz-se romana ou grega, em nome da sua maravilhosa ductilidade intellectual e moral.

Mas é força confessar que esta brilhante qualidade, qualidade que Diderot por exemplo apresenta em toda a sua energia, se engrandece o estylista, priva o pensador da sua imparcialidade crítica, e conduz o espirito a vêr as cousas debaixo de um unico ponto de vista, a ceder a uma contínua impetuosidade de sentimento, a contrahir uma irritabilidade, que, se alimenta a paixão e a eloquencia, estreita e atrophia os attributos da razão.

Ninguem melhor do que o sr. Latino Coelho sublima uma idéa, advoga uma doutrina, e divinisa um sentimento. Entregue todo á paixão do momento, impellido pela vivacidade das suas sensações, a sua penna esquece-se de todo o passado, e afasta-se de toda a comparação. O que lhe

acontece inevitavelmente? É que, preoccupado da impressão momentanea que lhe offerece um assumpto, não o considera transportado a outras regiões, e desenvolvido pela influencia de outras circumstancias, e por isso, sentindo e traduzindo o que sente com uma facilidade maravilhosa não desvia as contradicções, nem sujeita o seu discurso ás leis de uma theoria, ás prescripções de um dogma.

Este defeito não se deve attribuir ao homem; nasce das condições especiaes em que vive este seculo.

O nosso seculo existe embalado entre dous instinctos, entre duas contrarias correntes; obra e medita: é positivo, e phantastico: alimenta-se da acção, na esphera civilisada, abandona-se a um scepticismo vago, na esphera da intelligencia. Se o vedes affadigado e sollicito a nivelar um terreno, a abrir um canal, a collocar um *rail*; tambem o sentis preplexo e incoherente, a perguntar ao céu o enigma do destino humano, a parar irresoluto diante dos tremendos problemas, que se conservam pendentes sobre as gerações, como os astros que brilham sempre esplendidos, e sempre mysteriosos, na infinita amplidão do espaço.

Não admira por tanto que o joven escriptor seja um dos nossos primeiros jornalistas. A sua vocação artistica manifesta-se á vontade no ambiente agitado das opiniões. Cada situação, cada peripecia do drama politico, é um thema para o seu estro tão fecundo, e tão viçoso, que se adorna, que se embelleza com as côres mais variadas, e se aviva sempre a cada difficuldade, que consegue vencer habil e artificiosamente.

Todo o segredo d'esta excitabilidade intellectual reside, não nos poupâmos a repetil-o, em que é artista, completa, e essencialmente artista. A sua razão philosophica, é mais de uma vez desvairada pelos caprichos da sua phantasia. E todavia, o escriptor é logico, é racional, e concludente, em cada uma das posições que alternativamente occupa. Hoje, reflectido e maduro, elevado ás austeras e mornas regiões do homem de estado, apresenta os mais sensatos alvitres, expõe os problemas com a mais fina e lucida crítica, e cor-

ta os obstaculos, resguardando e salvando os interesses, percebendo todas as conveniencias, pezando todos os conflictos da opinião, e apalpando o terreno social como dextro e instruido estrategico. Amanhã, desempedido e solto n'uma questão puramente litteraria, n'um ponto moral ou metaphysico, vel-o-heis enthusiasta de um brilhante paradoxo, comprazer-se em destruir as idéas recebidas, em ferir as convicções consagradas, e fazendo *taboa rasa* do *criterium* publico, pôr os recursos do seu talento ao serviço da sua impressão instantanea.

Será offender a consciencia d'estas vocações soberanas, o affirmar que ha na intima contextura do seu engenho alguma cousa de imprevisto, e de theatral? Não se dirá um actor dramatico, Molière por exemplo, passando do papel triste e philosophicamente melancolico de *Alceste*, ás diabruras do *Sganarello*, e ás chistosas lamentações de *Georges Dandin?*

Não se cuide entretanto que o elegante escriptor não seja um homem d'este seculo, não preste fervoroso culto aos dogmas da liberdade, e do progresso, não mostre desafogadamente as suas aspirações democraticas, e os seus instinctos humanitarios. E' fora da espherà da politica activa e militante, em que marcou o seu logar, como homem publico e jornalista, que elle se entrega a todo o ardor dos seus devaneios, a toda a excentricidade das suas excursões philosophicas e litterarias. E' então um *touriste* intellectual, que viaja, meio distrahido, e meio irritado, dando largas ao seu espirituoso *humour*, e caricaturando as paizagens e os homens, como Cham ou Gavarny.

E' então que as suas idéas e o seu estylo parecem aproximar-se d'um mundo sobrenatural e phantastico: ha alguma cousa ali do *coquetismo* feiticeiro da dançarina, que se abandona a toda a petulancia dos seus graciosos movimentos, e desvairada e palpitante, não perde nunca a elegancia, e a correcção nos seus aventurosos giros.

Mas qual é o sentimento que se experimenta ao contemplar esta intelligencia eminente, tão estudiosa, tão applica-

da, tão nutrida de conhecimentos e de sciencia, entregue ao ardor febricitante de um sonhar vago e incoherente? E' impossivel deixar de sentir uma certa inquietação, inquietação que se combina facilmente com o assombro e o encanto, mas que se apodera fatalmente do espirito; vendo o escriptor empenhado n'uma carreira tão desordenada, e tão rapida, teme-se sempre que elle se precipite, não tendo ensejo de moderar os arrojos da sua fogosa imaginação.

Não basta dirigir o pensamento até aos ultimos limites da abstracção, nem generalisar as paixões, a ponto de as arrancar do seu permanente theatro, o coração do homem; é necessario que essas faculdades tão variadas, tão espontaneas, que comprehendem e traduzem tudo, obedeçam á faculdade suprema da vontade, e que a intelligencia completando-se pela acção, percorra a orbita de cada idéa sem se perder nas regiões de um *humorismo* poetico, mixto de tristeza descuidosa, e de ironia plangente, que funde n'um mesmo gesto o riso de Democrito, e o pranto de Heraclyto.

O *humour*, esse sentimento caracteristico das intelligencias do norte, essa fórma, quasi mystica, que desafia perpetuamente a analyse, que sabe esconder a dôr no sorriso, o affecto no epigramma, e no motejo, o *humour*, que se mantem perplexo entre o enthusiasmo idealista, e a embriaguez da belleza material, eis a predilecção poetica que explica o caracter intellectual do sr. Latino Coelho. E' um *humorista*, que podia exclamar como Henri Heine: «O meu poema é o sonho de uma noute de estio; elle não se dirige a um fim, como a vida, como o amor!»

Não podiamos acabar este retrato, sem fazer notar as alterações que o sr. Latino Coelho introduziu na lingua. Dotado de uma memoria opportuna e feliz, largamente versado no estudo dos nossos escriptores, é facil de perceber que encontra ao correr da penna os termos que melhor exprimem as cambiantes do seu pensamento, e que mais vivamente traduzem as pompas do seu luxuriante estylo. O genio de uma lingua, como affirma algures Chateaubriand, compõe-se da religião, das instituições, dos usos e costumes de

um povo, e á proporção que esse povo entra em communicação com outros paizes recebe d'elles um accrescimo de sentimentos e de idéas. O genio de um escriptor, do mesmo modo, tende a modificar a lingua, segundo as necessidades do seu estylo, a extensão da sua sciencia, e os mysteriosos processos do seu pensamento.

Debaixo d'este ponto de vista, é notavel a influencia exercida pelo sr. Latino Coelho sobre a lingua portugueza. Sem lhe alterar a syntaxe, o que seria, por outros termos, mutilar a sua indole, tem-lhe introduzido muitas expressões novas, umas renovadas do passado, outras apropriadas de linguas estranhas.

Apresentamos o facto, sem o tentarmos commentar. Para nós, o principal merito de uma lingua é ser sobria, clara e simples. Quem tiver a arte de melhor manifestar as suas idéas, com o vocabulario, que se usa na conversação, que é por assim dizer o capital circulante da sociedade em que se vive, ganhará a palma como escriptor. A moeda que serve ás transacções do espirito, deve ser como a moeda que auxilia as trocas do commercio, intelligivel e accessivel a todos.

Se uma grande somma de numerario serve de embaraço ás vezes ao cambio dos productos, se o equilibrio se perturba com a demasiada abundancia do meio circulante, na região litteraria acontece proximamente o mesmo. Se os escriptores admittissem de novo as riquezas latentes de linguagem, que existem nos classicos, estabelecer-se-ía forçosamente um contraste entre a lingua fallada, e a lingua escripta, e cremos que essa revolução não seria util de certo nem á communicação dos espiritos, nem á propagação das idéas. A lingua franceza deve uma parte da ascendencia que possue no mundo á limpidez, á sobriedade, e ao atticismo, que a revestem de uma simplicidade correcta e elegante.

A que conclusão poderemos nós chegar sobre a posição litteraria do sr. Latino Coelho? Quem houver attentamente seguido as nossas reflexões, não se pode equivocar ácerca da opinião que formâmos do seu talento. E' um escriptor de

primeira ordem, que a natureza enriqueceu dos dotes mais preciosos de estylo, e que deslumbra, quando não converte, pelos inesperados recursos de uma penna engenhosa e brilhante.

Se ainda não empregou as suas faculdades n'uma concepção substancial, aonde pudesse demonstrar não só a vivacidade da sua intelligencia caprichosa e ardente, mas os thesouros da sua erudição, é que o estado da sua alma corresponde ao espectaculo desolador que offerece este seculo, agitado, inquieto, que se revolve nos paroxismos de uma agonia febril, magestoso espectro que se adianta melancholico e triste no seio das ruinas de tantas opiniões desvanecidas, de tantas crenças destruidas, de tantos systemas contradictorios, seculo que se vinga pela blasfemia das decepções do seu enthusiasmo, e que mais de uma vez como o Dante procura nos cemiterios a paz que lhe foge.

O illustre escriptor representa fielmente uma das feições da epocha em que vive, é uma organisação ao mesmo tempo mystica e sensual, aspirando a Deus pelos sentimentos do coração, caíndo no pantheismo pelas duvidas insaciaveis do espirito.

Se houve já um moralista que affirmou que o orgulho era a segunda innocencia das mulheres, não será estranho assegurar-se que é a gloria a ultima illusão dos espiritos superiores. A immortalidade intellectual torna-se a crença derradeira dos que se sentem devorados pelo demonio da analyse: mas quantos poetas, quantas esperançosas imaginações se não condemnam ao repouso, repetindo o pungente dilemma do *Hamlet*: *To be or not to be, that is the question!*

VI.

DR. THOMAZ DE CARVALHO.

Não é raro vêr homens de sciencia, homens que pela extensão dos seus estudos, pela natureza das suas occupações,

pela multiplicidade dos seus trabalhos, pareciam exclusivamente dedicados á sua especialidade, mostrarem vastos conhecimentos nas letras, e não serem estranhos a nenhumas das questões que n'ellas se agitam, e que tantas vezes modificam o seu horisonte e destinos.

Esta dupla vocação do dr. Thomaz de Carvalho revelou-se-lhe desde os primeiros annos. Estudante distinctissimo na escóla medico-cirurgica, era ao mesmo tempo membro influente d'uma associação litteraria, a sociedade Escolastico-Philomatica, e ensaiava a sua penna, collaborando assiduamente para um jornal — *O Cosmorama Litterario* — publicado pelos esforços dos membros d'essa associação.

Nenhum fructo se lança debalde á terra, quando a estação é propicia, e o tempo auxilia as evoluções mysteriosas do esperançoso germen. Na sociedade Escolastico-Philomatica fizeram as suas provas muitos mancebos, que, homens hoje, na sciencia, nas letras e na vida publica deram sobejas demonstrações da sua capacidade. Uns ensaiavam a sua palavra, e preparavam-se *in petto* ás lutas da tribuna. Outros dedicavam-se a preleccionar, como antevendo que annos depois, diante de um auditorio official, mostrariam os seus dotes professionaes. Alguns, redigiam laboriosamente artigos, tendo fé que a imprensa se tornaria um poder, e concederia merecida celebridade aos que a cultivassem com sollicitude e coragem.

Os homens illustrados presentiam n'aquelle movimento as primicias de uma transformação proxima. Eram os recrutas que se ensaiavam na guerra, e tinham de vencer os veteranos já debilitados pelos gosos de uma longa posse. Mas é força dizel-o, o espirito publico mostrava-se indifferente, e mal comprehendia os resultados inevitaveis que d'ali forçosamente se deviam derivar. Os partidos avançados empenhavam-se nas questões meramente politicas; as opiniões mais ou menos conservadoras tratavam apenas de oppôr obstaculos ás idéas, que invadiam o governo, e punham o paiz em agitação.

O velho progressismo, mixto incoherente de principios

semi-republicanos, de preconceitos economicos, e de repugnancias individuaes, desobediente por vã ostentação de independencia, ás aspirações dos seus chefes, era, na sua assencia, fortemente adstricto ás tradições, e digâmos a verdade, não se tornára menos cioso do que os seus adversarios da sua supremacia e da sua infallibilidade. Pairando dentro d'um circulo limitadissimo de doutrinas, exagerando o seu odio ás prerogativas do poder, a ponto de o incapacitar perpetuamente de resolver a minima questão, possuia um dogma puramente negativo. Quando, por systema, se annulla a iniciativa dos governos, é contra-senso accusal-os da inacção e da ignavia, a que forçosamente os conduz a sua debilidade administrativa.

Havia n'esse partido de certo sentimentos generosos, affectos desinteressados, e enthusiasmos respeitaveis: as suas repugnancias anti-governamentaes contiveram os governos, e radicaram no espirito publico o amor ás instituições representativas; mas não obstante, era um partido timido, aferrado a nomes proprios, abrindo difficilmente as suas fileiras, desconfiado, meticuloso, sem grande horisonte. Tudo quanto se afastava das suas exclusivas preoccupações, parecia-lhe uma heresia politica. Como podia elle então sympathisar com as theses philosophicas de uma associação de mancebos, que no meio de tantas estereis especulações revolucionarias, discutia *a influencia das cruzadas sobre a civilisação moderna, e os meios de abolir a pena de morte?*

E todavia, era d'esses centros intellectuaes, que havia de nascer a regeneração doutrinaria do proprio partido: era ali que tinham de se educar os jornalistas, os homens de sciencia, os criticos, os publicistas, os economistas, os financeiros, todas essas diversas especialidades, que formam o estado-maior dos partidos, e que cedo depõem da influencia os debeis fanaticos, e os mesquinhos ambiciosos, que lisongeam as paixões das turbas, e se suppõem seguros em tão fragil esteio.

O dr. Thomaz de Carvalho não assistiu aos ultimos annos da associação. Partira antes d'isso para Paris, subsidia-

do pela escóla, depois de um curso, aonde provára a sua superior vocação scientifica.

É evidente que para um espirito curioso e penetrante, para uma intelligencia facil e applicada, para um talento tão notavel pela agudeza, como pela vivacidade, a permanencia em París, seria o mais poderoso incentivo á sua natural applicação.

Quem poderá negar a influencia irresistivel d'estes grandes centros de civilisação sobre as faculdades individuaes? Parece que as idéas se respiram no movimento febril que agita as populações. As cidades são proclamações vivas do poder da sciencia, e da energia da actividade humana: a industria ostenta ali todos os seus segredos, e cada um dos progressos successivos do espirito humano retrata-se eloquentemente nos monumentos, que embellezam e engrandecem esses fócos para onde convergem todas as forças vitaes d'um paiz.

Se o espectaculo de uma grande cidade eleva e educa o pensamento do homem, não é menos verdade que a conversação e o trato das especialidades, disciplina e enriquece a intelligencia. O talento, entregue a si mesmo, póde desvairar-se no vago das abstracções, ou perder a sua elasticidade, e a sua expansão, sequestrando-se á luta, e ao conflicto das opiniões. Raras vocações resistem á ausencia dos estimulos que se encontram na existencia cidadã. Se as cogitações solitarias criam os grandes pensadores, que são sempre brilhantes excepções no mundo intellectual, entorpecem as mais das vezes os espiritos mais secundarios. As sociedades, assim como o homem, carecem d'esses orgãos fundamentaes, aonde se completam as grandes operações da vida.

O dr. Thomaz de Carvalho que é hoje um eminente expositor das sciencias medicas, na escóla medico-cirurgica, não se dedicou em París menos á sciencia do que ás letras. Se no nosso tempo é difficil abranger conhecimentos profundos nos diversos ramos do saber humano: se as capacidades encyclopedicas se vão tornando cada vez mais raras, pelos progressos e desenvolvimento da sciencia, é evidente

tambem que uma especialidade, por menor limite que dê á esphera das suas lucubrações, não póde ser estranha ao estudo de quasi todas as materias, que directa ou indirectamente se aproximam da sciencia, que mais exclusivamente cultiva. Quem duvida, por exemplo, que a medicina toca pela hygiene com os pontos mais complicados de administração, pela toxicologia, com as questões mais vitaes de direito civil e criminal, pela saude publica, pelos expostos, pela organisação do serviço dos hospitaes, pelas créches, com todos os problemas de economia publica, de beneficencia, e de reforma administrativa?

Embora se applique o principio da divisão do trabalho ás secções em que cada sciencia naturalmente se divide: não é licito a nenhuma vocação ignorar as idéas geraes, tornando-se encyclopedico, nas condições em que é possivel modernamente assumir esse titulo.

Incompetente para apreciar o dr. Thomaz de Carvalho como medico e professor, podemos entretanto ser o echo da vantajosa opinião, que gosa entre todos os seus collegas. As prelecções que ultimamente tem dado sobre anatomia, foram escutadas com applauso, e póde-se dizer com assombro. Dissipando a aridez do assumpto, pela elevação philosophica das suas considerações, pela abundancia e facilidade d'uma dicção elegante e correcta, elle manifesta eloquentemente a influencia que exerce sobre o espirito, o culto e convivencia das letras.

Os conhecimentos litterarios não só aperfeiçoam a manifestação do pensamento, pela propriedade e clareza da fórma, mas illuminam os assumptos, pelas inevitaveis aproximações que despertam no entendimento.

A intervenção dos homens de sciencia nos dominios da historia e da philosophia, é um facto que não será inutil á apreciação dos acontecimentos sociaes. É pela acção da sciencia que se modifica o estado mental da humanidade, e a nossa civilisação poderia como a do Egypto, da India, e da China immobilisar-se no estacionamento, se porventura os progressos scientificos não tendessem a alargar a esphera

da actividade humana, e a fazer variar perpetuamente as condições com que os calculos politicos e as transformações sociaes se produzem na sociedade.

Como demonstração do que affirmamos a respeito do dr. Thomaz de Carvalho basta-nos só lembrar o eloquente artigo que publicou na *Gazeta Medica de Lisboa*, e que tem por titulo *Abaixo as rodas*. O nosso testemunho é tanto mais insuspeito quanto não somos da sua opinião. Para abolir as rodas seria necessario primeiro arrancar do espirito publico os prevenções contra a fraqueza da mulher. A sociedade expia a sua propria intolerancia moral. Ouçâmos o vehemente escriptor:

« Abra-se o dique á torrente dos desejos: cada um ponha fogo em sua alma, e deixe arder em labaredas as suas mais freneticas paixões, rebaixe-se o homem á condição do animal: não se lhe dê do dia de amanhã: a familia é o individuo, a roda tomará conta de seus filhos, a communidade determinou adoptal-os. Se isto não é a abolição da familia, o mais socialista e communista de todos os communismos e socialismos, podem os declamadores e defensores da ordem metter os seus argumentos na algibeira que me não sei haver com elles. As leis civis e religiosas impõem deveres ao matrimonio; e a roda com uma só volta desliga dos mais sagrados d'elles. A lei e a religião dizem que o filho é da familia; a roda responde que basta ser da communidade: a sciencia diz que o novo ente precisa do primeiro leite e do primeiro amor de sua mãe; a roda trata a sciencia de visionaria, e confia o filho do homem aos affectos d'uma cabra, ou aos affectos ainda mais animaes da mercenaria que se apresenta para lhe dar o alimento. »

Sinistro e desolador quadro! Pagina negra que traduz todas as miserias da imperfeição humana! Mas porque é que a sociedade persegue com a infamia a mulher que teve a fragilidade de se entregar aos impulsos do amor? Porque é que ha no mundo faltas irreparaveis, e que nem as lagrimas, nem o arrependimento podem expiar, perante a tremenda auctoridade da opinião?

A roda, avaliada na serena região dos principios, é uma instituição condemnavel: mas proscrever a roda, é por outras palavras, sollicitar uma reforma decisiva nos costumes, nas aspirações, no organismo intimo da sociedade. A *admissão patente*, póde ser um bom expediente administrativo, más fere o pundonor publico. Para que a roda desappareça, será necessario que a maternidade, em certas situações, deixe de ser considerada como um indelevel stigma. Houve um publicista moderno que definiu a policia preventiva *uma instituição que corrompe uma parte da nação para vigiar a outra.* E' assim que para conservar a integridade de instituições respeitaveis, mas perpetuamente violadas pelo desregramento das paixões, pela violencia dos affectos, pela debilidade da natureza humana, se accumulam os expedientes para defender uma parte da sociedade contra as invasões da outra. A questão das rodas é uma questão complexa, e que prende com os mais altos problemas da economia social. Separada da esphera da religião, e da moral, liga-se ao exame do pauperismo, e da miseria, da população e da melhor distribuição dos productos. Diremos ingenuamente a palavra, ainda que ella aterre os espiritos timidos: *abaixo as rodas* é um grito tão socialista, como *abaixo o juro excessivo dos capitaes*, como *abaixo os exercitos permanentes*, como *abaixo* todas as causas indirectas que manteem o privilegio, que protrahem a luta das classes, e impedem a organisação da ordem-social sobre as bases da justiça e do direito, e não do antagonismo, e da desconfiança mutua. O livro de um dos mais illustrados publicistas da nossa epocha, mr. Emile Girardin, que tem por titulo: « A liberdade no casamento pela igualdade dos filhos perante a mãe, » não faz mais do que comprovar a verdade do que enunciamos, isto é, que as rodas são uma das condições viciosas, mas profundamente logicas do organismo da sociedade actual.

No que concordâmos plenamente com o illustre medico, é quando fulmina a origem dos meios que servem para subsidiar as rodas. E' um trecho que nos não poupâmos a citar, porque caracterisa o seu innegavel talento de escriptor:

« O abysmo da honestidade, do pudor, e dos deveres humanos, chama o abysmo da imprevidencia, da ociosidade, e da immoralidade; o roubo sustenta a infamia. Tributo pezado e insupportavel, porque recae quasi exclusivamente sobre o pobre: tributo immoral, porque provoca a imprevidencia humana: tributo impio, porque anima o povo a adorar a cegueira da sorte, e a probabilidade do acaso, em vez de obedecer á lei providencial do trabalho: tributo audaz e sem vergonha, porque é o unico que se não arreceia de proclamar na via publica, pelo grito repetido dos cauteleiros — quem deseja ser roubado! — A loteria torna ainda mais salientes os vicios da roda dos engeitados. Pasma o espirito e doe o coração ao vêr as primeiras auctoridades da Igreja portugueza sentadas em volta de uma meza, discutindo gravemente a maneira de corrigir as difficuldades para organisar capazmente aquella tentação de Satanaz! Maravilha o espirito, e confrange o coração, vêr os primeiros administradores de Portugal lançando o seu voto para que as loterias sejam bem distribuidas, e não comam os cambistas as economias do povo! Isto succede em Portugal, n'um paiz catholico. Para se acudir ás necessidades que uma instituição viciosa creára, organisou-se, como já disse, uma immoralidade. »

O dr. Thomaz de Carvalho ainda mais na sua conversação do que nos seus escriptos, pertence á escóla eclectica. E' uma d'estas intelligencias penetrantes e sagazes, um d'estes espiritos avidos e curiosos, que se embrenham no estudo dos problemas, e que se deleitam mais pelo exercicio da sua actividade intellectual, do que pelo enthusiasmo de descobrirem as soluções. O dr. Thomaz de Carvalho é, se me permittem a expressão, um *epicurista* intellectual, que admira sinceramente todos os rasgos e subtilezas do talento, que vive umas vezes nas regiões do espiritualismo, que outras vezes se reveste de um scepticismo pacifico, mas um tanto ironico, que seria capaz de passar horas inteiras diante de uma estatua ou de um quadro, nos extasis da contemplação, sem comtudo suppor que a pintura e a estatuaria se-

jam realmente cousas indispensaveis para a conservação da especie humana.

Esses espiritos esclarecidos, e estes caracteres faceis, que acolhem os delirios das crenças, o trabalho febricitante do pensamento, as sublimes vertigens do enthusiasmo, com as reservas de uma crítica fina e despreoccupada, são eminentemente uteis para impedir que os conflictos da opinião não degenerem nas ostentações da força. Ha cabeças tão inflammaveis que suppõem que a acção de uma theoria modifica repentinamente o mundo: ha tão obsecados fanatismos que sonham as delicias de um éden politico, depois das tempestuosas scenas de uma barricada. Os *ecleticos*, collocando-se entre as doutrinas como previstos observadores, impedem muitas vezes o choque das paixões extremas e dos dogmas absolutos.

Nada ha que envelheça mais rapidamente o espirito do que as decepções. Mas ellas não se geram quasi sempre senão da illimitada confiança na excellencia de um principio: avaliar com sisudeza os resultados provaveis das idéas, não é a final senão fortalecer as crenças e impedir esses desalentos moraes, tão terriveis para o individuo como fataes á sociedade.

Esta influencia exerce o sr. dr. Thomaz de Carvalho, pela natureza de seu talento, pela variedade dos seus estudos, e pelos dotes de uma organisação docil e expansiva. Possuindo a mais rara de todas as liberalidades, a liberalidade do espirito, elle não sómente dirige e aconselha as vocações novas, mas defende-as com calor, quando tentam deprimil-as, e incita-as a perseverar na lucta, quando as suppõe esperançosas.

Assim é que sem se applicar senão de passagem ás letras, todas reconhecem a valia do seu voto, a profundidade das suas reflexões, a vastidão dos seus conhecimentos litterarios, e a sua indole sympathica de artista.

Se o dr. Thomaz de Carvalho é uma especialidade distincta e superior na região das sciencias, nas letras, que são um desenfado para o seu espirito, é exactamente o con-

trario de uma vocação determinada e restricta. Hoje, poeta anonymo, celebra o doce clarão de uma mysteriosa estrella: ámanhã, crítico adventicio, submette a poesia ás leis de uma theoria aventurosa: entretanto parece-nos que no seio d'estas excursões de *virtuose* litterario, se manifesta a sua predilecção para o ramo das sciencias moraes e politicas. Mais de um trabalho abona a flexibilidade da sua penna, que desenvolve sem esforço os pontos mais difficeis da economia e da administração.

As letras ganham sempre com a existencia d'estas vocações, que exercem a sua iniciativa, não menos pelos seus escriptos, do que pelos encantos da conversação, e pela vivacidade das polemicas e discussões familiares.

A MISSÃO ESPECIAL DO VISCONDE DE ABRANTES, DE OUTUBRO DE 1844 A OUTUBRO DE 1846.

RIO DE JANEIRO, 1853.

A diplomacia transformou-se, em nome das novas idéas que tendem a dominar nas sociedades modernas. Destinada, n'outras eras, a ser um appendice da guerra, tornou-se hoje um dos mais poderosos instrumentos da paz e da civilisação. Encarada por este modo, ella aproxima-nos d'esse futuro, glorioso para a humanidade, em que desapparecendo das relações internacionaes o espectaculo da força material, seja a razão a mediadora suprema dos conflictos que se possam suscitar entre as nações.

Embora a questão do Oriente, rebentando como uma sinistra explosão no seio da Europa, ponha outra vez em armas as potencias: a guerra não póde ser d'ora ávante senão um passageiro incidente, e não o sobresalto permanente das sociedades civilisadas. Contra os prestigios da gloria erguem-se de contínuo as leis íntimas que presidem ao des-

envolvimento economico. Esses immensos recursos destinados ao mutuo exterminio, traduzem-se, na esphera social, pela miseria dos operarios, pelas crises da industria, pela estagnação dos productos, pelo encarecimento das materias alimenticias, pela dissolução do credito, pelo desbarato dos capitaes, pela syncope economica. Qual será a nação, que, para alargar o seu territorio, se arrisque a comprometter a sua existencia, e na perspectiva de uma solução duvidosa, arroste as probabilidades de males irremediaveis?

A politica actual não é, não pode ser a guerra e a conquista, mas o trabalho e o commercio. Cada estadio que a civilisação percorre na sua marcha incessante e progressiva, é mais um penhor da paz, da tranquilidade e do mutuo respeito das nações. Se os immensos capitaes despendidos na obra da destruição, houvessem sido applicados á solução dos problemas economicos, ao fomento das forças productivas, é evidente que uma parte da dolorosa historia dos padecimentos das classes laboriosas, não affligiria como affligе o coração dos que amam a humanidade.

A guerra, é a nossa convicção profunda, ficará sendo um facto, economicamente impraticavel. A' proporção que as industrias se tornam solidarias, que as communicações commerciaes dos povos se apresentam indispensaveis á existencia de cada sociedade em particular, o menor abalo ha de impressionar electricamente todas as classes, e suspender instantaneamente a acção do corpo social. O instincto da conservação será mais poderoso do que a propaganda das idéas. A guerra é um absurdo moral, e pela constituição do organismo economico moderno, ha de tornar-se impossivel pelo principio da unificação dos interesses.

A obra, recentemente publicada pelo sr. visconde de Abrantes, pertence evidentemente a uma capacidade, que previo esta evolução nos destinos da diplomacia.

E' um homem de sciencia, um economista iniciado em todos os principios das sciencias sociaes, que discute grave e sisudamente os mais importantes problemas de economia

e administração, de estatistica e governação publica, e que se não deixa allucinar nunca, nem pelas prevenções de theorista, nem pelas paixões de partidario. Certo é que nos altos cargos da vida publica, os talentos superiores adquirem essa austera imparcialidade, sem a qual se paira incerto e errante na região das idéas. Dámos como prova um dos recentes escriptos de mr. Guizot — *Washington ou a fundação da republica nos Estados-Unidos da America*, aonde o eminente historiador expõe lucidamente os acontecimentos, e admira sem restricção os homens, que fundaram um governo, que elle, como monarchista, assegura ser «o mais difficil e o mais perigoso.»

O sr. visconde de Abrantes professa as doutrinas do systema representativo, e sem se mostrar um sectario enthusiasta, demonstra em mais de um logar as suas predilecções politicas. Elegante escriptor, e homem largamente versado no estudo das questões praticas, não se extasia perante o organismo administrativo dos governos absolutos, e mais de uma vez, denuncia a idéa de que aquella fórma governativa é incompativel com o progressivo desenvolvimento, que se opera parallelamente, nos interesses da industria, e no espirito das populações. Apresentando, por exemplo, a agitação promovida pelas sociedades secretas no sentido socialista, e mesmo abertamente communista, exame notavel, porque precede de dois annos a revolução de fevereiro, revela desassombradamente como a deficiencia das instituições, que melhor traduzam e deixem respirar as aspirações da opinião publica, auxilia uma propaganda íntima e occulta, tanto mais poderosa quanto se insinúa sem os beneficios da publicidade e da discussão ampla e livre.

Fiel interprete para com o seu governo das questões que mais de perto o interessam, examina tudo debaixo do aspecto positivo e pratico, e no ponto economico da colonisação, ponto realmente fundamental para o imperio do Brazil, mostra-se ao mesmo tempo um economista, e um

habil administrador: verifica, á luz dos factos, todas as hypotheses de engajamento, e submette a miuda analyse os meios de realisar a colonisação, suppondo os engajados e os colonos no theatro das suas explorações industriaes.

O sr. visconde de Abrantes é eminentemente progressista, e não sabemos se o epitheto pode ferir a sua posição politica, apresentando os alvitres, que devem attrahir a emigração estrangeira, sobretudo a allemã. Se nos não enganâmos, no seu officio ao ministro dos negocios estrangeiros o sr. Antonio Paulino Limpo d'Abreu, datado de 6 de dezembro de 1845, o illustrado escriptor pronuncia-se a favor dos meios de que os Estados-Unidos se tem servido para promover a emigração da Europa, chegando no periodo que vamos citar a proclamar a decidida influencia da «liberdade religiosa.» «Entre nós, diz elle, bem que seja conhecida e applaudida a nossa tolerancia religiosa, todavia ella não basta para remover todos os escrupulos de consciencia dos emigrados que não professam a nossa religião dominante. Não é para isso sufficiente a garantia que lhe dá o artigo 5.° da constituição do imperio, porque se não contentam com o culto domestico em casas sem fórma exterior de templos; reputam esta restricção como desaire á sua crença, e querem ter igrejas com sinos, e exercer o seu culto com publicidade. Quem observa o imperio que tem na Allemanha as idéas religiosas, e a liberdade das consciencias, está no caso de avaliar a efficacia d'uma tolerancia mais larga para attrahir a emigração d'este paiz.»

Em outras passagens, o illustre diplomata apresenta os inconvenientes economicos da escravatura:

«A existencia da escravatura parece em verdade que repelle a concorrencia do agricultor livre, não tanto pela impossibilidade de emparelhar o negro com o branco no trabalho do campo, como pela barateza dos jornaes estabelecidos que embora sobrem para o africano, não bastam de certo para o europeu.»

E mais adiante:

« Que sómente por este modo ir-se-ha lentamente organisando em diversos pontos do paiz, e estabelecendo com solidez o trabalho livre, que terá mais tarde de se substituir ao trabalho escravo. Digo mais tarde, porque não me parece realisavel o desejo, aliás patriotico e louvavel, de supprir já com braços livres a falta de braços escravos, que se vae sentindo nas fazendas estabelecidas, ou em cultura, nas diversas provincias. »

O que prova a final o distincto escriptor na sua admiravel exposição sobre colonisação? E' que não basta, para chamar braços activos aos vastos terrenos incultos, preconisar eloquentemente a salubridade do clima, a fecundidade do solo, a magnificencia dos productos, a uberdade das minas, e a riqueza das campinas e florestas; mas cumpre fundar as instituições de modo que o colono encontre segurança na sua propriedade, facilidade na acquisição do territorio, liberdade civil e religiosa, e meios faceis e promptos de communicação com a patria, para a qual sempre saudosamente aspiram os sentimentos do emigrado.

Não entra nos limites de um rapido juizo crítico appresentar o modo por que o sr. visconde de Abrantes encara a questão do Zollverein, que elle expõe proficientemente, e seguil-o no seu curioso trabalho sobre a Prussia, mas podemos affirmar que em ambos os assumptos manifesta os cabedaes de uma cuidadosa erudição, e o tacto de um homem do governo.

Sobre o Zollverein ha o livro de H. Richelôt — *A associação alfandagueira allemã*, escripto posteriormente ao trabalho do publicista brazileiro, e aonde nos parece que o auctor se mostra demasiadamente imbuido das idéas do celebre economista allemão Frederico List. O sr. visconde de Abrantes, depois de historiar a origem e progressos do *Zollverein*, apresenta quaes as tendencias que elle agora denuncia, suppondo sensatamente que a protecção e a liberdade do commercio são menos dois systemas oppostos, do

que dois diversos symptomas do estado industrial, que cada paiz assume, segundo os seus progressos economicos.

Lamartine, fallando recentemente da necessidade de subsidiar generosamente a diplomacia, exprime-se n'estes termos: « Uma nação que se fizesse representar por homens necessitosos, ou carecendo de meios de vida passaria entre as outras nações por uma nação de indigentes. Quando um sacerdote conduz a imagem de Deus, quando um general empunha a espada do paiz, apparecem vestidos com dignidade e esplendor: quando se traz sobre si esculpido o nome da França, é mister apresental-o decentemente, se não poder ser com magnificencia. »

Permittam-me que eu do mesmo modo felicite a nação brazileira, por escolher homens que a representam com tanta superioridade intellectual. O livro do sr. visconde de Abrantes é duplamente honroso para a sua patria: como obra litteraria, e como documento do acerto que ella possue em encarregar capacidades elevadas da missão de a engrandecer no espirito das outras nações.

A apparição de homens illustrados, e de talentos eminentes é, quanto a nós, um dos symptomas mais persuasivos de que um paiz cresce em civilisação, de que se aperfeiçoa e progride. Pertencendo a outra escóla politica, somos entretanto da opinião de Mr. Guizot quando diz: « O governo será sempre, e em toda a parte o mais grandioso emprego das faculdades humanas, por conseguinte aquelle que exige as almas mais elevadas. É da honra assim como do interesse da sociedade que ellas sejam attrahidas e conservadas na administração dos seus negocios: porque não ha instituições nem garantias que ahi as possam substituir. »

O governo representativo, tende, pelo mechanismo das suas instituições, a realisar este *desideratum* politico. Propondo a igualdade das intelligencias perante o poder, auxiliando a evolução das capacidades, fazendo depender da abundancia da opinião, a escólha dos altos funccionarios do estado, encaminha lentamente os homens competentes para

a esphera que lhes marcou o destino. Parabens ao paiz, aonde existe um monarcha illustrado, e que, fiel aos principios do seu governo, tributa ao merito pessoal as recompensas que tantas vezes se derivam dos favores e caprichos ministeriaes.

ANTONIO DE OLIVEIRA MARRECA,

Economista e Philosopho Humanitario.

II.

Nos *Ensaios de Crítica e Litteratura* apenas haviamos mencionado em breves linhas a influencia d'este ensigne escriptor, e grande economista. O nosso trabalho, rapido e fugitivo como o haviamos feito, procurava antes assignalar as vocações poeticas, do que as que haviam desprendido o seu vôo na vasta área da sciencia e das letras.

Os periodos em que apresentavamos ao publico o distincto philosopho, referiam-se á poderosa iniciativa que o sr. Marreca havia tomado, sendo um dos mais assiduos collaboradores do *Panorama*. E' por isso que não temos duvida em os repetir agora.

«O sr. Marreca é um litterato, e um homem de sciencia: não é só o nosso melhor economista, um dos nossos primeiros publicistas, é um escriptor eminente, um artista de primeira ordem. E' vergonha para a nossa terra que uma das nossas grandes illustrações, apenas se pudesse ter manifestado no jornalismo litterario: no *Panorama*, na *Illustração*, na *Revista Economica* é que se avaliam as suas poderosas faculdades, e se lamenta que o nosso pequeno movi-

mento litterario, não dê sufficiente espaço, para que se produza um tão grandioso talento.

«O sr. Marreca iniciou o paiz nas sciencias sociaes, e chamou para esse campo do futuro uma parte dos engenhos nascentes: foi elle que primeiro fez um curso de *Economia Politica*, e publicou as primeiras linhas d'essa sciencia: revelou-se um romancista superior n'um trabalho publicado no *Panorama*: archeologo e esthetico, a universalidade do seu espirito abraça, na sciencia e nas letras, um dos maiores horisontes, que é dado antever a um homem, que apenas completa o primeiro quartel da vida.»

Trabalhos posteriores, e que bastam para fundar a reputação de um escriptor, testemunham os serviços prestados pelo sr. Marreca á sciencia e ao paiz.

Defensor da causa proteccionista n'uma serie de artigos publicados na *Revolução de Setembro*, o sr. Marreca, no Relatorio sobre a Exposição da Industria em 1849, condensa n'uma meditada synthese os principios d'aquelle systema economico, e sabendo afastar-se de enthusiasmos irreflectidos, oppoz aos devaneios imaginosos, e mais de uma vez felizes, de Bastiat e da sua escóla, o amadurecido estudo dos factos, derivando d'ahi as leis applicaveis ao governo e direcção dos interesses industriaes.

O sr. Marreca não é um partidario de uma idéa exclusiva, não se filia em nenhuma das seitas, que se gladiam no campo economico. E' um pensador que descobre a causa dos phenomenos, é um observador austero que examina despreoccupadamente os factos, e que aproximando a economia politica da historia e da estatistica, affere as theorias á luz dos resultados experimentaes.

Ha economistas que, afastando-se de todas as tradições governamentaes e administrativas, produzem principios no vago das suas conjecturas, e em vez de procurarem no exame do organismo social a origem das contradicções, que encontram a cada passo, irritam-se contra os factos, e tentam desfigural-os, quando os não pódem repudiar.

O sr. Marreca, como economista, reune duas quali-

dades, que difficilmente se ligam ainda nas primeiras intelligencias, que se têem dedicado a esta sciencia: é philosopho, e minucioso analysta: medita as verdades na região da abstracção, e descendo com ellas ao campo da historia, á esphera administrativa e politica, calcula a sua evolução na sociedade, marcando e prevendo os obstaculos, seguindo a viagem das idéas, que pouco e pouco se aproximam, e se inoculam no corpo social.

Não é difficil descobrir a causa d'esta predilecção intellectual. O sr. Marreca dedicou-se á politica desde os seus primeiros annos, aprendeu no tirocinio da sua existencia, como empregado, como jornalista, e como homem parlamentar, a descriminar as difficuldades que embaraçam o movimento das doutrinas, e retardam a sua acção no organismo social e economico.

Ha de certo imaginações fecundas, que têem descoberto á sciencia rasgados horisontes, mas que a exclusiva preoccupação do gabinete, torna defectivas e incompletas. São excellentes apostolos de uma doutrina, preparam e muitas vezes aproximam o seu triumpho; mas não podem tornar-se seguramente os melhores guias do administrador, e do homem d'estado.

Sully, Colbert, Turgot, Necker, e ainda Villèle possuiram a intuição da metamorphose, que vae progressivamente aproximando a sociedade da liberdade politica e economica, e destruindo o velho machinismo da auctoridade; e todavia se desprezando os elementos de governo que conservavam, quizessem applicar desde logo as suas longiquas previsões, poderiam quando muito estampar os seus nomes a par de muitos estereis utopistas, que em vez da palma gloriosa do martyrio, alcançam a triste celebridade do ridiculo.

Quantos se applaudem de haver obtido, sobre questões transcendentes, soluções definitivas, que perseveram no seu fogoso dogmatismo, em presença dos factos que as contrariam!

O sr. A. de Oliveira Marreca liga o espirito de syste-

ma ao espirito de observação. É por este tão raro como maravilhoso equilibrio intellectual, que possue a elevação do philosopho ligada á experiencia do homem pratico. Mais exclusivamente dedicado ás sciencias sociaes, engrandece o horisonte dos seus estudos, pelos copiosos conhecimentos que abrange na philosophia, na historia, no direito, na archeologia, e nas letras propriamente ditas.

O dogmatismo, nas epochas de renovação, é um sentimento providencial, e a elle deve a humanidade fecundos e notaveis progressos. Para que as sociedades acceitem uma doutrina, é necessario que os seus apostolos se mostrem convictos dos seus resultados, e não hesitem nas suas affirmações. Outra é entretanto a missão do nosso seculo, que tem sufficiente independencia de espirito, para não receber sem exame as theorias dos legisladores e dos philosophos.

Passou a quadra dos enthusiasmos irreflectidos, e das acclamações panicas. Para reformar a sociedade, é necessario acceitar os elementos que a constituem, as forças que a dominam, as aspirações, que se lhe agitam na mente, e não tentar applicar-lhe os artificios de uma theoria aventurosamente construida nas regiões da pura abstracção.

Entre a superstição anti-social que instiga a tornar a antiguidade a lei viva dos tempos modernos, e o fanatismo dos sectarios, que imaginam reviramentos instantaneos no modo de ser social e politico de uma nação, ha de certo pontos intermedios, aonde é util e justo procurar a solução dos problemas, e a satisfação das necessidades publicas, com probabilidades de successo, e com garantias de moderação.

Nos escriptos economicos do sr. Antonio de Oliveira Marreca aprecia-se maduramente a origem philosophica dos systemas, e não se contrariam, por espirito partidario, as conclusões razoaveis que d'elles se derivam.

É que o insigne economista não é só um talento superior, é um caracter elevado e austero. Estimando-se a si proprio, nos limites de um nobre e illustrado orgulho, não procura os applausos das turbas, e as acclamações dos homens de partido, quando se julga no caminho da verdade:

raro exemplo seguramente de como a dignidade da consciencia, e a inteireza do caracter, influem no modo de ser mental de um pensador distincto.

Não nos admira que o sr. Marreca tivesse tornado a economia politica o seu estudo especial e predilecto. Quaes são os dois grandes factos que dominam este seculo? Na esphera social, a industria: na esphera philosophica e politica, a revolução. A revolução, resultado do livre exame, agita o mundo das opiniões, sem extrahir d'esse movimento contínuo um principio dominador: o christianismo como a philosophia, como a politica, está dividido em um numero indefinido de seitas: as intelligencias mais profundas, privadas de um ponto de apoio, ou cogitam n'um eclectismo impossivel, ou se deixam arrastar tambem na corrente impetuosa, que modifica successivamente a base das doutrinas sociaes.

Ao mesmo tempo, contemplando os espectaculos do mundo material, vê-se o grande facto da industria, transformando as sociedades, aproximando as nações, estendendo perpetuamente a sua acção productiva: umas vezes roubando ao deserto os seus seculares dominios, fazer rebentar do solo cidades, e campinas fecundas; outras vezes, mudar n'um relance, as condições de existencia de um povo, erguendo-o do abatimento pelo seu omnipotente influxo.

Não é porventura natural então, que os talentos mais serios venham explorar esse admiravel phenomeno, e se afastem das controversias, cujos resultados mal se presentem, no conflicto de dogmas contrarios?

A industria, e é essa verdade sobretudo que concede ao nome de Adão Smith um immortal esplendor, não é um facto arbitrario, que só se manifeste pelas suas consequencias materiaes: deriva de um principio, que tende a desfazer as antinomias sociaes, e a dominar as explosões convulsivas da revolução. A industria é o trabalho humano: e o trabalho é se quizerem um meio, mas é sobretudo uma idéa moral.

Não se trabalha só para adquirir gosos e fortuna, tra-

balha-se para cumprir um dever para com os nossos similhantes, para realisar, na região economica, o dogma da fraternidade humana. A nobilitação do trabalho não significa mais do que a morte dos privilegios. A sociedade não podendo existir sem a acção incessante do trabalho, impõe a cada um dos seus membros a obrigação implicita de não ser ocioso, sob pena de defraudar a communidade.

É debaixo d'este ponto de vista, que a economia politica é a sciencia do nosso seculo, é por ella, e com ella que se hade encontrar o equilibrio moral, que falta á nossa epocha, e que a philosophia e a politica são impotentes para construir.

II.

O principio da liberdade commercial produziu-se parallelamente á apparição da Economia Politica como sciencia. Quesnay e os physiocratas admittem-n'o como um dogma fundamental da sua escóla: Adão Smith é de certo um seu ardente propugnador, e modernamente, os *livre-cambistas* chamavam ao seu livro — *Riqueza das nações*, um copioso e fecundo arsenal de argumentos.

Questão admittida na região da sciencia, levou muito tempo a produzir-se no terreno dos factos. Foi a liga contra as leis dos cereaes que deu ao principio da liberdade do commercio os seus fóros de problema governativo. Até ali, nem as reformas de Huskisson, nem as prelecções de Mach-Culloch, e Senior, tinham impressionado o espirito publico a ponto de que uma idéa economica se tornasse o appellido de um partido. Bastiat perfilhou em França aquellas doutrinas, e deve-se á sua incansavel propaganda a excitação intellectual, que creando seitas economicas, no seio dos partidos politicos, modificou profundamente os limites em que se contrahiam e amesquinhavam as parcialidades militantes.

Como um publicista, hoje distincto na imprensa europea, nós acreditâmos que é pouco exacta a idéa de fazer da liberdade de commercio, e da protecção dois systemas exclusivos e oppostos um ao outro. A protecção está para a liberdade do commercio como n'uma mesma estrada o ponto de partida está para o ponto da chegada.

O sr. Marreca considerou a questão da protecção e da liberdade do commercio em todos os seus variados aspectos, e as considerações que fez no Relatorio da Exposição da Industria em 1849, é o que temos de certo de mais completo e systematico, em tão importante problema economico.

O sr. Marreca prova de uma maneira incontestavel como os progressos da industria manufactora desenvolvem e estimulam os progressos da industria agricola, e derivando d'ahi a lei da sua solidariedade economica, demonstra que os inconvenientes dos direitos protectores, que encarecem o preço dos productos de fabricação, são largamente compensados, e como abolidos pela extracção de materias primarias agricolas, que só a industria indigena póde fazer valer, dando-lhe facil e regular consumo.

« É uma virtude da terra, diz elle, o produzir alimentos para um numero de homens superior áquelle que os trabalhos ruraes occupam; e crear artigos não alimenticios, a que só a industria póde dar valor. »

« Quem consumirá estes dois sobejos — o de alimentos, e o de materias primas — que já avultam nos nossos campos? Os operarios e as fabricas. »

Se é verdadeiro este principio, não fica attenuado o mais forte argumento contra a idéa proteccionista? E quando o agricultor « vende com vantagem e n'um mercado ao pé da porta, sem necessidade de ir procurar outros mercados, que as distancias, as despezas e as más estradas lhe fecham frequentes vezes » não realisa lucros superiores á differença de preço que a protecção concede aos objectos manufacturados?

Quando o fabricante desenvolve a esphera das suas operações industriaes, e, de productor interno, se eleva a ex-

portador, pensaes acaso, que essa transformação não influe directamente na prosperidade agricola? É certo que o cultivador não despacha directamente para os mercados estrangeiros os productos da sua lavoira, mas associa-se de uma maneira íntima ás vantagens que o manufactor aufere.

« Que expõe, diz o illustre economista, o fabricante á venda nos mercados estrangeiros?

« Tecidos e ferragens nacionaes — dirá alguem.

« Tecidos e ferragens — responderá o senso commum — *mais* o trigo, milhos, carnes, vinho, azeite, e quantos generos agricolas o fabricante, os seus operarios, as suas machinas, e a sua fabrica consumiram durante a formação dos artefactos exportados. Nos gastos da producção d'estes artefactos não entraram porventura aquelles generos todos? É d'esta sorte que o fabricante revende ao consumidor productos da agricultura consubstanciados com os seus productos fabris. »

O sr. A. de Oliveira Marreca, deriva do facto da exportação, considerado debaixo do ponto de vista economico, duas vantagens essenciaes: a primeira de se consumirem generos ruraes, que seriam de difficil extracção: a segunda, de fazerem contribuir o consumidor estrangeiro com a quota do imposto, que successivamente incorporado nas differentes translacções dos productos, vem a final a ser satisfeita pelo individuo que apropria o artefacto ás necessidades da sua existencia.

O sr. A. de Oliveira Marreca depois de historiar os progressos e a decadencia da nossa industria, a acção destruidora dos tratados de Methuen, em 1730, e o de 1810, produz em favor da protecção ás manufacturas este decisivo e profundo argumento.

« Dizer que o reino está falto de capitaes para estabelecer a industria, e declarar, ao mesmo tempo, que possue meios para comprar tecidos, ferragens, moveis e outros artigos de fabricação exotica, é assentar duas proposições que se destroem uma pela outra. É como se alguem dissesse que temos e não temos meios de sustentar fabricas nossas.

É o mesmo que affirmar que Portugal possue recursos para se alimentar, mas não possue capitaes para manter a agricultura, donde lhe vem os alimentos. Se nos faltam meios ou valores, com que compremos ás fabricas estrangeiras os seus productos, como nos podem faltar para comprarmos os nossos ás fabricas portuguezas? Se podemos alimentar e renovar o capital das fabricas estrangeiras, podemos alimentar e renovar o capital incorporado nas nossas. Todo o povo, cu o capital lhe ministra lucros ou valores com que compre os productos da industria exotica, póde empregar no estabelecimento de fabricas proprias aquella parte da sua renda, que destinava á compra de artefactos estrangeiros. »

Chegámos a nosso vêr ao ponto importante da questão, a saber qual convem mais para um paiz, se a lei da producção, a appropriação das forças elementares da industria, se a lei da barateza, que infeuda perpetuamente uma nação a outra nação, e a torna tributaria, não só pelo valor dos productos, mas pela quota do imposto, que vem consubstanciado no preço dos artefactos.

Frederico List, o celebre publicista da Allemanha, estabelece de um modo extremamente exacto as tendencias das duas escólas economicas—a da *Economia Politica cosmopolita*, e da *Economia politica nacional*, tratando meramente a primeira da *theoria dos valores da troca*, em quanto a segunda se dirige a desenvolver a *theoria das forças productivas*.

Qual deve ser por conseguinte o pensamento fundamental de cada nação? Acreditar que as forças productivas de um paiz se não multiplicam unicamente pelas qualidades mais ou menos activas da sua população — que não basta o trabalho, o poupamento, a posse de fundos naturaes ou de capitaes, para estimular a producção, mas tambem a excellencia das instituições civis e politicas, e a direcção esclarecida dos governos.

A agricultura, pelo systema protector, existirá em conflicto com a industria manufactora, e engrandecer-se-ha uma á custa da outra? É evidente que não. N'uma nação

exclusivamente agricola, ainda que tenha relações com os povos manufactores e commerciantes, *uma porção consideravel das forças productivas e dos recursos naturaes fica ociosa e sem emprego.* (1)

Do mesmo modo, suppomos um absurdo querer animar a agricultura por meio de direitos protectores: a agricultura progride e floresce naturalmente na proporção da industria manufactora, porque não só tem seguro consumo aos seus artigos alimenticios, mas tambem encontra mercado para um grande numero de productos, a que só as manufacturas pódem dar emprego.

O sr. A. de Oliveira Marreca, no seu relatorio, expôz toda a questão social no nosso paiz, e encarou os problemas economicos que especialmente nos pertencem por todas as suas variadas phases.

Assim crêmos que os politicos da escóla aristocratica que suppõem ainda socialmente util a concentração da propriedade, que appellando para o exemplo de Inglaterra, encarecem as vantagens economicas da grande cultura, mudariam de opinião se se dessem ao incommodo de examinar esta questão tratada com a mais rigorosa exactidão, e a mais austera imparcialidade pelo distincto economista.

« A divisão da propriedade rural tem effeitos sabidos e registados já pela historia sobre o crescimento da riqueza publica. O producto bruto augmenta-o: e por isso influe muito no movimento da população, que se regula sempre por esse producto. »

E mais abaixo:

« Dizer que um proprietario de bens ruraes, do valor de 100 contos, nunca poderá consumir tantos artefactos como 50 proprietarios, possuidor cada um d'elles de um lote de 2 contos, sommando todos os lotes os mes-

(1) Frederico List. — Systema Nacional de Economia Politica.

mos 100 contos, é proferir uma verdade de simples intuição. »

O sr. A. de Oliveira Marreca, referindo-se á Inglaterra, explica depois como a grande cultura economisando muitos serviços, e desoccupando muitos braços em todas as cathegorias do trabalho rural, fez passar um grande numero de productores agrarios, e sobretudo de trabalhadores, á classe de *pariás* modernos.

O que aconteceu forçosamente pela accumulação da propriedade rural em Inglaterra? A necessidade que a industria manufactora teve de procurar consumidores estrangeiros aos seus artefactos, vendo diminuido o consumo interno pela successiva aniquilação das tres series de productores.

Mas a estes factos economicos correspondem tremendas catastrophes sociaes. As emigrações em massa, os *owrkhouses* e os subsidios do pauperismo, elevando progressivamente o seu orçamento, coincidem com a concentração da fabricação, e com o systema da grande propriedade e da grande cultura.

E póde porventura algum tresloucado sectario conceber, que se deva nunca imitar o exemplo de Inglaterra? Possue algum paiz a organisação aristocratica, e o que é mais. o espirito que a transmitte e a perpetua? Não é a grande propriedade um facto derivado da indole intima da sociedade ingleza, e não se compõe ella tambem á imagem e similhança da fabricação que tende, de dia para dia, a concentrar-se?

O sr. A. de Oliveira Marreca pelos exemplos da historia do nosso paiz próva que a vastidão dos tractos bravios, não se desbravam senão pelo trabalho da pequena familia proprietaria. Para se operar a grande cultura são indispensaveis grossos capitaes: e esses ou se dedicam a outro emprego, ou não são sufficientes para se empenharem em emprezas arduas, e porventura tardias em resultados.

« O aparcellamento da terra tem pelo contrario, como todos sabem, diz elle, gosado effeitos diametralmente oppostos no Minho que de todas é ao mesmo tempo a mais populosa, a mais productiva, e — circumstancia bem digna de meditar-se — a penultima provincia na estreiteza da área. »

O distincto economista apresenta a idéa de dividir a propriedade inculta, e mesmo a que já fosse cultivada e pertencente ao estado em porções sufficientes á alimentação de uma familia, sem que a mutação fosse operada nem por arrendamento, nem por venda. No primeiro caso fica o solo privado das bemfeitorias, que só o amor da propriedade desenvolve: no segundo, o estado absorveria os proprios capitaes, que seriam indispensaveis desde logo para fructificar o solo. « Da mesma sorte que a industria transformou mendigos em operarios, esta medida elevaria trabalhadores á classe de proprietarios. O progresso, na sua phase economica, não tem sido outra coisa senão esta promoção continua, ou do individuo ou de differentes grupos sociaes. »

A parte, a nosso vêr, mais importante d'este luminoso relatorio é a que trata da influencia do imposto, e da acção mais ou menos illustrada das operações economicas do capital, sobre o accrescimo e desenvolvimento da riqueza do paiz, e a sorte das classes laboriosas.

Desde o principio, o illustre economista, sem receiar que o confundam com os sectarios do socialismo, revela este grande facto, que é seguramente um d'aquelles, que melhor justificam os clamores das classes desherdadas.

« A concentração dos capitaes metallicos, e dos substitutos da moeda em poucas mãos, attribuindo ao dinheiro um preço de monopolio, tende, de feito, a infeudar no dominio de poucos individuos todo o trabalho e propriedades do reino. »

É porventura esta opinião d'aquellas que se controvertem com pomposas declamações? Póde-se duvidar de que a

usura, pela influencia do juro composto, póde dentro em annos, expropriar o proprietario, ou auferir a melhor parte do seu rendimento?

Os effeitos da usura sobre os phenomenos da producção estão descriptos com uma scintillante e minuciosa verdade, e quando o auctor chega á conclusão de que a usura — «opprimindo de uma syncope a todo o corpo social, tolhendo a respiração a productores e a consumidores, prostrando aos pés do usurario todos os thesouros que accumula o trabalho, só se dilata em honras, em beneficios para aquelles que do trabalho nunca conheceram senão os productos, que lhe expoliaram» — exprime, sem hesitação nem disfarce, a immensidade do problema social, que nas sociedades infantes, como nas que commungam, em todos os prodigios da civilisação, preexiste como um invencivel obstaculo ao equilibrio da destribuição da riqueza.

O sr. Marreca tratando de avaliar a questão em relação ao nosso paiz manifesta os apuros da industria enfraquecida de um lado pela influencia da usura, e do outro pela acção do dividendo estrangeiro, que escôa valôres consideraveis sem nenhum retorno, tornando por conseguinte ainda mais oppressiva a intervenção dos que possuem capitaes metallicos ou os seus substitutos da moeda.

N'outro logar, o sr. Marreca mostra como o estado póde, e tem contribuido, a protrahir uma situação necessariamente prejudicial ao incremento das artes fabris.

Evidentemente, o estado soccorrendo-se ao systema de emprestimos, enfraquece a industria de dois modos, tomando para si capitaes que se podiam applicar ao seu fomento, e mantendo o juro n'uma alta, que afasta os emprehendedores. A consequencia que se deriva fatalmente destes dados, é a necessidade que tem o estado de criar novos impostos para pagar os juros dos seus emprestimos, impostos que embora bem distribuidos, o que nem sempre acontece, vão pezar sobre a producção, e tornar ainda mais difficil a evolução progressiva da industria.

Peza-nos que o Sr. Antonio de Oliveira Marreca, não

ampliasse o seu trabalho, que é de certo o quadro mais exacto e mais profundo de todas as questões que interessam o progresso e a situação economica do nosso paiz. Com os seus naturaes desenvolvimentos, o relatorio seria um auxiliar indispensavel a todo o homem publico, para emprehender e meditar os problemas da nossa organisação administrativa e economica.

III.

Os artigos publicados no *Panorama* sobre *machinas*, nos fins do anno de 1842, apresentam, sem disfarce, toda a gravidade philosophica d'esses problemas que annos mais tarde puzeram a França em sobresalto.

Proudhon n'um dos seus ultimos livros — *Idée Generale de la Revolution au XIX siècle* — nega ao principio da associação a sua influencia economica, e attribue ao poder da *força collectiva* todos os effeitos que até aqui se concederam ao primeiro. Proudhon, apesar da sua poderosa dialectica, embriaga-se pelas commoções da lucta, e reduz n'este ponto, um pleito philosophico, a uma méra questão de palavras.

O sr. A. de Oliveira Marreca, definindo a *associação* em 1842, exprime-se d'este modo:

« A associação é o primeiro germen do adiantamento da nossa especie, e ou procure alliar-se ao seu similhante, ou aos agentes naturaes, n'essa alliança busca o homem uma coisa muito simples — *força*. Como, e por quantos modos lh'a em-

presta a natureza? Eis aqui o problema das machinas. Tentemol-o.»

É realmente destruir todo o equivoco, a respeito da importancia da associação, cujo principal merito é certamente de reunir e ligar as forças individuaes, e de inaugurar o principio da força collectiva.

O que são as machinas consideradas na esphera da granda industria, senão uma verdadeira associação de forças, ou o melhor e mais bem combinado emprego das forças, que a natureza encerra, modificadas e distribuidas pela sciencia?

O sr. A. de Oliveira Marreca, refutando Sismondi de Sismonde, que tão eloquentemente se levantára contra as *machinas*, não dissimula os males que pezam sobre a sociedade, originado não d'ellas, mas de uma viciosa distribuição da propriedade, da faculdade illimitada de crear os capitaes á que chamam ficticios, ou da desigualdade na repartição dos tributos.

É evidente tambem que as machinas produzem transitorias perturbações nas regiões do trabalho, privando de emprego grande numero de braços. Mas poderá a sociedade repudiar os serviços d'esses trabalhadores, que segundo as magestosas expressões do sr. Marreca, «não comem nem bebem, nem dormem, nem repousam, nem enfermam, nem fazem ligas, nem levantam uniões, nem arvoram o estandarte da insurreição; e que apezar de tão mansos e inoffensivos, são mais democratas que Washington, mais revolucionarios que a Convenção, mais jacobinos que Robespierre, mais amigos da igualdade que Rousseau, mais progressistas que a extrema esquerda, mais propagandistas que toda a propaganda religiosa e politica, mais implacavelmente radicaes e reformadores que todo o radicalismo em pessoa, antigo e moderno! —»

Na sua recente memoria sobre a estatistica, em que o Sr. A. de Oliveira Marreca avalia o problema da população, em todas as suas phases e hypotheses, vêmos que mantêm as suas convicções a respeito das machinas, resumindo as suas vantagens em breves phrases:

« Dos dous systemas economicos, um, que tende a expulsar todos os competidores ao trabalho physico do homem, o outro, que tende a annullar esse trabalho suscitando-lhe quantos competidores póde deparar-lhe, o primeiro é que se mostra mais incapaz de alargar a esphera das occupações, apresentando o phenomeno de mais braços redundantes ou sem emprego. Todo o pleito de preferencia entre os agentes gratuitos e o esforço muscular parece, portanto, resolvido a favor d'aquelles. As machinas, se por um lado despedem operarios, pelo outro os chamam com o auxilio de novos capitaes que ellas criam, augmentando temporariamente os lucros dos que as empregam, e accrescentando pela barateza dos productos d'ellas a renda de todos os consumidores d'esses productos. A repudiação das machinas, se por uma parte transfere para o homem todo o trabalho, que executavam, por outra parte cercêa o fundo, d'onde sáe o salario. Sem ellas gosam-se difficuldades, senão impossibilidades de producção; accrescem despezas que minguam o capital do emprezario; e levantam-se os artefactos a um preço, que diminue a renda dos compradores, ou diminue a faculdade de comprar desanimando por isso a fundação dos estabelecimentos de industria. Com as machinas excita-se o crescimento da população pelos meios naturaes, que é augmentando o capital e os recursos para o empregar. Excluindo-as, promove-se por um modo artificial e reprovado o movimento dos homens, e longe de se augmentarem ao mesmo tempo os meios de os manter, difficultam-se e destroem-se esses meios. »

O Sr. Antonio de Oliveira Marreca é um economista humanitario, sem se aproximar das aberrações das diversas escólas socialistas. Crendo finalmente nas excellencias da civilisação, na energia do principio progressivo que domina os movimentos da sociedade, aceitando a efficacia das leis economicas que concorrem ao desenvolvimento dos commodos e conforto da especie humana, não entoa um hymno perenne ao modo de ser social, e aponta os vicios das instituições, que tantas vezes annullam os beneficios da scien-

cia e os resultados que deviam derivar-se dos incrementos da riqueza.

« D'esse progresso da riqueza, diz elle na sua memoria sobre população, não se póde arguir com o mesmo rigor um incremento *proporcional* da população. É que aqui intercala-se o ponto de duvida e controversia sobre o modo como essa riqueza addicional é destribuida. Se ella se repartir por pequeno numero de individuos, é claro que com toda a sua opulencia, não poderão estes com esse accrescimo de capital fundar o mesmo numero de familias novas, ou contribuir para o augmento da população, creando o mesmo numero de filhos, como se esse fundo accrescido fosse quinhoado por classes numerosas. »

E desenvolve mais adiante a idéa :

« D'esta sorte uma multiplicação de habitantes accusa sempre augmento de riqueza, e o necessario, ao menos, para manter os que accrescerem ao banquete social. Os progressos da riqueza não significam, porém, que a população se tenha reforçado de um numero de individuos igual aos que poderia sustentar o novo fundo adquirido. »

Ao mesmo tempo, o distincto economista assignala mais uma vez a importancia economica do principio da associação, e distingue lucidamente o monopolio, a concentração do capital n'alguns individuos privilegiados, das vantagens que se antevêem da rapidez da sua circulação, e da progressiva influencia que elle exerce, segundo a area maior ou menor da sua acção productiva.

« Ponhâmos a trabalhar de um lado, diz elle, as duas populações, cada uma com os seus 3:000 individuos e com o seu capital A., de outro lado a terceira população com os seus 6:000 individuos, e o seu capital AA. O valor obtido pelas primeiras duas, será igual ao valor obtido pela terceira ? Affirmo que será inferior. A população condensada, e o capital concentrado alcançarão maior somma de uti-

lidades, do que a população dividida, e o capital dividido. Obra aqui a mesma lei prodigiosa, em que nem já reparamos pela vêr todos os dias repetir os seus effeitos em volta de nós nas mil transacções da vida commum, como vêmos sem nos fazer impressão o milagre contínuo da natureza no nascimento do sol, — a lei que inspira os homens em sociedade a combinar entre si os seus esforços, physicos, industriaes ou intellectuaes, para produzir uma somma de trabalho, de producção, ou de idéas muito superior áquella que poderiam prestar, um a um, o mesmo numero de homens trabalhando dispersos e isolados. Como muitos obreiros da materia ou do espirito, aggregando-se uns aos outros, cada um d'elles depois de associados representa e possue uma efficacia maior do que d'antes tinha, duas communas em uma só dispõe de um poder productivo superior ao que logravam empregar quando separadas.

« As povoações, não crescem em habitantes por se condensarem, mas porque multiplicam os meios de manter maior numero d'elles, condensando-se. »

Estas citações dispensam-nos de fazer commentarios sobre as superiores qualidades de escriptor que possue o sr. Antonio de Oliveira Marreca. A Economia Politica em Portugal, sobre tudo na parte da nomenclatura, e da technologia scientifica, deve tudo ao Sr. Marreca. Examinando os escriptos do economista, fica-se devéras attonito do modo porque elle reune e consubstancia no seu estylo attributos que pareceriam dever repellir-se. A extrema elegancia e concisão da sua phrase combina-se com a profusão da linguagem e a abundancia pittoresca de epithetos, com que traduz as suas elevadas concepções, que seriam obscuras de outro modo. As profundas meditações do philosopho revelam-se lucidamente pelos fecundos dotes do estylista. Como mestre de lingua o sr. Marreca é deveras creador, e pondo de novo em circulação os thesouros do nosso fallar classico, imprime-lhes uma physionomia diversa, adoptando-os para revelarem as combinações de uma sciencia, que joven

nas outras nações, póde dizer-se que entre nós nasceu ha dois dias.

Esperâmos anciosos o final da sua memoria sobre a estatistica, sobre tudo na parte relativa á população. Podemos affirmar, desde já, que o que está escripto excede, não só na abundancia de dados, mas no exame de todas as questões economicas e moraes relativas ao assumpto, tudo quanto quanto tem apparecido nos outros paizes, dos economistas e estatisticos de que temos noticia.

Não nos cumpre, a nós, classificar, os homens eminentes, que representam, na sciencia e nas lettras, o paiz que lhes deu o berço; mas affirmando que o Sr. Antonio de Oliveira Marreca é um dos primeiros economistas da Europa, não revelâmos senão uma convicção que todos quinhoarão recorrendo aos seus profundos trabalhos sobre este ramo importante dos conhecimentos humanos. Inaccessivel ás paixões, que tantas vezes allucinam os mais altos espiritos, a sua robusta intelligencia não se maculou nos desvios de sectario. Em quanto os economistas lançados na lucta das opiniões e dos partidos se tornam fogosos propugnadores de uma theoria exclusiva, elle faz a crítica de todas ellas, e não se determina senão pelo estudo dos factos, e pela analyse dos resultados experimentaes. Seria muito para desejar que o illustre economista emprehendesse uma edição completa das suas obras. Trabalhos de certa ordem pertencem ao paiz e á sciencia. Manuseados solicitamente poriam termo a muitas aventurosas hypotheses, que mais de uma vez perturbam o entendimento dos que se apaixonam pela eloquencia d'este ou d'aquelle escriptor. Um paiz que se gloría de possuir um historiador como o sr. Alexandre Herculano, e um economista como o Sr. Antonio de Oliveira Marreca, e que ha pouco viu descer ao sepulchro um poeta como o sr. Visconde de Almeida Garrett, não póde seguramente amesquinhar-se diante da importancia intellectual das nações européas.

NOTAS E ADDITAMENTOS.

ADDITAMENTO.

(Paginas 47.)

N'este folhetim evidentemente escripto com a intenção de produzir effeito, apresentamos nós alguns trechos, e dâmos noticia de um poeta, que pela energia dos seus soffrimentos, e pelo enthusiasmo das suas convicções, se afasta da escóla do seu tempo, e prevê, n'alguns rasgos do seu estylos, as evoluções da poesia moderna.

É mais uma prova entre muitas, de quanto os acontecimentos exteriores influem no espirito, e na imaginação dos poetas. Ao mesmo tempo que em Portugal o celebre fabulista Pimentel Maldonado perguntava aos seus amigos poetas, nos concilios meio-litterarios e meio-gastronomicos do seu tempo, o que tinha ido fazer Bonaparte ao Egypto, Gonzaga sonhava em realisar na sua patria as instituições dos Estados-Unidos, e arriscava o seu destino n'esse generoso e elevado proposito politico.

O seculo e a revolução não penetraram em Portugal senão depois da invasão franceza. As lettras não só viviam na atmosphera artificial da Arcadia, mas existiam completamente descuidosas dos grandiosos movimentos que agitavam a sociedade.

MORTE DE MARILIA DE DIRCEO.

Morreu a Marilia de Dircêo cujo nome profano era D. Maria Joaquina Dorothea Seixas Brandão, com oitenta e quatro annos de idade!

Pois que, disse eu lendo a noticia n'um jornal, esta mulher fôra amada por um melodioso poeta, esse poeta dera-lhe um nome popular, gloria, celebridade, admiração, e ella deixa-se viver até á patriarchal idade de oitenta e quatro annos? Nem a dôr, nem as maguas, nem a recordação de tudo quanto o seu amante soffrêra, nem a sua morte, nem a sua loucura, lhe diminuiram alguns dias de vida! Que ancia tinha então de respirar este ar, de vêr este sol, de gosar, de deleitar-se, de se sentir tão longe do retrato que o poeta debuxára em traços apaixonados e sublimes!

Quem é que concebe a Beatriz do Dante, velha, rabugenta, com os olhos amortecidos, com os cabellos brancos, com a voz fanhosa, encostada a um bordão, curvada, tremula, cachetica? Se quereis merecer o amor d'um poeta, deixae-vos morrer como a Laura de Petrarca, d'aquella famosa peste que Boccacio descreve tão energicamente no prologo do seu *Decamerone*. Se quereis que um famoso estatuario como João Goujon, vos torne immortal n'um prodigio de estatuaria; sêde moça como Diana de Poitiers até aos sessenta e sete annos, merecei como ella os extremos, e a fidelidade d'um Henrique II.

É que Thomaz Antonio Gonzaga não era só um poeta terno e pastoril, era um patriota, era um republicano. É que soffreu, é que morreu pela patria. É que os seus versos mais apaixonados foram escriptos do fundo das masmorras, com o sangue das veias, entre o tinir dos ferros, entre as blasfemias dos condemnados, na miseria, na agonia, no infortunio!

E essas queixas maguadas não vos fizeram parar confrangido o coração no peito! E fostes talvez ao espelho vêr se o rasto de alguma lagrima vos tornava a pelle menos lustrosa, e a côr menos brilhante! E sopesastes a trança dos vossos negros cabellos, para vêr se mereciam ainda os versos do poeta:

Os seus compridos cabellos
Que sobre as costas ondeiam
São que os d'Apollo mais bellos;
Mas de loura côr não são.
Tem a côr da negra noite
E com o branco do rosto
Fazem, meu bem, um composto
Da mais formosa união.

E não perdestes as noites, mulher! no pranto, e nos lamentos, quando elle vos disse, o infeliz:

Inda, ó bella, não vejo
Cadafalso enlutado,
Nem de torpe verdugo
Braço de ferro armado;
Mas vivo n'este mundo, ó sorte impia,
E d'elle só me mostra a estreita fresta
O quando é noite ou dia.
Olhos baços e sumidos,
Macilento e descarnado,
Barba crescida e hirsuta,
Cabello desgrenhado,
Ah! que imagem tão digna de piedade!
Mas é, minha Marilia, como vive,
Um réu de magestade!

. . . . . .
. . . . . .

D'esta vez não eram tormentos da imaginação, delirios de phantasia, que vinham torturar o coração d'um poeta. Não era um homem que cantava o soffrimento, era um homem que soffria: não era um homem que se via perseguido em sonhos de imagens terriveis, era um homem que acordado revelava as maguas do seu destino. Podia-se assimilhar ao Dante, porque era proscripto: podia-se comparar ao Tasso, porque esteve prizioneiro, e morreu louco. Podia repetir em eloquentes, e ao mesmo tempo resignados versos:

As furias infernaes rangendo os dentes
Com a mão descarnada, não me applicam
As raivosas serpentes:
Mas cercam-me outros monstros mais irados:
Mordem-me sem cessar as bravas serpes
De mil e mil cuidados:
Eu não gasto, Marilia, a vida toda
Em lançar o penedo da montanha,
Ou em mover a roda;
Mas tenho ainda mais cruel tormento.
Por causas, que me affligem, roda e gyra
Cansado o pensamento.

Com retorcidas unhas agarrado
As tepidas entranhas não me come
Um abutre esfaimado;
Mas sinto de outro monstro a crueldade:
Devora o coração que mal palpita
O abutre da saudade.

Não vejo os pomos, nem as aguas vejo
Que de mim se retiram quando busco
Fartar o meu desejo:
Mas quer, Marilia, o meu destino ingrato
Que lograr-te não possa, estando vendo
N'esta alma o teu retrato.
.....
.....

E depois, com que nobre orgulho, com que generosa confiança no seu caracter, não exclama o poeta:

A maior desventura
É sempre a que nos lança
No horror da sepultura:
O covarde a morrer tambem caminha;
Com que males não póde
Uma alma como a minha?
.....
.....
Não temas que do rosto a côr se mude;
Vence as rochas e os troncos
A solida virtude.
.....
.....

Que é feito então d'essa Marilia encantada, cujos cabellos doidejavam ao sôpro do vento, cujo rosto se avermelhava pudicamente aos protestos apaixonados do seu amante, cujas mãos delicadas íam colher rosas e jasmins para lhe coroar a fronte, cuja voz doce e suave acordava os eccos da campina, e fazia estremecer de jubilo os passaros que pousavam nos ramos da floresta?

Hontem, joven e candida, hoje velha e triste! Que é feito d'essa face tão fina e transparente? Está morena e enrugada, e talvez a realce com *cold-cream*, e branco de baleia! O' funesto sacrificio de uma gloria bella, de uma dôr sublime, de uma saudade augusta! Tudo por mais alguns annos de uma existencia obscura: quiz ser velha, ella! quando podia descansar no tumulo aberto pela saudade, em que se sente despontar a esperança!

Esse homem, esse poeta, essa alma terna, esse coração apaixonado, esse republicano austero, essa victima illustre, esse martyr do amor e da patria, viveu quinze annos desterrado em Moçambique, longe d'ella, longe da noiva, a que votára todos os suspiros da sua lyra, todas as lagrimas, todas as maguas do seu infortunio, e ella continuou a viver descuidosa, indifferente! e não se lembrou

de o ir consolar, de ir viver, de ir morrer com elle! O' mulheres! mulheres!

Finalmente, em 1809, o poeta expira longe do Brazil, e descansa n'uma terra estranha. Quereis saber? a Marilia tem então occasião de viver, de viver muito, de viver o mais que lhe é possivel; só quarenta e quatro annos depois da data fatal, é que se lembra de que este mundo consente com difficuldade que se reproduzam os milagres da Biblia. E se Deus lhe concedesse o mesmo privilegio de Sara, se houvesse um Abrahão condescendente, que quizesse um Isaac legitimo, teriamos uma nova Marilia talvez, para que a raça das Marilias se não perdesse!

Quando uma mulher encontra, o que não é muito vulgar, um homem de superior talento, que a ama, que a torna o culto da sua vida, o idolo da sua imaginação, quando essa mulher chega a partilhar o affecto, que lhe soube merecer, existem ambos prezos á mesma cadeia: o sol de uma gloria commum vem illuminar as suas frontes: quando um morre, o outro sente-se attrahido para o tumulo: ha uma voz que o chama, ha um presentimento que lhe diz que o mundo é pequeno para a sua saudade, que a sua vida é esteril á sua gloria. E' assim que a Fornarina, e mais era uma mulher perdida, desapparece, quando Raphael expira: é assim que tu =ó Natercia= quasi que apagas o teu nome da historia, porque deixaram, os ingratos! que o teu amante morresse n'um hospital, e que uma mortalha emprestada lhe cingisse o glorioso cadaver!

E esta mulher teve coragem para viver oitenta e quatro annos! Viveu com aquelles sentidos adeuses, com aquellas maguadas queixas, com aquellas abrazadas recordações, com aquelles funebres versos na memoria! Não ouviu no silencio da noute, quando o vento triste do inverno açouta as ramadas do arvoredo, a voz dolorosa do pobre louco, repetindo-lhe: Marilia! Marilia!

Fiava, talvez tomasse tabaco, enfeitava-se pela manhã, fazia o rol, fia á cosinha, havia de ter um gato, é possivel mesmo que, quando fosse moça, escutasse os requebros de algum petimetre, de perna esguia, cabeça penteada, sorriso adocicado, voz branda, fazendo bellas reverencias, e repetindo os mais superfinos cumprimentos!

E por isso, que eu olho uma donzella bonita, engraçada, nobre no gesto, languida no andar, com o olhar gentil e o sorriso candido, como um d'esses pianos de mogno, que a industria estrangeira nos envia apenas saídos da fabrica. Pobre piano! serias talvez o instrumento das phantasias de Listz, das melodias de Thalberg, das febricitantes inspirações de Choppin, de tudo quanto ha de bello e grande na arte, se um inexoravel destino, se o demonio do lucro te não desterrasse da patria. Aqui, eu te prophetiso o que te ha de acontecer. Repetirás fragmentos torturados de opera, e as escalas da menina: acompanharás a voz fanhosa e desafinada de algum *dilletanti* de contrabando: ver-te-has ruidosamente accommettido

pelas mãos grosseiras de um mestre de musica, que estima a arte pelos bilhetes de lição, que a sua avidez distribue... A tua alma, se o genio se aproximasse de ti, rebentaria em delirios, em lamentações, em canticos suaves, em vibrações apaixonadas, em espasmos de amor... Agora caíste na vida real, és um movel como o sophá, como a *causeuse*, como a *étagère*, como um leito esculpido que aquenta o morno affecto de duas creaturas, aborrecidas de si, e ligadas por toda a vida...

Assim penso eu tambem da donzella. Leio já n'aquelle rosto os sorrisos da vaidade, o egoismo, os calculos que em breve ha de aprender no mundo: quem beijará primeiro aquellas faces mimosas? Eu sei! um velho torpe, que a deslumbrou com o ouro: um peralvilho ridiculo, que a enfeitiçou com as suas piruettas. E quanta innocencia havia n'aquelles olhos, e quanta poesia n'aquella alma, e quantos sonhos dourados n'aquella imaginação infantil, tudo se ha de ir gastando pouco e pouco, nos bailes, nos salões, nas confidencias, nos conselhos, nos livros que escarnecem de tudo, na arithmetica social, que somma, que multiplica, que vende, que commerceia, que aprecia tudo, amor, desejos, affectos, paixão, por alguns punhados de oiro, mais ou menos luzente!

Esta Marilia é um typo que retrata a mulher n'este seculo: é o que nos explica, como o scepticismo cedo desflora a cabeça dos poetas, e lhes faz mercadejar = elles tambem! = com as inspirações da sua alma. Sem Maria Chaworth, sem Beatriz, sem Victoria Colonna, talves que hoje não lessemos *Child Harold*, *A Divina Comedia*, e admirassemos *O Juizo Final*. Mas qual d'ellas morreu de oitenta e quatro annos? Qual d'ellas se deixou chegar á idade d'aquella princeza Balfour da legenda poeticamente cantada por Victor Hugo nas *Viagens do Rheno?*

Quereis ser Marilia, quereis desposar um homem elevado pelo talento, e de um caracter nobre e generoso: não vos levo isso a mal. Nada ha mais sublime do que adormecer com uma caricia a cabeça que penosamente medita: é uma digna ambição sentir palpitar junto ao peito um coração esforçado, que sabe amar e padecer. Mas quando esse poeta, que existe n'uma posição eminente, quando esse homem lança fóra dos hombros a toga do magistrado, para vestir a opa do tribuno, quando troca a cadeira de juiz pela masmorra do condemnado, quando inspirado por uma devoção sublime quer ver a sua terra solta das tyrannias da metropole, e pensa no exemplo dos Estados-Unidos, para lhe dar as liberdades da republica, quando está pobre e desterrado n'um clima devorador, então é partir, é abandonar as ricas planicies do Novo Mundo pelos estereis sertões da Africa, é premear n'elle o poeta que canta o seu amor, o republicano que expia o seu grandioso delicto!

As mulheres, diz algures Mr. de Maistre, não fizeram nem a *Illiada*, nem a *Jerusalem Libertada*, nem *Phedra*, nem *Athalia*, nem *Rodogune*, nem o *Mysantropo*, nem o *Tartufo*, mas fasem al-

guma cousa tão grandiosa como tudo isto: é nos seus joelhos que se educa o que existe de mais excellente n'este mundo, «um homem honesto, e uma mulher honesta.»

Não comprehenderia esta mulher, que nós não viemos unicamente ao mundo para viver, mas para cumprir uma missão digna de nós, digna da humanidade? Não comprehenderia ella que era um ultrage feito a Deus o desprezar a occasião que tinha de enxugar o pranto de um proscripto, de alliviar os tormentos de um grande cidadão, e de um illustre poeta?

Viveu, preferiu viver! Pois bem, serei eu que o diga ao futuro: esta Marilia é uma velha; tem oitenta e quatro annos; tem os cabellos brancos, e a cara idiota; já não tem dentes, nem lume nos olhos: faz meia á noite, e reza, e resmunga, e ralha, e atormenta-se a si, e aos outros. Olhae-a bem! Não é uma musa, é uma megera: não passeia nos jardins floridos de Apollo, pertence antes aos sombrios dominios de Proserpina: e se Gonzaga resuscitasse repetir-lhe-ía ironicamente o dito de Arlequim: «Agora estás perfeita, porque não és nem homem, nem mulher.» Com effeito aos oitenta e quatro annos não se é, racionalmente, nem uma nem outra cousa.

NOTA *(Pagina 93)*.

Estava proximo ao sepulchro o grande poeta, quando escreviamos estas linhas. Já para elle começou a posteridade, já para elle se realisaram aquellas palavras do seu prologo das *Folhas Cahidas*: «Deixae-o passar, gente do mundo, devotos do poder, da riqueza, do mundo, ou da gloria. Elle não entende bem d'isso, e vós não entendeis nada d'elle.

«Deixae-o passar, porque elle vae onde vós não ides, vae, ainda que zombeis d'elle, que o calumnieis, que o assassineis. Vae, porque é espirito, e vós sois materia.»

«E vós morrereis, elle não. Ou só morrerá d'elle aquillo em que se pareceu e se uniu comvosco. E essa falta, que é a mesma de Adão, tambem será punida com a morte.»

Propheticas palavras estas! Dois annos depois a eloquente voz que as proferíra, se havia calado para sempre n'este mundo. E a nossa geração deixa-o passar de certo, entre a admiração e o enthusiasmo que o seu glorioso nome, que já

de todo nos pertence, hade excitar em quanto se escrever e se fallar a lingua portugueza.

Ainda temos diante dos olhos o espectaculo ao mesmo tempo solemne e triste d'aquelle dia, em que vimos os seus restos entregues á terra. De um lado a oração fervorosa de Rebello da Silva, intreprete das maguas da nova geração; de outro as physionomias resignadas e melancholicas de Alexandre Herculano e de Oliveira Marreca, dando o ultimo adeus ao seu companheiro de trabalhos e glorias, na agitada e tempestuosa quadra da restauração liberal.

Foi debaixo d'essa impressão que escrevemos o artigo que se segue na *Revolução de Setembro*.

LISBOA, 11 DE DEZEMBRO.

Acabamos de acompanhar ao jazigo o cadaver d'um dos maiores poetas da Peninsula, d'um dos vultos mais notaveis da Europa moderna. Perda irreparavel para a epocha, em que as vocações intellectuaes se desvairam nos conflictos da vida militante e activa; em que as vozes inspiradas se extinguem, uma após outra, no ruido de um seculo que hesita perante os problemas do seu proprio destino!

No funebre cortejo da despedida extrema íam individuos de todas as classes, de todas as profissões, de todos os partidos. É que homens d'aquella valia, tornam-se, segundo a eloquente expressão de mad. Stael, os contemporaneos dos seculos futuros. O seu nome representará a nossa geração perante a historia, e inscrever-se-ha entre as mais gloriosas tradições de Portugal.

Já para elle, em vida, se erguêra a voz da posteridade. Mais feliz do que Camões, cujo miserando destino elle engrandeceu em versos immortaes, a corôa da sua incontestavel realeza não lh'a disputavam invejas, nem paixões mesquinhas. Poeta, todos admiravam o seu estro portentoso: orador, todos escutavam a sua palavra eloquente: romancista todos applaudiam a sua imaginação fecunda. Pôde expirar, sabendo que a patria o exaltaria como o seu mais illustre filho: e se mais cedo se desviasse do campo das discordias politicas, tão apaixonadas e injustas sempre, mais cedo tambem a sua gloria brilharia sem sombra nos dilatados horisontes do futuro, que já o seu olhar abraçava.

Quiz Deus, como para provar ao mundo, que a igualdade é tão omnipotente na vida, como no tumulo, que aquella luminosa intelligencia, que se elevava sobranceira pela energia das suas concepções, se nivelasse com o resto dos homens, pela communhão das mesmas fragilidades.

Poetas immortaes para que cubiçaes outro poder, que não seja o do vosso proprio genio, poder que extrahe do nada as phantasias do mundo ideal, como a mão do Eterno as harmonias da natureza viva? Para que quizestes, gigantes, descer do pedestal, para serdes ministros d'um dia, de uma hora, tragando as amarguras, que todos provam n'essas regiões tormentosas?

A luz d'aquella grande intelligencia, que produziu o *Camões* e o *Frei Luiz de Sousa* não podia brilhar desaffrontada no restricto theatro para aonde a lançára a providencia.

Esses abalos profundos que agitam a sociedade moderna, apenas aqui fazem estremecer levemente a terra. Para genios d'aquella esphera não havia senão dois caminhos para conseguirem na existencia politica uma gloria aproximada da que realisavam na area das letras. É a voz de um parlamento, ou de uma insurreição que investe os cidadãos superiores da missão altissima de dirigir e salvar a fortuna do estado.

A ambição é legitima quando se conquista o poder nas luctas da tribuna, como o alcançaram os Pitts, os Cannings, e os Peel: ou quando elle é offerecido no clamor enthusiastico do povo victorioso, o poder dos Lamartines e dos Aragos, poder que o suffragio publico santifica, que recebe o baptismo sacrosanto da necessidade, que é glorioso porque é arriscado, poder que Mirabeau grandiosamente definia, quando bradava na assembléa nacional: Do Capitolio á Rocha Tarpeia dista apenas um passo!»

Mas talentos como o do illustre poeta obram cem vezes mais na sua acção litteraria, do que os decretos e portarias, que a mão de ministerios ephemeros rubricam, na sua passagem rapida e fugitiva. Essas revoluções moraes, em cuja mysteriosa matriz se geram as revoluções sociaes e politicas, são filhas quasi sempre d'estas vocações soberanas. Debaixo d'este ponto de vista, devemos nós abençoar aquelle que illustrou a liberdade de imprensa, pela magnificencia dos seus escriptos, a liberdade da tribuna, pela excellencia das suas orações; aquelle que aviventou a nossa nacionalidade, aos raios poderosos do seu engenho, que herdeiro de Camões, póde hombrear com os mais superiores poetas estrangeiros da sua epocha.

Para que é que nos ultimos dias da sua vida se inquietava elle com a idéa de deixar orphã a herdeira do seu nome? Que desconfiança injusta tinha elle do caracter da nação que tão candidamente o admirava? Porque duvidava elle que a aureola que o engrandecia não tivesse luz sobeja para illuminar a fronte da filha por quem se estremecia de amor íntimo e profundo?

Os affectos excessivos de pae escureciam o juizo superior do homem. Das margens do Téjo até ás beiras do Guadiana, todos adoptam no coração a herdeira do poeta. A patria pôde, nas agonias de Alcacer-Quibir, e ameaçada pela ambição hespanhola, não escutar o arranco extremo do poeta, que expirou desamparado e só na enxerga de um hospital. Mas nós agora sabemos aonde repousam as cinzas do cantor de Camões: mas nós todos, poderosos e humildes, fomos a pé dizermos o ultimo adeus ao corpo d'aquella grande alma: mas a patria não póde ser esquecida, porque escutava palpitante os gemidos da dôr, que abalavam o peito do nobre enfermo, e recolheu anciosa o suspiro derradeiro que o separou da terra!

É outro o sol que nos allumia agora, é outro o ar que nós respirâmos! Eramos então um povo que descia com o poeta para as regiões funebres da morte: somos agora um povo, que nos elevâmos com o poeta, para as perspectivas sublimes da immortalidade!

Descanse o poeta em paz! Esta geração, e esta terra, que tanto lhe devem não pódem ser injustas com elle. A filha do coração ha de lembrar-nos a par das filhas do seu engenho: e as vozes eloquentes que perto do seu tumulo se tornaram intrepretes da nossa saudade, fizeram descer as bençãos da patria sobre a cabeça da orphã, que herda o seu glorioso nome!

ADDITAMENTO.

Parte da nossa introducção defendia a causa dos poetas a proposito de uma crítica demasiadamente rigorosa feita ás poesias do sr. Augusto Zaluar. Apresentâmos aqui menos o juizo do que as impressões, que excitou em nós a leitura do seu volume de versos, publicado no Rio de Janeiro.

Chateaubriand n'um dos volumes das suas Memorias diz, a respeito da lua estas singelas palavras: « Um pedacinho de lua que entreluzia deu-me prazer; não estava tudo perdido, visto que encontrava uma figura do meu conhecimento. Ella parecia dizer-me:

« Como! Eis-te ahi? Não te lembras que te vi n'outras florestas? Recordas-te das ternuras que me dizias quando eras moço? Deveras não fallavas muito mal de mim. D'onde procede agora o téu silencio? Para onde vaes só e tão tarde? Não cessas pois de recomeçar a tua carreira? »

A poesia podia repetir-me o mesmo. Entranhei-me n'outras regiões; caminho curvado e triste, em demanda de um outro mundo. A minha fronte enruga-se ao sôpro de idéas differentes. E para que? Para que esta lucta contínua, n'uma sociedade infezada e corrupta, que só estende os braços para quem communga com ella nas baixezas d'uma ambição lilliputiana? De que vale pousar o pé sobre esses sapos immundos, emigrados de todas as velhas corrupções, que se arrastam meio-esmagados, e que nem por isso deixam menos de monopolisar o dominio politico?

O' minha querida poesia! Tu és grande, generosa, sublime, e omnipotente! Para te prestar culto sincero, não basta fazer mesuras nas antecamaras dos ministros, nem servir de galopim nas batalhas eleitoraes: é necessario nascer fadado por Deus, ser baptisado pelo soffrimento, e velar sobre os livros, ou nas amarguras e delicias dos sentimentos humanos... É mister dizer, como escreve maviosamente o poeta, de que agora tratâmos, nas horas solemnes, em que se recorda o passado:

Ai! assim és, vida minha!
Já desprezos, já carinhos;
Hoje grinaldas de rosas
A'manhã c'rôa d'espinhos!

e depois no extasis da adoração, no presentimento terrivel da desventura, bradar ainda:

Meigo encanto dos meus olhos
Que sejas anjo ou mulher,
Que importa se amar é sempre
A fonte do padecer?

Em qualquer fórma que vistas
Es a mesma divindade!
Ventura, quando te vejo!
Se te não vejo, saudade!

Oh! só os poetas, os homens de pensamento e d'inspiração, os que vivem nos delirios do espirito, os que se embriagam nas sublimes loucuras da paixão, aquellas intelligencias, como diz Balzac,

que *conquistaram o monopolio das chimeras*, é que podem, diante de Deus e do seu segredo, reproduzir a phrase de Ugo Foscolo no *Jacopo Ortis*: « T'amai dunque, t'amai, e t'amo ancor di un amore che no si può concipere che da me solo. »

O que é o *ideal* das organisações superfinas, mais ou menos realisado nas creações humanas?

E' a mulher, investida do sacerdocio do pensamento pela educação, e pelos instinctos divinos: é esse ser incomprehensivel e mysterioso, que se lança ancioso nos dominios fecundos da imaginação, cuja alma sonha um amor íntimo que se engrandece pelo espectaculo de todas as bellezas dos sentidos, e da intelligencia, que se eleva até ao infinito pelas inspirações immortaes; amor duplo, que vive na embriaguez moral do sentimento, nas emoções delirantes do prazer physico!

Quando um homem de intelligencia chega a trocar um olhar com essa fada, com esse anjo ficou poeta: viu-se coroado com o diadema que Deus concede ás suas creaturas privilegiadas.

Não! a lingua humana é impotente, para descrever os mysterios da natureza, quando a não anima a faísca electrica da adoração! Para que as palavras, mais ou menos harmonicamente combinadas, exprimam o scintillar das estrellas no céu, as aragens da briza que arrepiam suavemente a relva da campina, o murmurio das ondas que banham os salgueiraes que se debruçam sobre o rio, o estremecer das folhas açoutadas pelo vento, a arte não basta: só uma alma devorada de paixão, póde aproximar o verbo íntimo da concepção intellectual das maravilhas e prodigios da natureza creada. « A lingua, diz um habil crítico, recusar-se-ía a obedecer ao espirito que quizesse recordar-se do que viu; mas repete como docil ecco tudo quanto sentiu o coração. »

Não está achada a lei da verdadeira poesia? Não devemos sorrir-nos d'aquelles que lendo algumas paginas eloquentes de prosa, alguns versos repassados de sentimento, hesitam em proclamar o homem de letras, tão superior pela intelligencia, como inspirado pelo coração?

E velho, é archi-velho, confesso, o associar Camões a Natercia, Petrarca a Laura, Dante a Beatriz, Tasso a Leonor: mas eu não tenho culpa que esta verdade elementar encanecesse, á força de ser repetida: os affectos da patria, da liberdade, as paixões da ambição, e da gloria, criam ás vezes, grandes poemas de acção, feitos grandiosos de actividade mas só o amor é que inspira os grandes poetas: só a mulher é que serve de musa eterna ás obras primas do pensamento humano.

O livro do sr. Zaluar denuncía desde logo, que ás saudades da patria está associada a imagem de uma mulher: que os accessos de desespero, que os desalentos do exilio são sobretudo tristemente enlutados pela ausencia de um ente querido — nome que se confia aos eccos da campina, que se murmura docemente nas margens

do rio bonançoso, que mysteriosamente se escreve nos troncos da palmeira, que pousa nos nossos sonhos, que accorda nos nossos labios, que adormece de envolta com a oração da noute!

O amor! Uma mulher! Eis o thema dos seus cantos, o mysterio das suas harmonias, o irradiar da sua esperança, a funebre corôa ás vezes do seu martyrio.

Arrancae ao livro esta saudade fervente, esta imagem querida, e podeis rasgar-lhe as folhas para accender com ellas a fornalha do vosso cachimbo.

E porque?

Que me permitta o esperançoso poeta que eu expresse franca e lealmente o meu pensamento.

O Creador não nos concede a perpetuidade dos sentimentos. Se assim fosse, ter-nos-ía offerecido a immortalidade. Se pudessem ser contínuas, permanentes as emoções do amor, mesmo no seu aspecto pungente e doloroso, a alma devoraria o seu fragil envolucro: a vida seria mais curta, mas mais intensa, e philosophicamente mais longa; mas a dôr tem um termo, o prazer tem um limite: a adoração mais sublime revôa aos céus ou desfaz-se u'um affecto mais profundo, mas mais duravel.

Mas é então que o poeta, que o é verdadeiramente, quando se vê orphão do seu amor, percebe a humanidade e a natureza: é então que como Lamartine exala na *Novissima Verba* essas horas de pungente agonia em que o scepticismo vem crestar-nos as nossas frageis esperanças: é então que como Byron, anima as ruinas da Grecia e do Colyseu com os prestigios da sua palavra: é então que como Giacomo Leopardi, pergunta á lua com infinito desespero:

. . . . . .
Il perche delle cose, e vedi el frutto
Del mattin, della sera,
Del tacito, infinito andar del tempo
. . . . . .
. . . . . .
. . . . . Ma tu per certo
Giovinetta immortale, conosci il tutto.
. . . . . .
Tu sè queta e contenta,
E gran parte dell'anno
Sensa noia consumi in quello stato.
. . . . . .
Forse in qual forma, in quale
Stato che sia, dentro covile o cuna
E funesto a chi nasce il di natale.
. . . . . .

Esta passagem, esta transição das esperanças e agonias do sentimento para as perspectivas da reflexão historica, da potencia descriptiva, ou da philosophia da imaginação, não a encontro eu no livro do sr. Zaluar.

Não será atrevida prophecia, vendo a prosa incorrecta, mas substancial do seu prologo, affirmar que o auctor tem em si meios de viajar pelas regiões litterarias, quando esgotar o cyclo sublime, mas monotono da sua individualidade moral.

Ninguem comprehende melhor do que eu este inevitavel *egotismo* do poeta, quando se vê de repente arrebatado ás doçuras da vida familiar, ás illusões encantadas de um amor profundo, ao ar e ao céu da patria, e lançado, a sós com o pensamento, na immensidade das aguas, e nas solidões florestaes do novo mundo.

Tinha 17 annos, quando accordei sósinho no meio do oceano, caminhando para os inhospitos climas de Africa, e nas longas horas do *quarto*, repeti, encostado á enxarcia, com funesto desalento, as palavras de Mephystopheles no *Fausto de* Goethe:

« Passado. Uma palavra inepta. Porque passado! O que é passado, e o puro nada, não é porventura a mesma cousa? Que nos quer pois a eterna creação, se tudo o que foi creado vae affundar-se no nada. E' passado! que se lê n'este texto? E' como se nunca houvera existido! E portanto isto move-se ainda n'uma certa região, como se ainda existisse. Por que?... eu preferiria antes o vacuo eterno. »

É que eu via sobre a minha cabeça milhões de mundos scintillantes engastados no azul do firmamento: via a meus pés, o mar, ondulando em montanhosas vagas, como symbolo da immensidade; e sentia-me um atomo imperceptivel lançado pela ironia do acaso no infinito incomprehensivel da creação. A solidão e o infortunio, que mais ha para que se nos apague da alma a idéa consoladora da providencia?

Não é n'estas horas de tristeza que o homem jura como Spartaco guerra eterna aos abusos da sociedade, que santifica nos altares da patria, como Hannibal, o odio ás nações inimigas?

Quem, como o sr. Zaluar, escreve o bello trecho lyrico — *A Meu Pae* — quem sabe comprehender a melancholia, nas deliciosas oitavas dedicadas a Gonçalves Dias, cedo deve entrar nas austeras devezas da meditação philosophica.

O poeta, como eu ainda ha pouco escrevi n'uma carta que serve de prologo ás poesias de Augusto Lima, tem uma missão n'este seculo tão poderosa, mais poderosa ainda do que nos seculos que nos precederam: é alevantar a sociedade de um materialismo estupido e grosseiro: é salvar a dignidade humana dos ultrages da mediocridade vaidosa, e da corrupção impudente e devassa: é provar a excellencia dos sentimentos, mais essenciaes para resgatar as nações, do que os frios calculos do interesse: é, em face da riqueza que escravisa, do talento que se prostitue, do obscurantismo, que

enerva as populações servas, manifestar a soberania da intelligencia, quando realçada pelo culto de virtudes severas.

Registei com prazer as ultimas e saudosas linhas do prologo do livro do sr. Zaluar: — « Meu amigo, se julgardes que estes versos merecem algum dia as honras da imprensa, eu terei então uma ambição para elles: é que alcancem atravessar as aguas do oceano, e vão ao menos confundir na patria os seus gemidos com todo o coração portuguez, que chora, como eu, as desgraças do seu paiz, e que espera que no horisonte do futuro se não apagasse de todo o astro das nossas liberdades passadas, para o culto da intelligencia, e da liberdade. »

Prezo-me de não ceder a vaidades mesquinhas, de aspirar ás sinceras e viris glorias de homem, e de escriptor, mas declaro, que quando me vi citado por um distincto poeta estrangeiro, das margens do rio *della Plata*, a duas mil leguas da minha terra, invocando o meu nome, como uma esperança á resurreição do meu paiz, tive um momento de ufania, que peço sinceramente me perdôem.

Guido y Spano, respondendo ao poeta portuguez, diz: — « El cadaver del viejo e glorioso Portugal aun infunde admiracion y respeto. Una generacion llena de patriotismo y de genio, creció en torno del prostrado guerrero, y poniendole la mano sobre el pecho, segun la bella espression de Lopez de Mendonza, gritó a la multitud: todavia palpita. »

Graças a Deus, por muito severos que sejam os espiritos serios, não hão de levar a mal que eu possua essa aspiração para a unica gloria perduravel que Deus concedeu a Portugal nos tempos modernos.

E' por ella que eu sorrio desdenhoso quando vejo uns vermes, que por ahi esterilmente se agitam, occupados em mexericos insignificantes: quando contemplo certos parvos segredando ao ouvido das mulheres, aquillo que de certo não repetiriam na cara dos homens: é com a consciencia de que pratico com lealdade e honradez, se não com talento e imaginação, esse sublime sacerdocio que se chama imprensa, que eu tenho nojo das intriguitas baixas e vís dos Ambrosios Lamellas da nossa sociedade, e nem mesmo procuro a occasião de exercer uma vingança tanto mais justa, quanto mais absurdas e infames são as aggressões que recebo. Mas que vale, como diz Bocage:

O coaxar das rãs em lodaçal immundo?

Deus me livre de esmagar percevejos, que são insectos repugnantes. *Ça mord, mais ça tue!...*

Poeta argentino, que me estendes de tão longe a mão fraternal, juro-te, em nome da mocidade portugueza, em nome do partido democratico, que seremos dignos da liberdade: juro-te que os

homens de talento que se vendem, e desbonram os dons que receberam de Deus, são uma minoria imperceptivel: juro-te que tarde ou cedo prestaremos homenagem ás nossas heroicas tradições: que o moribundo se erguerá do leito da agonia, e desdobrará a immortal bandeira, que tremulou desde os areaes de Africa até aos palmares da India: a bandeira que dobrou com Vasco da Gama o Cabo das Tormentas, que se hasteou pela mão de Affonso de Albuquerque nos muros de Ormuz, que se ensopou com as lagrimas do Camões, quando viu arquejar a patria de dôr nos campos de Alcacer-Quibir.

INDICE.

PROLOGO..... VII

INTRODUCÇÃO. — *A Poesia e o Seculo.* —
Cartas ao Dr. Thomaz de Carvalho..... 1

APPENDICE..... 27

Les Filles de Marbre..... 29

La Dame aux Camélias..... 40

A ULTIMA ARCADIA.

I Bocage..... 47

II José Agostinho de Macedo..... 57

III Filinto Elysio..... 66

NOVA LITTERATURA.

J. B. d'Almeida Garrett.

I Camões..... 77

II Frei Luiz de Sousa..... 86

III Arco de Sant'Anna..... 93

Alexandre Herculano..... 107

L. A. Rebello da Silva..... 115

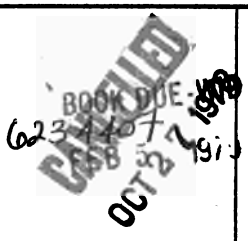
Duque de Palmella..... 133

José da Silva Mendes Leal Junior..... 159

O Theatro desde 1834..... 175

Novas reflexões..... 197
João de Lemos Seixas Castello Branco..... 214
José Freire de Serpa..... 230
O *Trovador*, jornal poetico de Coimbra..... 238
Luiz Augusto Palmeirim..... 264
R. A. Bulhão Pato..... 272
A. Pereira da Cunha..... 279
A. de Serpa..... 282
João d'Andrade Corvo..... 293
PERFIS LITTERARIOS EM 1855 —
I Carta a M. Henri de Péne..... 306
II Francisco Gomes de Amorim..... 309
III A. Gonçalves Dias..... 313
IV M. A. Alvares d'Azevedo..... 318
V J. M. Latino Coelho..... 325
VI Dr. Thomaz de Carvalho..... 332
Missão especial do visconde de Abrantes, de outubro de 1844, a outubro de 1846..... 342
Antonio de Oliveira Marreca..... 348

This book should be returned to the Library on or before the last date stamped below.

A fine of five cents a day is incurred by retaining it beyond the specified time.

Please return promptly.